ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
DOUTORADO EM HISTÓRIA

PEDRO OLIVEIRA BARBOSA

A FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE E AS CONEXÕES TRANSNACIONAIS DA GUERRA FRIA: 1962-1969

Porto Alegre
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*

Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Orientador Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes

A FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE E AS CONEXÕES TRANSNACIONAIS DA GUERRA FRIA: 1962-1969

Pedro Oliveira Barbosa

2023

Ficha Catalográfica

B238f Barbosa, Pedro Oliveira

A Frente de Libertação de Moçambique e as Conexões Transnacionais de Guerra Fria : 1962-1969 / Pedro Oliveira Barbosa. – 2023.
288.
Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Marçal de Menezes Paredes.

1. Guerra Fria. 2. FRELIMO. 3. Descolonização Africana. 4. Conexões Transnacionais. 5. Moçambique. I. Paredes, Marçal de Menezes. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

"Dividiram o mundo em Berlim na última ceia
Depois criaram a FMI, dizem que o mundo é uma aldeia
Os teus apóstolos, modernizaram o mundo colonial
Agora as correntes chamam-se Banco Mundial
Abençoam os conflitos e oferecem ajuda externa
Aos pobres é oferecido o dom da dívida interna
E com a dívida vem a bênção da dependência
Lideres africanos ajoelham-se na tua presença
Pela tua glória condenam crianças à nascença
Por cada fortuna milhares delas negligenciam
Quanto maior a carência, maior é a crença
De que apenas o Senhor comanda a nossa existência
E o Terceiro Mundo agora sonha com o primeiro
Desliga a televisão e acorda pra o pesadelo!"

Azagaia, *Maçonaria*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), à *Queen's University of Belfast* (QUB), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por tornarem essa pesquisa possível. O trabalho que o leitor tem em mãos foi escrito entre 2019 e 2022, durante uma época em que a pesquisa brasileira estava sob ataque. Presenciei inúmeros colegas afastando-se do mundo acadêmico devido à falta de bolsas ao longo desses anos, e convivi mensalmente com o medo de ser atingido por um novo corte. Isso não aconteceu. Me considero um privilegiado por ter recebido financiamento público durante toda a minha trajetória até aqui, o que me possibilitou realizar uma pesquisa com seriedade e profissionalismo em universidades renomadas. Isso só foi possível devido a força das instituições brasileiras, que resistiram, e a elas serei eternamente grato por isso.

O mundo não é construído, entretanto, por instituições, mas por pessoas. Nesse sentido, agradeço especialmente a cada funcionário, professor e colega que passou por mim ao longo dessa trajetória estudantil. Acho lamentável que o mundo acadêmico seja conhecido por suas disputas de poder, palavras difíceis e demonstrações de ego. Fiz questão de que a minha experiência fosse diferente disso. Entendi desde cedo que a pesquisa seria um esforço coletivo, e que cada um que passasse pelo meu caminho teria alguma contribuição a oferecer. Muito mais do que qualquer fonte ou referência histórica, foram as pessoas que me inspiraram a escrever cada uma das palavras presentes nas próximas 300 páginas.

Dentre essas pessoas, agradeço especialmente ao meu professor, orientador e amigo Marçal de Menezes Paredes. Desde que ingressei em uma Iniciação Científica há 8 anos ele se mostrou um parceiro inestimável em minhas empreitadas profissionais. A tese de doutorado que nasce ao final desse percurso é imperfeita, assim como o historiador que a escreveu. O Marçal foi a pessoa responsável por abraçar essa imperfeição, e me incentivar a fazer uma pesquisa sempre criativa e original, que aceitasse as minhas limitações e fragilidades, mas que jamais renunciasse à autenticidade e à honestidade intelectual. Realizar uma pesquisa baseada nesses valores é uma experiência pessoalmente muito engrandecedora, e isso jamais seria possível sem um orientador como o Marçal.

Se para muita gente é difícil encontrar um orientador com quem tenha afinidade, eu tive o privilégio de encontrar dois. Durante meu doutorado sanduíche no Reino Unido eu tive a oportunidade de conhecer o Eric Morier-Genoud, que rapidamente se converteu também em um amigo. O Eric me recebeu na sua própria casa em Belfast, junto da Esperança e do Guillaume, me deu acesso ilimitado a sua biblioteca e arquivo pessoais, além de me convidar para passeios, conversas e trocas de experiência. Considero que sou muito sortudo por ter me deparado com pessoas capazes de entender que a trajetória acadêmica também se constrói a partir de afeto. E é o afeto que levo como o que colhi de melhor nesses quatro anos.

Ainda falando dos afetos, quero agradecer em particular a Camille Scholl por todo o apoio ao longo dessa pesquisa. Ela foi minha leitora privilegiada, minha crítica mais sensível, um lugar de acolhimento durante os momentos mais difíceis, e, sobretudo, uma amiga que se fez sempre presente. Um trabalho de doutorado não diz respeito apenas a discussões teóricas e empreitadas investigativas, mas é também sobre equilíbrio, fôlego e saber fazer escolhas. A Camille foi a voz da minha consciência em muitos momentos, acreditando na minha capacidade quando nem eu mesmo acreditei.

Na verdade, foram vários os amigos que me acolheram ao longo dessa trajetória. A vida de um pesquisador é muitas vezes solitária, e ela só é tolerável devido a existência de pessoas a nossa volta que conseguem deixar esse caminho mais leve. O Fabio Rocha e o Henrique Guimarães estiveram presentes desde muito antes dessa caminhada ter se iniciado, e certamente estarão aqui nos próximos desafios que virão. O Thiago Costa e o Roger Marques se tornaram irmãos que conheci no mundo acadêmico e que me acompanharão pelo restante da vida. A Júlia Monticeli, a Bianca Obetine, o João Victor Scheffer, o Daniel Bruno, o Gabriel Costaguta, o Felipe Rieger, o Manuel Matine, o Celestino Taperero, o Abdala Inaque, o Alexandre Guilhão, a Daiane Bitencourt, o Tobias Droste, a Priscila Muller, a Marina Schnor, o Álvaro Bó, o Tom Fagan, e tantos outros amigos que de alguma forma fizeram parte do meu dia a dia ao longo dos últimos quatro anos, foram fundamentais para que eu mantivesse a sanidade e conseguisse chegar até aqui.

A minha família foi a base de tudo. Eu jamais teria me tornado historiador se não fosse o apoio imensurável que sempre recebi dos meus pais, Carlos e Rosane, e da minha irmã, Luiza. Seja pelo investimento realizado por eles na minha educação, pelo incentivo à leitura, pela conscientização política, pelo olhar social ou pelo incansável hábito deles de me motivar a seguir meus sonhos. Foram eles que sempre deram a sustentação que eu

precisava para seguir em frente. Obrigado pelo apoio nos momentos ruins, pela paciência quanto a minha ausência, e por terem sempre feito o melhor que podiam. Saibam que essa tese é escrita também por cada um de vocês.

Finalmente, a minha evolução pessoal ao longo desses quatro anos é indescritível. A experiência de realizar um doutorado vai muito além da escrita de uma tese, e requer reflexão, organização, resiliência, trabalho duro, serenidade e disciplina. Eu sou um indivíduo muito diferente após ter passado por tudo isso, e hoje sou capaz de lidar muito melhor com os desafios que a vida oferece. Fazer um doutorado, especialmente em meio a uma pandemia, foi uma experiência extremamente desgastante, mas também foi muito enriquecedora. Pelo amadurecimento e pelas minhas próprias vitórias, finalizo agradecendo a minha terapeuta Luisa Barbosa Anzolin, que me ajudou a conhecer melhor a mim mesmo ao longo dessa caminhada, e a encarar algumas situações de uma maneira muito melhor do que eu mesmo achei que seria capaz.

RESUMO

A Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) se movimentou de maneira ímpar pelo contexto internacional da Guerra Fria. Criada em 1962, ela reuniu desde sua formação moçambicanos de origens diversas, com diferentes projetos, ambições, e acesso a conexões transnacionais muito variadas. A unificação de agentes tão divergentes só foi possível após um choque entre suas perspectivas, o que envolveu uma rivalidade continental entre os projetos políticos da Tanganica e de Gana, que apadrinhavam esses moçambicanos em conflito. Finalmente estabelecida em Dar es Salaam em junho de 1962, a Frente passou a se projetar ao mundo. Entre 1962 e 1969 ela conseguiu o feito de tornar-se o único movimento anticolonial africano a receber apoio das três superpotências internacionais do período. Isso só foi possível a partir de caminhos tortuosos. Nos Estados Unidos, o presidente da FRELIMO, Eduardo Mondlane, recorreu a conexões antigas que possuía para conseguir suporte ao seu projeto humanitário, que se converteu na criação do Instituto Moçambique em 1963. Na União Soviética, Marcelino dos Santos, secretário das relações exteriores da FRELIMO, foi um importante porta-voz do movimento anticolonial moçambicano, que passou a receber um substancial apoio em armas vindo do leste europeu. Já na China, o vice-presidente Uria Simango se tornou um indivíduo respeitado nesse país asiático que logo enviou instrutores aos campos militares da FRELIMO, se tornando muito influente entre seus militantes. A Frente não passou impune por caminhos tão divergentes. Ao firmar bases sólidas para seu reconhecimento internacional, ela viu uma explosão de seus conflitos internos que quase levou à sua próprias extinção em 1969.

Palavras-chave: Guerra Fria; FRELIMO; Descolonização Africana; Conexões Transnacionais; Moçambique.

ABSTRACT

The Front for the Liberation of Mozambique (FRELIMO) moved in a unique way through the international context of the Cold War. Created in 1962, it brought together Mozambicans from diverse backgrounds, with different projects, ambitions, and access to very varied transnational connections. The unification of such divergent agents was only possible after a clash between their perspectives, which involved a continental rivalry between the political projects of Tanganyika and Ghana, which sponsored these conflicting Mozambicans. Finally established in Dar es Salaam in June 1962, the Front began to project itself to the world. Between 1962 and 1969 it achieved the feat of becoming the only African anti-colonial movement to receive support from the three international superpowers of the period. This was only possible from tortuous paths. In the United States, the president of FRELIMO, Eduardo Mondlane, resorted to old connections he had to get support for his humanitarian project, which became the creation of the Mozambique Institute in 1963. In the Soviet Union, Marcelino dos Santos, secretary of foreign affairs of the FRELIMO, was an important spokesman for the Mozambican anti-colonial movement, which began to receive substantial support in arms from Eastern Europe. In China, vice-president Uria Simango became a respected individual in that Asian country who soon sent instructors to FRELIMO military camps, becoming very influential among its militants. The Front did not go unpunished along such divergent paths. By laying solid foundations for its international recognition, it saw an explosion of its internal conflicts that almost led to its own demise in 1969.

Keywords: Cold War; FRELIMO; African decolonization; Transnational Connections; Mozambique.

LISTA DE SIGLAS..... 12
INTRODUÇÃO..... 14

PARTE 1
O NASCIMENTO DE UMA FRENTE TRANSNACIONAL

1. O ANTICOLONIALISMO MOÇAMBICANO E AS CONEXÕES TRANSNACIONAIS DA GUERRA FRIA..... 41
1.1. A MANU E A PAFMECA..... 52
1.2. A CONCEP E AS CONEXÕES DE CASABLANCA..... 58
1.3. A UDENAMO E O *BUREAU OF AFRICAN AFFAIRS*..... 65
1.4. EDUARDO MONDLANE E OS ESTADOS UNIDOS..... 69

2. OS CAMINHOS DA "UNIDADE"..... 76
2.1. ENTRE ACCRA E DAR ES SALAAM..... 80
2.2. OS PROBLEMAS DA "UNIDADE"..... 92
2.3. A FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE..... 101
2.4. A "UNIDADE" EM RETALHOS..... 112

PARTE 2
A FRELIMO E AS CONEXÕES TRANSNACIONAIS DA GUERRA FRIA

3. "ESSES PAÍSES NÃO SÃO REALMENTE NOSSOS AMIGOS": O INSTITUTO MOÇAMBIQUE, OS ESTADOS UNIDOS E O ANTI-IMPERIALISMO DA FRELIMO..... 120
3.1. OS CAMINHOS MONDLANE NOS ESTADOS UNIDOS..... 122
3.2. O INSTITUTO MOÇAMBIQUE..... 132
3.3. A QUEDA DOS "AFRICANISTAS" E AS EXPECTATIVAS FRUSTRADAS DE EDUARDO MONDLANE..... 139
3.4. A ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANA E O ANTI-IMPERIALISMO DA FRELIMO..... 147

4. “UMA FONTE DE APOIO ÀS JOVENS REVOLUÇÕES”: A FRELIMO, O SOCIALISMO, E AS ROTAS SOVIÉTICAS..... 158
4.1. A FRELIMO E OS PAÍSES SOCIALISTAS..... 159
4.2. OS PRIMEIROS PASSOS NA UNIÃO SOVIÉTICA..... 173
4.3. OS RUMOS SOVIÉTICOS..... 181
4.4. O CONFLITO SINO-SOVIÉTICO E AS ENCRUZILHADAS DA FRELIMO 191

5. “NOSSO EXEMPLO E FONTE DE INSPIRAÇÃO”: A FRELIMO, A *UJAMAA* E OS VENTOS DE PEQUIM..... 199
5.1. OS CAMINHOS DA *UJAMAA*..... 201
5.2. A FRELIMO VAI À CHINA..... 213
5.3. A CHINA VAI À FRELIMO..... 221
5.4. OS VENTOS DA “GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL” SOBRE A FRELIMO..... 229

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 246
REFERÊNCIAS..... 255

LISTA DE SIGLAS

African Nation Congress **(ANC)**
Afro-Shirazi Party **(ASP)**
American Comittee on Africa **(ACOA)**
American Society of African Culture **(AMSAC)**
Bureau of African Affairs **(BAA)**
Casa dos Estudantes do Império **(CEI)**
Central Intelligence Agency **(CIA)**
Comitê Revolucionário de Moçambique **(COREMO)**
Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas **(CONCP)**
Convention People's Party **(CPP)**
Frente de Libertação de Moçambique **(FRELIMO)**
Front de Libération Nationale **(FLN)**
Front National de Libération **(FNL)**
Frente Nacional de Libertação de Angola **(FNLA)**
Frente Unida Anti-Imperialista Popular Africana de Moçambique **(FUNIPAMO)**
Glavnoe Razvedyvatelnoe Upravlenie **(GRU)**
Governo Provisório da República Argelina **(GPRA)**
Kenya African National Union **(KANU)**
Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti **(KGB)**
Malawi Congress Party **(MCP)**
Movimento pela Libertação de São Tomé e Príncipe **(MLSTP)**
Movimento Popular pela Libertação de Angola **(MPLA)**
Mozambique African Association **(MAA)**
Mozambique African National Congress **(MANC)**
Mozambique African National Union **(MANU)**
Mozambique East African Association **(MEAA)**
National Democratic Party **(NDP)**
National Union of Tanganyika Workers **(NUTA)**
Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique **(NESAM)**
Organização das Nações Unidas **(ONU)**
Organização da Unidade Africana **(OUA)**
Organização do Tratado do Atlântico Norte **(OTAN)**

Pan-African Congress **(PAC)**

Pan-African Freedom Movement for East and Central Africa **(PAFMECA)**

Pan-African Freedom Movement for East, Central and Southern Africa **(PAFMECSA)**

Partido Africano pela Independência **(PAI)**

Partido Africano pela Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde **(PAIGC)**

Provisional Government of the Algerian Republic **(PGAR)**

Sociedade Agrícola Algoadeira Voluntária dos Africanos de Moçambique **(SAAVM)**

Southern Rhodesia African National Congress **(SRANC)**

Tete East Africa National Globe Society ***(Tete Globe Society)***

Tanganyika African National Union **(TANU)**

Tanganyika Mozambique Maconde Association **(TMMA)**

Tanganyika Mozambique Maconde Union **(TMMU)**

Tanzania People's Defence Force **(TPDF)**

Umma Party **(UP)**

União Democrática Nacional de Moçambique **(UDENAMO)**

União das Populações de Angola **(UPA)**

União dos Estudantes Moçambicanos **(UNEMO)**

União Nacional Africana de Moçambique Independente **(UNAMI)**

United National Independence Party **(UNIP)**

Zanzibar Island's People's Liberation Army **(ZIPLA)**

Zanzbibar National Party **(ZNP)**

Zimbabwe African People's Union **(ZAPU)**

INTRODUÇÃO

As coisas pareciam normais na manhã do dia 3 de fevereiro de 1969 em Dar es Salaam até a hora do estouro. A Tanzânia era àquela altura um *hub* de descolonização essencial no continente africano, recebendo representações das mais diversas partes do mundo, sediando organizações internacionais, e dando guarida a mais movimentos anticoloniais do que qualquer outro país no mundo. O centro de sua capital era o ponto fulcral de tudo isso. Eduardo Chivambo Mondlane, presidente da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), esteve lá por volta de 10 horas naquele dia para recolher correspondências na Avenida Nkrumah, 201, onde se localizava a sede do movimento anticolonial liderado por ele. Tudo estava tranquilo quando ele partiu de carro, se dirigindo até a casa de sua amiga norte-americana Betty King, na luxuosa área de Oyster Bay, onde gostava de trabalhar afastado de toda a agitação. Chegando no escritório da casa, ele finalmente pôde abrir a correspondência, que incluía um exemplar traduzido de uma obra do marxista russo Georgi Plekhanov. Ao se deparar com o livro-bomba, cuja origem é até hoje nebulosa, ele foi atingido por uma explosão que encerrou sua vida.[1]

A morte de Eduardo Mondlane demarca o fim da primeira fase da FRELIMO. Criada em 1962, essa Frente agregava em seu interior membros com uma diversidade de trajetórias, visões de mundo, perspectivas, influências e demandas. Essa configuração foi corrosiva ao longo dos anos, uma vez que ela estimulava o surgimento de conflitos internos que colocavam sua própria existência em risco, e que desaguaram na trágica morte de seu presidente em fevereiro de 1969.

Se internamente as coisas iam mal, todavia, as relações externas da FRELIMO durante sua primeira fase merecem destaque. O movimento anticolonial moçambicano foi capaz de conquistar apoio nos diversos cantos do mundo sob a presidência de Mondlane. Organizações internacionais, comitês de solidariedade e membros da sociedade civil de vários países reconheciam a autenticidade de sua causa. Países independentes de África, Ásia, Europa e América lhe repassavam uma variedade de formas de suporte, garantindo a viabilidade tanto sua luta armada quanto de suas iniciativas humanitárias. Mais que isso, a FRELIMO conseguia o feito raro de receber assistência das três principais potências internacionais do período simultaneamente. A compreensão de como uma organização com tantos problemas internos foi capaz de

[1] ROBERTS, 2017.

garantir um reconhecimento tão efetivo passa, antes de tudo, por um olhar sobre seu contexto.

O CONTEXTO DA GUERRA FRIA

O surgimento da FRELIMO se deu em meio ao contexto da Guerra Fria[2], que pode ser definida como o sistema internacional predominante entre 1945 e 1989 no qual Estados Unidos e União Soviética eram as duas principais potências globais disputando "espaços de influência". "A Guerra Fria não decidia tudo, mas influenciava a maioria das coisas"[3] durante esse período. Nela, as superpotências buscavam se sobrepor uma à outra a partir de sistemas ideológicos distintos – o capitalismo liberal e o socialismo marxista-leninista – que "não eram antitéticos aos interesses materiais, mas muitas vezes moldavam a forma como a política externa oficial entendia seus interesses. Ideologias eram lentes que focavam, bem como distorciam, a compreensão dos eventos externos assim como as ações tomadas em resposta"[4].

O capitalismo liberal norte-americano nesse período esteve relacionado a retórica de que os Estados Unidos "eram o exemplo de uma civilização superior baseado em liberdades individuais, propriedade privada, oportunidade de empreendimento, e governo limitado"[5], que "agiria [...] como um guardião do interesse geral de todos os capitais"[6]. "Não estavam defendendo o capitalismo – o termo era cuidadosamente evitado, como vocabulário do inimigo –, mas um mundo livre contra a escravidão totalitária do comunismo. Estações de rádio, organizações culturais, mídia impressa de todo o tipo

[2] Sobre esse contexto, de maneira geral, destacam-se uma série de trabalhos escritos e editados por Odd Arne Westad, definindo o campo da chamada "Nova História da Guerra Fria". (São Eles: WESTAD, 2007; WESTAD**,** 2017; WESTAD (ed), 2013; LEEFLER; WESTAD (eds), 2010; LEEFLER; WESTAD (eds), 2010b; LEEFLER; WESTAD (eds)**,** 2010c) Diferenciando-se de uma abordagem clássica que vê a Guerra Fria como um mundo meramente bipolar, dirigido por Estados Unidos e União Soviética, essa abordagem é "em essência multiarquivística em pesquisas e multipolar em análise [...] multicultural na sua habilidade de compreender mentalidades diferentes e as vezes opostas" (WESTAD**,** 2013, p. 5, t. n.). O autor apresente outro de seus livros afirmando que é "impossível compreender as decisões de Washington e Moscou sem explorar ambos: as origens do intervencionismo da Guerra Fria e a transformação das políticas do Terceiro Mundo que precipitaram o envolvimento das superpotências. O que começou como um livro sobre as intervenções cada vez mais se tornou sobre o processo de mudanças no Terceiro Mundo. Sua perspectiva mudou para o sul" (WESTAD**,** 2008, p. 1, t. n.). É a partir dessa perspectiva que se entende aqui o contexto da Guerra Fria.

[3] WESTAD**,** 2017, sem página, t. n. No original: "The Cold War did not decide everything, but it influenced most things".

[4] ENGERMAN, 2010, p. 20, t. n. No original: "were not antithetical to material interests, but often shaped the way foreign-policy officials understood such interests. Ideologies were lenses that focused, and just as often distorted, understandings of external events and thus the actions taken in response".

[5] LEEFER**,** 2010, p, 68, t. n. No original: "the exemplar of a superior civilization based on personal freedoms, private property, entrepreneurial opportunity, and limited government".

[6] ANDERSON**,** 2015, p. 54.

foram mobilizados para veicular o contraste entre ambos"[7]. As bases de seu pensamento estavam relacionadas a noção de "liberdade", "anti-coletivismo" (o que, a partir da derrota do fascismo, pode ser lido como anti-comunismo) e "modernidade". Essa lógica foi estabelecida ainda na época da Primeira Guerra Mundial pelo presidente Woodrow Wilson, que acreditava que "um mundo onde há tantas coisas erradas precisa ser concertado, e a experiência americana pode servir como um padrão"[8]. Assim, durante o período da Guerra Fria, toda a ação econômica dos EUA no exterior se dava a partir da lógica de que "a ajuda estava ligada à aceitação pelo receptor do acesso ao mercado e à exportação de lucros, bem como à reconstrução administrativa e à exclusão dos comunistas e socialistas de esquerda do governo"[9].

Já o marxismo-leninismo soviético se colocava como herdeiro da interpretação e teoria de Estado dados por Vladmir Lênin à obra de Karl Marx e Friedrich Engles[10] - consagrada na Revolução Russa em 1917. Nela, via-se o socialismo como estágio intermediário entre o capitalismo e o comunismo, originário de uma Revolução Proletária realizada em uma sociedade dividida por classes, em que os trabalhadores industriais (proletários) tomariam os meios de produção da burguesia e estabeleceriam uma "Ditadura do Proletariado" – liderada pela vanguarda da classe trabalhadora – que conduziria a sociedade rumo à justiça social e à extinção das classes sociais.[11] "Coletivismo", "igualdade" e "justiça social" foram algumas de suas bases estabelecidas. No nascer da Guerra Fria, o regime soviético, que baseava seu desenvolvimento na indústria pesada e já era liderado por Stálin há mais de duas décadas, era muito influenciado pelo "socialismo em um país só", que pregava que "o Estado Soviético estava cercado por um mundo hostil, e sua sobrevivência e aprimoramento eram os

[7] ANDERSON**,** 2015, p. 64.
[8] WESTAD**,** 2007, p. 15, t. n. No original: "a world in which there were so many wrongs that needed to be put right and where the American experience could serve as a pattern".
[9] WESTAD**,** 2007, p. 31, t. n. No original: "aid was linked to the recipient's acceptance of market access and export of profits, as well as to administrative restructuring and the exclusion of Communists and left-wing socialists from government".
[10] Enquanto Karl Marx e Friedich Engles expuseram suas teorias em uma série de obras, tais quais *O Manifesto do Partido Comunista* (1848), *O 18 Brumário de Luís Bonaparte (*1852), *O Capital – Vol. 1* (1867), entre outros, Vladmir Lênin instrumentalizou tais teorias em seu projeto revolucionário, exposto em obras como *Que Fazer?* (1902), *Teses de Abril* (1917), e, especialmente, *O Estado e a Revolução* (1917).
[11]A teoria marxista, e sua vertente mais popular, o marxismo-leninismo, são debatidos a partir de diversos vieses e abordagens na academia ao redor do mundo no último século. Assim, seria inviável desenvolver aqui uma explicação completa e abrangente sobre a mesma sem recair em simplificações e generalizações. Enquanto alguns de seus aspectos relevantes na compreensão especificamente do pensamento da FRELIMO serão desenvolvidos ao longo desse trabalho, outros tantos mais gerais não serão abordados. Para tal, consultar: LUCÁKS**,** 2012; KRAUZS**,** 2017.

objetivos predominantes aos quais todos os outros interesses – os aliados temporários, comunistas estrangeiros, e o seu próprio povo – deveriam estar subordinados"[12]. Ainda que a superação do modo de produção capitalista fosse um objetivo teórico primordial no Estado Soviético – que se propunha promotor de um modelo universalista – a percepção de que "um mundo dominado pelos Estados Unidos era muito mais perigoso para a União Soviética do que um sistema no qual ele podia colocar as potências imperialistas uma contra a outra"[13] levou Stalin a reforçar essa estratégia defensiva na Guerra Fria. A partir de 1945, ele focava suas políticas primordialmente na segurança interna e em assegurar um *status* como superpotência, apoiado em países satélites, numa lógica defensiva acima da revolução internacional.

É chave na compreensão desse período então o fato de que ambos os sistemas viam ao outro como excludentes, de modo que a rivalidade se manifestava em diversos níveis:

> As ideologias americana e soviética se opuseram diretamente, o que garantiu o desacordo entre os dois países. [...] O que tornou esse conflito um conflito ideológico – e, em última análise, na Guerra Fria - é inerente à natureza das próprias ideologias. As ideologias soviética e americana eram universalistas; ambos sustentavam que suas concepções de sociedade se aplicavam a todas as nações e povos. Ambas as nações se orgulhavam de sua modernidade, procurando suplantar o que consideravam as tradições moribundas da Europa - e, em última análise, transformar a própria Europa. Além disso, ambas as nações aderiram a ideologias progressistas; eles retrataram a história como uma marcha irreversível para a melhoria, que definiram como a difusão de sua própria influência. Cada lado temia o avanço do outro como um passo para trás. Os americanos entenderam a expansão soviética como um golpe direto na disseminação gradual da liberdade, enquanto os observadores soviéticos viram a expansão americana como uma prova de que a crise final do capitalismo estava próxima. Ambas as ideologias, finalmente, exibiram uma tensão entre determinismo e messianismo. [...] Assim, ambos os países acompanharam o crescimento de seu próprio poder com o progresso histórico. Por isso, os EUA e a URSS representam novas formas de política internacional. Proclamando seu universalismo e messianismo, cada um deles deve transformar o mundo inteiro como meio de progresso social.[14]

[12] PECHATNOV, 2010, p. 91, t. n. No original: "the Soviet state was surrounded by a hostile world and its survival and enhancement were overriding goals to which all other interests – those of temporary allies, foreign Communists, and its own people – were to be subordinated".
[13] WESTAD, 2007, p. 58, t. n. No original: "a world dominated by the United States was much more dangerous for the Soviet Union than a system in which one could play imperialist powers off against each other".
[14] ENGERMAN, 2010, p. 23-24, t. n. No original: "That American and Soviet ideologies were set in direct opposition to each other ensured disagreement between the two countries. [...] What made this conflict an ideological one – and ultimately into the Cold War – inhered in the nature of the ideologies themselves. Soviet and American ideologies were both universalistic; they both held that their conceptions of society applied to all nations and peoples. Both nations prided themselves on their modernity, seeking to supplant what they saw as the moribund traditions of Europe – and ultimately to transform Europe itself. Both nations, furthermore, subscribed to progressive ideologies; they portrayed history as an irreversible march to improvement, which they defined as the spread of their own influence. Each side feared the advance of the other as a step backward. Americans understood Soviet expansion as a direct blow to the gradual spread

As “esferas de influência” dominadas por esses países a partir de 1945, entretanto, estavam longe de ser uniformes e homogêneas. Pelo lado capitalista, antigas potências europeias como França e Reino Unido faziam esforços para manter suas influências sobre o mundo, e, apesar de serem aliados estratégicos dos EUA, em diversos momentos desafiaram seus interesses. Enquanto isso, ditaduras como a Espanha e Portugal eram aliados incômodos, que apesar de seu anticomunismo, não se adaptavam em nada ao modelo de capitalismo liberal americano.[15] Pelo lado socialista, o Marechal Josep Broz Tito promovia sua própria via nacional de marxismo na Iugoslávia, e não se submetia as direções ditadas por Stalin a partir de Moscou. Em 1948, esse processo levou a sua excomunhão da *Cominform*, a organização internacional liderada pelo partido comunista soviético, tornando-se um país socialista independente no cenário internacional. Mais incômodo que Tito, entretanto, era Mao Tsé-Tung. O líder da revolução chinesa de 1949 nunca foi completamente submisso aos soviéticos, mas foi só após a morte de Stalin, em 1953, e a ascensão de Nikita Khrushchov em seu lugar, que essas relações se deterioraram de vez. O novo comandante soviético denunciou os crimes de seu antecessor e seu personalismo, e no cenário internacional criou a doutrina de uma “coexistência pacífica” com os países ocidentais. O governante chinês se opôs ao que chamou de “revisionismo”, e a partir de Pequim passou a promover uma revolução mais militante, anti-imperialista, e que desafiava a lógica da “coexistência pacífica”. Com isso, a China se torna uma espécie de “terceira superpotência” naquele contexto, que apesar de mais frágil, promovia um modelo que se propunha mais adaptável às antigas colônias que começavam a se tornar independentes.[16]

GUERRA FRIA E ANTICOLONIALISMO

Aponta-se que tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética se colocavam, ideologicamente, como contrários ao colonialismo nesse contexto. Enquanto os EUA partiam de uma lógica de autodeterminação e liberdade, colocando-se como o primeiro

of freedom, while Soviet observers saw American expansion as proof that the final crisis of capitalism was near. Both ideologies, finally, exhibited a tension between determinism and messianism. [...] Thus, both countries equated the growth of their own power with historical progress. For this reason, the USA and the USSR represented new forms of international politics. Proclaiming their universalism and messianism, they each sought to transform the whole world as a means to social progress”.

[15] WESTAD, 2007; ANDERSON**,** 2015. Sobre isso, são particularmente notáveis as rivalidades entre França e EUA em torno da questão da Argélia, bem como o caso de Portugal, que utilizava a Base dos Açores para garantir a fidelidade norte-americana. Ver: MAXWELL**,** 2006; BYRNE, 2016.

[16] WESTAD, 2007*;* PONS**,** 2014.

país a livrar-se das amarras coloniais e um modelo para todas as colônias do mundo, a URSS era inspirada pelo raciocínio de que as colônias eram vítimas de um brutal modo de exploração capitalista em sua mais alta forma de manifestação: o imperialismo.[17] Ainda assim, a partir de 1945, quando forma-se esse sistema internacional, o olhar de ambos esteve sobre a Europa, e não sobre as colônias.

Os EUA se ocuparam em manter algumas regiões estratégicas sob sua influência, lançando iniciativas como a "Doutrina Truman" e o "Plano Marshal"[18], e a criação da OTAN[19], de modo a garantir a manutenção da economia capitalista na Europa Ocidental – ademais, via que o anticolonialismo "sem dúvidas aceitável o suficiente em si mesmo, estava muitas vezes contaminado por ideias confusas de anticapitalismo, deixando as lutas de libertação nacional vulneráveis à infiltração comunista"[20]; Além disso, em sua concepção "as potências coloniais europeias eram auxiliares fiéis dos EUA na Guerra Fria e não poderiam ser deixadas de lado ou humilhadas muito brutalmente"[21].

Por sua vez, baseada na estratégia defensiva da revolução, a URSS buscou legitimar suas novas fronteiras e confirmar sua esfera de influência sobre o Leste Europeu, criando o Pacto de Varsóvia[22]. Com uma visão da revolução em etapas, que pressupunha o desenvolvimento do capitalismo antes do avanço ao socialismo, Stalin via os "comunistas locais como muito nacionalistas, muito imaturos e muito independentes para serem confiáveis. Ele prestou pouca atenção as suas lutas de libertação. A mensagem constante de Stalin para os líderes comunistas [...] era para irem devagar, evitar os objetivos revolucionários, e se concentrar ao invés disso na agenda da libertação

[17] O Imperialismo é um conceito-chave na compreensão das lutas anticoloniais durante a Guerra Fria. Cunhado por Lênin em 1917 em "Imperialismo, o estágio superior do capitalismo", esse conceito observa a evolução do modo de produção capitalista em relação ao sistema internacional, percebendo seus mecanismos para tornar-se hegemônico e submeter as nações menos desenvolvidas à suas próprias regras, levando à dependência, opressão e exploração colonial. Seria esse o mais avançado estágio do capitalismo, que transborda sobre as fronteiras nacionais e atinge o mundo como um todo. A FRELIMO pontuava o imperialismo como seu principal inimigo na arena internacional durante a Guerra Anticolonial. Sobre isso, ver os Capítulos 3 e 4.

[18] VARSORI, 2013.

[19] A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) foi criada em 1949 sob a liderança dos Estados Unidos, e trata-se de uma aliança militar que visava conter a expansão do socialismo na Europa, garantindo a influência capitalista sobre seus membros. Entre eles, se destacam Estados Unidos, França, Reino Unido, Alemanha Ocidental e Portugal, que serão vistos pela FRELIMO como seus principais inimigos no cenário internacional durante a guerra anticolonial. Sobre isso, ver o Capítulo 3.

[20] ANDERSON**,** 2015, p. 68.

[21] ANDERSON**,** 2015, p. 68.

[22] O "Pacto de Varsóvia" foi uma aliança militar liderada pela União Soviética criada em resposta à criação da OTAN em 1955. Seus membros eram os países do Leste Europeu aliados da URSS, como Alemanha Oriental, Polônia, Bulgária, Albânia, Romênia e Tchecoslováquia. A FRELIMO viu esses países como fontes fundamentais de suporte ao longo da sua luta armada. Sobre isso, ver o Capítulo 4, e também: PECHATNOV, 2010.

nacional"[23] – "os passos soviéticos foram tomados mais para a segurança do que pela causa imediata de revolução social"[24].

Assim, se por um lado esse contexto facilitou a manutenção das possessões coloniais europeias apesar de sua recusa ideológica pelas duas superpotências – o que fica evidente nas discussões que levaram a criação da Organização das Nações Unidas (ONU)[25] – por outro, determinados eventos do "Terceiro Mundo" aconteceram à sombra das principais preocupações deles. Já em 1945 ocorreu em Manchester, na Inglaterra, o Congresso Pan-Africano, que colocou a descolonização no continente africano como ordem do dia para o movimento, e contou com a presença de elites africanas que posteriormente lideraram a política do continente, como o ganense Kwame Nkrumah.[26] Na Ásia, a derrota japonesa e sua saída do leste do continente levou vários líderes nacionalistas a ascenderem ao poder, conquistando a autodeterminação. É o caso de Nehru na Índia, Sukarno na Indonésia, e Ho Chi Minh no Vietnã – que entra em guerra contra a influência francesa na região, iniciando um dos mais simbólicos e duradouros conflitos da Guerra Fria. Na Coréia, uma guerra divide o país entre os socialistas do Norte contra os nacionalistas do Sul. Na China, Mao Tsé-Tung conduz o país a uma revolução socialista com base rural em 1949. No Egito, Gamal Abdel Nasser lidera a Revolução de 1952, dando início a conquista da autonomia no continente africano. Na Argélia, uma simbólica *Front de Libération Nationale* (FLN) era formada para iniciar uma guerra contra o regime colonial francês em 1954. Aos poucos, eles se uniram a outros líderes afro-asiáticos e passaram a formar um corpo político-diplomático próprio, se

[23] PECHATNOV, 2010, p. 108, t. n. No original: "local Communists were too nationalistic, too immature, and too independent to be trusted. He paid little attention to their liberation struggles. Stalin's constant message to Communist leaders [...] was to go slow, avoid revolutionary goals, and concentrate instead on an agenda for national liberation".

[24] WESTAD, 2007, p. 59, t. n. No original: "the Soviet steps had been taken more for security than for the sake of immediate social revolution".

[25] MAZOWER**,** 2009.

[26] O Pan-Africanismo é um movimento intelectual e político que surgiu na diáspora africana (Estados Unidos e Caribe) no final do século XIX, caracterizado por fagocitar a solidariedade entre os afro-americanos e lutar contra a opressão e discriminação racial. Ao longo do século XX esse movimento se tornou muito influente, adquirindo grande alcance na Europa, nas Américas, e no continente africano. Suas pautas gradualmente passaram a se deslocar em direção à África. Durante a Guerra Fria o Pan-Africanismo associou-se muito às lutas anticoloniais. Kwame Nkrumah, líder de Gana, que foi o primeiro país da África subsaariana a conquistar sua independência em 1957, adquiriu consciência política em diálogos com esse movimento e a partir da sua participação no Congresso Pan-Africano de Manchester (1945). Depois dele, várias outras lideranças anticoloniais africanas passaram a ser influenciadas por esse movimento. Sobre o Pan-Africanismo, de modo geral, consultar a obra "*Pan-Africanism"* publicada em três volumes por Kini-Yen Kinni. Sobre seu momento a partir de 1945 até as descolonizações africanas, particularmente, ver: KINNI**,** 2015.

diferenciando das potências tradicionais e da lógica da Guerra Fria no geral. Essas iniciativas deságuam na histórica Conferência de Bandung em 1955.

Esse simbólico evento reuniu uma vasta parte do mundo que outrora foram dominados pelo poder europeu, e agora se via no limiar de um novo destino. Liderado por figuras como Sukarno, da Indonésia, Jawaharlal Nehru, da Índia, e Gamal Nasser, do Egito, esse encontro consolidou a crença de que "dois terços dos povos do mundo possuíam o direito de retornar para suas próprias cidades queimadas, cuidar delas, e reconstruí-las conforme sua própria imagem"[27]. "Um momento fundamental em meados do século entre os períodos colonial e pós-colonial, entre a era do moderno imperialismo europeu e a era da Guerra Fria. Resumiu uma cronologia alternativa dos eventos mundiais organizada por intelectuais e ativistas que foram submetidos a formas de colonialismo, racismo e opressão de classe."[28] – "o seu resultado mais importante foi o *sentimento* de uma possibilidade política apresentada pela primeira vez de uma solidariedade de 'Terceiro Mundo', o que logo passou a ser referido como Espírito de Bandung"[29]. "Terceiro Mundo" passou a significar uma alternativa que se contrapunha a um mundo dividido por potências e superpotências, desafiando a lógica geral da Guerra Fria, das "esferas de influência", da "coexistência pacífica", do colonialismo e do imperialismo, em suas diversas formas de expressão e modelos ideológicos. Contendo tanto com países mais à esquerda/socialistas, como China, mais ao centro/moderados, como Índia, ou mais à direita/aliados do Ocidente, como Turquia, o que o "Espírito de Bandung" incentiva é a criação de movimentos como o dos Afro-Asiáticos (que depois também passa a incluir a América Latina, em encontros como a Tricontinental, em Havana – 1966), dos Não-Alinhados (que tem seu primeiro encontro em 1961 em Belgrado), e de vários modelos ideológicos alternativos aos predominantes no período.

"No centro dos esforços dos líderes nativistas em Bandung estava uma tentativa de criar alguma forma de ideologia comum que, eventualmente, poderia substituir o

[27] PRASHAD, 2007, p. 33, t. n. No original: "two-thirds of the world's people had the right to return to their own burned cities, cherish them, and rebuild them in their own image".
[28] LEE**,** 2010, p. 9, t. n. No original: "a pivotal moment placed in mid-century between colonial and postcolonial periods, between the era of modern European imperialism and the era of the cold war. It summarized an alternative chronology of world events organized by intellectuals and activists of color who had been subjected to forms of colonialism, racism, and class oppression".
[29] LEE**,** 2010, p. 15, t. n. No original: "he more momentous result was the feeling of political possibility presented through this fi rst occasion of "Th ird World" solidarity, what was soon referred to as the Bandung Spirit".

sistema da Guerra Fria, ao menos no que concerne ao Terceiro Mundo"[30]. O combate ao colonialismo passa a ser uma necessidade de primeira ordem para esses países, que advogam também por uma maior cooperação econômica e cultural entre si. "Direcionou os países em direção 'a aquisição de conhecimento dos outros países, trocas culturais mútuas, e troca de informações.' Isso não era para ser apenas nas artes, mas em todos os aspectos da cultura, incluindo ciência e tecnologia".[31]

A partir da criação desse grande espaço imaginado, chamado "Terceiro Mundo", as dinâmicas da Guerra Fria passam a se deslocar cada vez mais em direção a esses países. Em Moscou, onde Nikita Khrushchov assumia o poder após décadas de stalinismo, o impacto sentido foi forte. "A visita dos líderes soviéticos ao Marechal Tito na Iugoslávia enviou um sinal de que eles haviam decidido mudar o seu tom em relação as novas nações"[32]. O país aumentou suas ajudas econômicas aos novos países, e "em declaração conjunta dos Soviéticos e Iugoslavos em 2 de junho, 1955, eles afirmaram o conceito de Terceiro Mundo [...]. Finalmente, URSS permitiu aos seus aliados, como o governo Tcheco, a vender armas aos egípcios, e a consolidar laços econômicos com os Estados de Bandung"[33]. Sobre isso, é importante perceber uma posição estratégica relacionada ao conflito entre União Soviética e China, que emergiu na segunda metade da década de 1950. Mao Tsé-Tung utilizava esse momento para promover seu próprio modelo socialista como algo mais adaptável ao "Terceiro Mundo", apresentando a alternativa de um governo também revolucionário e com preocupações sociais, mas mais identificado com a causa terceiro-mundista. Sua relação era associada as massas campesinas, a uma retórica anti-imperialista/anticolonialista, que não aceitava a "coexistência pacífica" com as potências tradicionais, e era menos associada a uma revolução proletária em etapas clássica. Em 1962 essas tensões chegam ao seu ponto máximo, e URSS e China passam a representar cada vez mais modelos concorrentes de desenvolvimento para os novos

[30] WESTAD**,** 2007, p. 99, t. n. No original: "at the heart of the efforts of the nativist leaders at Bandung lay an attempt to create some form of common ideology which, eventually, could supersede the Cold War system, at least as far as the Third World was concerned".
[31] PRASHAD**,** 2007, p. 45, t. n. No original: "directed the countries toward "the acquisition of knowledge of each other's country, mutual cultural exchange, and exchange of information." This was not to be only in the arts but in all aspects of culture, including science and technology".
[32] PRASHAD**,** 2007, p. 46, t. n. No original: "The visit of the Soviet leaders to Marshal Tito in Yugoslavia sent a signal that they had decided to change their tenor on the new nations".
[33] PRASHAD**,** 2007, p. 46, t. n. No original: "In the joint declaration of the Soviets and the Yugoslavians on June 2, 1955, they affirmed the concept of the Third World [...]. Finally, the USSR allowed its allies, such as the Czech government, to sell arms to the Egyptians, and it too consolidated economic ties with the Bandung states".

estados independentes, ainda que ambos socialistas. Os soviéticos precisaram se adaptar cada vez mais ao contexto afro-asiático em nome de sua própria hegemonia.[34]

Já os EUA viram esse momento com maior cautela, observando um tom anti-ocidental na postura de muitos líderes de Bandung, e temendo que essa postura de "neutralismo" com relação a Guerra Fria significaria a recusa de integração no capitalismo internacional e suas instituições, o que era fundamental para que o modelo como um todo prosperasse. E isso abriria espaço para a penetração socialista nesses países. Assim, a descolonização "exigiria grande dose de intervenção – econômica, política, e militar – por parte dos Estados Unidos, para garantir a passagem segura da dominação europeia à proteção norte-americana e, com ela, os interesses comuns do Ocidente"[35]. "A democracia era certamente o sistema político ideal [...], no entanto, [...] se as eleições não eram à prova de atentados contra a propriedade privada, eram dispensáveis. O Mundo Livre era compatível com a ditadura: a liberdade que o definia não era a liberdade dos cidadãos, mas a do capital"[36]. Assim, onde podiam assegurar uma passagem segura do colonialismo ao capitalismo liberal, os EUA o faziam. Onde não podiam, muitas vezes se associavam a elites locais autoritárias para assegurar que o país continuasse sob sua "esfera de influência".

A DESCOLONIZAÇÃO AFRICANA

É dentro dessa complexa dinâmica internacional que no final dos anos 1950 o continente africano finalmente embarcou em uma grande onda de descolonizações. Após o papel simbólico ocupado por Gana em sua independência em 1957, liderada por Kwame Nkrumah, que na sequência promoveu a Conferência dos Povos Africanos (1958, inspirada na Conferência de Manchester de 1945), a mobilização anticolonial se espalhou para todo o continente. Nos primeiros anos da década de 1960 a sua maior parte já havia alcançado sua própria independência.

Jogando entre as alternativas de afro-asiatismo, pan-africanismo, não-alinhamento, comunismo chinês, comunismo soviético, liberalismo norte-americano, e todos os diversos níveis intermediários que essas opções oferecem, as novas nações

[34] A rivalidade sino-soviética e suas disputas por influência no Terceiro Mundo são extremamente relevantes no contexto intelectual da descolonização africana. Ambos os países passaram por mudanças tanto de retórica quanto de política externa como reação às ações do outro. Alguns desses elementos serão absorvidos pelas disputas internas da FRELIMO, e aparecerão na presente pesquisa. Sobre esses conflitos, de maneira mais geral, consultar: FRIEDMAN**,** 2015; LUTHI**,** 2010; WESTAD (ed)**,** 1998.
[35] ANDERSON**,** 2015, p. 69.
[36] ANDERSON**,** 2015, p. 69.

surgidas nesse contexto se tornam peças-chaves nas disputas da Guerra Fria. "Os Estados Unidos e – depois – a União Soviética tentaram persistentemente moldar essas escolhas através de diplomacia, assistência econômica e tecnológica, e até intervenções abertas ou encobertas. [...] o Terceiro Mundo era, então, tanto vítima quando manipulador do 'primeiro' e 'segundo'"[37]. A partir disso, e conforme os países africanos começaram a tornar-se independentes, as capitais de muitos deles se tornaram *hubs* essenciais no continente, recebendo diplomatas da Guerra Fria, congressos, organizações internacionais, ativistas anticoloniais, guerrilheiros, estudantes, refugiados, entre outros.[38]

Essas cidades – que passaram a concentrar as dinâmicas da Guerra Fria em si – foram fundamentais na constituição de movimentos anticoloniais da parte do continente ainda não descolonizada. Em lugares como África do Sul, Rodésia do Sul e Namíbia poderosas elites brancas resistiram aos "ventos de Bandung", impondo regimes de controle e repressão severos sobre as populações locais ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980; enquanto isso, nas colônias portuguesas de Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tome e Príncipe e Moçambique, os governantes estrangeiros insistiam na manutenção de seus territórios ultramarinos até 1974, negando-se a aderir à "onda de descolonizações" que se dava no continente. Diante disso, essas populações se rebelaram ao longo da década de 1960.

Esse processo foi protagonizado por movimentos anticoloniais como o *African National Congress* (ANC) e o *Pan-African Congress* (PAC) na África do Sul; o *Zimbabwe African National Union* (ZANU) e o *Zimbabwe African People's Union* (ZAPU) na Rodésia do Sul; o *Southwest Africa People's Organization* (ZWAPO), na

[37] GADDIS, 2010, p. 13, t. n. No original: "The United States and – later – the Soviet Union tried persistently to shape such choices through diplomacy, economic and technological assistance, even covert and overt intervention. [...] The Third World, then, was both victim and manipulator of the 'first' and 'second'".

[38] É Eric Burton (2019) que cunha a expressão "*Hubs de Descolonização"* para se referir a essas cidades. Segunda a sua definição: "No final dos anos 1950 e 1960, quando a dinâmica da Guerra Fria e da descolonização africana tornou-se estreitamente enredada, o centro de gravidade das lutas se moveu para o sul. Novos centros surgiram no continente africano em países que alcançaram a independência e fizeram da descolonização um pilar de sua política externa. [...] as capitais de vários países africanos [...] evoluíram como pontos centrais de redes transnacionais anti-coloniais que eram particularmente diversas e densas. [...] Diplomatas da Guerra Fria, ativistas anticoloniais, guerrilheiros, estudantes e refugiados se reuniram no Cairo, Accra e Conakry no final da década de 1950, bem como Dar es Salaam, Brazzaville e Argel na década de 1960. [...] São esses epicentros que eu me refiro como '*Hubs de Descolonização*'" (BURTON, 2019, p. 25-26, t. n.). Essa expressão está em diálogo também com a ideia de um "*Gatekeeper State*" (COOPER, 2002) ou de "*Portals of Decolonization"* (MIDDELL; NAUMANN, 2010), observando determinadas cidades ou países como uma espécie de portal entre os movimentos anticoloniais e o contexto da Guerra Fria.

Namíbia; o Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA), a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) em Angola; o Partido Africano pela Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC) na Guiné-Bissau e em Cabo Verde; o Movimento pela Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP), nas ilhas de São Tomé e Príncipe; além da FRELIMO e do Comitê Revolucionário de Moçambique (COREMO), em Moçambique; ademais de diversas outras organizações de menor expressão. Esses movimentos passaram a lutar por diversos meios – sobretudo as vias militares e diplomáticas – em combate a seus colonizadores.[39]

Foi a partir dos *hubs* que esses movimentos anticoloniais se constituíram como entidades políticas que lutavam por sua libertação. Impedidos de atuar no interior de seus próprios países, eles contaram com o apoio inestimável de vários países africanos que já haviam se tornado independentes no início da década de 1960. Eles estabeleceram escritórios em suas capitais, e de lá se projetaram ao mundo. "A diplomacia assumida tanto pelos estados africanos como pelos movimentos de libertação foi crucial para manter os fluxos de armas, ajuda material e apoio humanitário [...]. As lutas pela independência foram travadas não apenas no campo de batalha, mas em torno da mesa de negociações e nas instituições internacionais"[40].

As ideologias foram armas fundamentais nos discursos dos movimentos anticoloniais diante disso, lhes permitindo transitar entre as diferentes possibilidades que se apresentavam. "O objetivo dos movimentos de libertação [...] era manter ligações abertas a todos os apoiantes, seja no Oeste, Leste, Norte e Sul, emaranhando suas várias

[39] A presente pesquisa é focada em um estudo sobre a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), conforme será apresentado na sequência dessa introdução. Os demais movimentos anticoloniais existentes nesse contexto, sejam aqueles de Moçambique, sejam aqueles das outras colônias portuguesas, sejam os de outros países, aparecem de maneira marginal nesse trabalho, geralmente em notas de rodapé. Essa escolha se dá justamente devido a complexidade de suas dinâmicas, que exigiria a realização de pesquisas extensas sobre cada um deles. Uma vez que não temos o objetivo de observar diretamente esses demais movimentos, e como forma de evitar generalizações sobre eles, optou-se por imprimir um olhar sobre as conexões da FRELIMO apenas em relação a países independentes e organizações internacionais, excluindo seus diálogos com os demais movimentos anticoloniais. É fundamental que o leitor tenha em mente, entretanto, que a FRELIMO não era a única nesse cenário, e que assim como ela, muitos outros movimentos anticoloniais lutavam e competiam por reconhecimento e variadas formas de suporte no cenário internacional ao longo do período aqui estudado. As lacunas aqui deixadas em relação a isso se apresentam como convites aos demais historiadores interessados no período – muito trabalho ainda precisa ser feito! A historiografia apresentada em rodapé trata-se de um bom ponto de partida para novos estudos que busquem preencher essas lacunas.

[40] ALEXANDER; MCGREGOR; TENDI, 2017, p. 7, t. n. No original: "The diplomacy undertaken both by African states and by liberation movements was crucial to maintaining flows of weapons, material aid, and humanitarian support. [...] independence struggles were fought not only on the battlefield but around the negotiating table and within international institutions".

agendas. Não se comprometer com nenhuma linha ideológica permitia uma gama de cooperação"[41]. Tratava-se, portanto, de uma "multiplicidade de conexões dos movimentos de libertação nacional entre si, mas também com o mundo exterior e as complexas geografias de conexões e multipolaridade que emergem de suas transações na busca de várias formas de apoio – diplomático, financeiro, social e de treinamento militar. Nenhuma dessas relações permaneceu estável ao longo do tempo"[42]. Longe de ser um processe de uma única via, "muitos atores diferentes fora da África apoiaram as lutas de libertação, desde Organizações Não-Governamentais, às Nações Unidas, governos de países, o Movimento dos Não-Alinhados, a Organização da Unidade Africana e movimentos de libertação em outras partes do globo"[43]. Assim, suas possibilidades eram múltiplas, e as oportunidades eram diversas.

Foi no exílio, portanto, e não dentro de seus territórios nacionais, que as conexões diplomáticas dos movimentos de libertação se constituíram. O olhar sobre as descolonizações nacionais as vezes tende a ignorar que na maioria das regiões ainda sob julgo colonial havia movimentos de libertação "múltiplos e geralmente antagônicos, que lutavam pelo reconhecimento e suporte dos Estados Africanos, potências da Guerra Fria, e órgãos supranacionais como a Organização da Unidade Africana (OUA). [...] hospedados e recebendo suporte de diferentes apoiadores, que estavam por si próprios competindo por influência geopolítica"[44]. Mais que isso, internamente, dentro de um único movimento, muitas vezes um líder político buscou "construir seu próprio grupo de solidariedade em nível internacional e tentou investir nas suas redes de solidariedade nas competições internas por reconhecimento"[45], de modo que múltiplas conexões e

[41] SAUNDERS; FONSECA; DALLYWATER, 2019, p. 6, t. n. No original: "The aim of the Southern African liberation movements to keep open connections to all supporters, be it in the West, East, North or South, entangled their various agendas. Not committing to any ideological line allowed for a range of cooperation".
[42] ENGEL, 2019, p. 2-3, t. n. No original: "multiplicity of connections of national liberation movements to each other, but also to the outside world and the complex geographies of connections and multipolarity emerging from their transactions in the search of various forms of support – diplomatic, financial, social, and by way of millitary training. Non of these relations remained stable over time".
[43] SAUNDERS; FONSECA; DALLYWATER, 2019, p. 6, t. n. No original: "Many different actors outside Africa supported the liberation struggles, ranging from non-governmental organisations, the United Nations, country governments, the Non-Aligned Movement, the Organization of African Unity, and liberation movements in other parts of the globe".
[44] SAUNDERS; FONSECA; DALLYWATER, 2019, p. 2, t. n. No original: "multiple, usually antagonistic movements that fought for recognition and support from African states, Cold War powers, and supranational organs such as the Organisation of African Unity (OAU). [...] hosted and supported by different backers, who were themselves competitors for geopolitical influence".
[45] SANTOS; ANDRÉ; TORNIMBENI; VASILE, 2017, p. 5, t. n. No original: "raised its own solidarity group at international level and tried to invest on its web of solidarities in the internal competition for recognition".

influências coexistiam dentro do mesmo movimento. A competição entre eles era um elemento-chave naquele cenário, e o reconhecimento internacional era um objetivo primordial de seus agentes.

A luta pela descolonização no continente, portanto, "não era totalmente uma questão nacional. [...] Aqueles que lutaram contra a libertação nacional muitas vezes descreveram suas lutas como uma luta contra o comunismo, o terrorismo ou algum tipo de aliança nascida na ONU"[46]. Posto isso, sem ignorar os objetivos locais e nacionais envolvidos nessas disputas, percebem-se que o que estava em jogo – ou, pelo menos, as cartas que eram colocadas na mesa – geralmente extrapolava as fronteiras nacionais, e transbordava sobre o contexto de Guerra Fria.

A FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE

Enquanto a maior parte do continente africano se tornava independente entre 1957 e 1962, o colonialismo português persistia. O regime do Estado Novo[47] era implacável, e abafava logo qualquer iniciativa política dos africanos em suas colônias. Foi então apenas no início da década de 1960 que esses africanos conseguiram se organizar em movimentos anticoloniais com alguma consistência, em grande medida devido ao apoio que passaram a receber dos novos países africanos independentes. Inseridos no "espírito de Bandung", vários *hubs* africanos do período acolheram agentes anticoloniais das colônias portuguesas, oferecendo o espaço que eles necessitavam para se organizar, estabelecer conexões e conquistar apoiadores, formando movimentos com suporte o bastante para enfrentar o colonialismo.[48]

Essa é também a história da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Em 1962 diversos moçambicanos com trajetórias distintas e com acesso a conexões

[46] WHITE; LARMER, 2014, p. 1274, t. n. No original: "was not wholly a national issue [...]. Those who fought against national liberation often described their struggle as one against communism, terrorism, or some kind of alliance born in the UN".

[47] O "Estado Novo" foi um regime autoritário, conservador, católico e corporativista instaurado em Portugal por António de Oliveira Salazar em 1933, inspirado no contexto de ascensão do fascismo na Europa. Dado a longa tradição colonial portuguesa, o domínio sobre as colônias era uma pedra angular desse regime, representando supostamente a grandeza de Portugal no mundo. Assim sendo, a manutenção desse domínio foi um alicerce de sustentação de Salazar, que alavancou políticas de repressão, discriminação, exploração e imobilidade social sobre as populações locais nas colônias. O regime só terminou em 1974, quando Salazar, com idade avançada, já havia sido substituído por Marcello Caetano como governante português. Na ocasião os militares portugueses se rebelaram contra as Guerras Anticoloniais que se prolongavam, dando início ao processo chamado "Revolução dos Cravos". Sobre isso, ver: MENEZES, 2010; NEWITT, 2012; MAXWELL, 1995.

[48] BURTON, 2019; SAUNDERS; FONSECA; DALLYWATER (eds.), 2019; ALEXANDER; MCGREGOR; TENDI (eds.), 2017.

transnacionais variadas se reuniram para formar uma Frente Anticolonial. "Frente"[49], por se propor a promover "a união de todos os Moçambicanos sem qualquer descriminação de origem étnica, de condição de fortuna, de confissão religiosa ou filosófica, nem de sexo na luta por todos os meios para a liquidação imediata e completa do colonialismo português e para a conquista da Independência Nacional"[50]. Assim, supostamente representando a "Unidade" entre os moçambicanos, a "Frente" reunia em seu interior visões de mundo conflitantes e ideologias distintas, reunidas pela "Libertação de Moçambique".

Essa definição mostrou-se um trunfo em termos internacionais ao longo dos anos. A FRELIMO não se tratava do único movimento anticolonial em busca de visibilidade naquele contexto, competindo tanto com os movimentos das demais colônias quanto com movimentos concorrentes de Moçambique surgidos ao longo da década, como a COREMO.[51] Em meio a isso, entretanto, ela se destacava. Observada como um dos movimentos anticoloniais mais organizados e articulados no contexto dos anos 1960, e supostamente representando uma "Unidade" entre moçambicanos com acesso a conexões muito diversas, ela se projetou internacionalmente como ninguém.[52]

Sendo desde o princípio liderada por uma elite intelectual diversa que já possuía conexões em países rivais no contexto da Guerra Fria, a FRELIMO rapidamente

[49] A constituição de uma "Frente" acarreta vários desafios. Por um lado, havia a escolha sobre simplesmente formar uma aliança de diferentes movimentos, ou então dissolver esses movimentos existentes em torno de uma "Frente" única, que congregaria suas divergências. A segunda opção foi escolhida pela FRELIMO. Além disso, há tensões entre a formação de uma "Frente Política", que unificaria os moçambicanos de diversas origens e ideologias em torno de um objetivo político comum; e uma "Frente Social", na qual a união se daria em torno de uma solidariedade de classe entre as populações africanas exploradas. Essas questões foram presentes no interior da FRELIMO ao longo da década de 1960, constituindo o universo de conflitos internos que existiam em seu seio. Enquanto no momento de sua formação a "Frente Política" foi criada com sucesso, possibilitando a formação do movimento, no final da década a presença de indivíduos socialmente muito divergentes levou a uma grande conflito interno. Sobre isso, ver: DE BRITO, 2019; e os Capítulos 2 e 5.4.

[50] *Declaração Geral*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 22.

[51] Ao escolher contar a história da FRELIMO, que foi o movimento anticolonial moçambicano mais bem-sucedido na construção de conexões transnacionais, a presente pesquisa acaba por marginalizar a história dos outros movimentos anticoloniais moçambicanos que foram seus concorrentes. A COREMO é o mais relevante entre eles, mas outras alternativas também se apresentaram, conforme será mencionado no capítulo 2.4. É fundamental que o leitor tenha em mente que a busca por reconhecimento da FRELIMO se dava em competição com esses demais movimentos, e que eles foram capazes em alguns momentos de lhe proporcionar grandes desafios. Estamos assumindo aqui a tarefa de adentrar em um terreno de estudos ainda pouco explorado, que coloca em perspectiva o anticolonialismo moçambicano em relação ao contexto internacional da Guerra Fria. Ao fazer isso, optamos por focar a pesquisa na FRELIMO devido a sua representatividade predominante e variedade de conexões. O avanço dos estudos focados nessa abordagem, entretanto, passa necessariamente pelo olhar sobre os demais movimentos e sobre a concorrência que se dava entre eles. Essas são lacunas deixadas para futuras pesquisas.

[52] ROBERTS, 2016.

conseguiu estabelecer escritórios países africanos independentes, e a partir deles projetou-se para o mundo. Ao longo da década de 1960 ela vai constituir representações em três capitais africanas – Cairo, no Egito, Argel, na Argélia, e Lusaka, na Zâmbia – o que simboliza seu alcance no continente. Ainda mais relevante que isso é sua relação com Dar es Salaam, capital da Tanganica (que em 1964 unifica-se à Zanzibar, formando a República Unida da Tanzânia). Apesar de ter sido declarada pela primeira vez em Accra, Gana, a FRELIMO logo direcionou suas estruturas à cidade da África Oriental, contando com amplo suporte do governo local. Com isso, na Tanzânia a Frente estabeleceu campos de treinamento militar, iniciou ataques armados ao território moçambicano, administrou escolas, hospitais, creches, campos de refugiados, publicou seus periódicos, e promoveu uma diversidade de iniciativas que lhe deram a condição de um *proto-Estado*[53] no país. Foi especialmente a partir de Dar es Salaam também que suas lideranças viajaram para os diversos cantos do globo.

As conexões estabelecidas a partir daí foram muito variadas. A FRELIMO foi capaz de forjar, por exemplo, laços estreitos com o Comitê de Libertação da Organização da Unidade Africana (OUA), uma importante entidade africana que fornecia amplos suportes aos movimentos anticoloniais, estabelecido justamente em Dar es Salaam. Para além disso, a Frente também compôs a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas (CONCP)[54], que espalhava escritórios pelo continente e promovia a divulgação e a cooperação entre os movimentos anticoloniais das diferentes colônias portuguesas. Também foi reconhecida por importantes conferências daquele contexto, como a dos Afro-Asiáticos, dos Não-Alinhados e a Tricontinental. Ainda conquistou suporte em entidades como o Conselho Mundial das Igrejas, e em Comitês de Solidariedade em várias partes do mundo.

[53] Conforme será estudado nos Capítulos 3 e 5, ao longo da década a FRELIMO passa a assumir não apenas as vezes de um movimento anticolonial, mas também funções estatais na recepção dos refugiados moçambicanos na Tanzânia, levando a frente uma ampla gama de atividades humanitárias e educacionais. É observando esse processo que Panzer (2013) cunha o termo *proto-Estado* para definir o *status* da FRELIMO nesse período.

[54] A CONCP, que será mais bem apresentada no Capítulo 1.2, trata-se de uma das mais relevantes associações internacionais da FRELIMO. Ao longo dos anos os movimentos anticoloniais com os quais a Frente mais cooperou foram justamente aqueles ligados a essa organização. Nominalmente, o Partido Africano para a Independência da Guiné Bissau e Cabo Verde (PAIGC) e ao Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA) se tratam de dois aliados imprescindíveis da FRELIMO, sendo parceiros inestimáveis na sua construção de conexões, na prestação de solidariedade, e no envio de comissões coletivas à congressos. Ao associar-se a eles, a Frente optou por manter-se distante dos demais movimentos anticoloniais desses países. Conforme mencionado na nota de rodapé 39, essas relações serão sub exploradas nessa pesquisa devido a abordagem escolhida, porém essas são lacunas fundamentais a serem preenchidas em futuros trabalhos.

Foi na década de 1970 que esse reconhecimento se tornou mais notório. Em julho de 1970 o Papa Paulo VI recebeu em audiência privada os movimentos anticoloniais das colônias portuguesas, finalmente reconhecendo a legitimidade de sua causa. A FRELIMO foi movimento moçambicano nesse encontro, alavancando seu alcance internacional.[55] Esse é apenas um dos eventos que demonstram o sucesso de sua política-externa naqueles anos que sucederam a morte de Mondlane: nas organizações internacionais, o regime lusófono ficou cada vez mais isolado, e a Frente passou a ser cada dia mais reconhecida como representante dos moçambicanos em várias partes do mundo;[56] os Comitês de Solidariedade em seu apoio em países da Europa Ocidental e da América do Norte passaram a se multiplicar, causando um alvoroço nas suas políticas locais e inflamando a opinião pública contra Portugal;[57] enquanto isso, nos países socialistas o suporte em armas recebido se tornou cada vez mais massivo, garantindo avanços importantes em sua via armada.[58] Assim sendo, no terreno internacional Portugal perdeu suas colônias muito antes de ter entregue de fato a soberania às suas populações locais, dando a FRELIMO um trunfo inegável.

Foi nesse cenário que o movimento moçambicano venceu uma guerra. Se o seu sucesso militar pode ser posto em causa, em termos diplomáticos a Frente conquistou um reconhecimento ímpar, se projetando como a verdadeira representante do nacionalismo moçambicano muito antes de ter de fato ascendido ao poder, superando em muito o reconhecimento de seus concorrentes. Ao assinar os Acordos de Lusaka em 7 de setembro de 1974 tornava-se a única organização a receber a transferência da soberania nacional moçambicana após a Revolução dos Cravos[59], confirmando oficialmente uma legitimidade que o mundo já havia lhe dado anteriormente. Enquanto a década de 1970 é o momento no qual esse sucesso ficou evidente, foi na década de 1960 que as bases de seu reconhecimento internacional foram estabelecidas.

Já nos primeiros anos após sua formação, a FRELIMO aproveitou-se de sua formação diversa e enviou representantes a congressos variados; viu seus líderes sendo

[55] MORIER-GENOUD, 2019.
[56] SANTOS, 2017; KAISER, 2017; MAXWELL, 1995.
[57] PARROT, 2016.
[58] TELEPNEVA, 2021; TAYLOR, 2006; LAL, 2014.
[59] Após mais de uma década de Guerras Anticoloniais, em 1974 muitos militares de baixa patente das forças armadas portuguesas encontravam-se fartos desses conflitos, das demandas por um número crescente de soldados, das condições desfavoráveis que enfrentavam, e das poucas chances de vitória vislumbradas. Diante disso, esses oficiais lideraram um processo revolucionário no país no dia 25 de abril de 1974. A "Revolução dos Cravos" demarca o fim do "salazarismo" em Portugal e o início das negociações pela independências das colônias portuguesas. Sobre isso, ver: MAXWELL, 1995.

recebidos por governantes de múltiplos países com ideologias muito distintas; recorreu ao apoio humanitário de entidades públicas, privadas e civis na Europa Ocidental e na América do Norte; atravessou o Leste Europeu em busca de suporte militar e material para iniciar sua luta armada; e viu a chegada de instrutores e armas chinesas em seus campos de treinamento militar na Tanzânia. Assim, transitou de maneira ímpar pelas potências do período e pelo contexto da Guerra Fria, destacando-se como "o único movimento de libertação baseado em Dar es Salaam a receber apoio de todas as três superpotências"[60].

Assim sendo, o objetivo da presente pesquisa é estudar a história global da primeira fase da FRELIMO, observando como os movimentos, rotas, conexões, circulações e caminhos de suas lideranças a levaram a conquistar apoio entre as superpotências do período, o que lhe forneceu bases para o reconhecimento internacional posterior.[61] A história da luta anticolonial moçambicana é geralmente interpretada por um viés nacionalista, que observa suas as ações, mudanças e conflitos a partir das divergências históricas, sociais, étnicas ou regionais presentes em seu seio. Essas referências são sem dúvidas importantes no estudo do nacionalismo moçambicano, e serão fundamentais no suporte a essa pesquisa.[62] Aqui, entretanto, a proposta é estabelecer um novo ponto de vista – através das conexões transnacionais criadas pela FRELIMO junto às superpotências, o que se desenvolve é uma história global da Frente que busca

[60] ROBERTS, 2016, p. 117, t. n. No original: "the only Dar es Salaam-based liberation movement to receive aid from all three superpowers".

[61] A escolha por rastrear os caminhos da FRELIMO até as três superpotências trata-se de uma opção do autor. Primeiramente, cita-se que o poder na geopolítica internacional desses três países (EUA, URSS e China) fazia com que o reconhecimento por parte deles se tornasse um trunfo diante dos demais países, ajudando a observar a representatividade de um movimento anticolonial perante o contexto como um todo – e a FRELIMO destaca-se como o único movimento a conquistar apoio simultaneamente de todos os três ao longo da década de 1960 (feito que não se repete em sua segunda fase, já que a morte de Mondlane significa a interrupção de conexões ligadas ao Departamento de Estado dos EUA). Além disso, menciona-se que ao estudar os caminhos da Frente até esses três países necessariamente se realiza um estudo sobre outras conexões estabelecidas pelo movimento, visto que aquele contexto internacional era dinâmico, exigindo múltiplas conexões para que se obtivesse o apoio de uma superpotência. Assim sendo, o olhar sobre esses países permite à essa pesquisa uma perspectiva amplo, observando a Guerra Fria por diversos ângulos, e não apenas sobre EUA, URSS e China. Assim sendo, reconhecemos aqui que muitas das conexões estabelecidas pela FRELIMO serão sim marginalizadas ao longo do trabalho, algo inevitável em uma pesquisa que se propõe tão abrangente. Ainda assim, a abordagem escolhida permite que se observe uma multiplicidade de conexões, apresentando a Frente internacionalmente de maneira inédita.

[62] Ao longo dessa pesquisa uma gama desses trabalhos será referenciada pontualmente, dando subsídio para que se possa explorar a abordagem proposta aqui. Entre eles, algumas das obras de maior fôlego que abordam a temática tratam-se de: MORIER-GENOUD (ed), 2012; MORIER-GENOUD; CAHEN; ROSÁRIO (eds), 2018; DE BRITO, 2019; CABRITA, 2000; FUNADA-CLASSEN, 2013; ISAACMAN; ISAACMAN, 1983. MARCUM, 2018; HENRIKSEN, 1983; NEWITT, 1995; TEMBE (coord.), 2014.

rastrear suas influências pelo mundo e compreender as bases de seu reconhecimento externo.

ESTRUTURA

Essa pesquisa divide-se em cinco capítulos, repartidos em duas partes. A Parte 1 – "O Nascimento de uma Frente Transnacional" – se debruça sobre as origens da FRELIMO, observando como uma diversidade de conexões transnacionais se encontrou e foi acomodada nas estruturas de uma mesma Frente Anticolonial em 1962. No capítulo 1 apresenta-se alguns indivíduos e grupos de moçambicanos que fizeram parte desse processo. Observa-se especialmente os caminhos e trajetórias deles entre as conexões transnacionais até o seu encontro, percebendo como eles conquistaram apoiadores diversos, que posteriormente foram absorvidos pela Frente. Dá-se especial atenção a quatro conexões transnacionais tecidas por eles: a) As conexões vinculadas a Tanganica e a região da África Oriental, onde se concentrava a maior parte dos imigrantes moçambicanos; b) As conexões que passavam por Casablanca, no Marrocos, e dialogavam com todo o "Espírito de Bandung" e com os países socialistas; c) As conexões associadas a Gana e ao seu *Bureau of African Affairs,* o mais poderoso *hub* em África no início da década de 1960*;* d) E as conexões ligadas aos Estados Unidos, a partir das quais Eduardo Mondlane se projetava como moçambicano mais proeminente internacionalmente no período.

O capítulo 2 traz um estudo sobre o processo de criação da Frente que privilegia as conexões transnacionais, demonstrando qual o peso delas sobre a constituição de uma "Unidade" entre os moçambicanos apresentados anteriormente. Sobretudo, demonstra-se como uma grande rivalidade entre os *hubs* de Accra e Dar es Salaam afetou os rumos dos diálogos entre eles, levando a uma série de disputas e embates corrosivos a própria ideia de "Unidade". A partir disso, coloca-se em xeque esse conceito-chave – "Unidade" – que foi vociferado pela Frente durante toda a sua história, mas que se mostra frágil quando percebe-se que ela já nasceu marcada por rupturas e dissidências.

Na sequência, a Parte 2 – "A FRELIMO e as Conexões Transnacionais da Guerra Fria" – se propõe a apresentar os caminhos da FRELIMO até as três superpotências do período, observando seus movimentos entre as conexões transnacionais e como eles se refletiram sobre seus discursos em sua revista oficial, a *Mozambique Revolution*. O capítulo 3 inicia acompanhando os passos de Eduardo Mondlane nos Estados Unidos, demonstrando como ele foi hábil em acessar políticos da alta cúpula do Departamento de

Estado e conseguir apoio para alavancar o projeto humanitário da Frente. O reflexo desses esforços é o Instituto Moçambique, uma instituição poderosa na atração de apoios da América do Norte e da Europa Ocidental e Nórdica, com grande atuação junto aos refugiados moçambicanos na Tanzânia. Ao mesmo tempo, entretanto, os esforços políticos da Frente junto aos EUA não se mostraram tão bem-sucedidos quanto os humanitários. Isso ficava evidente nas páginas de sua publicação oficial ao longo da década, onde o "Anti-Imperialismo" se tornava uma palavra de ordem associada a luta anticolonial internacional.

Já o capítulo 4 se direciona rumo aos países socialistas. Inicialmente, apresenta-se o contexto do socialismo internacional no qual alternativas divergentes competiam entre si, obrigando a FRELIMO a fazer escolhas. Mostra-se como ela buscou estabelecer relações com esses países, obtendo resultados distintos em lugares como Gana, Cuba, Argélia e Iugoslávia. Partindo disso, ela forjou relações com a União Soviética. Buscando associar-se a todo um "internacionalismo proletário", a Frente conseguiu um importante apoio em armas de Moscou, e viajou por todo o Leste Europeu recolhendo variados tipos de suporte. Os efeitos da rivalidade sino-soviética, entretanto, mostraram-se corrosivos para essas relações, pondo em dúvidas a fidelidade dos moçambicanos no final da década.

Finalmente, o capítulo 5 se direciona a Pequim. Para tal, entretanto, os olhos se voltam cada vez mais na direção da Tanzânia. O país que acolhia a FRELIMO passou por sua própria revolução ao longo da década de 1960, criando um modelo autêntico de Socialismo Africano, e se tornando um fiel aliado dos chineses. Assim, o país ofereceu um amplo espaço de influência à essa superpotência sobre os movimentos anticoloniais que hospedava. A Frente estava imersa nesse contexto político, e se viu estabelecendo laços estreitos tanto com o governo local quanto com a China. Lutando para equilibrar em seu interior as rivalidades da Guerra Fria, entretanto, a FRELIMO foi atingida na Tanzânia pelos ventos de uma "Revolução Cultural" que se mostrou corrosiva as suas estruturas internas, e levou ao fim sua primeira fase.

AS FONTES

Ao promover diálogos entre a História Global[63] e a História do Pensamento Político[64], esse trabalho utiliza-se dos discursos como suas fontes de pesquisa. A FRELIMO forjou uma variedade de conexões transnacionais ao longo de sua primeira fase, e o esforço aqui realizado busca rastrear seus movimentos entre elas, observando que tipo de efeitos isso teve sobre suas ideias. Nesse sentido, uma diversidade de formas discursivas nos ajuda a realizar essa investigação: documentos oficiais de diferentes naturezas, publicações da FRELIMO, discursos de lideranças, correspondências, entrevistas, relatos e livros biográficos. Essas fontes nos auxiliam tanto a observar os caminhos utilizados pela Frente para percorrer o mundo, quanto a observar os efeitos das conexões transnacionais sobre seus textos oficiais, além de perceber sua própria capacidade de agência sobre o contexto externo.

Nesse sentido, um importante adendo precisa ser aqui pontuado. Ainda que a FRELIMO possuísse uma constituição diversa e agregasse em seu interior moçambicanos divergentes realizando esse processo, internacionalmente algumas lideranças específicas se destacavam na constituição de conexões transnacionais. Assim sendo, serão os movimentos de algumas lideranças através das superpotências que serão aqui rastreados, observando-os como representativos da Frente como um todo. Particularmente, o presidente Eduardo Mondlane, o vice-presidente Uria Simango, e o secretário das relações exteriores, Marcelino dos Santos, são três indivíduos privilegiados por ocupar os mais altos-postos de liderança quanto a política externa, e por serem representativos das alternativas internacionais em conflito em seu interior. Enquanto isso, os discursos oficiais são observados na presente pesquisa como representativos da "voz dominante"

[63] As interações entre uma *História Intelectual* e a *História Global* são desenvolvidas por David Armitage (2015), que afirma que os historiadores intelectuais possuem ferramentas para "rastrear a circulação de ideias" (ARMITAGE, 2015, p. 4), "tratar historicamente as normas e interações entre pessoas, estados e outros órgãos corporativos no mundo, além da esfera doméstica" (ARMITAGE, 2015, p. 6), e entender "como as ideias viajam, quem as transporta, qual bagagem elas carregam em suas viagens, e como elas se tornam domesticadas e naturalizadas depois de sua chegada" (ARMITAGE, 2015, p. 11).

[64] Ao falar-se aqui de "História do Pensamento Político" se está partindo dos diálogos teórico-metodológicos estabelecidos pela chamada *Escola de Cambridge*, ou *História do Discurso Político* com a *Begriffsgeschichte,* ou *História Conceitual Alemã*. Conforme já demonstrado por Júnior e Jasmin (2006), Pocock (2006) e Koselleck (2006), é possível observar alguns pontos convergentes entre essas abordagens históricas que enriquecem o estudo da história do pensamento político. O processo consiste em observar a história como "um diagrama de tecido, urdido e trama [...], no qual a parte dos fios horizontais é composta pelas linguagens ou discursos sincronicamente existentes, e aquela dos fios verticais pela história dos conceitos individuais" (POCOCK, 2006, p. 86). Assim, parte-se aqui do *contexto linguístico* em que os discursos estão inseridos, mas sem ignorar um olhar sobre determinados conceitos de maneira transversal, levanto em conta as categorias *espaço de experiência* e *horizonte de expectativas* cunhadas por Koselleck.

da FRELIMO, observando como essas conexões tinham efeitos sobre suas ideias manifestas.

Posto isso, e dada a divisão temática dos capítulos que compõem essa pesquisa, diferentes tipos de fontes foram empregados em cada uma das análises propostas. Na Parte 1, o capítulo 1 trata-se de um período pré-FRELIMO no qual as fontes disponíveis são escassas. O anticolonialismo moçambicano ainda não possuía de fato uma abrangência internacional nesse momento, de modo que a documentação produzida sobre isso é bastante restrita. O arquivo da Fundação Mário Soares[65] oferece em seu acervo algumas possibilidades para esse estudo, particularmente ao fornecer correspondências associadas a Marcelino dos Santos e a CONCP. O livro de Ronald Chilcote (1972) também oferece alguns documentos da CONCP. No mesmo sentido, alguns documentos do Departamento de Estado dos Estados Unidos, gentilmente digitalizados por João Cabrita[66], auxiliam no estudo das relações entre Eduardo Mondlane e os EUA. Ainda assim, a quantidade de lacunas em um estudo que parte desses documentos é grande. Como forma de lidar com elas, os documentos serão contrapostos com livros biográficos, relatos e entrevistas de agentes do período, de modo a observar um cenário mais completo.[67]

No mesmo sentido, ao estudar o processo de criação da FRELIMO o capítulo 2 se depara com o mesmo desafio. Novamente, correspondências do arquivo da Fundação Mário Soares, arquivos do Departamento de Estado digitalizados por João Cabrita, livros biográficos, relatos e entrevistas nos ajudam a rastrear os movimentos dos moçambicanos. Aqui, todavia, algumas outras fontes também são mobilizadas. Os primeiros documentos oficiais da FRELIMO, produzidos para o seu 1° Congresso, oferecem oportunidades valiosas de reflexão sobre as conexões transnacionais. Os movimentos anticoloniais que deram origem a Frente também começavam a produzir seus próprios documentos antes disso, como a constituição e os programas da UDENAMO, anexado no livro de Ronald Chilcote (1972); e os discursos da MANU,

[65] http://casacomum.org/cc/arquivos [acesso no dia 14 de janeiro de 2023, às 19h16m]

[66] Ao longo de sua trajetória de pesquisa, João Cabrita teve a oportunidade de recolher uma série de documentos sobre o anticolonialismo em Moçambique, particularmente relacionados aos Estados Unidos e sua embaixada em Dar es Salaam, um lugar privilegiado de observação sobre os acontecimentos do período. O arquivo organizado por ele possui mais 300 páginas de documentos, e será referenciado em diversos momentos dessa pesquisa.

[67] O uso de biografias, entrevistas e relatos como fontes de pesquisa histórica acarreta uma série de desafios, uma vez que tratam-se de narrativas produzidas a partir do presente em relação ao passado. Nessa pesquisa, essas serão utilizadas pontualmente, e contrapostas com documentos do período como forma de balancear sua interpretação. Para reflexões teóricas sobre isso, ver: BOURDIEU, 1996. BURKE, 1999; NORA (org.), 1986. LEVI, 1996.

anexados em artigo de Joel das Neves Tembe (2013). A UDENAMO ainda publicou também alguns comunicados na mídia nesse período, disponíveis no arquivo da *USC Library Special Collection*[68], e analisados nessa pesquisa.

Na Parte 2 contamos com o acréscimo de uma fonte imprescindível. A partir de dezembro de 1963 começou a ser publicada em Dar es Salaam a revista *Mozambique Revolution*. Escrita em inglês, essa publicação oficial da Frente é muito relevante por se propor a "explicar às outras nações a posição da FRELIMO em relação aos problemas concretos que diariamente assolam nossa luta por independência"[69]. Vinculada ao seu Departamento de Informação[70], sua publicação se diferencia das demais produções do movimento por sua proposta internacionalista abrangente, buscando justamente divulgar a Frente ao mundo.[71] Suas edições foram recolhidas ao longo dos anos dessa pesquisa nos arquivos da Casa Comum, da *USC Library Special Collection,* da *JStore*[72], e do *Bishopsgate Institute*[73], de modo que temos acesso ao seu acervo completo, que inclui 37 edições até fevereiro de 1969.

---

[68] https://digitallibrary.usc.edu/ [acesso no dia 14 de janeiro de 2023, às 19h16m]

[69] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 1, dezembro de 1963, p. 2, t. n. No original: "explain to other nations the position of FRELIMO in relation to the concrete problems that daily beset our struggle for independence".

[70] Poucas informações estão disponíveis sobre o processo de produção da *Mozambique Revolution*. Sabe-se que ela estava vinculada ao Departamento de Informação, comandado inicialmente por Pascoal Mocumbi e depois por Jorge Rebelo. Os seus textos, todavia, não eram assinados, com exceção de alguns discursos que serão referenciados nessa pesquisa quando for o caso. Isso faz com que seja difícil de fato verificar quem eram os seus autores. Entretanto, uma vez que essa publicação possuía um caráter oficial, ela será aqui compreendida como uma "voz da FRELIMO", que reproduz o seu pensamento dominante.

[71] A FRELIMO tinha várias publicações ao longo da luta anticolonial, a maioria preparada em campos de treinamento militar e escolas, publicadas geralmente em português, e focadas em diferentes públicos locais de Moçambique. Entre elas inclui-se "25 de setembro", "Os Heróicos", "Jornal do Centro", "Rasgando as Trevas", "O Camarada", "A Luta Continua", "3 de Fevereiro", "Jornal Semanal de Tunduro", e "A Voz da Revolução". Ao contrário da *Mozambique Revolution*, entretanto, todas elas eram voltadas ao público interno moçambicano, e, portanto, não se enquadram no estudo aqui proposto. Além delas, ainda existe uma edição da *Mozambique Revolution* que era publicada em Nova York, para além da edição de Dar es Salaam mencionada. Essa edição, entretanto, foi publicada de maneira irregular, durante um recorte temporal mais curto do que o aqui proposto, e não tem seu acervo completo disponível nos arquivos pesquisados, além de ser focada especificamente nas conexões transnacionais dos EUA, e não em um universo tão grande de conexões quanto a versão tanzaniana. Diante disso, a presente pesquisa parte da escolha de trabalhar apenas com a edição de Dar es Salaam da *Mozambique Revolution* como representante de sua "voz" oficial internacionalmente. Sobre isso, ver: BASTO, 2012; BASTO, 2006; DARCH, 1981.

[72] https://www.jstor.org/ [acesso no dia 14 de janeiro de 2023, às 19h16m]

[73] O *Bishopsgate Institute* foi um dos únicos arquivos presenciais visitados para a realização dessa pesquisa. Enquanto em pesquisas anteriores ao doutorado realizados no Arquivo Histórico de Moçambique a documentação buscada havia sido relativa a um recorte temporal diferente do aqui estabelecido, ao longo do doutorado as viagens foram dificultadas pela pandemia da *Covid-19*, que abateu justamente os dois anos centrais do trabalho realizado. Assim, enquanto no Brasil os arquivos não dispõem da documentação necessária, o período passado no Reino Unido foi prejudicado pelos *lockdowns.* Visitas chegaram a ser realizadas ao *Bishopsgate Institute*, bem como aos arquivos da *Bodleian Library*, da *Oxford University*, mas com tempo bastante limitado. Ademais, a maioria da documentação encontrada era relativa à uma fase da descolonização moçambicana posterior à escolhida na pesquisa. Assim, a maior parte da pesquisa foi

Impressa com o objetivo de atingir o público externo, essa revista tratou ao longo dos anos especialmente de assuntos ligados ao contexto internacional, sendo a fonte ideal para a análise dos efeitos das conexões transnacionais sobre a FRELIMO. Uma revista que se propunha mensal quando publicada inicialmente, teve sua periodicidade espaçada ao longo da década, ao mesmo tempo que seu número de páginas aumentava (inicialmente cerca de 10 páginas por edição, e com o tempo passa a ultrapassar às 20 páginas). Ela reunia em seu interior sessões de editorial, notícias, comunicados, boletins, anexos de outras publicações internacionais, discursos de lideranças, entre outros. Todos são observados aqui como discursos vinculados oficialmente pela FRELIMO, e, portanto, representativos de sua "voz dominante".

Para além dessa revista, cada um dos capítulos da Parte 2 recorre a diferentes tipos de fonte, reproduzindo o esforço realizado na Parte 1. No capítulo 3 alguns documentos dos Estados Unidos são importantes para rastrear os movimentos de Eduardo Mondlane pela superpotência: fontes disponíveis no *African Activist Archieve*[74], na *JFK Library*[75], e nos arquivos do Departamento de Estado, digitalizados por João Cabrita. Tão importante quanto isso é a documentação relativa ao Instituto Moçambique, que nos ajuda a observar a presença de conexões transnacionais nessa instituição. Esses estão disponíveis no arquivo da *USC Library Special Collection*. Por fim, esse capítulo ainda recorre a documentos relativos à criação da Organização da Unidade Africana, que em grande medida condicionou o "anti-imperialismo" na retórica da FRELIMO e suas relações com os EUA, disponibilizados no arquivo online da União Africana[76].

Já os capítulos 4 e 5 trazem consigo alguns desafios. Ao contrário dos Estados Unidos, que possui uma série de documentações digitalizadas em inglês, a China e a URSS tratam-se de países cuja difusão de arquivos online é ainda bastante limitada, e cujas línguas são mais inacessíveis para um pesquisador brasileiro. Desse modo, a quantidade de fontes utilizadas nesses capítulos é também mais restrita, privilegiando especialmente os exemplares da *Mozambique Revolution*, alguns documentos do Departamento do Estado dos EUA que nos ajudam a refletir sobre esses países, digitalizados por João Cabrita, e alguns discursos pontuais de lideranças africanas e socialistas em diálogo com a FRELIMO.

---

realizada a partir dos arquivos online e das trocas com outros historiadores, conforme mencionado no corpo do texto.

[74] https://africanactivist.msu.edu/ [acesso no dia 14 de janeiro de 2023, às 19h16m]

[75] https://www.jfklibrary.org/ [acesso no dia 14 de janeiro de 2023, às 19h16m]

[76] https://au.int/en [acesso no dia 14 de janeiro de 2023, às 19h16m]

Percebendo a limitação dessa opção, todavia, sentimos a necessidade de recorrer aos estudos já realizados por outros historiadores. Especialmente nos últimos dois capítulos, mas também no decorrer de toda essa pesquisa, o objetivo de rastrear os movimentos dos moçambicanos pelo mundo mostrou-se desafiador. Ao aceitar essa tarefa, nos deparamos com uma pesquisa que necessariamente seria multi-arquivística, transnacional, plurilinguística e abrangente. Considerando as limitações materiais e de tempo presentes na atividade de um pesquisador de doutorado no Brasil, dar conta de visitar os múltiplos arquivos necessários para realizar uma pesquisa completa com essa seria inviável. Diante disso, observamos que outras pesquisas já haviam dado conta de rastrear muitos desses movimentos, entretanto o faziam focando em conexões específicas, e sem um olhar tão global.

Nos capítulos 1 e 2, por exemplo, trabalhos como o de Cahen (1999), Faris (2014), Marcum (2018), Tembe (2013), Brennan (em vias de publicação), Manghezi (2019) e outros nos ajudam, cada um com uma abordagem, a perceber os primeiros contatos entre os diferentes moçambicanos do contexto aqui estudado, percebendo suas relações com as conexões transnacionais e entre si. Já no capítulo 3 contamos com o auxílio de pesquisas como as de Marcum (2018), Schneidman (2014), Jesus (2016) e Parrot (2016), entre outros, como importantes auxiliares na observação das relações estabelecidas pela FRELIMO nos EUA e na Europa Ocidental. O capítulo 4, por sua vez, conta com o importante auxílio de pesquisas como as de Telepneva (2021), Shubin (2008), Gleijeses (2011), Ivaska (2018), De Brito (2019), entre outros, como auxiliares indispensáveis ao estudo das conexões da FRELIMO no mundo socialista. Finalmente, o capítulo 5 recorre às obras de Roberts (2016), Tague (2021), Jesus (2016), Taylor (2006), Telepneva (2021), Lal (2014), e outros, para assim compreender o ambiente político da Tanzânia e a chegada da influência chinesa na região, atingindo a FRELIMO em cheio.

Ainda no mesmo sentido, é importante reconhecer aqui o papel prestado por alguns historiadores, que foram fundamentais na aquisição das fontes e referenciais até aqui mencionados. Marçal de Menezes Paredes, enquanto orientador e coordenador do grupo de pesquisas "As Sociedades Lusófonas no Contexto da História Global", foi responsável por me colocar em contato com uma variedade de referenciais historiográficos e com historiadores diversos, que foram fundamentais nesse empreitada de pesquisa. Na mesma direção, Eric Morier-Genoud me recebeu para um período sanduíche no Reino Unido entre 2020 e 2021 vinculado à *Queen's University* e ao programa *PUCRS-PrInt*, me dando acesso a uma diversidade de fontes, arquivos e

referenciais que eu não teria como acessar estando no Brasil. Além disso, ele me deu acesso ilimitado a sua biblioteca e arquivos pessoais, além de me colocar em contato com outros historiadores. Sem isso essa pesquisa seria impossível.

Também é importante realizar aqui uma reflexão sobre a história digital e os arquivos online. Essa pesquisa se deu durante o período da pandemia do *Covid-19*, em que o ambiente digital assumiu uma nova relevância para os pesquisadores. Confinados por diversos meses e sem acesso aos arquivos – fechados ou com acesso restrito – os historiadores precisaram recorrer aos arquivos online, trocas de documentos e referências digitalizadas mais do que nunca. A internet foi então uma ferramenta imprescindível na busca das fontes e referências bibliográficas. Além dos arquivos online já citados, o compartilhamento com outros historiadores foi imprescindível nessa pesquisa. Pessoas como os já citados Morier-Genoud e Paredes, além de João Cabrita, James Brennan, Michel Cahen, José Curto, Polly Gaster, Júlia Monticelli Rocha, Camille Scholl, Bianca Obetine, João Victor Scheffer, Roger Marques, Thiago Costa, Alexandre Guilhão, Walter Lippold, Gustavo Rolim, Celestino Teperero, Carlos Mussa, Álvaro Bó, Manuel Matine, Abdala Inaque, entre outros, que tornaram possível a realização de um trabalho tão abrangente e com referências tão diversas.

PARTE 1

O NASCIMENTO DE UMA FRENTE TRANSNACIONAL

1. O ANTICOLONIALISMO MOÇAMBICANO E AS CONEXÕES TRANSNACIONAIS DA GUERRA FRIA

A segunda metade da década de 1950 viu o "Espírito de Bandung" atingir com força o continente africano. A nacionalização do Canal de Suez, no Egito, em 1956, a independência de Gana, em 1957, e a Guerra da Argélia, liderada por uma Frente de Libertação Nacional (FLN) a partir de 1954, logo simbolizaram uma luta anticolonial que se espalhou pelo continente inteiro. Seja por via negociada, seja por via armada, a maioria dos países africanos levantou-se contra o domínio colonial nos anos subsequentes. Nos princípios da década de 1960 a maior parte do continente já se encontrava independente.

Foi nesse período também que os moçambicanos entraram em contato com os "ventos da mudança"[77] e passaram a reivindicar sua própria independência. No caso de Moçambique, entretanto, o colonizador era o autoritário regime do Estado Novo português, que se negava a realizar conversações sobre a abertura do regime colonial e nem mesmo possibilitava a criação de organizações políticas das populações locais em suas colônias. Ainda que associações destinadas as populações moçambicanas tenham se desenvolvido no país – como a Associação Africana, o Centro Associativo dos Negros de Moçambique, a Associação dos Naturais de Moçambique, o Instituto Negrófilo, e o Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique – todas as atividades que se desenvolviam de maneira política eram logo abafadas pelo regime português. Foi a partir do exterior, então, que alguns grupos de moçambicanos puderam encontrar espaço para organizar-se e formar movimentos anticoloniais.[78]

A Rodésia do Sul era um país com alto contingente de moçambicanos, vindos principalmente das regiões sul e central – que migravam para o país vizinho devido suas melhores oportunidades de emprego em áreas como construção civil, têxtil, minas e trabalho rural. Assim, ao longo do século XX formaram-se associações e clubes de moçambicanos no território. Eram duas principais associações existentes no final da década de 1950: a *Mozambique East African Association* (MEAA), em Bulawayo; e a

[77] Em 1960 o primeiro-ministro britânico Harold Macmillan, após um mês visitando colônias britânicas na África, cunhou durante uma visita a Cidade do Cabo que "o vento da mudança está soprando sobre esse continente. Quer vocês queiram, quer não, o crescimento da consciência nacional é um fato político" (MACMILLAN, 2011, p. 31, t. n.). Assim, o sentimento político do período passou a ser associado a "Ventos da Mudança".

[78] Segundo Marcum (2018) "pelo final de 1957 a maioria dos africanos com orientação nacionalista nas maiores cidades de Moçambique – Lourenço Marques e Beira – estavam ou na prisão ou fora do país" (p. 19, t. n.). Ver também: CHISSANO, 2012.

Tete East Africa National Globe Society (Tete Globe Society), em Salisbury[79]; ambas eram influenciadas pela atmosfera política da Rodésia do Sul.

O país naquela época oferecia uma maior liberdade para as populações africanas do que as colônias portuguesas. Já em 1957 ele contava com um partido africano, o *Southern Rhodesia African National Congress* (SRANC), que em 1960 converteu-se no *National Democratic Party* (NDP), liderado por Joshua Nkomo. O exemplo do NDP foi fundamental na tomada de uma consciência nacionalista por parte dos moçambicanos que estavam na Rodésia do Sul naquele período: Nkomo havia composto o comitê diretor da Conferência dos Povos Africanos em 1958, conectando-se com a retórica Pan-africanista de Kwame Nkrumah e com seu pensamento anticolonial, e servia como um catalisador dessas ideias na região.[80]

Foi inspirado pelo NDP, e também pelas notícias que chegavam do exterior sobre a formação de movimentos anticoloniais em outras colônias portuguesas[81], que alguns moçambicanos passaram a reunir-se a partir dos meses finais de 1960 em Bulawayo. Liderados pelo jovem Adelino Gwambe, de apenas 21 anos, que já buscava mobilizar moçambicanos pela Rodésia do Sul desde 1956, esse grupo reunia indivíduos como Calvino Mahlayeye, Daniel Mahlalela, Fanuel Mahluza, Rivaz Sigaúke, Lourenço Matola, Aníbal Chilengue, Aurélio Bucuane, entre outros. Composto por moçambicanos da região sul do país, incluindo membros da elite de Lourenço Marques, Gaza e Inhambane, foi esse grupo que deu origem a União Democrática Nacional de Moçambique (UDENAMO) em outubro de 1960.[82]

---

[79] FUNADA-CLASSEN, 2012; DAS NEVES, 1998; NCOMO, 2013.

[80] AHLMAN, 2011.

[81] Todas as demais colônias portuguesas em África já possuíam algum movimento anticolonial no período. Na Guiné-Bissau e em Cabo Verde, o Partido Africano pela Independência (PAI) foi fundado em 1956 sob liderança de Amílcar Cabral, Luís Cabral, Aristides Pereira, entre outros. Em 1961 ele foi renomeado para Partido Africano pela Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC). Em São Tomé e Príncipe, o Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP) foi fundado em 1960, sendo liderado por indivíduos como Manuel Pinto da Costa, Miguel Trovoada, Leonel Mário d'Alva, entre outros. Já em Angola, dois movimentos anticoloniais rivalizavam pela hegemonia na descolonização do país – a União das Populações de Angola (UPA), criada em 1954 e renomeada para Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) em 1961, liderada por Holden Roberto; e o Movimento pela Libertação de Angola (MPLA), criado em 1956, com liderança de Agostinho Neto, Viriato Cruz, Lúcio Lara, Mário de Andrade, entre outros. Foi em Angola, em 1961, que se iniciou a primeira guerra anticolonial nas colônias portuguesas. Sobre isso, ver: ARAÚJO (org.), 2017; BUSSOTI; JACQUINET (eds.), 2021; MENESES; MARTINS (orgs.), 2013; SANTOS; ANDRÉ; TORNIMBENI; VASILE (eds.), 2007; ALEXANDER; MCGREGOR; TENDI (eds.), 2017; SAUNDERS; FOSECA; DALLYWATTER (eds.), 2019; SAUNDERS (ed.), 2009; LOPES; BARROS, 2019; SOUSA, 2020; BITENCOURT, 2011.

[82] Existem algumas divergências quanto a formação da UDENAMO. Os relatos convergem ao afirmar que houve reuniões relevantes para a constituição do movimento acontecendo em outubro de 1960 em Bulawayo, reunindo o grupo aqui citado, com os moçambicanos que se encontravam na cidade. Em Salisbury, entretanto, outros moçambicanos, como David Mabunda e Lopes Tembe Ndelana, estavam em

Logo a UDENAMO passou a cooptar novos membros, agregando alguns líderes capazes de mobilizar novas conexões, tanto internacionais quanto no interior de Moçambique. Entre eles destacam-se Uria Simango, o pastor da *Presbyterian Church of Central Africa* (Salisbury) e principal liderança da *Mozambique East African Association*, que logo torna-se a principal conexão entre a UDENAMO e a região central de Moçambique, sendo capaz de mobilizar muitos militantes de sua elite protestante;[83] E o casal Paulo e Priscila Gumane, ele um professor das escolas indígenas em Inharrime que já havia trabalhado na África do Sul, ela uma mulher de origem zulu e família cristã associada ao partido nacionalista sul-africano *Pan-African Congress* (PAC) e a sindicatos. Apesar de sua relevância na cooptação de membros e criação de conexões, entretanto, os novos membros nunca foram integrados nas estruturas centrais do movimento, de modo que a UDENAMO passa a possuir lideranças dispersas e com poucas convergências em relação a seu Comitê Executivo ao longo de 1961.[84]

Muito além do que simplesmente inspirar a UDENAMO em estrutura e ideologia, o NDP também foi decisivo ao acolher o núcleo central do nascente movimento moçambicano, guiá-lo e colocá-lo em contato com agentes transnacionais anticoloniais. Cabrita (2000) afirma que já nesses primeiros momentos do movimento foram estabelecidos contatos entre Gwambe e Gana. Isso também fica claro no relato de Lopes Tembe Ndelana, membro fundador da UDENAMO:

> Em março de 1961, Adelino Gwambe, Guidion Mahluza, Calvino Mahlayeye e Rivaz Sigaúke foram a Salisbury dar a conhecer sobre a criação da UDENAMO aos Camaradas do *Zimbabwe African Peoples Union* (ZAPU)[85],

constante contato com esse grupo e logo passaram a integrar os quadros do novo movimento anticolonial. A divergência está no fato de que, enquanto alguns militantes afirmam que já nessas primeiras reuniões deu-se a criação do movimento (como Lopes Tembe Ndelana e Fanuel Mahluza), outros afirmam que elas apenas deram início a um período de preparação para a sua constituição, que só foi completa em fevereiro de 1961, incluindo também os moçambicanos que estavam em Salisbury (como David Mabunda). Ainda que não haja uma informação conclusiva sobre isso, as fontes disponíveis concordam que foi nesse período entre finais de 1960 e o início de 1961 que se formou um Comitê Executivo da UDENAMO liderado por esse núcleo e concentrado em torno de Adelino Gwambe. Ver: MAHLUZA, Fanuel. Entrevista. [concedida a] Emilio Manhique. **TVM**, Maputo, sem data; NDELANA, 2012; MARCUM**,** 2018; CABRITA, 2000; BRENNAN [Em vias de publicação]; LIESEGANG; TEMBE, 2005; MORIER-GENOUD, 2019.

[83] O papel de liderança e relevância que o pastor Uria Simango possuía, especialmente na região central de Moçambique, é notório – e não à toa ele emerge como primeiro vice-presidente da FRELIMO no momento de sua fundação. Os estudos sobre a trajetória e conexões estabelecidas por ele são, entretanto, nebulosos. Ncomo (2013) cita contatos que ele possuiria com indivíduos como o moçambicano exilado em Gana Kamba Simango, e o reverendo Mateus Pinho Gwengere, além da cúpula central do NDP. Essas informações não puderam ser verificadas, entretanto, e a falta de rigor metodológico em algumas questões do trabalho torna arriscado confirmar sua veracidade. As notas de leitura de Michel Cahen (2010) refletem sobre isso.

[84] LIESEGANG; TEMBE, 2005.

[85] Durante esse período entre finais dos anos 1950 e início dos anos 1960 a Rodésia do Sul tratava-se ainda de uma colônia britânica, e, seguindo a lógica do colonialismo britânico no período, permitia alguma

> nas pessoas de Joshua Nkomo e George Nyandoro e outros membros. Neste altura, o NDP já tinha sido banido e os seus membros criaram a ZAPU. Devido a falta de segurança na Rodésia do Sul a direção da ZAPU aconselhou os membros da UDENAMO a irem para a Tanganyika onde existia um governo de transição em preparação e que, a partir dali, poderiam facilmente estabelecer contatos e beneficiar do apoio do Gana.[86]

A partir dessa reunião, na qual Nkomo teria inclusive dado ajuda financeira para a viagem da UDENAMO, o movimento passou a organizar uma migração em direção a Tanganica. Gwambe foi o seu primeiro representante a partir, realizando o reconhecimento do terreno ainda em março de 1961, e logo convocando Calvino Mahlayeye, Fanuel Mahluza e Rivaz Sigaúke para juntar-se a ele no Comitê Executivo do movimento anticolonial. Enquanto isso, os demais núcleos da organização se dividiram entre realizar trabalho clandestino de recrutamento na própria Rodésia do Sul ou em Moçambique.[87]

Chegando na Tanganica, o Comitê Executivo da UDENAMO logo se deparou com os diversos moçambicanos que lá viviam. O fluxo vindo do norte de Moçambique na região da Tanganica foi grande ao longo do século XX, dando-se em diferentes ondas migratórias que estavam geralmente ligadas a oferta e demanda de trabalho rural, particularmente nas plantações de sisal.[88] Através desse processo, no período final da década de 1950 havia diversos grupos de Moçambicanos espalhados por Tanganica, Zanzibar e Kenya. Esses grupos eram compostos majoritariamente por macondes, mas eram heterogêneos, e contavam também com macuas, nianjas, niassas, etc.[89]

Naturalmente, portanto, os acontecimentos da região tiveram muita influência sobre as populações do norte de Moçambique. Em 1954 foi criado a *Tanganyika African National Union* (TANU), partido político nacionalista que promovia a independência

---

liberdade política às populações africanas. Ao contrário de muitas colônias britânicas, entretanto, o país possuía uma elite branca muito consolidada no poder, com bastante autonomia em relação a metrópole, e associada ao regime do *apartheid* na África do Sul. Em 1961, quando a UDENAMO deixou a Rodésia do Sul, o que se percebia então era o avanço dessa elite branca, que buscava cada vez mais controlar o país, em um movimento que culminou com uma declaração unilateral de independência em 1965, que estabeleceu no país um regime autoritário das minorias brancas. Entre seus movimentos para consolidar-se no poder, o regime rodesiano aproximou-se do regime colonial português, permitindo que sua polícia política – a PIDE – realizasse ações no interior do país, e oferecendo risco não apenas aos seus próprios movimentos anticoloniais, como também àqueles de Moçambique. Além disso, em novembro de 1961 o NDP foi banido, e recriado de maneira clandestina como *Zimbabwe African People's Union* (ZAPU), que logo também migra suas operações para a Tanganica. Sobre isso, ver: ONSLOW (ed.), 2009; WATTS, 2012; RANGER 1985; MENESES; MARTINS (eds.), 2013; ALEXANDER; MCGREGOR; TENDI (eds.), 2017; DALLYWATTER; SAUNDERS; FOSECA (eds.), 2019; SAUNDERS (ed.), 2009.

[86] NDELANA, 2012, p. 42.

[87] MAHLUZA, Fanuel. Entrevista. [concedida a] Emilio Manhique. **TVM**, Maputo, sem data; NDELANA, 2012.

[88] FUNADA-CLASSEN, 2012.

[89] CAHEN, 1999.

política da Tanganica, liderado por Julius Nyerere. O combate ao colonialismo nos países vizinhos estava entre as grandes causas desse movimento político abrangente. Em 1958 a TANU conquistou a maioria do parlamento nas eleições de seu país, e passou a negociar sua descolonização, que se completou em 9 de dezembro de 1961.[90]

As reivindicações de natureza econômica eram parte essencial da prática da TANU antes da independência, que acreditava na formação de cooperativas camponesas como forma de fortificar o papel das populações locais em relação à metrópole, e na elevação do lugar dos africanos no comércio.[91] O partido da Tanganica desempenhou papel fundamental na conscientização política do norte de Moçambique, influenciado a criação de iniciativas como a Sociedade Agrícola Algoadeira Voluntária dos Africanos de Moçambique (SAAVM), liderada por Lázaro Nkavandame e responsável por introduzir a cultura do *Liigwilanilo* na província de Cabo Delgado, onde se concentravam a maioria dos macondes. Segundo define Raimundo Pachinuapa, um de seus sócios, em uma versão bastante idealizada:

> O *Liigwilano* era um movimento dos camponeses que, além de promover a produção agrícola coletiva, lançava as bases de criação da consciência nacionalista sobre a necessidade de organização das populações em cooperativas agrícolas. Além disso, o *Liigwilanilo* também criou a consciência sobre a necessidade de união das pessoas de diferentes partes da província de Cabo Delgado. O movimento massivo em torno do *Liigwilanilo* abriu caminho rumo à unidade dos moçambicanos contra o colonialismo português [...] A escolha da cultura do algodão, por parte do *Liigwilanilo*, como meio de agremiação dos camponeses, foi motivada pelos ensinamentos dados por Mwalimu Nyerere. Os ensinamentos da Mwalimu sugeriam que as pessoas deveriam identificar um factor ou área cujas atividades provocavam fugas massivas das populações do planalto para a Tanganyika. Uma vez identificada a área, as populações deveriam passar a dirigir as atividades diretamente, sem a intervenção direta das autoridades coloniais. Com efeito, a experiência do *Liigwilanilo* provou ser bastante útil no processo de criação do embrião da unidade de um povo.[92]

A partir da Tanganica, de Zanzibar e do Kenya, muitos moçambicanos se organizavam e eram influenciados pela atmosfera política da região. Diante disso, Michel Cahen (1999) destaca o surgimento de duas associações macondes na Tanganica em 1957 que buscavam agrupar essas populações: a *Tanganyika Mozambique Maconde Union* (TMMU), em Dar es Salaam, e a *Tanganyika Mozambique Maconde Association*

[90] BJERK, 2015.
[91] DE BRITO, 2019.
[92] PACHINUAPA; MANGUEDYE, 2009, p. 22-25; Ver também: ADAM, 1986.

(TMMA), em Tanga. Elas competiam no final da década de 1950 pelos moçambicanos da região a partir de perspectivas muito diferentes.[93]

A TMMA estava centrada em Tanga, região com o maior número de trabalhadores migrantes macondes, e estabelecia relações mais próximas com o poder central em Cabo Delgado, reivindicando facilidades para seu retorno, acesso mais fácil às suas famílias e reconhecimento perante o consulado português. Indicando esse olhar direto sobre o colonialismo português, eles se uniram a uma pequena associação do Niassa em 1960, alterando seu nome para *Mozambique African Association* (MAA). Foram os dirigentes do MAA, Faustino Vanomba e Quibrite Diwane, que conduziram a manifestação em Mueda no dia 16 de junho de 1960, reprimida pelas autoridades portuguesas, resultando na morte de algo entre 9 e 36 Macondes – o evento ficou como o "Massacre de Mueda". Para muitos daquela zona, aquele dia representou a necessidade de se engajar na luta anticolonial contra os portugueses. Entretanto, os dois principais líderes da MAA foram presos na ocasião, e a associação não possuía a estrutura política de um movimento anticolonial – eles precisariam se unir a alguma organização anticolonial mais estruturada para levar adiante seu ímpeto de combater os portugueses.[94]

Enquanto isso, a TMMU foi uma associação liderado por uma elite de imigrantes moçambicanos estabelecidos em Dar es Salaam que promovia a associação dos macondes inspirada em todo o contexto histórico-cultural da Tanganica e da África Oriental, se identificando como parte daquela região, sem se referir diretamente ao colonialismo português. Apenas em 1960, ao unir-se a associações pluriétnicas de Zanzibar, o grupo foi renomeado para *Mozambique African National Union* (MANU), liderado por Mateus Mmole e Lawrence Milinga, e passou a assumir gradualmente o caráter de movimento nacionalista – a MANU era inspirada em estrutura e ideologia, e apadrinhada pela TANU e pela *Kenya African National Union* (KANU)[95]. A partir desse vínculo, a organização passou a concentrar as associações de moçambicanos pela África Oriental e buscar agrupar cada vez mais os moçambicanos na região em torno de ideias nacionalistas.[96]

---

[93] CAHEN, 1999.
[94] CAHEN, 1999.
[95] Sendo liderado especialmente pelo presidente Jomo Kenyatta e pelo primeiro-ministro Tom Mboya, a *Kenya African National Union* (KANU) foi o partido político que protagonizou o processo de descolonização do Kenya, consolidando-se no poder a partir da independência em 1963. A revolta dos Mau-Mau, em 1954, foi um importante marco para a luta anticolonial na região, o que levou a constituição da KANU em 1960. Era um partido semelhante a TANU em termos de estrutura, e participou em parceria com ela de projetos regionais no período. Sobre isso, ver: SPEICH, 2009; BJERK, 2017; LEGUM, 1965.
[96] CAHEN, 1999.

A chegada de Adelino Gwambe a Dar es Salaam em março de 1961 significou então o encontro entre esses diferentes grupos. A MANU era uma organização política vinculada a região da África Oriental e aos trabalhadores migrantes do norte de Moçambique, buscando se legitimar como movimento nacionalista moçambicano associado a TANU. A UDENAMO, por outro lado, realizava trabalhos de recrutamento na Rodésia do Sul e no sul e centro de Moçambique, e contava com o apoio de conexões vinculadas ao NDP, mas chegava com um grupo muito restrito na Tanganica. Já os imigrantes moçambicanos espalhados pela região estavam à espera de uma organização que se mostrasse consistente o bastante para incendiar seus ímpetos nacionalistas, e serão disputados pelas duas opções que se apresentavam.

Foi nesse contexto que as primeiras conversas para a construção da "Unidade" na luta anticolonial moçambicana se deram a partir de 1961. Para além desses grupos, entretanto, elas logo passaram a contar com novos elementos. Desde terras mais longínquas, diversos moçambicanos também se organizavam naquele período com o objetivo de combater o colonialismo português em seu país. Membros de uma elite assimilada que possuía acesso à educação, vários jovens estudantes moçambicanos estavam ou haviam estado em Portugal naqueles anos. A Casa dos Estudantes do Império (CEI), em Lisboa, representa um ponto de encontro entre esses diversos estudantes. Fundada em 1944, por lá passaram indivíduos como Marcelino dos Santos, Hélder Martins, Sérgio Vieira e José Óscar Monteiro. Através da convivência nessa residência eles tiveram acesso a um ambiente intelectual internacional que permitiu a eles criar uma consciência anticolonial e nacionalista, dialogando com o "espírito de Bandung", com o Pan-Africanismo e com teorias socialistas. Alguns desses moçambicanos, inclusive, participaram das fileiras do Partido Comunista Português, ou então de associações estudantis ou sindicais em Portugal. Foi também através da CEI que eles estabeleceram relações com os nacionalistas das outras colônias portuguesas.[97]

Entre os moçambicanos presentes nesse contexto, destaca-se o papel de liderança assumido por Marcelino dos Santos. Parte de uma primeira geração de africanos a desenvolver atividade nacionalista na CEI no início dos anos 1950, ele tornou-se ao longo da década uma importante referência para esses estudantes, mudando-se para Paris, onde foi hábil para desenvolver importante laços internacionais e representar Moçambique em eventos de grande repercussão. Dos Santos esteve no *World Youth Festival* em Bucareste

[97] MARTINS, 2017; CASTELO; JERÓNIMO (orgs), 2017.

em 1953, onde estabeleceu relações com a União Internacional dos Estudantes; em 1954 visitou a China, onde conheceu Chou Enlai; em 1955 foi ao *Youth Festival* em Varsóvia; em 1957 foi a Moscou para outro *World Youth Festival*; em 1958 participou da *First Conference of African and Asian Writers* no Uzbequistão Soviético; com essa trajetória, tornou-se o primeiro moçambicano reconhecido nos países socialistas.[98] Em 1957 Marcelino dos Santos também liderou a criação do "Movimento Anti-Colonial", através do qual:

> Os ativistas das colônias poderiam uma vez por todas abandonar a estreita 'bolha' imperial portuguesa e entrar na esfera internacional, por exemplo se correspondendo com os novos Estados africanos e movimentos independentistas. Foi de Paris, e através da figura de Dos Santos, que os estudantes das colônias portuguesas começaram a ter relações políticas com o resto do mundo.[99]

Foi Marcelino dos Santos também a principal liderança moçambicana a promover a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas (CONCP). Essa conferência, que estabeleceu um escritório permanente no Marrocos[100] em 18 de abril de 1961, se deu em um momento em que o colonialismo português aumentava suas políticas de controle e repressão sobre os territórios coloniais, como resposta a um levante armado que havia se iniciado em Angola em fevereiro daquele ano. Foi em meio a esse contexto político que Marcelino dos Santos, junto com lideranças de outras colônias portuguesas, se uniram para criar a CONCP, um lugar de encontro e coordenação entre os movimentos anticoloniais das colônias portuguesas. Conforme será mais bem explorado na sequência, foi a UDENAMO a organização moçambicana associada a CONCP. Essa associação, entretanto, também significou a entrada de Marcelino dos Santos nas conversas da "Unidade" que se davam em Dar es Salaam.

---

[98] TELEPNEVA, 2021; KAISER, 2017.

[99] KAISER, 2017, p. 37, t. n. No original: "the activists from the colonies once and for all left the narrow Portuguese imperial 'bubble' and entered the international sphere, for instance by correspondence with new African states and independence movements. It was from Paris, and through the figure of dos Santos, that the students of the Portuguese colonies started to have political relations with the rest of the world".

[100] A região do Norte da África foi a primeira a conquistar autonomia no continente, beneficiando-se de uma condição histórica particular, de uma relativa autonomia existente durante o período colonial e da influência dos países do Oriente Médio já independentes. Enquanto a Argélia engajou-se em uma luta anticolonial contra a França a partir de 1954, outros tantos países da região, como Egito, Tunísia e Sudão, tornaram-se autônomas antes da "onda de descolonizações" do restante do continente. O Marrocos também faz parte desse contexto e tornou-se independente em 1956, liderado pelo sultão Mohamed V. Ainda, este último país buscou tornar-se influente no processo de descolonizações do restante do continente, dando suporte as lutas anticoloniais. Conforme será visto na sequência desse capítulo, a cidade de Casablanca, em particular, tornou-se um lugar simbólico para os regimes africanos mais radicais do período. Ver: BIRMINGHAM, 2009.

Enquanto esse grupo associado a CEI se concentrava em torno da CONCP, também em Portugal uma nova geração de estudantes moçambicanos se organizava naquele período. Tratava-se de um grupo vinculado ao Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NESAM), a principal associação estudantil moçambicana no período, que teve entre seus líderes Joaquim Chissano e Pascoal Mocumbi. Em 1961 esses estudantes se encontravam em Lisboa, e eram tomados por críticas a opressão colonial portuguesa que se acirrava cada vez mais. Enquanto estavam na metrópole, se aproximaram de estudantes de outras colônias portuguesas, e de agentes transnacionais anticoloniais e missionários – foi através disso que eles planejaram sua fuga da capital em junho de 1961 em direção a França. Lá eles formaram a União dos Estudantes Moçambicanos (UNEMO), uma associação estudantil que buscava agregar os estudantes de Moçambique por todo o mundo, e participar, ela também, da construção do anticolonialismo moçambicano. A partir da UNEMO eles estabeleceram contatos com a União Nacional dos Estudantes Franceses, com a União Internacional dos Estudantes, sediada em Praga (Tchecoslováquia), e com a Conferência Nacional dos Estudantes, sediada em Quebec (Canadá). Eles logo se colocaram também em contato com Marcelino dos Santos e Adelino Gwambe, passando a participar do processo de construção de "Unidade" que se dava.[101]

Outro indivíduo que eles contataram a partir da França foi Eduardo Mondlane. Nascido no sul de Moçambique, ele era filho de um Chefe Tsonga, e vinha de uma família de prestígio. Na juventude, após adentrar nos estudos incentivado pela mãe, ele foi acolhido pela Missão Suíça Presbiteriana de Moçambique, o que foi definitivo em sua formação intelectual e política. Foi através desse encontro que ele prosseguiu na vida acadêmica, concluindo o estudo secundário e se tornando o primeiro estudante moçambicano a ingressar em uma universidade da África do Sul. Com o endurecimento das leis raciais do país, entretanto, foi expulso em 1949. Retornando para Lourenço Marques, ele se ocupou de reunir os estudantes e fundar o NESAM, do qual foi o primeiro líder – ele torna-se simbólico para as gerações posteriores dessa associação, incluindo Chissano e Mocumbi. Pouco tempo depois Mondlane embarcou para Portugal com uma bolsa de estudos na Universidade de Lisboa, novamente conseguida com o apoio de suas conexões missionárias. Durante sua curta estadia em Portugal ele também esteve vinculado ao CEI, onde conheceu Marcelino dos Santos e outros estudantes de colônias

[101] CHISSANO, 2010; VIEIRA, 2011; MOCUMBI, 2012; MARCUM, 2018.

portuguesas que depois estiveram com ele na CONCP, como Amílcar Cabral, Agostinho Neto e Mário de Andrade. Ele não estreitou os laços com eles, entretanto, já que pouco tempo depois conseguiu uma bolsa para prosseguir seus estudos nos Estados Unidos.[102]

Foi então nos EUA que Mondlane alcançou posições inimagináveis para quase qualquer moçambicano no período. Ele não apenas concluiu a universidade, como também concluiu um mestrado, em 1956, e um doutorado, em 1960, se credibilizando para assumir o cargo de professor universitário nos Estados Unidos. Não apenas isso, Mondlane foi capaz de construir importantes conexões transnacionais no país para além do mundo acadêmico, se aproximando de figuras relevantes do movimento afro-americano, estreitando as conexões missionárias com as quais possuía grande fluxo, e se aliando a funcionários da alta cúpula do Departamento de Estado. Foi durante a década que permaneceu nos Estados Unidos que ele se casou com Janet Mondlane, uma branca norte-americana que desempenhou papel importante em sua trajetória política posterior.[103]

Através dos contatos adquiridos nos EUA Mondlane ingressou como funcionário das Nações Unidas, onde fez parte do Sistema de Tutela e se envolveu com a política africana. Através da ONU ele se aproximou, por exemplo, de figuras como o então Ministro do Ultramar de Portugal Adriano Moreira, com quem chegou a discutir as reformas no colonialismo português que aconteciam em 1961;[104] e também de Julius Nyerere, com quem desenvolveu relações amistosas.[105] Em fevereiro de 1961, foi em uma missão da ONU que Mondlane retornou pela primeira vez a Moçambique desde sua partida em 1950. Após uma série de encontros com lideranças religiosas, funcionários do Estado, lideranças estudantis e outras personalidades locais, a sua percepção foi a de um país onde a repressão política e as barreiras sociais tornavam a condição dos moçambicanos intransponíveis. A situação na educação era particularmente inaceitável para Mondlane, que tinha esse como um tema central em suas preocupações. Se até então

[102] FARIS, 2014; DE JESUS, 2016; MANGHEZI, 2019; SANSONE, 2018; SANSONE, 2014.
[103] FARIS, 2014; MANGHEZI, 2019; MARCUM**,** 2018; RONGUANE, 2010; SANSONE, 2018; SANSONE, 2014.
[104] A pressão internacional e interna sobre o regime colonial português se tornou insustentável a partir do início da Guerra Anticolonial em Angola, em 1961. Diante disso, o governo promoveu reformas em suas políticas coloniais, como forma de garantir o fortalecimento do regime e lhe imprimir um verniz "liberal". Na ocasião as colônias assumiram o *status* de "províncias ultramarinas", o regime do Indigenato foi abolido, e uma maior liberdade econômica e política foi possibilitada às autoridades coloniais locais. Essa reformas foram lideradas pelo ministro do ultramar português, Adriano Moreira. Sobre isso, ver: PIMENTA, 2014.
[105] CABRITA, 2000; BJERK, 2015; MARCUM, 2018, DE JESUS, 2016; SANSONE, 2018; SANSONE, 2014.

ele ainda nutria alguma esperança mudar a situação pelas vias institucionais, a partir dessa viagem ele percebeu a necessidade de engajar-se ativamente no anticolonialismo.[106]

Foi então a partir do encontro de todos esses agentes que se deu a criação da Frente de Libertação de Moçambique em junho de 1962. Enquanto a UDENAMO e a MANU eram os dois movimentos anticoloniais constituídos a buscar uma "Unidade" em Dar es Salaam, Marcelino dos Santos e a CONCP representavam a união entre a causa moçambicana com as lutas nas demais colônias portuguesas e no mundo socialista. A UNEMO, por sua vez, adicionava conexões transnacionais estudantis a essa equação. Eduardo Mondlane, por fim, possuía prestígio ímpar, aceitação entre os estudantes, diálogos com autoridades variadas, e acesso internacional no ocidente superior a qualquer um dos demais agentes nesse processo, e acabou emergindo como a liderança da nova frente anticolonial.

Ainda houve um terceiro movimento anticolonial a participar da criação da FRELIMO. A União Nacional Africana de Moçambique Independente (UNAMI) foi uma de suas organizações fundadoras, entretanto seu papel é muito limitado nessa história. As lideranças da UDENAMO e da MANU iniciaram seus primeiros diálogos já a partir da chegada de Adelino Gwambe à Dar es Salaam em março de 1961. Logo em abril, Marcelino dos Santos e o grupo associado a CONCP passaram a fazer parte desses diálogos. Ao decorrer daquele ano, foi a vez de Joaquim Chissano, Pascoal Mocumbi e a UNEMO estabelecer contato com eles. Eduardo Mondlane, por sua vez, já agia nos bastidores internacionais ao longo do todo o ano de 1961, e se uniu aos diálogos em seu momento decisivo para liderá-los em 1962.

A UNAMI, por sua vez, teve um papel extremamente tímido nessas conversações. A organização não tinha representação em Dar es Salaam. Seu presidente, Baltazar Chagonga, só chegou a cidade com uma pequena delegação nos momentos finais antes da criação da FRELIMO, não tendo voz ativa perante movimentos muito majoritários naquele território – isso fica evidente quando se nota que nenhum membro da UNAMI foi designado para uma posição de liderança na FRELIMO em qualquer momento. Chagonga abandonou a Frente e recriou a UNAMI já em 1963. Associada ao *Malawi Congress Party*[107] (MCP) e a seu presidente, Hastings Banda, a UNAMI foi chantageada

[106] FARIS, 2014; DE JESUS, 2016; MANGHEZI, 2019; MARCUM, 2018; SANSONE, 2018; SANSONE, 2014.

[107] Apesar de conectar-se com o contexto Pan-africanista antes da descolonização do Malawi, Hastings Banda passou a associar-se aos regimes de Portugal e da África do Sul após a independência. Questões de interesse econômico e, principalmente, de garantia da segurança local e estabilidade política podem ter sido

e instrumentalizada pelo colonialismo português ao longo da década.[108] Assim, apesar de oficialmente ser um dos três movimentos integrados a FRELIMO, a UNAMI não teve nenhum protagonismo na criação da Frente, não sendo de fato integrada a ela.[109]

Para além dos movimentos já citados, que em teoria teriam unificado todos os moçambicanos contra o colonialismo português ao compor a FRELIMO, um quarto movimento moçambicano anticolonial estava se formando na Rodésia do Sul naqueles tempos – o *Mozambique African National Congress* (MANC) – com apoio do *Zimbabwean African People's Union* (ZAPU) e do *Malawi Congress Party* (MCP). Presidido por Peter Balamanja e com ideologia socialista e Pan-africanista, o MANC não estava em Dar es Salaam ao longo de 1962, e, portanto, não participou do processo de criação da FRELIMO. Excluídos da formação do principal movimento anticolonial moçambicano, o MANC continuou suas atividades nos anos subsequentes, e em 1965 compôs o principal movimento anticolonial a rivalizar com a Frente. [110]

1.1. A MANU E A PAFMECA

A posição da Tanganica era uma questão-chave na luta anticolonial de Moçambique. A ex-colônia britânica localizada na fronteira norte moçambicana, divisa com as províncias de Niassa e Cabo Delgado, era incontornável no início da década de 1960 para um projeto que buscasse combater o colonialismo na região. O papel exercido pela TANU e por Julius Nyerere desde 1954 permitiu a formação de um grande partido guarda-chuvas no país, que conseguia mobilizar as massas, trabalhadores, camponeses e diversos grupos políticos africanos. Ademais, já em 1958 o partido foi o principal promotor e financiador da *Pan-African Freedom Movement for East and Central Africa*

suas principais motivações. Assim, colaborou no combate aos movimentos anticoloniais no sul do continente, perseguindo as atividades da FRELIMO sucessivamente. Sobre isso, ver: MATUSSE, 2016.

[108] MORIER-GENOUD, 2019.

[109] Os estudos sobre a UNAMI ainda carecem de aprofundamento, de modo que ainda existem muitas lacunas em sua história. Basicamente, o movimento foi formado no Malawi sob influência do *Malawi Congress Party* no início da década de 1960. Muitos moçambicanos se encontravam concentrados no país no período, em processos migratórios semelhantes aos vistos na Rodésia do Sul e na Tanganica. Esses moçambicanos estavam, em grande medida, reunidos no *Clube do Tete*, que congregava principalmente indivíduos das regiões centrais de Moçambique, mas também pessoas de origens mais diversas. Foram eles que deram origem a UNAMI. Associada ao governo local, entretanto, essa organização esteve extremamente vulnerável a repressão portuguesa. Sobre isso, ver: MORIER-GENOUD, 2019; FUNADA-CLASSEN, 2012; DAS NEVES, 1998; e FREITAS, 1964-1965; MATUSSE, 2016.

[110] Nenhuma pesquisa foi realizada até então sobre esse movimento, e as informações disponíveis são escassas. Algumas notas de pesquisa sobre ele podem ser encontradas em: MORIER-GENOUD, 2019; FUNADA-CLASSEN, 2012; DAS NEVES, 1998; e FREITAS, 1964-1965. Apesar da pouca informação, está claro que esse movimento se manteve na Rodésia do Sul no contexto de criação da FRELIMO, e não participou de sua constituição.

(PAFMECA), que em fevereiro de 1962 foi renomeado para *Pan-African Freedom Movement for East, Central and Southern Africa* (PAFMECSA). Essa organização transnacional – idealizada por Julius Nyerere e pelo nacionalista do Kenya, Tom Mboya – tinha por objetivo promover a descolonização e a federalização das regiões da África Oriental e Central (e depois, Sul), além de facilitar conexões no continente e fortalecer os laços diplomáticos entre os países membros. A PAFMECA contava com partidos políticos da Tanganica, Kenya, Uganda, Rodésia do Norte, Rodésia do Sul, Nyasilândia e Zanzibar, e depois ainda recebeu representantes da África do Sul, República do Congo e Ruanda, além de Moçambique.[111]

O prestígio adquirido pela TANU e por Julius Nyerere nesse contexto fizeram com que a Tanganica se tornasse o primeiro país independente na região, e um expoente da causa anticolonial. Após conquistar ampla maioria parlamentar, em 1960 a TANU finalmente chegou a um acordo com o regime colonial britânico pela descolonização. Nyerere tornou-se chefe do governo na ocasião, durante um governo de transição, que se encerraria com a independência em 9 de dezembro de 1961. Houve ainda um esforço por parte dele para adiar a própria independência, em nome de uma descolonização conjunta com Kenya e Uganda em forma de federação. Com o fracasso nas negociações, a data foi confirmada, e Nyerere se tornou Primeiro-Ministro, chefe dos assuntos internos e externos, e a Tanganica um estado-membro da *Commonwealth*. Seus principais aliados no momento eram Oscar Kambona, com ampla influência na política externa e na relação com os movimentos anticoloniais, e Rashidi Kawawa, com quem manteve uma longa relação principalmente na articulação da política interna do país.[112]

Esse processo alavancou Dar es Salaam ao posto de mais importante "*Hub* de Descolonização" daquela região no princípio da década de 1960 – o prestígio de Julius Nyerere, a adesão conquistada pela TANU, as políticas de apoio a descolonização da região, e a posição geográfica estratégica para a maioria dos países ainda colonizados fez com que a cidade se tornasse rapidamente, entre 1960 e 1963, o local mais procurado pelos movimentos anticoloniais africanos. Na ocasião da sua independência já estiveram lá presentes representantes de 42 países e movimentos anticoloniais da África do Sul, Namíbia, Moçambique, Rodésia do Norte, Botswana e Suazilândia.[113]

[111] BJERK, 2017; LEGUM, 1965; BURTON, 2019.
[112] BJERK, 2017**;** BJERK**.** 2015.
[113] BURTON, 2019; MARKLE**,** 2017.

A rápida projeção de Dar es Salaam como *hub* entrou em choque com o projeto promovido por Kwame Nkrumah a partir de Accra. Nkrumah possuía a ambição de liderar o projeto Pan-Africanista no continente naqueles tempos, promovendo a Unidade Africana desde Gana – e Dar es Salaam logo começou a atrair mais atenção do que Accra, que no início da década começava a perder o apelo que possuía no período de independência. Além disso, o próprio projeto de Nyerere para a descolonização e a Unidade Africana contrastava muito com o de Nkrumah – eram vários os pontos de discordâncias de ambos na arena internacional, e uma rivalidade pela liderança do continente se estabeleceu no início da década de 1960.[114]

Nyerere assumia a postura de um político moderado. Sendo um eloquente Pan-africanista, tinha um projeto de uma Unidade Africana gradual e em etapas, que formaria federações fortes, e contrapunha os projetos de uma unidade imediata. Apesar de desde antes da independência ele já se definir como socialista[115], se postava de maneira muito independente internacionalmente, vendo as relações amistosas com os países ocidentais – e particularmente com sua ex-metrópole – como elementares no desenvolvimento e segurança internos, e era cuidadoso no tom crítico que adotava quanto a eles, balanceando com cautela as suas visitas aos países socialistas. Os primeiros projetos de desenvolvimento implantados no país sob liderança de Nyerere eram apoiados pelo Banco Mundial e pela Agência Americana para o Desenvolvimento Internacional, e ele

[114] Algumas dessas diferenças serão discutidas nessa pesquisa por influenciar diretamente a questão anticolonial moçambicana. Em linhas gerais, enquanto Nyerere promovia a criação de federações regionais na África, Nkrumah defendia uma unidade continental na forma dos "Estados Unidos da África"; apesar de ambos serem lideranças não-alinhadas, Nyerere adotava uma atitude muito mais pró-ocidental nesse período inicial da década de 1960, enquanto Nkrumah era cada vez mais pró-socialista; Nkrumah nessa altura era um ativo apoiador da via armada no continente, e Nyerere ainda acreditava na via negociada para as descolonizações; enquanto o presidente de Gana apoiava organizações que negavam a via do multirracialismo, o líder da Tanganica buscava promover um regime não-racial que incluía toda a população nacional. Sobre isso, ver: BURTON, 2019. GRILLI, 2018*;* GRILLI, 2015; BJERK, 2015.

[115] Desde antes da independência Nyerere já vociferava a necessidade de construção do socialismo no país, afirmando esse socialismo como algo autêntico e inspirado na realidade local da Tanganica, e descolado do Bloco Soviético no contexto da Guerra Fria. A partir de 1962 ele passa a evocar o conceito "*Ujamaa"* como definidor desse projeto nacional – algo que na língua local passa a evocar, simultaneamente, "*socialism*" e "*familyhood*" – e seria, tal qual a *Negritude* de Senghor e o *Al-Ishtirakiyya* de Nasser, uma ideologia que permitia a ele navegar entre as disputas ideológicas do período e confrontar o "racialismo" na Tanganica, incluindo todos os nacionais (até os brancos e asiáticos) em um projeto modernizante inspirado na tradição africana, e que seria, portanto, autêntico e nacionalista. Ele definiu o socialismo em 1962 como uma "atitude mental", que não se conquista a partir da simples "aderência rígida a um padrão político" (NYERERE, 1962, p. 161, t. n.). Vale notar que até 1964, pelo menos, esse conceito tratava-se de uma filosofia nacional na Tanganica, que não significava a adoção da via socialista nas instituições do país, uma vez que sua economia e as conexões transnacionais ainda estavam muito associadas ao capitalismo internacional. Sobre isso, ver: BJERK, 2015; CROUCH, 1987; LAL, 2015, e o Capítulo 5.

buscou financiamento de Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha Ocidental, estabelecendo uma aliança com esses países.[116]

Sua imagem era de ser bastante ponderado, e isso ajudava a combater o medo da infiltração comunista no continente por parte das potências ocidentais. Ele possuía também uma forte retórica não-racialista, fornecendo certa estabilidade aos brancos e asiáticos na Tanganica, além de ser individualmente acessível e com personalidade apaziguadora. Tudo isso fazia com que ele fosse um dos nacionalistas africanos com imagem mais positiva nos Estados Unidos, na Europa Ocidental, e em vários países africanos no início da década de 1960, sendo visto muitas vezes em contraposição ao projeto mais radical de Kwame Nkrumah.[117] O surgimento de Dar es Salaam como "*Hub* de Descolonização" se dá então em conformidade com a política de seu presidente. Nyerere apoiava movimentos anticoloniais associado ao seu projeto político e os colocava em contato com as conexões transnacionais que dialogavam com suas ideias, influenciado os rumos do continente.[118]

A associação da MANU com o projeto de Nyerere nesse período, portanto, é algo bastante significativo. Enquanto originalmente o movimento esteve vinculada a agrupamentos macondes, estabelecendo, portanto, uma relação identitária vinculada a etnia no final da década de 1950 – o que é evidente uma vez que se observa o próprio nome da *Tanganyika Mozambique Maconde Union* – a influência da TANU fez com que ele se apropriasse cada vez mais de ideias nacionalistas, Pan-africanistas e modernizantes. Tudo indica que a sua iniciativa para renomear o movimento para *Mozambique African National Union* (MANU) está relacionado com esse processo. Ao declarar-se "partido irmão" da TANU e da KANU, a imagem que ele assumia era muito mais ambiciosa do que uma associação maconde poderia reivindicar: seu caráter "moçambicano" e "africano"– e não mais vinculado a uma etnia específica – permitia que a MANU se projetassem nacionalmente, se articulassem junto a PAFMECA, e absorvesse as ideias políticas daquele contexto para legitimar-se como um movimento representativo de Moçambique.[119]

Sob a liderança de Mateus Mmole e seu secretário-geral, Lawrence Millinga, a MANU passou a receber mais membros moçambicanos de outras etnias ou grupos

[116] MARKLE, 2017; BJERK, 2017**;** BJERK, 2015; CROUCH, 1987; NYERERE, 1968.
[117] MARKLE, 2017; BJERK, 2017**;** BJERK, 2015; CROUCH, 1987; NYERERE, 1968.
[118] BURTON, 2019; GRILLI**,** 2015.
[119] FREITAS, 1964-1965; TEMBE, 2013; CAHEN, 1999; BRENNAN [Em vias de publicação].

religiosos moçambicanos, que não os macondes católicos. A presença de macuas muçulmanos vinculados ao escritório da MANU em Zanzibar é algo destacado na historiografia, por exemplo. Ademais, está claro que os seus objetivos – que aparentemente não estavam vinculados a independência moçambicana até 1960 – passaram a ser centrados no combate ao colonialismo português.[120]

Por outro lado, a MANU teve problemas para legitimar-se perante os outros nacionalistas moçambicanos justamente por ter essa associação tão evidente com o ambiente da Tanganica e com a própria TANU. A língua oficial do movimento era, aparentemente, o *swahili*, e suas principais lideranças nem mesmo sabiam falar português – muitas dessas lideranças eram nascidas e educadas na Tanganica, inclusive. Suas formas de mobilização, organização e concepção políticas eram muito mais vinculadas a experiência no colonialismo britânico do que no colonialismo português. E mesmo a formação do movimento e suas atividades até 1961 estavam totalmente submetidas aos incentivos da TANU e da KANU, servindo aos interesses de uma África Oriental que não necessariamente dialogavam com a totalidade das populações moçambicanas – alguns inclusive acusavam o grupo no início da década de 1960 de buscar a independência apenas da província de Cabo Delgado, que seria então anexada à Tanganica. Em um documento de 1961 sem data precisa, Mmole convocava os moçambicanos em Dar es Salaam a se unirem filiando-se a MANU e a TANU, deixando claro a associação dos movimentos.[121] Assim, a MANU era uma organização intimamente vinculada a todo o projeto político promovido por Julius Nyerere.[122]

A chegada de Adelino Gwambe em Dar es Salaam em março de 1961, por outro lado, representava a entrada de um nacionalista moçambicano desvinculado dessas conexões. Formado na Rodésia do Sul sob influência do NDP, os primeiros contatos internacionais da UDENAMO haviam sido justamente com Gana, indicando um possível atrito entre as influências da organização moçambicana e o regime da TANU. Em um primeiro momento, todavia, esse encontro foi amistoso. Oscar Kambona, o responsável dentro do governo da TANU pelos movimentos anticoloniais, possuía origem "moçambicana", e depositava engajamento pessoal ao auxiliar os nacionalistas do país – ele prestou apoio, ofereceu residência, financiamento, e inclusive mediou demandas

[120] BONATE, 2002**;** TEMBE, 2013; CAHEN, 1999.
[121] Document 1, 1961. Anexo e traduzido para o inglês em: TEMBE, Joel das Neves. *Uhuru na Kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archieve.*
[122] TEMBE, 2013.

internas da UDENAMO em sua chegada na cidade. Fanuel Mahluza relata que os primeiros moçambicanos com *status* de refugiados na Tanganica foram os militantes da organização que lá chegaram no início de 1961.[123]

Foi através dessas relações estabelecidas em Dar es Salaam que Adelino Gwambe se credenciou para participar do primeiro encontro da CONCP. Inicialmente, o movimento anticolonial moçambicano convidado para o evento foi a MANU. Os caminhos levados até esse convite não estão claros – os movimentos anticoloniais moçambicanos eram ainda, de modo geral, desconhecidos a partir do exterior; e a Tanganica desfrutava da condição de possuir um governo de transição, com data marcada para tornar-se o primeiro país independente na região, e eventualmente foi o primeiro lugar onde os moçambicanos na Europa olharam em busca de notícias sobre a formação de movimentos anticoloniais. Além disso, o estabelecimento de conexões internacionais por parte da UDENAMO ganhou força apenas a partir do encontro da CONCP, enquanto a MANU já nasceu nas esferas da TANU e da KANU, e provavelmente fosse o único movimento de qual os organizadores do evento possuíam alguma notícia no período.[124]

Assim, em carta enviada no dia 4 de abril, destinadas ao Partido Africano pela Independência (PAI) – posteriormente Partido Africano pela Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC) – um representante da MANU agradece ao convite para participar da CONCP, mas afirma que o movimento estava sem condições financeiras para enviar seus delegados para o Marrocos, e sugere a possibilidade de assistência para a viagem. No mesmo dia, entretanto, Adelino Gwambe também se correspondeu com o PAI, afirmando surpresa por não ter sido convidado, enquanto a MANU foi, mas que acreditava que o fato havia se dado "por que realmente não me conheceram"[125]. Afirma também que agora o convite havia passado para as suas mãos, e que ele acreditava que conseguiria apoio para a passagem devido a seus bons contatos na Tanganica, em especial com Oscar Kambona. Marcum (2018) afirma que a limitação linguística de Mmole, nascido na Tanganica e sem conhecer o português (assim como os outros líderes da MANU) teria o levado a oferecer o convite a Gwambe, com a proposta de que ele representasse os dois movimentos lá.[126]

---

[123] MAHLUZA, Fanuel. Entrevista. [concedida a] Emilio Manhique. **TVM**, Maputo, sem data; BRENNAN, [Em vias de publicação].

[124] MAHLUZA, Fanuel. Entrevista. [concedida a] Emilio Manhique. **TVM**, Maputo, sem data; MARCUM, 2018.

[125] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04608.052.059.

[126] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04608.052.059; Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04608.052.060; LIESEGANG; TEMBE, 2005; CABRITA, 2000;

Portanto, está claro que a chegada em Dar es Salaam ajudou Adelino Gwambe e o Comitê Central da UDENAMO a se projetarem internacionalmente. Para isso eles contaram com o apoio da TANU, e particularmente de Oscar Kambona, que buscava se tornar o epicentro da luta anticolonial na região. A UDENAMO também contou em um primeiro momento com a própria MANU, em um momento onde seus esforços pareciam convergir, e relações de solidariedade se estabeleciam. A partir disso, Adelino Gwambe viajou a Casablanca para participar o encontro da CONCP em 18 de abril de 1961.

1.2. A CONCP E AS CONEXÕES DE CASABLANCA

A escolha da cidade de Casablanca, no Marrocos, para a realização do primeiro encontro da CONCP, em abril de 1961, é bastante simbólica. Após o advento da independência de Gana em 1957, dando início a uma onda de descolonizações na África Subsaariana, já aqui comentada, uma das principais preocupações das novas lideranças do continente foi estabelecer laços, instituições, parcerias e organizações entre os seus diferentes países. O longo período colonial ao qual o continente foi submetido fez com que se criassem fronteiras instáveis e identidades nacionais frágeis, além de um subdesenvolvimento generalizado. A formação de uma comunidade africana capaz de pensar o continente como um todo, mediar conflitos, garantir a fluidez econômica e a soberania nacional de seus integrantes mostrava-se então uma tarefa essencial para os diferentes projetos nacionais desenvolvidos a partir dali.

Assim sendo, já em 1958, utilizando-se da notoriedade que possuía no período, Kwame Nkrumah promoveu em Gana a primeira Conferência dos Estados Africanos Independentes, reunindo todos os países africanos já independentes naquela ocasião. Essa conferência deu origem a uma Comissão Conjunta para a Pesquisa Econômica, com representantes de todos os países presentes, que visava consolidar políticas de desenvolvimento econômicos, trocas comerciais e política industrial, visando alcançar mecanismos de cooperação econômica continentais. Esse ímpeto pela unidade continental fez com que até 1960 iniciativas como a formação de um Conselho Africano de Cooperação Econômica, de um Banco Africano de Desenvolvimento e de um Banco Comercial Africano fossem avaliados pelo crescente número de países independentes do continente. Além disso, a independência da Guiné-Conacry levou a formação de uma União Gana-Guiné em 1958, inspirada na retórica Pan-africanista, e buscando uma

BRENNAN, [Em vias de publicação]**;** MAHLUZA, Fanuel. Entrevista. [concedida a] Emilio Manhique. **TVM**, Maputo, sem data; NDELANA, 2012.

unidade política mais sólida entre os países independentes do continente, para além dos laços econômicos. Em 1960 o Mali passou a fazer parte dessa mesma União, que se propunha a atingir proporções continentais.[127]

Enquanto, por um lado, percebe-se então que a grande maioria das lideranças africanas do período estavam abertas a iniciativas que visavam a integração continental, por outro, nota-se também que as perspectivas quanto a essa integração levaram a formação de grupos e projetos concorrentes entre si a partir de 1960. Questões como a posição perante a Guerra da Argélia e a Crise do Congo, o posicionamento no contexto da Guerra Fria, e a relação que se estabeleceria com as ex-metrópoles e potências ocidentais, além dos próprios projetos de "Unidade" em si mesmos, opuseram os Estados Africanos Independentes, apesar de um desejo comum e generalizado de integração entre todos.

O primeiro desses grupos encontrou-se pela primeira vez em Brazzaville em outubro de 1960, e seus integrantes eram: Congo, Costa do Marfim, Senegal, Mauritânia, Alto Volta (atual Burkina Fasso), Níger, Benin, Chade, Gabão, República Centro-Africana, Camarões e Madagascar. Todos tratavam-se de ex-colônias francesas que, em algum nível, buscavam fortalecer as relações com a França em apoio aos seus próprios projetos de desenvolvimento nacional, mantendo-se sob influência do "Bloco Ocidental", sem declarar um não-alinhamento de maneira coletiva. Esses países adotavam um tom mais moderado quanto a Guerra da Argélia – apesar de proporem-se a negociar uma saída para o conflito – e reconheceram o governo do Congo após o golpe contra Lumumba.[128] Também se opunham ao projeto de unidade política mais radical capitaneado por Nkrumah, e se mostravam mais favoráveis a uma integração econômica e cultural entre os países, no lugar da integração política. Em maio de 1961 esse grupo realizou um novo encontro em Monrovia, agora contando com a participação também de Libéria, Nigéria,

[127] WALLERSTEIN, 1966*;* ADEDEJI, 2010.

[128] A Crise do Congo foi deflagrada em 1960, imediatamente após a independência do chamado "Congo Belga". Isso porque a descolonização aconteceu de maneira apressada no país por parte dos colonizadores, que não estabeleceram estruturas adequadas para a transição do poder, assumido pelo presidente eleito Patrice Lumumba. Ele era um socialista e Pan-africanista, que logo entrou em choque com elites locais tanto por questões étnicas/regionais quanto por questões ideológicas. Uma facção separatista da região do Kinshasa emergiu nesse contexto, contrapondo Lumumba. As divergências do período levaram a tensões duradouras, que tiveram entre seus efeitos o assassinato do presidente em 1961, o início de uma guerra civil entre os lados em conflito, e a ascensão do ditador Mobuto Sese Seko em 1965, que permaneceu no poder até 1997 com o apoio das potências ocidentais. Sobre isso, ver: CASTELLANO, 2012; ROBARGE, 2014; RAY; SCHAAP; METER; WOLF (eds.), 1980; MAHONEY, 1983; GUEVARA, 2005.

Somália, Serra Leoa, Togo, Etiópia e Líbia. Formava-se ali o que ficou conhecido como "Grupo de Monrovia".[129]

Em oposição ao "Grupo de Monrovia", encontraram-se em Casablanca em janeiro de 1961 as lideranças políticas de Gana, Mali, Guiné, Egito, Marrocos, Líbia, e do governo argelino no exílio (*Provisional Government of the Algerian Republic* – PGAR). Esses países condenavam a posição francesa na Guerra da Argélia, e prestavam amplo apoio a guerrilha do FLN. Eles criticavam veementemente a postura ocidental durante a Crise do Congo, e permaneciam reconhecendo o governo de Leopoldville. Eram países que se alinhavam ao "espírito de Bandung" de maneira enfática – declarando o não-alinhamento e propondo uma forte independência política e econômica de seus países em relação às ex-metrópoles e ao capitalismo ocidental como um todo, e se colocavam mais abertos a relação com os países socialistas. Todos os países de Casablanca enviaram representantes ao I Encontro dos Países Não-Alinhados em Belgrado naquele ano, enquanto foram poucos os representantes do "Grupo de Monrovia" lá presentes. Além disso, o "Grupo de Casablanca" também acreditava em uma unidade política mais radical e imediata no continente africano – inspirados por projetos Pan-africanistas e Pan-arabistas que ali se uniam em um grupo comum.[130]

O início da década de 1960 presenciou um choque de projetos entre esses dois grupos – enquanto a PAFMECA ocupava um lugar de neutralidade. Ambos compartilhavam uma postura propositiva quanto ao cenário africano pós-independência e demonstravam ímpeto na construção de uma "Unidade" que levasse ao desenvolvimento mútuo e superação dos problemas comuns do continente. Algumas de suas posições em questões-chave do período, entretanto, faziam com que a construção de um projeto único fosse delicada. É importante perceber que esses grupos não eram homogêneos nem mesmo internamente, e que havia divergências evidentes entre seus membros. Apesar de haver uma divisão geral então entre países "pró-socialistas" e outros "pró-ocidentais", os diversos agentes encontravam-se unidos sobretudo a partir de pontos comuns que eram definitivos naquele cenário, para além de seus projetos que eram muitas vezes concorrentes entre si. É muito simplista, portanto, uma definição dessa realidade que apenas reduza os dois grupos a "bipolaridade" global do período. Asante e Chanaiwa (2010) resumem bem a questão:

[129] LEGUM, 1965; KOODJO; CHANAIWA, 2010; ASANTE; CHANAIWA,2010.
[130] LEGUM, 1965; KOODJO; CHANAIWA, 2010; ASANTE; CHANAIWA,2010; GRILLI**,** 2015.

> Os dirigentes africanos dividiram-se horizontalmente em dois blocos, um deles pró-ocidental e o outro pró-socialista, bem como verticalmente, em revolucionários, progressistas, reacionários, capitalistas, socialistas, tradicionalistas e moderados […] De modo geral, o Grupo de Casablanca era favorável a uma forte união política, inspirando-se nos Estados Unidos da África, conclamados por Nkrumah. Ele reunia aqueles dirigentes africanos militantes do pan-africanismo, do socialismo e do não alinhamento, preconizando uma planificação e um centralizado desenvolvimento econômico, um sistema de defesa e de segurança em esfera continental, além de defender o restabelecimento da honra da cultura africana. O Grupo de Monróvia, por sua vez, era favorável a uma confederação "maleável" de Estados africanos, soberanos e independentes, que favorecesse uma participação e uma cooperação voluntárias no âmbito dos intercâmbios culturais e da interação econômica. Os seus membros eram particularmente inflexíveis no tocante ao respeito pela soberania e à integridade territorial de cada Estado, desconfiando das ambições de certos Estados do Grupo de Casablanca e antevendo uma possível ingerência em seus assuntos internos[131]

Quando entre os dias 18 e 19 de abril de 1961 alguns africanos vinculados a Casa dos Estudantes do Império organizaram em Casablanca o primeiro encontro da CONCP, e lá instalaram seu Secretariado Permanente, eles estavam justamente sinalizando uma inspiração nas ideias associadas aquele contexto. Conforme o relato de Helder Martins sobre o ambiente intelectual desses estudantes, os acontecimentos nos países afro-asiáticos causaram grande impacto entre eles. A independência dos países asiáticos já fora acompanhada com olhos atentos, e o início da guerrilha na Argélia, conduzida pela Frente de Libertação Nacional (FLN), foi de grande impacto:

> "pela primeira vez em solo africano, 'os danados da terra', como lhes chamou Frantz Fanon, mostravam que a autodeterminação e a independência eram direitos inalienáveis e que, quando esses direitos fossem negados pelas potências coloniais, teriam que ser arrancados, se necessário, pela força das armas." **Se os argelinos eram capazes, pro que não nós?**[132]

A experiência argelina representou uma influência fundamental para alguns estudantes da Casa, que assumiam consciência nacionalista durante a década de 1950. Eles olhavam atentamente o andamento da libertação na Ásia e na África, observando suas lutas como uma inspiração:

> Em 1956 há 2 acontecimentos históricos muito importantes para a consagração internacional do período da autodeterminação e, por consequência, da inevitabilidade da descolonização. Um desses acontecimentos foi a nacionalização do Canal do Suez e o outro foi a Conferência de Bandung onde se criou o Movimento dos Não-Alinhados. […] Este grupo de países comprometeu-se a lutar pela Paz e pelo Desarmamento mundiais e, entre outras resoluções, adoptou uma sobre o "direito inalienável dos povos colonizados à

[131] ASANTE; CHANAIWA, 2010, p. 876-877.
[132] MARTINS, 2017, p. 76, destaque no original.

> autodeterminação e à independência". **Para nós, na Casa, isso foi muitíssimo importante.**[133]

Foram então as iniciativas revolucionárias e o "espírito de Bandung" que influenciaram muitos dos moçambicanos que se encontravam na Europa naquele período. A partir das metrópoles, e particularmente de um ambiente intelectual francês ao qual Marcelino dos Santos teve grande acesso, revistas como *Revolution Africaine* e a *Nouvelle Observateur* divulgavam na época os acontecimentos e teorias vindas da África e da Ásia, acompanhavam o desenrolar do conflito na Argélia, e permitiam o acesso a todo o clima intelectual do período.[134] Além disso, na Europa os estudantes puderam estabelecer contato com movimentos progressistas e partidos políticos das potências ocidentais, com países africanos independentes, e com o mundo socialista. Marcelino dos Santos certamente foi o mais proeminente entre esses indivíduos, tendo grande trânsito entre conexões transnacionais socialistas, "terceiro-mundistas" e estudantis.[135]

Ele foi um dos organizadores e principais nomes do primeiro encontro da CONCP, protagonizado também por figuras como Amílcar Cabral e João Cabral, do Partido pela Independência Africana (PAI), da Guiné-Bissau e Cabo Verde; Agostinho Neto, Mario Pinto de Andrade e Viriato Cruz, do Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA); Manuel Pinto da Costa, do Movimento pela Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP); Aquino de Bragança, representando uma delegação de Goa; e Adelino Gwambe, que representou a UDENAMO. Marcelino dos Santos foi escolhido secretário-geral da CONCP na ocasião, em um secretariado permanente estabelecido em Rabat, e na ocasião tornou-se membro do movimento moçambicano lá representado.

O discurso de abertura do evento, do angolano Mário de Andrade, já evidencia em seu princípio a que grupos de ideias a conferência se vincula: "Pressionados pela vontade irreversível dos povos, governos imperialistas tiveram que se adaptar ao crescente acordar dos povos colonizados […] novas formas de opressão, a qual chamamos de neocolonialismo"[136]. E ele continua: "a marcha do progresso universal rapidamente

---

[133] MARTINS, 2017, p. 77-78, destaque no original.

[134] Ao longo da primeira metade do século XX algumas capitais europeias, como Londres e Paris, emergiram como os primeiros *Hubs* de descolonização do contexto aqui estudado. Ao reunir muitos indivíduos vindos de diferentes colônias essas cidades forneceram oportunidade para que eles pudessem conviver, compartilhar experiências, organizar-se e adquirir consciência nacionalista. Foi a partir desses encontros que muitos africanos retornaram às suas terras natais e passaram a organizar iniciativas anti-coloniais. Sobre isso, ver: SANCHES, 2016; ADI, 1998; BOITTIN, 2010; GOEBEL, 2015; MATERA, 2015; BURTON, 2019.

[135] KAISER, 2017.

[136] DE ANDRADE, Mario. *Opening Speach*. In: CHILCOTE, Ronald. **Emerging Nationalism in Portuguese Africa – Documents.** Stanford: Hoover Institution Press, 1972, p. 499, t. n. No original:

permitiu a emergência de nações independentes na África e na Ásia e o surgimento de líderes que estão determinados a liderar os povos pelo caminho da libertação completa de todos os efeitos do imperialismo"[137]. Que líderes eram esses? Certamente aqueles vinculados ao "Grupo de Casablanca". A declaração geral da CONCP manifesta apoio a Declaração Geral dos Direitos Humanos, aos princípios de coexistência proclamados em Bandung, e às resoluções da Conferência dos Povos Africanos e da Conferência de Solidariedade Afro-Asiática. Ainda cita diretamente o encontro do "Grupo de Casablanca" em janeiro do mesmo ano, destacando a proclamação do movimento: "Ímpeto de libertar os territórios africanos ainda sob dominação estrangeira, de dar a eles suporte e assistência"[138]. Além disso, o discurso ainda condena o assassinato de Lumumba, "o herói africano"[139], e o imperialismo no Congo, além de saudar a luta na Argélia e se posicionar em diversas questões do continente conforme a posição assumida pelo "Grupo de Casablanca".[140]

Algumas correspondências de Marcelino dos Santos nos meses subsequentes ao estabelecimento da Conferência – a partir de seu cargo de secretário-geral – reforçam a sua inserção nessas conexões transnacionais. Ele se corresponde com Fidel Castro, saudando o aniversário da Revolução Cubana;[141] Também envia carta a Gamal Nasser por ocasião do aniversário da Revolução Egípcia – reconhecendo sobretudo a projeção internacional egípcia e seu significado para a libertação africana;[142] Cria importantes laços com a Índia de Nehru, onde é realizado um seminário sobre a luta das colônias portuguesas em outubro, e Dos Santos manifesta apoio a invasão indiana[143] sobre Goa,

"Pressured by the irreversible will of the people, imperialist governments have had to adapt themselves to the increase in nation awareness of colonized people. [...] new forms of oppression, which we call neocolonialism".

[137] DE ANDRADE, Mario. *Opening Speach.* In: CHILCOTE, Ronald. **Emerging Nationalism in Portuguese Africa – Documents.** Stanford: Hoover Institution Press, 1972, p. 499, t. n. No original: "the marcho f universal progress had happily permitted the emergence of independent nations in Africa and Asia and the appearance of leaders who are determined to lead the peoples along the road to complete liberation from all after-effects of imperialism".

[138] CONCP. *General Declaration*. In: CHILCOTE, Ronald. **Emerging Nationalism in Portuguese Africa – Documents.** Stanford: Hoover Institution Press, 1972, p. 505, t. n. No original: "will to free African territories still under foreign domination, to give them aid and assistance".

[139] CONCP. *General Declaration*. In: CHILCOTE, Ronald. **Emerging Nationalism in Portuguese Africa – Documents.** Stanford: Hoover Institution Press, 1972, p. 506, t. n. No original: "the hero of Africa".

[140] CONCP. *General Declaration*. In: CHILCOTE, Ronald. **Emerging Nationalism in Portuguese Africa – Documents.** Stanford: Hoover Institution Press, 1972.

[141] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.026.

[142] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.021.

[143] No dia 19 de dezembro de 1961 o governo indiano ocupou as então colônias portuguesas de Goa, Diu e Damião, nacionalizando seus territórios. Esse evento foi simbólico para os militantes anticoloniais de colônias portuguesas na África, uma vez que desafiou a integridade territorial do império português. Sobre isso, ver: NAVARRO, 2011.

Diu e Damião;[144] Participa de encontros com Kwame Nkrumah e com Leopold Sedar Senghor;[145] comparece no Encontro dos Não-Alinhados em Belgrado, e ao encontro do Grupo de Casablanca no Cairo;[146] promove a criação de comitês de solidariedade nos países europeus através de seus movimentos progressistas;[147] sugere o uso de passaportes de Gana, Guiné, Mali, Marrocos, Índia e Indonésia pelos nacionalistas das colônias portuguesas;[148] e participa da distribuição de bolsas de estudos na União Soviética para seus militantes.[149]

A partir da CONCP e do encontro entre Marcelino dos Santos e Adelino Gwambe, portanto, diversas novas possibilidades se apresentavam. A UDENAMO era alçada ali ao posto de primeira organização anticolonial moçambicana com relevância internacional, se beneficiando do acesso as conexões internacionais vinculadas ao "Grupo de Casablanca" e da CONCP.[150] Em um momento em que os angolanos já pegavam em armas contra o regime português[151], essa conferência buscava promover organizações militantes e revolucionárias, e a "Unidade" entre elas era uma palavra de ordem – na ocasião Marcelino dos Santos foi nomeado Secretário das Relações Exteriores do movimento, que passava a contar com seu intelectual mais reconhecido internacionalmente e com maior bagagem política.[152] Gwambe não tardou em se utilizar dessas conexões para estreitar os laços com Gana, país com o qual já havia realizado contatos quando estava na Rodésia do Sul.

---

[144] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04606.047.048; Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 07059.021.008.

[145] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.045; Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04606.046.042; Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.051.

[146] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.031.

[147] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.018.

[148] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.018.

[149] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.018.

[150] Nota-se que, apesar das circunstâncias que levaram Gwambe a Casablanca, a MANU não foi nem citada nos documentos da CONCP. Outras colônias portuguesas possuíam mais de um representante na conferência. Ainda que haja uma liderança daqueles movimentos ligados a CEI, já mencionados, há um total de 10 organizações representadas na Conferência, que tinha, entre seus objetivos, promover a unidade entre eles na luta anticolonial – reproduzindo a retórica de "Unidade" predominante no período. São elas: Comitê de Libertação de São Tomé e Príncipe; *Goan League; Goan Liberation Council; Goan People's Party*; Movimento de Libertação da Guiné e Cabo Verde; Movimento Popular de Libertação de Angola; *National Congress*; Partido Africano de Independência; União Democrática Nacional de Moçambique e União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.016).

[151] Entre fevereiro e março de 1961 tanto o MPLA quanto o FNLA levantaram-se contra o regime colonial português no país. Apesar de haver divergências sobre qual o grupo iniciou o conflito, e qual sua data precisa, está claro que a partir desse período foi deflagrada a guerra anticolonial angolana. Sobre isso, ver: BITENCOURT, 2011.

[152] KAISER, 2017.

1.3. A UDENAMO E O BUREAU OF AFRICAN AFFAIRS

Gana se tornou um símbolo da luta de libertação africana já em 1957, quando Kwame Nkrumah e o *Convention People's Party* (CPP) ascenderam ao poder do país após anos de uma luta anticolonial inspirada na tática de "Ação Positiva"[153], tornando-se o primeiro país da África subsaariana a conquistar independência. Já na época o novo governo colocou-se como baluarte dos movimentos anticoloniais em África: "Nossa independência não tem sentido a menos que esteja ligada à libertação total da África"[154], declarou Nkrumah em seu discurso de independência. O líder ganense inspirou-se em toda a "tradição de Manchester" que lhe era tão cara para convocar lideranças políticas de todo o continente a batalhar por sua independência. Já no período forma-se informalmente o *Bureau of African Affairs* (BAA), sob liderança de George Padmore, um dos mais influentes conselheiros de Nkrumah, que "dirigiu seu próprio escritório com a intenção de apoiar as lutas de libertação da África e fornecer uma orientação da ideologia pan-africana [...]"[155]. O primeiro grande resultado desse esforço se dá em 1958, com a organização da Conferência dos Povos Africanos em Accra, primeiro evento a reunir as lideranças africanas de todo o continente que reivindicavam independência. Lá estiveram figuras de destaque como Patrice Lumumba, do Congo, Tom Mboya, do Kenya, Kenneth Kaunda, da Zâmbia, Holdem Roberto, de Angola, Frantz Fanon, da Martinica (representando uma comissão da Argélia), e Hastings Banda, do Malawi. A partir dali o *status* de Accra como "*Hub* de Descolonização" assume um novo patamar, e representantes de movimentos de descolonização das mais diversas regiões passam a ser acolhidos na cidade. Em 1960 representantes de movimentos anticoloniais de África do Sul, Rodésia do Norte, Rodésia do Sul, Tanganica, Argélia, Camarões, Angola, entre outros, se encontravam em Accra.[156]

---

[153] Inspirado especialmente pela ação anticolonial promovida por Mahatma Gandhi na Índia, Kwame Nkrumah liderou a luta anticolonial não-violenta em Gana promovendo agitação política, campanhas públicas, greves e boicotes, tática que definiu como "Ação Positiva". Reflexões sobre isso estão presente nos seus livros *Ghana: the autobiography of Kwame Nkrumah* (1957) e *Revolucionary Path* (1973). No pós-independência Nkrumah passou a afastar-se gradualmente desse conceito, e seus debates com Frantz Fanon e com a questão argelina de modo geral, bem como sua visão sobre os demais rumos da descolonização africana, foram fundamentais nesse processo. Sobre isso, ver: AHLMAN, 2010.

[154] NKRUMAH, Kwame. "**Ghana is Free Forever"' Kwame Nkruma's speech at independence.** Accra: 6 de Março de 1957, t. n. No original: "Our independence is meaningless unless it is linked up with the total liberation of Africa".

[155] BURTON, 2019, p. 40, t. n. No original: "ran his own office with intention of both supporting African liberation struggles and providing a guiding Pan-African ideology [...]".

[156] GRILLI, 2018; GRILLI**,** 2015; THOMPSON, 2015; AHLMAN, 2011; BURTON, 2019.

Os primeiros anos desse *hub* presenciaram uma mudança profunda nos discursos de Kwame Nkrumah. Inspirado pela luta promovida por Mahatma Gandhi na Índia, ele era um defensor da via não-violenta na independência de Gana em 1957 – a maneira ordenada e pacífica como se deu a descolonização no país deveria servir de exemplo a todo o continente. Uma série de acontecimentos nos anos seguintes, entretanto, o fizeram abandonar essa posição. O aprofundamento da Guerra da Argélia, iniciada em 1954, deixava claros os métodos brutais utilizados pelos exércitos colonialistas; os testes nucleares realizados pela França no deserto do Saara em 1960 geraram pesadas críticas do governante ganense; o massacre de Sharpeville, promovido pelas forças sul-africanas também em 1960, causou grande impacto; a política de De Gaulle para a descolonização da África Francófona a partir de 1958 era interpretada por Nkrumah como uma ação neocolonial, que mantinha a dependência das ex-colônias com a metrópole; e o assassinato de Patrice Lumumba, primeiro presidente do Congo, em 1961, foi apoiado por forças ocidentais e aterrorizou as lideranças africanas. Esse processo levou a uma radicalização do líder Pan-africanista, que passou a apoiar a luta armada como via para a descolonização africana, atacar cada vez mais os perigos do "neocolonialismo" praticado pelas potências capitalistas, aproximar-se dos países socialistas, e tentar articular a unificação imediata de todo o continente africano sob o governo socialista dos "Estados Unidos da África".[157]

No apoio aos movimentos anticoloniais o BAA foi oficialmente criado em 1959, após a morte de Padmore, sendo liderado por Aloysius Barden, um militar favorável a luta armada, que construiu uma extensiva rede de contatos no continente. Ele liderou a criação dos primeiros campos de treinamento militar secretos em Gana em 1961, com apoio militar e de instrutores soviéticos, requisitados por Nkrumah em seu simbólico *tour* pelos países socialistas entre julho e setembro do mesmo ano, onde aprofundou suas relações com países do Leste Europeu e com a própria União Soviética.[158] "Treinamento ideológico era considerado essencial pelos ganenses para conquistar o suporte dos guerrilheiros para a causa Pan-Africana de Nkrumah e para desafiar a influência dos competidores africanos e outras potências estrangeiras e suas ideologias"[159]. Assim, Gana

[157] BINEY, 2011; GRILLI, 2018; GRILLI**,** 2015; AHLMAN, 2011; THOMPSON, 2015; BURTON, 2019.
[158] BINEY, 2011; GRILLI, 2018; GRILLI**,** 2015; AHLMAN, 2011; THOMPSON, 2015; BURTON, 2019.
[159] GRILLI, 2018, p.68, t. n. No original: "Ideological training was considered essential by the Ghanaians to win the support of the freedom fighters for Nkrumah's Pan-African cause and to challenge the influence of African competitors or other foreign powers and their ideologies". O exemplo aqui é importante para perceber os usos da Guerra Fria pelas lideranças africanas. Ao mesmo tempo que Kwame Nkrumah aproximava-se do Bloco Soviético, e inclusive solicitava apoio soviético no projeto de criação de seus

colocou o apoio a movimentos anticoloniais como um dos pilares de sua política externa, buscando tornar-se hegemônico no continente em relação a projetos concorrentes.

Foi nesse contexto que se deram os primeiros contatos da UDENAMO com o BAA. Entre 1960 e 1961 Accra ainda era o *hub* de maior prestígio no continente africano entre os movimentos de libertação, apadrinhando, entre outros, o *National Democratic Party* (NDO), da Rodésia do Sul, o *Pan-Africanist Congress* (PAC), da África do Sul, e o *United National Independence Party* (UNIP), da Zâmbia – possuindo assim grande influência na região sul do continente. Uma vez que a UDENAMO se forma na atmosfera do NDP, Joshua Nkomo logo colocou Adelino Gwambe em contato com Kwame Nkrumah, Aloysius Barden, e outras figuras dessa rede transnacional. O jovem líder moçambicano não tardou em firmar laços com o BAA e a se associar as ideias que por lá transitavam. Segundo relatos, Gwambe frequentava os comícios Nkomo na Rodésia do Sul, e possuía ideias associadas a revolta dos Mau-Mau no Kenya em 1952-1954, ao levante da UPA em Angola em 1961, e as noções de completa negação do multirracialismo do PAC[160], de não-tribalismo, independência completa, pan-africanismo e combate ao neocolonialismo, associadas a Kwame Nkrumah[161] – particularmente, passagens do livro *I Speak of Freedom* teriam sido uma leitura instruída por ele para os demais membros de seu movimento.[162] Dessa forma, a UDENAMO, ou ao menos o grupo

campos de treinamento, ele possuía suas próprias ambições em nível continental. Em 1963 publicou a obra *Conciencism*, onde defende uma via socialista associada ao passado tradicional africano, se diferenciando do modelo clássico marxista soviético. Assim, ainda que muitos dos países não-alinhados tenham adotado o anti-imperialismo como retórica na crítica a ação das potências ocidentais, e assim se aproximado dos soviéticos, isso não representa um completo alinhamento dos mesmos. Ao contrário: os líderes africanos buscaram aproximar-se dos soviéticos, bem como de chineses, iugoslavos, e demais potências, como forma de promover seus próprios projetos nacionais e alavancar os seus próprios objetivos internacionais, se utilizando das rivalidades da Guerra Fria a seu favor. Sobre isso, ver Capítulo 4.

[160] O *Pan African Congress* (PAC) foi uma organização anticolonial que se formou a partir de dissidências internas do *African National Congress* (ANC) que não concordavam, sobretudo, com a sua ideologia multirracial. Enquanto o ANC possuía membros brancos, e uma composição mais flexível, o PAC defendia o protagonismo negro na luta anticolonial, e não aceitava brancos entre seus quadros. Outra questão que separava as duas organizações é que enquanto o ANC foi mais aberto a realização de boicotes, greves, e outras formas de mobilização anticolonial contra o regime do *Apartheid*, o PAC possuía ímpeto mais militarista. Ver: AHLMAN, 2011.

[161] LIESEGANG; TEMBE, 2005; CABRITA, 2000; BRENNAN, [Em vias de publicação]**.**

[162] BRENNAN, **[**Em vias de publicação]. Ainda que não esteja documentado quais passagens de *I Speak of Freedom* (1961) eram utilizadas por Gwambe, é notável que esse era o mais recente livro de Nkrumah publicado naquele momento. Nele, o líder ganense evidencia a transição de seu próprio pensamento político, descrevendo o processo de independência de Gana e, na sequência, discorrendo sobre uma série de projetos e desafios do país tanto no plano interno quanto no plano externo – sempre autorreferenciando seus discursos ao longo do tempo. Questões como o endurecimento do regime do *Apartheid* na África do Sul e o assassinato Patrice Lumumba no Congo ganham destaque por serem ações apoiadas por "forças externas", "colonialistas" e "imperialistas" – demonstrando a existência de um "novo tipo de colonialismo", que poderiam levar ao nascimento de "novas Argélias" no continente. O direito dos países africanos de diversificar sua economia e buscar novos parceiros, para além das ex-metrópoles, também é defendido por Nkurmah nessa obra.

associado ao seu Comitê Executivo, passou a se relacionar com algumas das iniciativas mais radicais do continente naquele período, associadas ao "Grupo de Casablanca", a revolução violenta, a rejeição de uma relação próxima com as ex-colônias, a aversão ao multirracialismo, e a promoção de uma unidade africana associada ao Pan-africanismo de Kwame Nkrumah.

Quando em 1961 as atividades dos movimentos anticoloniais se tornaram mais arriscadas na Rodésia do Sul, foi Joshua Nkomo que aconselhou o movimento a migrar para a Tanganica, que já passava por uma fase de transição em direção a independência, e onde, portanto, o movimento poderia "facilmente estabelecer contactos e beneficiar do apoio do Gana"[163], conforme relata Lopes Tembe. Foi contando com essa rede que se deu a migração do movimento – o presidente do NDP deu dinheiro para ajudar na viagem da UDENAMO, conforme relato de Fanuel Mahluza, e também colocou o movimento em contato com os movimentos nacionalistas da Rodésia do Norte e da Tanganica, conforme o relato biográfico de Lopes Tembe. Ele também descreve a sua passagem junto a outros militantes da UDENAMO pela Rodésia do Norte em direção à Tanganica meses mais tarde em 1961. Eles foram recebidos na sede da UNIP e se encontraram com o próprio Kenneth Kaunda, presidente do movimento e mais uma figura-chave associada as conexões transnacionais de Accra. Ele reiterou apoio a causa da UDENAMO, deu-lhes algum dinheiro e uma carta de apresentação à TANU, além de instruir um membro da UNIP para acompanhá-los até a fronteira com a Tanganica. Foi também na Rodésia do Norte, em seu rumo a Tanganica, que Adelino Gwambe deu sua primeira entrevista de repercussão internacional – para o *Lusaka African Mail* – se aproveitando do apoio na região para alavancar o nome da UDENAMO internacionalmente.[164]

Uma vez que após chegar em Dar es Salaam, a partir de abril de 1961, Gwambe ascendeu à posição de representante oficial de um movimento anticolonial moçambicano em uma organização como a CONCP, vinculada ao "Grupo de Casablanca", o BAA não tardou em buscar estreitar esses laços com ele. Influenciar movimentos anticoloniais e conduzir o processo de libertação e unidade africana eram fundamentais na estratégia de Kwame Nkrumah, e a UDENAMO surgia dentro de seu espaço de influência, apesar de localizar seus escritórios na rival Dar es Salaam. Assim sendo, já em junho Adelino Gwambe e Fanuel Mahluza embarcavam para Accra, após receber convite e

[163] NDELANA, 2012, p. 42.
[164] NDELANA, 2012; MARCUM, 2018; MAHLUZA, Fanuel. Entrevista. [concedida a] Emilio Manhique. **TVM**, Maputo, sem data.

financiamento para a viagem vindos do próprio *Bureau*. A partir de então, eles passaram a se vincular cada vez mais as suas conexões transnacionais.[165]

1.4. EDUARDO MONDLANE E OS ESTADOS UNIDOS

Enquanto esses encontros e conexões entre os moçambicanos aconteciam, Eduardo Mondlane realizava sua primeira viagem em 10 anos à Moçambique. Sob tutela da ONU, essa visita iniciada em fevereiro de 1961 significou uma virada em sua atitude quanto ao colonialismo. A situação encontrada por Mondlane na ocasião lhe causou impressões muito negativas. O analfabetismo de 99% da população; as enormes barreiras para o progresso das populações africanas; a falta de acesso à educação básica; a falta de reformas econômicas, que impunham uma condição de subserviência; a repressão política; entre outras injustiças observadas por ele, foram fatores que influenciaram o início de sua descrença no regime.[166] Em seu relatório sigiloso da viagem, "*Present Conditions in Mozambique*"[167], entregue a ONU, Mondlane fez duras críticas ao regime português. A partir dali, passou a buscar meios para combater o colonialismo em seu país.

As conexões ligadas as igrejas protestantes, com às quais ele possuía laços estreitos desde seus tempos em Moçambique, lhe garantiram ao longo do tempo acesso a alguns altos setores dos EUA.[168] Foi a esses contatos que ele recorreu primeiramente em sua empreitada. Isso se dava em um contexto em que o então presidente da superpotência, John F. Kennedy, adotava uma postura crítica quanto ao colonialismo, e procurava melhorar a imagem americana em África. Ele já era envolvido com a política dos EUA no continente pelo menos desde 1956, e prometia que não iria mais se abster quanto a questão colonial quando chegasse à presidência. Crítico das políticas de seu predecessor, Eisenhower, Kennedy observava que a postura norte-americana quanto ao continente era falha, se opondo a sua libertação e desenvolvimento, de modo a deixar o campo aberto à influência soviética e dificultar a posição do país na Guerra Fria. Quando eleito, em 1960, e antes mesmo de assumir o cargo de presidente, ele enviou seu irmão e conselheiro,

---

[165] MARCUM, 2018.

[166] FARIS, 2014; DE JESUS, 2016; MANGHEZI, 2019; MARCUM**,** 2018.

[167] MONDLANE. **Present Conditions in Mozambique.** 1961. Arquivo *Mozambique History Net.*

[168] Foi através das conexões protestantes que Eduardo Mondlane conseguiu circular entre outras conexões transnacionais ao longo do tempo. – Por exemplo: ele acessou o meio acadêmico a partir do apoio de missionários na aquisição de bolsas de estudos, aproximou-se de lideranças pelos direitos civis nos EUA associadas a religiosidade, e teve apoio dessas conexões em seus caminhos até a ONU. Também construiu conexões importantes na Europa Ocidental ligadas ao protestantismo, que posteriormente foram úteis à FRELIMO em suas atividades internacionais. Sobre isso, ver: FARIS, 2014; MANGHEZI, 2019; MARCUM**,** 2018; e o Capítulo 3.

Robert Kennedy, para acompanhar uma comitiva de senadores democratas no continente africano. A partir daí uma nova política americana para a região começou a ser traçada.[169]

Chegando na presidência, em 20 de janeiro de 1961, Kennedy passou a se cercar de indivíduos alinhados a sua posição quanto ao continente, que logo constituíram um setor "Africanista" no governo. Robert Kennedy foi nomeado Procurador Geral da República; Adlai Stevenson tornou-se Embaixador Americano nas Nações Unidas; Chester Bowles recebeu o cargo de Subsecretário de Estado para a política externa; McGeorge Bundy tornou-se consultor do presidente para segurança nacional; Averall Harriman, Subsecretário de Estado para Assuntos Políticos; enquanto Mennen Williams foi nomeado como Secretário de Estado Adjunto para Assuntos Africanos por Kennedy, junto com seu assessor Wayne Fredericks. Eles logo montaram um órgão consultivo não-governamental com ampla gama de perspectivas acadêmicas e financeiras para ditar suas políticas africanas. A opinião dominante nesse grupo era de que os Estados Unidos deveriam atuar no sentido de promover o desenvolvimento e a autodeterminação africana, de modo a integrar o continente no sistema capitalista e evitar a influência comunista em seus países.[170]

A partir de então os EUA tornaram-se mais presentes em África, e particularmente nos países da PAFMECA, que se mostravam terrenos férteis a influência americana. O primeiro grupo do *Peace Corps*[171] foi enviado a Tanganica em 1961 como forma de conter a influência soviética na região, e oferecer uma guarida ao serviço de inteligência americano no país. O *African American Institute*[172] também se instalou na Tanganica em 1961, um instituto não-governamental que recebia fundos de fundações privadas como a

[169] JESUS, 2016; MARCUM, 2018. SCHNEIDMAN, 2005; MAHONEY, 1983; PARROT, 2016.
[170] JESUS, 2016; SCHNEIDMAN, 2005; PARROT, 2016.
[171] Os *Peace Corps* foi um programa criado durante o governo de John Kennedy que tinha por objetivo o envio de engenheiro, agrônomos, e técnicos ocidentais aos países do "Terceiro Mundo" na promoção de seu desenvolvimento e modernização. Ao longo da década de 1960 os seus colaboradores foram muitas vezes associados às atividades de inteligência norte-americanas, levantando suspeitas nas autoridades africanas por suas ações "subversivas". Sobre isso, ver: MAHONEY, 1983; STEPHENS, 2011; PARROT, 2016; WILLIAMS, 2017.
[172] O *African-American Institute* foi criado em 1953 por acadêmicos afro-americanos Horace Mann Bond e William Leo Hansberry. Seu objetivo inicial era oferecer oportunidades de ensino aos afro-americanos e acolher estudantes africanos nos Estados Unidos, lhes proporcionando acesso a posições de liderança na sociedade durante um contexto de luta por direitos civis nos EUA e por independências no mundo africano. Ao longo dos anos sua atuação passou a ser cada vez mais associada ao Departamento de Estado dos Estados Unidos, uma vez que ela recebia financiamento e suporte político para uma atuação internacionalizada no contexto da Guerra Fria. Reflexo disso são suas ações em países de África, Ásia e América Latina, como na Tanganica, onde possuía um grande centro de ensino durante a década de 1960. As lideranças do *African-American Institute* fazem parte da rede de contatos acadêmicos acessados por Eduardo Mondlane durante seus tempos nos Estados Unidos. Sobre isso, ver: STEPHENS, 2011; TARRADELLAS, 2022; WILLIAMS, 2017; e o Capítulo 3.

Fundação Ford, a *Carnegie Corporation* e o *Rockfeller Borthers Fund*, todas possuíam laços com a *Central Intelligence Agency* (CIA).[173] Eles promoviam a imagem dos EUA como a de um país que havia também se livrado das amarras coloniais, e que agora estaria disposto a apoiar a descolonização e o desenvolvimento dos países africanos. Na batalha da Guerra Fria, Kennedy não queria deixar o domínio da causa anticolonial em mãos soviéticas.[174]

O colonialismo português, que contava até então com o apoio das potências ocidentais para manter-se em vigor, logo se viu ameaçado pelas políticas de Kennedy. Ainda em março de 1961, nos primeiros meses do governo – que coincidia com o despertar da guerra em Angola – o embaixador americano em Lisboa foi instruído a informar Salazar que ele não deveria esperar apoio quanto as questões coloniais no próximo encontro do Conselho de Segurança da ONU. A partir dali várias iniciativas americanas foram realizadas buscando demover Salazar do regime colonial.[175] Kennedy autorizou o lançamento de um programa de bolsas de estudo para os estudantes em fuga das colônias portuguesas associado a *Lincoln University*, projeto que teve o próprio Mondlane como um de colaboradores. Enquanto isso o líder do *African American Students Foundation*, Frank Monteiro, tornou-se um visitante regular em Dar es Salaam, despertando suspeitas das autoridades portuguesas por realizar atividades "subversivas". Os EUA ainda ofereceram ajuda humanitária a refugiados angolanos no Congo, e passaram a apoiar extraoficialmente alguns movimentos anticoloniais das colônias portuguesas. Nomeadamente, Holdem Roberto, presidente da Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), desenvolveu laços estreitos com o governo Kennedy.[176]

Foi então a esse contexto que Eduardo Mondlane buscou se conectar a partir de seu retorno aos EUA depois da impactante viagem a Moçambique. Suas conexões transnacionais no país já incluíam na altura indivíduos influentes no governo, como John

[173] Sobre a relação entre as fundações e a política da Guerra Fria, ver Capítulo 3.
[174] SCHNEIDMAN, 2005; MAHONEY, 1983; PARROT, 2016.
[175] Entre os meses finais de 1961 e o princípio de 1962 uma série de ideias para conter o colonialismo português foram lançados por agentes políticos norte-americanos. Paul Sakwa, funcionário da CIA, sugeria uma independência em oito anos para Angola e Moçambique, para a qual os EUA poderiam oferecer uma compensação financeira ao governo português por meio da OTAN; Já Chester Bowles sugeria no primeiro semestre de 1962 que um plano de independência em cinco anos deveria ser levado adiante, no qual os EUA e os países associados a OTAN poderiam promover a modernização da economia portuguesa como compensação. Além deles, ao longo dos anos uma série de iniciativas dos EUA buscaram demover Salazar de sua política colonial. Sobre isso, ver: SCHNEIDMAN, 2005; JESUS, 2016; e o Capítulo 3.
[176] JESUS, 2016; MARCUM, 2018. SCHNEIDMAN, 2005; MAHONEY, 1983; PARROT, 2016.

Marcum e George Hauser, lideranças do *American Comittee on Africa*[177] (ACOA), que colaborava diretamente com os "Africanistas" do governo Kennedy;[178] empresários influentes no meio político com quem possuía relações próximas, como Fritz Rarig e Arthur Haughton Jr.;[179] além de indivíduos do próprio regime, como Mennen Willians, Chester Bowles, e, particularmente, Wayne Fredericks, de quem era amigo pessoal e a quem recorreu como seu principal contato nos altos setores do país.[180]

Em documento oficial dos EUA, produzido após o retorno de Mondlane de Moçambique, datado do dia 16 de maio de 1961, as preocupações trazidas pelo moçambicano ao governo da superpotência são detalhadas – havia "um crescente ressentimento entre a população africana, assim como um crescente desejo por liberdade, e o sentimento nacionalista estava em muita evidência"[181]. Segundo o relatório norte-americano, "o sr. Mondlane disse que as condições em Moçambique eram muito ruins, e que reformas eram necessárias urgentemente"[182] – "Entretanto, a situação avançou tão mal, que qualquer reforma que o Governo Português tentar fazer provavelmente seria muito pequena e muito tardia".[183] Assim sendo, Mondlane já havia se convencido da necessidade de buscar uma solução para a situação "para evitar o trágico derramamento de sangue de Angola"[184]. Naquela altura, entretanto, ele já manifestava que a violência dificilmente seria evitada, visto "a atitude intransigente dos portugueses"[185]. O texto é concluído pontuando a nova posição do Moçambicano: "O próprio Mondlane parecia

[177] O *American Committee on Africa* (ACOA) nasceu em 1952 com o objetivo de fundir a luta pelos direitos-civis nos EUA com o movimento anti-*apartheid.* Ao longo da década de 1950 ele expandiu seu alcance, passando a apoiar também as causas anti-coloniais africanas como um todo. Sua abrangência ao longo do tempo fez com que o ACOA estabelecesse relações com lideranças do calibre de Julius Nyerere e Kwame Nkrumah, entre outros. Seu principal idealizador foi o protestante George Houser, com quem Mondlane possuía relações próximas; o acadêmico John Marcum também esteve entre seus principais colaboradores – outro amigo pessoal de Mondlane. Sobre isso, ver: MARCUM, 2018; HOUSER, 1989; COLLINS, 2020; PARROT, 2016; e o Capítulo 3.

[178] MARCUM, 2018; HOUSER, 1989; COLLINS, 2020; SCHNEIDMAN, 2005; PARROT, 2016.

[179] STEPHENS, 2011; MARCUM, 2018.

[180] JESUS, 2016; MARCUM, 2018. SCHNEIDMAN, 2005; PARROT, 2016.

[181] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Memorandum of Conversation.* 5 de junho de 1961. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "increasing resentment among the African population as well as a desire for great freedom, and that nationalist sentimento was much in evidence".

[182] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Memorandum of Conversation.* 5 de junho de 1961. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Mr. Mondlane said that conditions in Mozambique were very bad and that reforms were urgently necessary".

[183] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Memorandum of Conversation.* 5 de junho de 1961. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Nevertheless, the situation had progressed so far that any reforms that the Portuguese Government was willing to make would probably be too little and too late".

[184] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Memorandum of Conversation.* 5 de junho de 1961. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "in order to avoid the tragic bloodshad of Angola".

[185] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Memorandum of Conversation.* 5 de junho de 1961. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "the intransigente atitude of the Portuguese".

estar buscando apoio ativo dos EUA (1) a fim de achar uma posição fora da ONU para si mesmo, o que lhe permitiria exercer atividades nacionalistas; (2) em fundos para bolsas de formação educacional; e (3) em fundos para auxiliar na formação e operação de uma organização nacionalista"[186].

A partir de então ele passou a contar com o apoio desses agentes em seus esforços em relação a Moçambique. Seus objetivos foram atendidos pelas autoridades da superpotência em colaboração com membros da sociedade civil ligados a Mondlane. Ao longo de 1961, por exemplo, o programa de bolsas de estudos vinculado a *Lincoln University* foi lançado, oferecendo bolsas de estudos aos moçambicanos e alunos de outras colônias portuguesas;[187] já em janeiro de 1962 ele próprio ascendia ao posto de professor na *Syracuse University*, onde poderia atuar com mais liberdade política, conforme o desejo expresso. Além disso, contou com o apoio ativo dessas conexões durante o processo de constituição da FRELIMO em 1962.[188]

Com isso, entre 1961 e 1962 Eduardo Mondlane começou a agir no sentido de viabilizar seu retorno à África, onde planejava liderar a criação de uma organização anticolonial, promovendo a "Unidade" entre os moçambicanos. Um dos vínculos que ele construiu no período foi com os estudantes de seu país, dado toda a sua relação com a questão educacional e acadêmica. Segundo relato de Joaquim Chissano, ele chegou a participar ativamente da fuga dos estudantes de Lisboa em direção à França em junho de 1961:

> Para fugir de Portugal nós tivemos o suporte de organizações não-governamentais, como era o caso da CIMADE, mas haviam outras organizações que possuíam contato com o presidente Eduardo Mondlane, como era o caso do *Swiss Ecumenical Council*, e também haviam organizações americanas com as quais o presidente Mondlane possuía relações, como a *American Comission for Africa*, por exemplo.[189]

[186] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Memorandum of Conversation*. 5 de junho de 1961. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Mondlane himself seemed to be seeking active support of the U.S. (1) in order to locate a non-UN position for himself, which would permit him to carry on nationalist activities; (2) in funds for scholarships for educational training; and (3) in funds to assist in forming and operating a nationalist organization".
[187] SCHNEIDMAN, 2005; MAHONEY, 1983; PARROT, 2016.
[188] JESUS, 2016; MARCUM, 2018; PARROT, 2016; FARIS, 2014; DE JESUS, 2016; MANGHEZI, 2019.
[189] CHISSANO, 2014 *apud* KAISER, 2017, p. 41, t. n. No original: "to flee from Portugal, we had the support from non-governmental organisations, as was the case with CIMADE, but there were other organisations that had contact with President Eduardo Mondlane, as was the case with the Swiss Ecumenical Council, and there were also American organisations to which President Mondlane was related, the American Commission for Africa, for example".

Ainda que não tenhamos outras referências que corroborem a participação de Mondlane nesse processo, é notável que ele compartilhava conexões com esses estudantes – tanto pelo diálogo com missionários protestantes, quanto pela relação com agentes anticoloniais americanos. Ademais, mais tarde em 1961 Mondlane realizou uma viagem à Europa e se encontrou com eles. Tanto Chissano quanto Mocumbi pontuam que a partir desse encontro eles passaram a colaborar com o projeto de Mondlane de construir a "Unidade" entre os moçambicanos em combate ao colonialismo. Esses mesmos estudantes também não tardaram em se comunicar com Marcelino dos Santos, promovendo um elo entre os caminhos do secretário-geral da CONCP com o professor da *Syracuse University.*[190]

Ao longo de 1961, portanto, Eduardo Mondlane recorria aos seus próprios meios para contestar o colonialismo português, mobilizando suas conexões transnacionais vinculadas a ONU, às missões protestantes, ao meio acadêmico, a iniciativas privadas e ao Departamento de Estado dos EUA. Com isso, mobilizava seus contatos no sentido de aumentar o criticismo internacional ao colonialismo português, monitorar e guiar os estudantes moçambicanos espalhados pelo mundo, e buscar apoio para retornar ao continente africano, onde planejava criar um movimento anticolonial.[191]

Dito isso, nota-se que os moçambicanos percorriam caminhos muito diversos ao longo de 1961 em suas rotas transnacionais, mas de alguma forma começavam a se aproximar. Na Tanganica, a MANU se associava cada vez mais às ideias de seu país anfitrião e a região da África Oriental em busca de auxilio para se tornar representante da causa anticolonial em Moçambique; No Marrocos, Marcelino dos Santos e o grupo ligado a Casa dos Estudantes do Império se associavam a todo o "Espírito de Bandung", ao "Grupo de Casablanca", aos países socialistas e a todo um ambiente de "Terceiro Mundo" no combate ao colonialismo português; Também associado a isso, em Gana Adelino Gwambe representava o Comitê Executivo da UDENAMO em busca de suporte para projetar-se cada vez mais como primeiro movimento moçambicano reconhecido internacionalmente. Enquanto isso, Eduardo Mondlane atuava a partir dos EUA para mobilizar suas conexões transnacionais antes de partir, ele próprio, para o continente africano e levar adiante suas ambições anticoloniais. O encontro de trajetórias tão distintas levou a fundação da Frente de Libertação de Moçambique em 1962 – ela só foi possível,

[190] CHISSANO, 2010; MOCUMBI, 2012; MARCUM, 2018.
[191] JESUS, 2016; MARCUM, 2018; PARROT, 2016; FARIS, 2014; DE JESUS, 2016; MANGHEZI, 2019.

todavia, depois de um choque de ideias que se mostrou corrosivo à “Unidade” pregada pelos agentes em questão.

2. O NASCIMENTO DA FRELIMO E OS CAMINHOS DA "UNIDADE"

Entre os dias 23 e 28 de setembro de 1962 na cidade de Dar es Salaam, capital da então Tanganica, a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) se reunia pela primeira vez desde sua fundação. Agrupando as variadas perspectivas anticoloniais dispersas até então, ela proclamava em seu 1° Congresso "a união de todos os Moçambicanos sem qualquer descriminação de origem étnica, de condição de fortuna, de confissão religiosa ou filosófica, nem de sexo na luta por todos os meios para a liquidação imediata e completa do colonialismo português e para a conquista da Independência Nacional"[192]. Com isso, buscava legitimar-se como um ponto convergente capaz de unificar todos os moçambicanos em busca do objetivo comum de combater o colonialismo português.

A inspiração em seu país anfitrião era evidente na ocasião. O discurso de abertura do evento foi realizado por Rashidi Kawawa, primeiro-ministro da Tanganica. Ele pontuava em sua fala os estreitos laços históricos entre seu partido político, a *Tanganyika African National Union* (TANU), com os imigrantes moçambicanos que habitavam o país e que agora compunham os quadros do nascente movimento anticolonial:

> Venho cá hoje para assistir ao vosso primeiro congresso. Este facto sensibiliza-me imensamente, e por isso gostaria de falar-vos de uma só coisa: da UNIDADE. Tendes estado em Tanganyika nos últimos oito anos, quando o povo deste país procurava libertar este território. Durante o desenrolar dos acontecimentos tivestes a oportunidade de observar, com os vossos próprios olhos, que havia uma íntima cooperação entre todos os tanganyikenses. Mais ainda, muitos de vós foram membros da TANU, e ajudaram bastante a libertar este país; por isso tanto posso considerar-vos moçambicanos como tanganyikenses. Hoje o povo da Tanganyika não pode esquecer-vos na vossa luta pela Independência de Moçambique. A África é para os africanos. [...] deveríamos compreender que os imperialistas e colonialistas são ainda fortes e estão decididos a impedir a realização de nossa unidade em África. Deveremos, portanto, juntos, trabalhar arduamente com o propósito de tornarmos a unidade africana forte, como o povo da Tanganyika o fez na sua caminhada para a vitória. A UNIDADE é uma lição que todo o Estado africano deveria aprender, e satisfazer ao mesmo tempo os seus requisitos.[193]

A independência da Tanganica foi declarada no dia 9 de dezembro de 1961 sob a liderança da TANU e de seu presidente, Julius Nyerere.[194] Kawawa agora exaltava o

[192] *Declaração Geral*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 22.
[193] *Discurso proferido por sua excelência senhor Rashidi Kawawa primeiro ministro da Tanganyika*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 6-7.
[194] Sobre o contexto político da Tanganica e sua relação com os moçambicanos, ver Capítulo 1.1.

sucesso dessa conquista como um exemplo para os moçambicanos reunidos em Dar es Salaam, ressaltando as suas relações históricas com o país que os acolhia. Em uma época na qual a questão da Unidade Africana estava em voga no continente, a Tanganica se apresentava como a grande fiadora da união entre os moçambicanos que era ali anunciada. Sua retórica retumbava no discurso que se seguiu ao dele, proferido por Óscar Kambona, então ministro dos negócios estrangeiros e da defesa nacional no país: "muitos de vós se encontravam aqui na Tanganyika há já uns oito anos atrás. E tiveram a oportunidade de verificar que nós, tanganyikenses, estávamos já nessa altura unidos. E que foi dessa maneira que chegamos ao fim em vista: a Independência"[195].

Posto isso, é clara a associação existente entre a FRELIMO e a TANU nesse contexto. Eduardo Mondlane, que na ocasião assumia a presidência da Frente, prestava em seu discurso "sinceros agradecimentos pelo auxílio que o governo da Tanganyika nos tem prestado"[196]. Mais relevante que isso é seu apelo "a organização da África Oriental, a PAFMECSA, que compreende partidos políticos de vários países, tem, como sabeis, a sua sede em Dar es Salaam. Ora, os seus trabalhos são mais do que uma parte do nosso esforço geral no sentido de libertação da África"[197]. A PAFMECSA era uma organização regional liderada justamente pela TANU, que buscava promover as independências e a "Unidade" no continente a partir de uma visão de mundo muito especificamente relacionada a Julius Nyerere.[198] Em suas resoluções, o 1° Congresso da FRELIMO solicita "adesão à PAFMECSA"[199], explicitando sua reverência ao seu país anfitrião e forjando laços com conexões transnacionais que passavam por lá.

Essas não eram, todavia, as únicas conexões transnacionais que transpareciam nos documentos produzidos pela Frente. Ela buscava, na verdade, se apresentar como um movimento anticolonial associado a todo o "espírito de Bandung" e às lutas anticoloniais pelo mundo. A Conferência dos Povos Africanos e a Conferência de Solidariedade Afro-Asiática eram expressões desse momento internacional, e a FRELIMO não tardou em

---

[195] *Discurso proferido por sua excelência senhor Oscar Kambona Ministro dos Negócios Estrangeiros e da defesa nacional do governo da Tanganyika*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 9.

[196] *Discurso proferido pelo Dr. Eduardo Mondlane, presidente da FRELIMO*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 19.

[197] *Discurso proferido pelo Dr. Eduardo Mondlane, presidente da FRELIMO*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 18.

[198] Sobre a PAFMECA e sua relação inicial com a luta anticolonial em Moçambique, ver Capítulo 1.1.

[199] *Mensagem ao PAFMECSA*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 37.

buscar vínculo com essas organizações. Em sua declaração geral, ela manifesta "a sua adesão integral à Declaração Universal dos Direitos do Homem e aos princípios de coexistência proclamados pela conferência de Bandung; CONFIRMA as declarações e resoluções adoptadas pela Conferência dos Povos Africanos e pela Conferência de Solidariedade Afro-Asiática"[200], deixando claros seus diálogos com todo esse "espírito".

Ademais, a Frente buscava se vincular com determinadas lutas anticoloniais pelo continente através de seus discursos. Ela condena as "potências colonialistas"[201] pela sua busca em "manter o essencial de seus poderes econômico e militar em África"[202] e pelos seus métodos, entre os quais "o assassinato de covarde de dirigentes, como sucedeu com Patrice Lumumba, herói africano"[203]. Ainda, "CONDENA a política do Governo Sul-Africano no Sudoeste Africano;[204] CONDENA a política retrograda das autoridades da Rodésia do Sul, protesta contra a proibição da ZAPU [...];[205] DENUNCIA, condena e exige a dissolução da Federação da Rodésia e Nyasaland;[206]"[207]. Através dessa associação a FRELIMO buscava legitimar-se internacionalmente, relacionando sua própria luta a essas causas, e demonstrando sua solidariedade com questões sensíveis às lideranças africanas e de "Terceiro Mundo".

Nesse sentido, é ainda mais significativa a sinalização realizada à Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas (CONCP). Esse órgão, que atuava

---

[200] *Declaração Geral*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 24.
[201] *Declaração Geral*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 25.
[202] *Declaração Geral*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 25.
[203] *Declaração Geral*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 25. Sobre a questão do Congo, ver nota de rodapé 119.
[204] A questão do *Apartheid* na África do Sul e seu domínio sobre a região do sudoeste africano hoje chamada de Namíbia foi uma das pautas africanas de maior repercussão internacional ao longo da década de 1960. A importância geopolítica sul-africana ajuda a explicar isso, bem como a própria brutalidade de seu regime. A FRELIMO percebia a delicadeza desse assunto – que mobilizava comitês de solidariedade em países ocidentais, lideranças socialistas e políticos de países africanos independentes – tendo se associado a essa causa de maneira decisiva ao longo do tempo. Sobre isso, ver: MANGHEZI, 2009; ONSLOW (ed.), 2009.
[205] Sobre a questão da Rodésia do Sul e a proibição da ZAPU, ver nota de rodapé 76.
[206] A região sul do continente africano foi a última de onde o colonialismo britânico se retirou no início da década de 1960, e esse processo foi recheado de polêmicas. Até 1962 as colônias da Niasilândia, Rodésia do Norte e Rodésia do Sul eram administradas conjuntamente na Federação da Rodésia e da Niasilândia. Em um momento em que as pressões pela descolonização cresciam pelo mundo, o regime britânico decidiu desfazer essa federação, dando *status* autônomo primeiramente a Niasilândia em 1962, que assumiu o nome de Malawi; e depois a Rodésia do Norte em 1964, que se tornou a Zâmbia. Esse processo era visto por muitos agentes africanos como uma forma de postergar a descolonização da região e dar mais poder a determinadas elites locais, vide o que aconteceu na Rodésia do Sul, onde uma declaração unilateral de independência foi declarada em 1965 postergando um regime de minorias brancas no país. Sobre isso, ver: notas de rodapé 76 e 476; BIRMIGHAM, 1995.
[207] *Declaração Geral*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 25-26.

com representações em vários países africanos independentes, coordenava e promovia a cooperação entre os movimentos anticoloniais das colônias portuguesas.[208] Seu secretário-geral era o moçambicano Marcelino dos Santos, que ascendia como secretário das relações exteriores da FRELIMO no 1° Congresso. Ele discursava na ocasião exaltando a importância dessa organização e o simbolismo de sua luta:

> Nesse momento, os nossos irmãos angolanos e guineenses lutam contra o colonialismo português com armas nas mãos. E nas ilhas de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, a luta continua a desenvolver-se no plano político. Os nossos irmãos das outras colônias portuguesas estão certos de que os moçambicanos saberão como intensificar a sua luta para se livrar dos opressores de uma vez para sempre. Não há dúvida alguma, que, UNIDOS, os povos dos nossos países poderão mais rápida e facilmente liquidar o nosso inimigo comum, o colonialismo português. Porque, como todos sabem, a UNIÃO é uma arma fundamental, e nós devemos possuí-la e consolidá-la em cada momento.[209]

Ao pontuar o inimigo português em comum e a "Unidade" necessária para enfrentá-lo, Marcelino dos Santos fortalecia os laços entre a FRELIMO e os demais movimentos anticoloniais que compunham a CONCP, pontuando esses como os seus principais aliados em uma luta que era compartilhada. Os apelos internacionais moçambicanos a partir daí estiveram em franca associação também com as lutas nesses países. Mais que isso, Dos Santos ressaltava os angolanos e guineenses que combatiam o colonialismo "com armas na mão". Assim, abria espaço de diálogo com uma via-armada revolucionária que não estava declarada pela Frente em seus documentos oficiais, mas que compunha seu quadro de possibilidades. Isso é perceptível também nos estatutos produzidos durante o evento, redigidos justamente por Marcelino, que organizavam as estruturas da FRELIMO a partir do modelo partidário marxista de centralismo-democrático.[210] Assim, apesar de não se declarar oficialmente parte de uma vanguarda socialista revolucionária, percebe-se que o movimento anticolonial moçambicano possuía

[208] Sobre o advento da CONCP e suas conexões transnacionais, ver Capítulo 1.2.

[209] *Discurso proferido por Marcelino dos Santos, secretário-geral da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas (CONCP), e Secretário das Relações Exteriores da FRELIMO*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 12.

[210] Centralismo Democrático é um modo de organização política marxista-leninista inspirado especialmente no discurso "Que fazer?" (1902), de Vladmir Lênin. Seu biografo, Tomás Krausz (2017), define o conceito: "democracia ao tomar a decisão e unidade ao implementá-las" (KRAUSZ, 2017, p. 163). Um partido comunista deveria, portanto, ser democrático em suas críticas e debates internos, possibilitando a discussão sobre temas sensíveis. Após uma decisão de ação ser tomada, entretanto, todos deveriam estar submetidos a direção central, agindo em uma unidade centralizada, e sem fraturas internas. Ver: KRAUSZ, 2017; LÊNIN, 2010; LÊNIN, 2019; LÊNIN**,** 2020.

essas referências em seu interior, mostrando afinidade também com o "Grupo de Casablanca"[211],

Assim sendo, o 1° Congresso pode ser observado pelo universo de alternativas transnacionais com as quais ele estabelecia conexões. A TANU, A PAFMECSA, a Conferência dos Povos Africanos, A Solidariedade Afro-Asiática, a CONCP, o "Grupo de Casablanca", as lutas anticoloniais espalhadas pelo continente e as teorias socialistas eram expressões de uma diversidade de visões de mundo. Ao constituir-se enquanto uma Frente que promovia a unidade de seu povo independente de "origem étnica, de condição de fortuna, de confissão religiosa ou filosófica, nem de sexo", o movimento anticolonial moçambicano acomodava as múltiplas tendências, trajetórias, e ideologias trazidas por seus membros. Com isso, reunia em seu interior alternativas internacionais divergentes e ideias políticas de lugares muito distantes. Uma ausência, entretanto, chama atenção nos documentos produzidos no evento – as conexões associadas a Gana e ao *Bureau of African Affairs* (BAA) perdiam espaço perante as demais referências mencionadas.[212] A compreensão dessas escolhas passa por um estudo sobre o processo de constituição da FRELIMO.

2.1. ENTRE ACCRA E DAR ES SALAAM

O conceito de "Unidade" é chave na compreensão do ambiente político africano no início da década de 1960. O brutal domínio colonial que assolava o continente apenas foi possível porque os europeus foram hábeis em se aproveitar das rivalidades locais, criar fronteiras imaginárias, conquistar apoiadores entre os povos dominados, e promover fissuras sociais profundas. A luta anticolonial coletiva que ganhou impulso a partir da Conferência de Bandung percebia a desunião como o grande elemento que possibilitava essa submissão. A libertação, portanto, deveria ser conquistada com base na "Unidade" entre os povos oprimidos – unidos os dominados seriam capazes de expulsar seus conquistadores e construir um futuro independente e soberano.[213]

Imersas nesse contexto, várias lideranças políticas de "Terceiro Mundo" passaram a colocar a "Unidade" como um elemento fundador de seus projetos de construção nacional. O Pan-africanismo que guiou a tomada de consciência política de Kwame

[211] Sobre o "Grupo de Casablanca" e as ideias associadas as suas conexões transnacionais, ver Capítulo 1.2.
[212] Sobre o BAA e as suas relações iniciais com a causa moçambicana, ver Capítulo 1.3.
[213] Sobre o conceito da "Unidade" entre países de África, Ásia e América Latina, ver: CERVENKA, 1977; GRILLI; GERTS (eds.), 2020; LEE (ed.), 2010; PRASHAD, 2007.

Nkrumah e deu origem a Conferência dos Povos Africanos, por exemplo, tinha como princípio promover a "Unidade" entre todos os povos africanos e diaspóricos;[214] no Egito, o projeto de Gamal Nasser de promover um Pan-arabismo era inspirado nessa mesma retórica, com olhar especial sobre os povos árabes e muçulmanos;[215] na África Oriental, o advento da PAFMECA tinha por objetivo promover uma "Unidade" entre os países da região, e a partir dali inspirar a "Unidade" de todo o continente; na Argélia, o grande mérito da luta anticolonial está na formação de uma "Frente de Libertação Nacional" – "Frente" que unificava os esforços argelinos e dialogava com os projetos pan-africanistas e pan-arabistas que lhe davam suporte;[216] Em resumo, a própria criação de uma Conferência de Bandung, da Conferência de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos, da Conferência dos Povos Africanos, da PAFMECA, do "Grupo de Monrovia" e do "Grupo de Casablanca" se davam sob o estandarte da "Unidade" que era promovida pelos países lá presentes.[217]

Diante disso, a "Unidade" se tornou uma exigência para as lutas anticoloniais espalhadas pelo mundo que esperavam conquistar algum reconhecimento internacional. O olhar específico sobre a causa moçambicana é bastante ilustrativo disso. Os agentes internacionais aos quais os moçambicanos se associaram em 1961 colocavam esse objetivo como imperativo no apoio prestado por eles. – A partir do encontro entre a MANU e a UDENAMO em março de 1961, a PAFMECA, a CONCP, o *Bureau of African Affairs*, a UNEMO e Eduardo Mondlane passaram, na medida em que eram incluídos em seus diálogos, a pressionar os dois movimentos para que houvesse "Unidade" em sua luta. Kwame Nkrumah e Julius Nyerere, particularmente, governavam os dois principais *Hubs* africanos naquele período, que apadrinhavam os dois movimentos anticoloniais em questão, e eles passaram a competir na tentativa de promover essa "Unidade" da luta anticolonial moçambicana, buscando criar uma "Frente" associada ao seu próprio projeto nacional.[218]

O problema está nas enormes divergências existentes entre eles. Se no primeiro encontro entre os representantes da UDENAMO e da MANU na Tanganica os contatos

[214] Sobre o Pan-Africanismo, ver nota de rodapé 26.
[215] Sobre o Pan-Arabismo e o projeto de Gamal Nasser no Egito, ver: EL-FADL, 2019; SAAD, 2018; ABURISH, 2004; DAWISHA, 2003; GERGES, 2018; NASSER, 1963.
[216] Sobre a Luta Anticolonial na Argélia, ver: BYRNE, 2016; CONNELLY, 2002; MOKHTEFI, 2018; e também o Capítulo 4.1.
[217] CERVENKA, 1977; GRILLI; GERTS (eds.), 2020; LEE (ed.), 2010; PRASHAD, 2007.
[218] IVASKA, 2021; BRENNAN, [Em vias de publicação]; BURTON, 2019. GRILLI, 2018; GRILLI, 2015; BJERK, 2015; CABRITA, 2000; MARCUM, 2018.

realizados foram amistosos, o clima de animosidade não demorou a se instaurar uma vez que suas referências transnacionais entraram em choque. A viagem de Gwambe para participar do primeiro encontro da CONCP em abril de 1961 nos ajuda a perceber como se deu esse processo.[219]

O encontro entre Marcelino dos Santos e Adelino Gwambe em Casablanca alavancou a UDENAMO ao posto de primeiro movimento anticolonial moçambicano reconhecido no cenário internacional. Sua constituição e programas foram escritos por Dos Santos na ocasião, que se juntava ao movimento e anunciava a intenção de "fomentar o espírito do Pan-africanismo com o objetivo de livrar Moçambique da exploração econômica do imperialismo, degradação social e de todos os traços do colonialismo e do imperialismo"[220]. Ele ali estabelecia os parâmetros da organização conforme um partido revolucionário de "Terceiro Mundo", uma "vanguarda"[221], que representava os interesses das "massas de trabalhadores e camponesas"[222]. Sua estrutura era inspirada no modelo marxista de centralismo democrático, e ele se associava as lutas anticoloniais na África e no Mundo – apelando a "Unidade" na luta. Assim, a UDENAMO adotava uma linha oficial inspirada no contexto do "Grupo de Casablanca" e passava a ter o apoio das conexões fornecidas pela CONCP, e desse modo tinha seu nome divulgado ao redor do mundo.

Marcelino dos Santos desfrutava da posição de liderança oficial da CONCP, e a partir de seu posto, em Rabat, conseguia acessar a diversas regiões pelo globo naquele período. As correspondências do período deixam claro que a articulação entre os movimentos que compunham a conferência passava pelo seu escritório – ele coordena o envio comissões coletivas das colônias portuguesas para diversos congressos, encontros, e postos em lugares estratégicos, de modo a constituir uma luta internacional unificada contra o colonialismo português.[223] O representante da colônia moçambicana nesses lugares passou a ser ocupado por Adelino Gwambe, que se aproveitou da posição para

[219] Sobre os primeiros encontros entre os moçambicanos nesse contexto e a viagem de Gwambe para participar da CONCP, ver o Capítulo 1.
[220] União Democrática de Moçambique (UDENAMO) Constitution and Programme. USC Library Special Collection, UC1STO561690, p. 5, t. n. No original "To foster the spirit of Pan-Africanism in order to rid Mozambique of Imperialism economic exploitation, social degradation and of all traces of colonialism and imperialism".
[221] União Democrática de Moçambique (UDENAMO) Constitution and Programme. USC Library Special Collection, UC1STO561690, p. 5, t. n. No original: "vanguard".
[222] União Democrática de Moçambique (UDENAMO) Constitution and Programme. USC Library Special Collection, UC1STO561690, p. 6, t. n. No original: "peasants and worker masses".
[223] Sobre as conexões e correspondências de Marcelino dos Santos no período, ver o Capítulo 1.2.

fazer também suas próprias conexões, e tornar a UDENAMO uma organização anticolonial reconhecida nos círculos anticoloniais ao redor do mundo, particularmente nos países socialistas e africanos. Sua presença ao lado de Dos Santos na Conferência dos Não-Alinhados, em Belgrado, é notória para representar o tipo de conexões que ele pôde forjar no período – os relatos apontam Gwambe visitando locais como Cairo, Moscou, Belgrado, Accra, Praga, Londres, Paris, Nova Déli, Conacry, Helsinque e Mogadíscio.[224] Particularmente, ele se tornou uma presença constante em Gana a partir dessa oportunidade, associando-se cada vez mais ao *Bureau of African Affairs* e a retórica da revista *The Voice of Africa*[225].[226]

Enquanto isso a MANU existia como um movimento com atividade muito mais localizada. Além dos seus escritórios na Tanganica, o movimento ainda possuía representantes no Kenya e em Zanzibar, e não parece ter conseguido forjar conexões para além desses horizontes. Seus esforços para tornar-se um movimento nacionalista e abandonar a imagem de representante apenas dos imigrantes macondes na região era notável, e ela passava pelo projeto de construção de escolas em língua portuguesa na Tanganica;[227] pela tentativa de atrair mulheres ao movimento de modo a mostrar seu universalismo e se diferenciar da imagem de ser um grupo com identidade étnica;[228] pela convocação de "Unidade" pelos moçambicanos;[229] e pela comparação do colonialismo britânico com o português, citando o exemplo da Tanganica no processo de descolonização.[230]

Sua dependência das relações ligadas da TANU, entretanto, são muito aparentes. Discursos de Mmole no período agradecem a PAFMECA pela coordenação da região;[231]

---

[224] MARCUM, 2018; CABRITA, 2000; BRENNAN, [Em vias de publicação]; KAISER, 2017; TELEPNEVA, 2014; SHUBIN**,** 2008; Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.039.

[225] A revista *The Voice of Africa* era produzida pelo BAA especificamente com o objetivo de influenciar e promover os movimentos anticoloniais sediados em Gana. Em um momento em que a Guerra Fria se intensificava, a propaganda passa a ser vista como uma arma fundamental por Barden e Nkrumah em seu objetivo de guiar a descolonização africana, e essa publicação era sua principal arma nesse sentido. Ver: GRILLI, 2015.

[226] MARCUM, 2018.

[227] Document 5, 31 de maio de 1961. Anexo e traduzido para o inglês em: TEMBE, Joel das Neves. *Uhuru na Kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archieve.*

[228] Document 4, novembro de 1961. Anexo e traduzido para o inglês em: TEMBE, Joel das Neves. *Uhuru na Kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archieve.*

[229] Documents 1-5, 1961. Document 3, 29 de outubro de 1961. Anexo e traduzido para o inglês em: TEMBE, Joel das Neves. *Uhuru na Kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archieve.*

[230] Document 3, 29 de outubro de 1961. Anexo e traduzido para o inglês em: TEMBE, Joel das Neves. *Uhuru na Kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archieve.*

[231] *Document 2, 20 de outubro de 1961. Anexo e traduzido para o inglês em: TEMBE, Joel das Neves. Uhuru na Kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archieve.*

conferências das lideranças são repletas de discursos de unidade entre tanganiquenses e moçambicanos;[232] e pedidos de fidelidade à PAFMECA são feitos em momentos de atrito.[233] Seu próprio lema em 1961 – *Uhuru na Kazi* (trabalho e liberdade) – estava em swahili e era inspirado no lema da TANU.[234]

Assim, essas diferentes trajetórias e conexões se tornaram evidentes em 1961 durante um período de consolidação política de ambos os movimentos anticoloniais, em que eles se viam competindo por novos membros e por legitimidade internacional. As pressões exercidas por aquele contexto para que eles encontrassem uma solução unificada para a causa anticolonial eram, portanto, desafiadoras. Ainda que tanto Julius Nyerere quanto Kwame Nkrumah liderassem os apelos por "Unidade", as perspectivas apresentadas por suas conexões transnacionais eram opostas, e houve muitos problemas a partir de seu encontro.

O primeiro grande conflito dessa rivalidade foi deflagrado em julho de 1961. Em junho, às vésperas do acontecimento, Adelino Gwambe realizou sua primeira viagem a Accra, junto com Fanuel Mahluza, para participar da *Conference of Leaders of Nationalist Organisations of Dependent African States* e finalmente estabelecer contatos diretos entre a UDENAMO e o *Bureau of African Affairs*.[235] Ao retornar para Dar es Salaam, no dia 17 de julho, Gwambe teria feito um comunicado à imprensa anunciando que a UDENAMO iniciaria uma luta armada contra Portugal, contando com o apoio de armas e munições prometidas por Gana, e 70 mil soldados, além de abandonar qualquer possibilidade de não-violência e da "chamada coexistência pacífica"[236].[237]

---

[232] Document 1, 1961. Anexo e traduzido para o inglês em: TEMBE, Joel das Neves. *Uhuru na Kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archieve.*

[233] Document 6, 1961. Document 3, 29 de outubro de 1961. Anexo e traduzido para o inglês em: TEMBE, Joel das Neves. *Uhuru na Kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archieve.*

[234] TEMBE, 2013.

[235] A *Conference of Leaders of Nationalist Organisations of Dependent African States* aconteceu entre 28 de junho e 4 de julho, no recém-criado *Kwame Nkrumah Ideological Institute*. Nesse evento foram discutidas questões como o neo-colonialismo e a possibilidade de Gana fornecer treinos militares a movimentos de libertação. Além disso, Kwambe Nkrumah queria ouvir as reivindicações do movimentos anticoloniais antes de seu *tour* pelos países socialistas, que aconteceu entre julho e setembro de 1961, e é bem possível que de fato tenha feito alguma promessa de armas a Gwambe. Sobre isso, ver: GRILLI, 2018; MATEUS; MATEUS, 2010.

[236] MARCUM, 2018, p. 27, t. n. No original: "so-called peaceful co-existence". Sobre isso, é interessante perceber que, criticando a "coexistência pacífica", Gwambe adotava uma retórica radical que clamava por um militarismo ativo da União Soviética, sendo crítica às suas contenções com o ocidente. Isso será mais discutido nessa pesquisa no Capítulo 4.

[237] Sobre isso, a biografia de Lopes Tembe traz uma afirmação diferente – Gwambe teria chegado em Dar es Salaam e convocado uma coletiva de imprensa já no dia 14 de abril de 1961, onde anunciava que Moçambique possuía 15 mil soldados para iniciar uma guerra contra o colonialismo português. A partir daí os seus problemas na Tanganica teriam se iniciado. Parece, entretanto, que Lopes Tembe confundiu as datas, ainda que possivelmente o anúncio tenha sido de um número diferente de soldados. As fontes

Com isso, a UDENAMO assumia uma postura delicada naquele cenário internacional, se associando a linha política de Gana e do "Grupo de Casablanca". Isso ameaçava a posição da Tanganica, que ainda passava por uma transição a independência em 1961. O país de Julius Nyerere buscava se manter neutro no cenário internacional, tal qual a PAFMECA, e precisava lidar com os amedrontadores regimes coloniais em seus países vizinhos.[238]

Associada a essas ideias, a MANU se opôs imediatamente ao anúncio de Gwambe. Em documento sem data, mas que aparenta ser relativo aos dias após a declaração, Mmole escrevia: "O senhor Gwambe deveria se lembrar que Independência não é guerra. Povo que quer independência não pede por guerra. […] Apenas imagine, como o povo pode pedir por independência enquanto ele está morrendo. A MANU quer independência, mas não mortes"[239]. Enquanto Gwambe evocava sua associação ao BAA ao anunciar a guerra, Mmole dizia que:

> Nós devemos lembrar que a PAFMECA é a União Africana que demanda independência, nós não podemos pedir suporte em material militar, enquanto pedimos por independência. Independência deve ser requisitada verbalmente e o dinheiro provido não pode ser usado para comprar material militar. A guerra irá trazer grandes contratempos.[240]

Assim, a posição era colocada em termos internacionais por ambos os lados, que se associavam a diferentes conexões transnacionais para legitimar seus próprios projetos políticos. Mmole continua nesses termos, afirmando que "poderia ser uma ideia errada se a excelência Kwame Nkrumah fornecesse ajuda em termos de material militar, o que seria de grande perigo para Moçambique"[241]. Ele conclui o documento com um apelo: "eu não vejo até hoje a razão para o Sr. Gwambe continuar até agora na Tanganica, porque ele

---

mostradas nessa pesquisa comprovam isso – as correspondências sobre o episódio pelos agentes envolvidos são todas datadas a partir de julho de 1961.

[238] Sobre a posição política da Tanganica naqueles tempos, ver o Capítulo 1.1.

[239] Document 6, 1961. Document 3, 29 de outubro de 1961. Anexo e traduzido para o inglês em: TEMBE, Joel das Neves. *Uhuru na Kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archieve.* t. n. No original: "Mr Gwambe should remember that independence is not war. People who want Independence do not demand war. [...] Just imagine, how can people ask for independence while they are dying. MANU wants Independence but not deaths".

[240] Document 6, 1961. Document 3, 29 de outubro de 1961. Anexo e traduzido para o inglês em: TEMBE, Joel das Neves. *Uhuru na Kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archieve.* t. n. No original: "We should remember that PAFMECA is the African Union which demands independence, we cannot ask for support in military material, while we demand independence. Independence should be requested verbally and the money provided should not be used to buy military equipament. The war will bring great setbacks".

[241] Document 6, 1961. Document 3, 29 de outubro de 1961. Anexo e traduzido para o inglês em: TEMBE, Joel das Neves. *Uhuru na Kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archieve.* t. n. No original: "It could be a wrong idea if His Excellency Kwame Nkrumah provides help in terms of military material, which will be a great danger for Mozambique".

cria condições para a destruição da África. O que eu acho junto com os membros da MANU é que nós não deveríamos hospedar gente que contribui para fomentar a guerra em Moçambique"[242]. Ele então submete esses apelos a Oscar Kambona. Não está claro se os apelos da MANU chegaram aos líderes da TANU, mas em torno do dia 24 de julho a UDENAMO teve seu registro caçado na Tanganica, e Gwambe foi expulso do país.[243]

A repercussão dessa expulsão nos meses seguintes é elucidativa para se perceber as relações daquele contexto. Pelo lado de Gana, o comissário do país na Tanganica, Joe-Fio Mayer, precisou reconhecer perante as autoridades locais que Nkrumah e Gwambe haviam atravessado os limites, se opôs ao chamado para violência, e negou que o BAA tivesse prometido armas para a UDENAMO. Em resposta, mostrando os tons de Guerra Fria daquele período, os líderes da Tanganica chegaram a acusar Gwambe perante os representantes de Gana de ser um agente português ou de fazer jogo duplo com os comunistas.[244] Nkrumah não parece ter levado a sério essas acusações, uma vez que houve um aumento do suporte à UDENAMO nos meses seguintes por parte de Gana.[245]

Apesar de ter seu registro caçado e seu presidente expulso da Tanganica, a UDENAMO manteve seus escritórios e seu Comitê Executivo no país depois disso. Lopes Tembe afirma que esses escritórios "pagávamos com subsídios providenciados pelo governo do Gana através da sua embaixada em Dar es Salaam. [...] providenciando-nos todo o apoio material e financeiro, incluindo subsídios para a alimentação e a facilitação das nossas deslocações para o exterior"[246]. Gana acolheu Gwambe em Accra a partir de sua expulsão, continuou apoiando a projeção internacional da UDENAMO, e financiando

[242] Document 6, 1961. Document 3, 29 de outubro de 1961. Anexo e traduzido para o inglês em: TEMBE, Joel das Neves. *Uhuru na Kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archieve.* t. n. No original: "I do not see until today the reason why Mr. Gwambe is continuing to stay here in Tanganyika, because he can create the conditions for the destruction of Africa. What I think together with the members of MANU that we should not host people who contribute to foster war in Mozambique".

[243] MARCUM, 2018; CABRITA, 2000; BRENNAN [Em vias de publicação].

[244] As desconfianças e acusações sobre a presença de espiões nos movimentos anticoloniais eram constantes, e refletem bem o clima da Guerra Fria instalado em Dar es Salaam. Serão vários os membros da FRELIMO estudados ao longo dessa pesquisa que foram acusados de ser espiões, incluindo Mondlane. O caso mais notório no período aqui estudado é relativo ao militante Aurélio Bucuane, que foi membro fundador da UDENAMO em seus primórdios, mas em 1961, após romper com Gwambe, acabou se entregando as autoridades e se tornando contratado da PIDE. Ele foi na época acusado publicamente pela UDENAMO de ser um espião. Posteriormente, entretanto, Bucuane fez trabalhos clandestinos para a FRELIMO e acabou sendo preso pelas autoridades portuguesas. Sobre isso, ver: MATEUS; MATEUS, 2010; ROBERTS, 2016; *America the country responsable for the colonial wars in Africa.* USC Library Special Collection. UC1595786 – UC1595774.

[245] MARCUM, 2018; CABRITA, 2000; BRENNAN [Em vias de publicação]; IVASKA, 2021.

[246] NDELANA, 2012, p. 47.

seus escritórios na Tanganica.[247] A rivalidade entre Accra e Dar es Salaam passou a cada vez mais ser evocadas na relação MANU *x* UDENAMO a partir daí.

Em carta aos movimentos integrantes da CONCP em 15 de agosto, Mahlayeye, o líder da UDENAMO em Dar es Salaam durante a ausência de Gwambe, demonstrava em que termos sua expulsão era vista pelo Comitê Executivo do movimento. Por um lado, ele nega a veracidade da versão dos fatos publicada na imprensa, e atenua as declarações de Gwambe. Por outro, coloca a questão no contexto das disputas com a MANU, e acusa o governo da Tanganica de sofrer pressões colonialistas e imperialistas, demonstrando a má reputação de suas conexões entre eles:

> Gwambe, de regresso a Ghana, em julho fez uma declaração dizendo: É necessário que o povo de Moçambique se prepare para lutar por todos os meios, inclusive a luta armada, pela libertação de Moçambique. Essa notícia foi conscientemente deturpada pelo jornal DAILY NATION que redigiu assim a notícia em grandes parangonas: "Gwambe declara a revolução a ferro e fogo em Moçambique". […] A UDENAMO empreendeu desmanches junto ao Governo da Tanganica afim de elucidar a situação. […] Assim, pois, explicou a UDENAMO, não são as nossas declarações que provocam os distúrbios, mas ao contrário é a repressão que exige que façamos as declarações. Por que razão apesar do desmentido, apesar da explicação da UDENAMO, o governo da Tanganica entendeu dever expulsar o nosso Presidente? [...] Convém não perder de vista que há rivalidades entre MANU e UDENAMO. Ora o Sr. Malinga um Tanganyikês, dirigente do MANU, declarou várias vezes que não descansaria "enquanto o Gwambe não fosse expulso ou mantido na prisão"? Teria sido urdida uma trama contra o Gwambe? A posição da UDENAMO em relação à MANU é a seguinte: não podemos unir-nos à MANU enquanto esta organização for dirigida por estrangeiros. Essa posição foi reafirmada várias vezes, e dita verbalmente aos Moçambicanos pertencentes à MANU mas que não a dirigem. Enfim, admitimos que pressões colonialistas e imperialistas tenham levado o Governo da Tanganyika a pronunciar a expulsão do Gwambe.[248]

Se, por um lado, o argumento nacionalista é utilizado ao referir-se a rivalidade entre a UDENAMO e a MANU, é notório nesse documento que a oposição a Gwambe seja atribuída a intrigas promovidas por colonialistas e imperialistas, possivelmente associados aos líderes da MANU, e capazes de influenciar o governo da Tanganica. Há uma percepção daquele contexto, portanto, muito associada ao clima da Guerra Fria, observando com desdém o governo local por seu vínculo com os "imperialistas". Seu chamado, ao final da carta, solicita às organizações membros da CONCP para apelar perante o governo de Nyerere pela sua causa. Ele destaca, entretanto, "a importância que

[247] MARCUM, 2018; CABRITA, 2000; BRENNAN [Em vias de publicação]; NDELANA, 2012; IVASKA, 2021.
[248] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04608.051.161.

o Tanganica reveste para a luta do povo moçambicano"[249], e pede, portanto, que "exprimam sua solidariedade escrevendo cortesmente ao presidente Julius Nyerere"[250]. Ainda que o movimento tivesse desconfiança das lideranças locais, eles sabiam que o caminho para a luta em Moçambique passava necessariamente por lá, uma região estratégica onde se concentrava a maioria dos imigrantes moçambicanos.

Marcelino dos Santos, ao se inteirar dos acontecimentos a partir de uma visita a Dar es Salaam iniciada em 31 de julho de 1961, se mostrou solícito a Gwambe, comparou negativamente o apoio do regime da Tanganica com o de Gana, e mobilizou suas conexões em favor da UDENAMO.[251] Em carta a João Cabral no dia 13 de agosto de 1961, ele relata as impressões de sua estadia: "A realidade prática mostra que há só uma organização política moçambicana: a UDENAMO. Mais exactamente: A MANU não faz nada"[252]. Ao descrever seus encontros com o movimento nascido na Tanganica, diz que "entre seus dirigentes, em Tanganyika como no Kenya, os principais não são moçambicanos e nem falam português"[253]. Apesar de afirmar que o desconhecimento do português não seja por si um impeditivo, pontua a origem estrangeira de seus líderes, "e o que é mais grave, não tem quase nenhuma noção de ação política"[254]. Assim, essa correspondência atesta que não havia credibilidade por parte da MANU por Marcelino dos Santos, e isso acabava por se estender aos demais membros da CONCP e pelas conexões disponibilizadas por eles. A UDENAMO, por outro lado, era sim uma organização política moçambicana reconhecida. Ele próprio resume a questão: "é inadmissível que uma organização moçambicana seja dirigida por estrangeiros. Por outro lado considero que a política do secretariado em relação à MANU deverá definir-se de colaboração com a UDENAMO, que é membro da CONCP. E mais, que enquanto a MANU for dirigida por estrangeiros, a CONCP não pode aceitá-la no seu seio"[255].

Sobre o episódio de Gwambe, ele afirma que ele "declarara que os moçambicanos deveriam preparar-se para lutar por todos os meios, inclusive a luta armada"[256], e que promoveria uma campanha dos membros da CONCP junto ao governo da Tanganica em seu favor. No dia 8 de setembro, ele de fato envia uma carta às organizações membros da

[249] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04608.051.161.
[250] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04608.051.161.
[251] BRENNAN [Em vias de publicação].
[252] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.029.
[253] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.029.
[254] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.029.
[255] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.029.
[256] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.029.

CONCP sobre o assunto. Além de anexar a correspondência citada anteriormente enviada pelo Comitê Exacutivo da UDENAMO, ele dá novos detalhes de sua viagem. – Afirma que o ministro com o qual se encontrou foi Rashidi Kawawa, e que constatou certas ambiguidades nos dirigentes do país. Ele teria inicialmente aplaudido a iniciativa de criação da CONCP diante de Dos Santos, mas depois evocado justamente esse como o motivo para recusar-se em registrar oficialmente a UDENAMO: seu pertencimento a CONCP. A conclusão sobre isso era clara: "é pois minha convicção de que deve haver manobras imperialistas"[257]. Portanto, Dos Santos endossa a versão dos fatos oferecida por Mahlayeye e ainda acrescenta a polêmica postura de Kawawa perante a CONCP. Vale lembrar que a CONCP era vinculada ao "Grupo de Casablanca", que por sua vez tinha Nkrumah como um dos principais líderes. É possível que os dirigentes da TANU, vinculada a PAFMECA, tenham visto essas associações internacionais como fator relevante na sua relação com os movimentos anticoloniais moçambicanos.

Nos meses seguintes de fato há registros de esforços de movimentos membros da CONCP em interferir junto ao governo da Tanganica, conforme solicitado por Dos Santos. É em resposta a uma carta do PAIGC em favor da UDENAMO enviada no dia 26 de setembro que o ministro dos assuntos internos da Tanganica demonstra, em resposta no dia 1 de novembro, a posição oficial do país sobre a questão dos movimentos anticoloniais moçambicanos:

> Parece por sua carta que vocês não apreciam o fato de que o principal Partido de Libertação Português na Tanganica é a *Mozambique African National Union* (MANU). A União Democrática de Moçambique (UDENAMO) tem pouco apoio na Tanganica e direcionou a maioria dos seus esforços tentando minar a posição da MANU.
> Adelino Gwambe foi expulso da Tanganica por razões boas e apropriadas. […] a luta contra o domínio colonial português pode ser melhor conduzida pela MANU na ausência do sr. Gwambe.[258]

Dito isso, fica claro que até os meses finais de 1961 a TANU mantinha um firme apoio a MANU, sendo considerada por ela a principal representante dos moçambicanos na Tanganica, apesar do reconhecimento internacional que a UDENAMO começava a receber. Os estudos sobre o número de membros de cada uma das organizações no país

[257] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04608.052.160.
[258] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 07197.161.049, t. n. No original: "It would appear from your letter that you do not appreciate the fact the main Portuguese Freedom Party in Tanganyika is the Mozambique African National Union (MANU). The National Democratic Union of Mozambique (UDENAMO) has little support in Tanganyika and has directed mos of its efforts towards trying to udermine the position of MANU. Adelino Gwambe was expelled from Tanganyika for good and proper reasons. [...] the struggle against Portuguese colonial domination can best be conducted by MANU in Mr. Gwambe's absence".

são bastante divergentes, mas é provável que até os meses finais de 1961 a MANU tenha de fato sido ao menos parcialmente bem-sucedida em congregar os clubes macondes pela região, bem como em atrair membros de outras origens para o movimento.[259] Além disso, sua fidelidade e inspiração na TANU também certamente eram um fator que pesava na avaliação do governo local.

Por outro lado, o trabalho diplomático da UDENAMO no período merece destaque. Ao filiar-se na CONCP, a organização passou a ter acesso as suas conexões de apoio, e isso significava claros ganhos materiais. Uma troca de cartas datadas entre maio e junho de 1961 entre Marcelino dos Santos e João Cabral, figura-chave da CONCP que àquela altura estava em Londres, demonstra o esforço feito por esse para conseguir recursos para enviar para a UDENAMO em Dar es Salaam – ele afirma que já havia enviado dinheiro para a compra de uma máquina de escrever, ferramenta fundamental na produção de material publicitário e correspondências àquela época, e que continuava buscando mais recursos. A fidelidade aos movimentos anticoloniais associados a CONCP também é notória nesse documento mais uma vez, já que Cabral afirma ter recebido uma carta também de Milinga, mas destaca sua própria confiança em Gwambe.[260] O próprio Dos Santos envia 50 libras que conseguiu arrecadar para o Comitê Executivo da UDENAMO em Dar es Salaam no dia 12 de agosto de 1961.[261]

Foi a partir de sua viagem para Gana em junho de 1961, entretanto, que Gwambe de fato encontrou o suporte ideológico e financeiro que precisava para alçar voos mais altos. Ele conseguiu desenvolver laços sólidos com o BAA, garantindo financiamento, apoio diplomático, bolsas de estudo para militantes da UDENAMO, e lugar para eles nos campos de treinamento militar do país. Seus representantes receberam um escritório e convites regulares para visitar Accra – além dos financiamentos recebidos por Gwambe para as viagens a Conakry e Helsinki.[262] Suas viagens a Moscou e Praga também estariam relacionadas ao apoio de Gana. Na viagem a Moscou a impressões causadas por ele foram bastante negativas, e ele foi visto como um aventureiro com visão de mundo limitada,

[259] Os dados sobre o número de membros da MANU são divergentes. Enquanto Tembe (2013) fala em 9 mil membros, Bjerk (2015) afirma que seriam apenas 2 mil. Esses dados podem representar diferentes recortes cronológicos. De qualquer forma, os estudos de Cahen (1999) e Tembe (2013) descrevem de fato um processo no qual a MANU possuía um número maior de membros inicialmente, até ser superada pela UDENAMO, como será demonstrado na sequência. Além disso, o próprio Tembe (2013) relata a presença de Yaos, Nyanjas e Macuas na organização, bem como Bonate (2002) relata a adesão de muçulmanos a ela, mostrando ao menos um sucesso parcial de sua "virada nacionalista".
[260] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.005.
[261] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.028.
[262] MARCUM, 2018; CABRITA, 2000; BRENNAN [Em vias de publicação]; NDELANA**,** 2012.

apenas interessado em conseguir fundos. Ainda assim, os soviéticos concordaram em apoiá-lo em 3 mil dólares, o que indica que suas conexões lhe forneciam credibilidade naquele contexto, ainda que pessoalmente ele não impressionasse.[263]

Essa aproximação com Gana também esteve em convergência naquele momento com seus interesses junto a CONCP. Uma carta enviada por Gwambe, Miguel Trovada (MLSTP) e Mario de Andrade (MPLA), em nome de UDENAMO, MPLA, MLSTP e PAIGC a Kwame Nkrumah em outubro de 1961 retrata os preparativos dos movimentos para instalar escritórios e começar a enviar militantes para serem treinados "em todas as formas de ação direta para o imediato fim da dominação colonial e imperialista"[264]. Eles se associam nessa carta a causa da Unidade Africana, e dizem contar com Nkrumah na instalação dos escritórios, transporte de militantes, apoio financeiro e assistência em propaganda. Na ocasião, Sigaúke é o nomeado da UDENAMO para representar a organização no país.[265] Em um momento em que o continente africano se encontrava dividido, eram os países do "Grupo de Casablanca" que forneciam o tipo de suporte que as organizações associadas a CONCP esperavam receber, e a posição de destaque de Gana entre eles é notória. É de se notar também que nenhuma desses movimentos, além da UDENAMO, buscou se instalar na Tanganica naquele período.

Desse modo, enquanto a situação em Dar es Salaam se mostrava indefinida ao longo do ano de 1961, a UDENAMO conquistava legitimidade internacional, garantindo financiamento, suporte ideológico, diplomático, militar e material. Já em janeiro de 1962 os primeiros guerrilheiros moçambicanos iniciaram treinos militares em Gana. Por outro lado, nesse mesmo contexto, a organização não possuía legitimidade perante o governo da Tanganica, um país indispensável no apoio a sua causa. Pelo contrário, o movimento político moçambicano reconhecido no país era a MANU, que era apoiada pela PAFMECA e não parecia possuir contatos para além da África Oriental, além de não ser reconhecida pela CONCP. Ainda que os diversos agentes envolvidos nesse cenário afirmassem a necessidade de "Unidade" na luta anticolonial, eles se projetavam a partir de conexões transnacionais opostas, o que fazia com que uma solução unificada se mostrasse improvável ao longo de 1961.

[263] TELEPNEVA, 2014; TELEPNEVA, 2017; SHUBIN, 2008; IVASKA. 2021.
[264] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04608.052.183, t. n. No original: "all forms of direct action for immediate overthrow of colonial and imperial domination in our countries".
[265] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04608.052.184.

2.2. OS PROBLEMAS DA "UNIDADE"

O período final de 1961 acrescentou uma série de novos elementos ao cenário anticolonial moçambicano. Se o clima internacional contrário ao colonialismo português já havia se intensificado com o levante em Angola no início do ano, ele subiu um importante degrau em dezembro de 1961, com a tomada de Goa, Diu e Damião pela Índia, atingindo diretamente a integridade do império colonial português.[266] As organizações vinculadas a CONCP se apressaram em treinar guerrilheiros para a Luta Armada diante desse contexto, e o combate ao colonialismo português foi visto como mais urgente do que nunca. Enquanto isso, no sul do continente africano a repressão em países como Moçambique, África do Sul e Rodésia do Sul se intensificava, e nos meses finais de 1961 os militantes anticoloniais desses países procuravam refúgio cada vez mais na Tanganica, que se tornava um farol para a libertação da região conforme sua independência se aproximava.[267]

Com a chegada da independência, em 9 de dezembro de 1961, a TANU passou a se envolver cada vez mais ativamente nos movimentos anticoloniais instalados na Tanganica. O partido pensava as regiões sul e oriental do continente africano de maneira estratégica e coordenada, pressionava pela formação de frentes unidas no combate ao colonialismo, e buscava moderar os ímpetos militaristas e influências externas em seu território. A via armada não era descartada por Nyerere como uma alternativa – ainda em 1962 alguns movimentos sob sua influência passarão a receber armamentos e enviar seus membros para treinos militares – mas ele se propunha a esgotar as alternativas antes de recorrer a isso.[268]

A MANU, entretanto, começava a perder força enquanto um movimento político apoiado pelo país. Apesar de ser seus esforços ao longo de 1961 para assumir uma retórica cada vez mais nacionalista, o estudo de Cahen (1999) aponta que muitos dos moçambicanos migrantes vindos do MAA teriam rejeitado essas investidas "recusando-se a aceitar uma liderança anglófona e swahilizada de Dar es Salaam"[269]. Na carta de Dos Santos a João Cabral em 13 de agosto de 1961, na qual comenta sua ida aos escritórios da MANU, afirma que havia apenas 3 membros que falavam português lá, e que eles próprios foram a ele dizer que os dirigentes não eram moçambicanos – e que eles, os três

[266] Sobre a invasão indiana nos territórios de Goa, Diu e Damião, ver nota de rodapé 134.
[267] BURTON, 2019, MARKLE, 2017.
[268] BJERK, 2015; BURTON, 2019
[269] CAHEN, 1999, p. 42, t. n. No original: "Refusing the anglophone and Swahili-zed Dar Es-Salaam leadership".

membros citados, não possuíam nenhum poder na sua direção. Dois deles ainda teriam pedido para aderir a UDENAMO nesse encontro.[270] Apesar de esse ser um caso isolado em agosto de 1961, ele indica um processo que aconteceu intensamente a partir do final do ano. A despeito de sua potencial base social e acesso às diversas associações macondes espalhadas por toda a região da África Oriental, a MANU começou a ter grandes dificuldades em legitimar-se perante os trabalhadores imigrantes de Moçambique, e perdeu muitos membros para a UDENAMO a partir de outubro de 1961. Sua clara associação à TANU e a todo o contexto histórico da Tanganica tornavam a MANU pouco atraente àqueles membros do MAA que viam o colonialismo português como seu principal inimigo. Além disso, a organização se mostrava, afinal, fracassada em mobilizar os diferentes grupos macondes em torno de objetivos nacionalistas. Ao longo de 1962 ela viu divisões entre o seu grupo centrado em Dar es Salaam com aqueles presentes no Kenya e em Zanzibar. Com isso, a MANU passou a contar também com cada vez menos apoio financeiro vindo da TANU, e perder ainda mais sua capacidade de mobilização e ação política.[271]

A UDENAMO, por outro lado, já não era mais aquele mesmo movimento que foi enquadrado pela TANU em junho de 1961. A partir de outubro os seus escritórios – que desde sua instalação na cidade eram frequentados basicamente por Adelino Gwambe (antes de sua expulsão do país), Fanuel Mahluza, Calvino Mahlayeye e Rivaz Sigaúke – passaram a contar com a chegada dos diversos membros da organização que estavam espalhados pela Rodésia do Sul e por Moçambique. Esse processo inicia-se com a migração do grupo de Lopes Tembe Ndelana, Daniel Mahlalela, Bombarda Matata Tembe, Lourenço Matola, Aníbal Chilengue, Henrique Mandlete, José Nkovane, Absalão Bahuele e João Mungwambe em outubro de 1961, e culmina com a chegada do grupo vinculado a Uria Simango, em abril de 1962. Em meio a isso, ainda houve indivíduos como Paulo Gumane, Jaime Khamba, Eli Ndimene, Filipe Magaia, Silvério Nungo, Feliciano Gundana, Machava e David Mabunda chegando na cidade para compor os escritórios da organização anticolonial moçambicana de mais respaldo internacional no período.[272]

[270] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.029.
[271] CAHEN, 1999; TEMBE, 2013; BRENNAN [Em vias de publicação]; IVASKA, 2021.
[272] NDELANA, 2012**;** MARTINS**,** 2011; NCOMO, 2013; CHISSANO, 2012; KHAMBA, Jaime. Carta à João Cabrita. 1992. Arquivo pessoal de João Cabrita.

Com isso, a UDENAMO assume uma nova posição no território da Tanganica. Lopes Tembe (2012) relata os seus os trabalhos de recrutamento junto as plantações de sisal em Ngerengere e na região de Tenga, onde "se encontravam a trabalhar muitos moçambicanos, maioritariamente provenientes de Cabo Delgado e alguns de Niassa"[273]. O sucesso desse processo é apontado pela historiografia: a UDENAMO conseguiu seduzir muitos dos moçambicanos imigrantes na Tanganica, e a partir dos meses finais de 1961 superou em muito a MANU como organização mais representativa dos moçambicanos na região. Cahen (1999) define bem esse processo:

> Então, embora não fossem Macondes, Gwambe e Simango podiam parecer aos líderes da MAA-SAM como "verdadeiros moçambicanos" e não "Tanganicanos" ou pessoas ligadas a TANU. Nesse exato momento, o aspecto étnico, embora importante, não era o único, e a cisão também era social e educacional. Recusando a liderança anglófona e *swahílizada* de Dar es Salaam, foi mais fácil para o líder Maconde Tangazi Makalika da Tanga MAA-SAM ingressar na UDENAMO do que na Maconde MANU. Por um lado, mesmo que Gwambe fosse da província de Inhambane e Simango de Sofala, a UDENAMO não era – em total contradição com o que sempre foi escrito – um grupo do sul ou centro de Moçambique. Graças à MAA-SAM, a sua sede em Tanga mas também em Dar estava repleta de jovens Macondes: em Dezembro de 1961, a Udenamo tinha 261 membros em Dar, 406 em Morongoro e 2904 em Tanga, o que mostra que tinha membros em proporção ao tamanho de comunidade moçambicana Maconde. Por outro lado, a MANU, que participou oficialmente na fundação da Frelimo, não tinha conseguido a federação todos os Clubes Maconde.[...] Antes da fundação da Frelimo, em junho de 1962, a UDENAMO manteve-se muito provavelmente o grupo principal e foi ainda reforçada pela adesão de alguns Macondes educados nas missões católicas portuguesas de Marire, no início de 1962.[274]

A UDENAMO tornava-se então a organização moçambicana mais representativa na Tanganica em um momento em que o apoio as lutas anticoloniais se intensificava no país. O encontro da PAFMECA na Etiópia, em fevereiro de 1962, foi representativo disso, com sua ampliação – agora PAFMECSA – e avanço no apoio aos militantes anticoloniais. Naquele mesmo mês era criado na Tanganica o campo de refugiados em Mungulani, que

[273] NDELANA, 2012.

[274] CAHEN, 1999, p. 41-44, t. n. No original: "Then, even though they were not Maconde, Gwambe and Simango could appear to the MAA-SAM leaders as 'true Mozambicans' and not 'Tanganyikans' or TANU-linked persons. At this very moment, the ethnic aspect, although important, was not at all the only one, and the split was also social and educational. Refusing the anglophone and Swahili-zed Dar Es-Salaam leadership, it was easier for the Maconde Tangazi Makalika leader of Tanga MAA-SAM to join Udenamo than Maconde Manu. On one side, even if Gwambe was from Inhambane provice and Simango from Sofala, Udenamo was not – in complete contradiction with what has always been written – a southern or central Mozambique group. Thanks to MAA-SAM, its headquarters in Tanga but also in Dar were full of young Macondes: in December 1961, Udenamo had 261 members in Dar, 406 in Morogoro and 2.904 in Tanga, which shows that it had members proportional to the size of the Mozambican Maconde communities. On the other side, Manu, which officially participated in the fundation of Frelimo, had not succeeded in federating all the Maconde Clubs. [...] Before the Frelimo foundation in June 1962, Udenamo remained very probably the main group and was further reinforced by the adhesion of some Macondes educated at the Portuguese Catholic mission of Marire, at the beginning of 1962".

passou a receber os membros dos movimentos anticoloniais. Lopes Tembe relata sua experiência lá: "De facto estavam lá membros da UDENAMO, ANC, ZAPU, SWAPO e militantes congoleses seguidores de Patrice Lumumba. Este agrupamento permitia a troca de informações e experiências sobre a luta nacionalistas dos respectivos movimentos num ambiente de camaradagem e solidariedade"[275]. Assim sendo, as condições para a organização da luta estavam sendo criadas na Tanganica, e a UDENAMO fazia parte desse processo, uma vez que se tornava gradualmente hegemônica naquele território. Essas condições se associavam, entretanto, a um contexto político regional específico, agregando experiências, trajetórias e expectativas vinculados as ambições continentais de Julius Nyerere.[276]

O Comitê Executivo da UDENAMO, liderado por Adelino Gwambe, entretanto, mantinha laços estreitos com Gana e com o BAA. A partir do *tour* de Kwame Nkrumah aos países socialistas entre julho e setembro de 1961, a retórica oficial em Gana passou a radicalizar-se cada vez mais – ao longo do ano todos as principais organizações anticoloniais sob sua influência passaram a defender o uso da violência, e ele utilizou-se da viagem para garantir fluxo de suporte financeiro e militar vindos direto do "campo socialista" para elas. Já no final do ano se iniciaram os primeiros cursos com instrutores soviéticos nos campos secretos recém-estabelecidos no país. Também foram aprimorados na época os serviços da Rádio Gana, permitindo aos militantes realizar um intenso trabalho de propaganda a partir de Accra. O aparelho estatal montado por Barden buscava orientar e cooptar cada vez mais os movimentos anticoloniais em sua esfera, garantindo fidelidade ao projeto Pan-africanista de Nkrumah. Isso passou a ser cada vez mais criticado a partir de 1962 por líderes de movimentos anticoloniais e de países africanos independentes, que o acusavam de intervenção, controle e paternalismo sobre as organizações, de buscar balancear a formação de frentes unidas a seu favor, e de promover ações subversivas pelo continente. Durante esse período, a UDENAMO se manteve em clara associação com o BAA.[277]

Algumas posições do Comitê Executivo da UDENAMO em Dar es Salaam ao longo daquele ano demonstram seu alinhamento com a retórica de Accra. Em comunicado datado de outubro de 1961, assinado por Jaime Sigaúke, então secretário da publicidade da organização, a mensagem era clara já no título: "América, o país responsável pelas

[275] NDELANA, 2012, p. 54-55.
[276] MARCUM, 2018; CABRITA, 2000; NCOMO, 2013.
[277] GRILLI, 2018.

guerras coloniais na África"[278]. Ao longo do texto, acusa o regime de John Kennedy pelo continuado suporte a Portugal, inclusiva militarmente, e pelo apoio as reformas do sistema colonial então promovidas em Lisboa, e conclui novamente conclamando à violência:

> A UDENAMO acredita na conquista da sua independência por meios pacíficos, mas não se iludirá, já que Portugal nos faz ouvidos moucos e pretende usar da violência para defender os seus interesses, estaremos também a organizar homens, mulheres e até cegos, a fim de defender nossos direitos. Então, marcharemos majestosamente para aquela glória que Moçambique está destinado.[279]

O texto possui um tom antiocidental, afrontando diretamente o presidente norte-americano que possuía imagem mais positiva no continente africano e relações particularmente amistosas com Julius Nyerere.[280] Além disso, glorifica de certa forma o uso da violência – "marcharemos majestosamente para aquela glória que Moçambique está destinado" – em uma postura que se distanciava daquela encontrada na Tanganica. Em outro comunicado publicado no mesmo mês em Portugal, também assinado por Sigaúke, ele afirma taxativamente: "A UDENAMO apoia a luta do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e da União das Populações de Angola (UPA) em Angola, já que os angolanos não tem nenhum outro meio de ganhar sua independência"[281] – tendo a UDENAMO o mesmo inimigo do que as organizações angolanas, era claro que a sua alternativa não poderia ser outra.

O alinhamento do núcleo central da UDENAMO com o BAA pode ser observado também na questão das bolsas de estudos. Esse passou a ser um assunto central da organização a partir do final de 1961 – ela supostamente planejava enviar mais de 2 mil estudantes até Gana, e a partir daí se espalhar pelo mundo para estudos em diversos países. Isso poderia ser facilmente interpretado como treinos militares naquele contexto, o que por si chama a atenção. A centralização desse assunto em torno do Comitê Executivo, entretanto, era ainda mais relevante. Ele chegou a interferir junto a embaixada americana

---

[278] *America the country responsable for the colonial wars in Africa.* USC Library Special Collection. UC1595786 – UC1595774.

[279] *America the country responsable for the colonial wars in Africa.* USC Library Special Collection. UC1595786 – UC1595774, t. n. No original: "UDENAMO believe on achieving its independence by peacefull means, but will not make na illusion since Portugal turns her deaf ears to us and intends to use violence in order to defend her interests, we shall also be organising men, Woman and even blinds in order to defend our rights. Then we sall march majestically to that glory which Mozambique is destined".

[280] Sobre a relação entre Kennedy e Nyerere, ver: MUEHLENBECK, 2012. Sobre o governo de John Kennedy e sua relação com o continente africano, ver o Capítulo 1.4 e também o Capítulo 3.

[281] *Moçambique e o Governo Fascista de Salazar.* USC Library Special Collection. UC1598469.

na Tanganica para evitar a entrada de moçambicanos nos Estados Unidos, gerando insatisfação em militantes de base da organização, e demonstrando como as estruturas da UDENAMO estavam submetidas ao seu Comitê Executivo, que por sua vez estavam associadas a um projeto de continente específico vinculado ao BAA.[282]

A chegada dos militantes da UDENAMO para treino em Accra em janeiro de 1962 é também ilustrativa disso. Novamente é Lopes Tembe que nos fornece os relatos: "Éramos doze pessoas, todos quadros da UDENAMO, nemeadamente eu próprio, Daniel Mahlalela, Bombarda Tembe, Lourenço Matola, Aníbal Chilengue, Absalão Baúle, João Mungwambe, Constantino Dumangane entre outros"[283]. Os cursos aconteceram no recém-inaugurado *Kwame Nkrumah Ideological Institute* em Winneba, cidade a cerca de 45 km de Accra. O claro objetivo de influenciar os militantes em favor do projeto político de Gana fica evidente na sua descrição:

> O tema do curso era sobre organização política, pan-africanismo e unidade. Entre os vários assuntos abordados, constava a história do tráfico de escravos, o racismo, a luta do movimento negro norte-americano nos EUA, a divisão de África pelos europeus e a questão da Libéria que os americanos procuraram devolver aos negros através da criação de um estado livre em África, entre outros assuntos. O conceito de unidade enfatizava a luta contra o tribalismo, regionalismo, colonialismo e o neocolonialismo, recordando aos participantes sobre as divisões fronteiriças artificiais criadas pelo colonialismo que procurou dividir os povos. No curso participaram quase todos os representantes dos movimentos de libertação do Zimbabwe, África do Sul e de partidos políticos da Zâmbia e Swazilândia. Naquele Instituto recebíamos palestras de várias personalidades, incluindo do próprio Presidente Kwame Nkrumah que participou em duas sessões durante o nosso tempo. Foi para mim um momento alto, pois pela primeira vez podia ver e ouvir Nkrumah. Também passou por lá Andrei Gromiko, então Ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS. A participação no curso foi uma experiência inolvidável. A ideia que prevalecia era a de construir uma África livre e unida e de lutarmos para o desenvolvimento econômico. Pela primeira vez senti com profundidade a importância e orgulho de ser africano. Por outro lado, pela presença de todos os movimentos de libertação na região, cimentamos o sentimento de irmandade e solidariedade regional.[284]

As temáticas do curso, em particular o foco no conceito de "Unidade", que estava em disputa naquele contexto, são elucidativas dos objetivos do BAA com o curso. Os palestrantes apresentados por Lopes Tembe também chamam a atenção, em particular a presença do Ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, demonstrando uma posição nas relações internacionais promovida pelas autoridades de Gana, que aproximavam os movimentos anticoloniais do mundo soviético. Ademais, a convivência com os militantes

[282] BRENNAN, [Em vias de publicação]; IVASKA, 2021.
[283] NDELANA, 2012, p. 49.
[284] NDELANA, 2012, p. 50-51.

de outas colônias merece uma observação – as organizações anticoloniais presentes em Gana não eram necessariamente as mesmas que estavam em Dar es Salaam, e, pelo contrário, o BAA vai chamar a atenção por apoiar organizações concorrentes àquelas apoiadas pela Tanganica ao longo do tempo.[285] Uma vez que a luta anticolonial possuía um caráter transnacional e coletivo, a promoção desse "sentimento de irmandade e solidariedade regional" entre movimentos também representava o compartilhamento de experiências, ideias e visões de mundo.

Enquanto o Comitê Executivo da UDENAMO caminhava irresolutamente nas direções apontadas pelo BAA, todavia, as ideias associadas a essas conexões começavam a ser contestadas pelos demais núcleos do movimento. Em novembro de 1961 Adelino Gwambe publicava junto a revista *The Voice of Africa*, em Gana, um texto recheado de críticas raciais e de classe, onde acusou um pequeno grupo de mulatos e assimilados moçambicanos de estarem a serviço dos portugueses, e se opõe a sua liderança: "percebi que o que o povo oprimido de Moçambique deseja não é um líder altamente educado, mas apenas um líder determinado e dedicado armado com os princípios do Nacionalismo Pan-africano, por que a liderança política do grupo de mulatos assimilados nunca será aceita"[286]. Em outro trecho, ele deixa novamente claro a que ideias está associado: "Nada pode abalar nossa convicção de que a política de multirracialismo levaria Moçambique a uma nova forma de colonialismo, ou seja, o neocolonialismo"[287]. Com isso, ele estava se vinculando aos discursos sobre o neocolonialismo de Kwame Nkrumah, e a retórica racial do PAC, que àquela altura era altamente associado ao BAA.[288] Ele mobilizava isso diretamente para se legitimar na liderança da UDENAMO, se contraponto a outras

[285] A disputa entre os "*Hubs* de Descolonização" em Accra e Dar es Salaam levou a constituição de várias movimentos anticoloniais rivais no continente, cada um apoiado por um dos lados da disputa. Na região sul do continente, são notórios os casos da MANU e da UDENAMO, mas também de futuras organizações dissidentes da FRELIMO que recebiam apoio do BAA. Ademais, nessa época a divisão entre o PAC e o ANC da África do Sul também se dividia nessa mesma geografia, com o ANC se estabelecendo em Dar es Salaam enquanto o PAC se aproximava de Accra. Por fim, ainda falando da região sul do continente, ao longo da década a ZAPU passou por conflitos e acabou tendo uma organização dissidente – *Zimbabwe African National Union* (ZANU) – que também reproduziu essa rivalidade. Sobre isso, ver: BURTON, 2019. GRILLI, 2018*;* GRILLI, 2015; AHLMAN, 2011.

[286] GWAMBE *apud* MARCUM, 2018, p. 27, t. n. No original: "I have realized that what the oppressed people of Mozambique want is not a highly educated leader but just a determined and dedicated leader armed with the principles of Pan African Nationalism, because the political leadership of the mulatto-assimilado groups will never be accepted".

[287] GWAMBE *apud* MARCUM, 2018, p. 27, t. n. No original: "Nothing can shake us from the conviction that the policy of multiracialism would lead Mozambique to a new form of colonialism, i.e. neocolonialism".

[288] AHLMAN, 2011.

lideranças que àquela altura poderiam desafiar sua hegemonia – nomeadamente, Marcelino dos Santos.

Se naquele período o que legitimava o Comitê Executivo na liderança da organização era a sua representatividade internacional, certamente Marcelino dos Santos era sua maior ameaça. Ele possuía acesso a ainda mais conexões transnacionais que Adelino Gwambe, além de trajetória e reconhecimento que lhe davam um prestígio muito superior, sendo hábil o bastante para atrair suas próprias conexões – ainda que não estivesse diretamente associado ao BAA. A questão em torno de Dos Santos era sua legitimidade interna: sendo ele um mulato moçambicano assimilado, já a muito tempo vivendo na Europa, vinculado ao mundo intelectual, sua bagagem teórica não era o bastante para lhe dar consistência nas disputas pelo poder da UDENAMO. Os relatos do período demonstram que existia uma certa resistência, particularmente dos moçambicanos vindos do norte – em especial aqueles vinculados a MANU – a alguns moçambicanos do sul por associar eles demasiadamente aos portugueses. Os assimilados, e em particular os mulatos ou brancos, certamente eram o extremo desse estereótipo. Apesar de Julius Nyerere possuir um discurso não-racialista, alguns setores da TANU também não veriam com bons olhos a presença de mulatos e brancos nos movimentos anticoloniais.[289]

Ao assumir a retórica afro-centrada contrária ao multirracialismo, a UDENAMO estava incorporando essas questões, e inviabilizando a liderança de um mulato associado a um contexto internacional mais abrangente. É Aristides Pereira, do PAIGC, que encaminha esse volume da *The Voice of Africa* para Marcelino dos Santos em correspondência de janeiro de 1962, sendo negativamente sucinto sobre o assunto "sem comentários"[290]. A resposta do moçambicano, dias depois, foi também sucinta, mas indica a forma como o assunto foi recebido em Rabat: "Vi o artigo de Gwambe e quanto há de miséria. Escrevi já para Dar es Salaam, pois é necessário tomar medidas enérgicas"[291]. Ainda que não estejam documentadas que medidas foram essas, está claro que a partir do final de 1961 as referências e ideias associadas ao BAA começavam a ser disruptivas nas dinâmicas internas da UDENAMO.

[289] Alguns relatos do período trazem passagens que exemplificam isso. Ver: NDELANA, 2012; MARTINS, 2011.
[290] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04607.051.002.
[291] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.038.008.

Outro episódio que explicita isso se deu no princípio de 1962, quando a Tanganica intensificava sua ação sobre os movimentos anticoloniais, conforme já descrito, e o controle sobre a entrada de financiamento internacional se tornava parte essencial disso. A UDENAMO na época recebia o que Martins (2011) define como financiamentos irregulares e difíceis de justificar vindos de Gana, e no princípio de 1962 esse assunto levou ao fechamento de seus escritórios pelas autoridades da Tanganica, e a prisão de Mahluza e Mabunda.[292] Com isso, sem ter qualquer informação sobre o assunto, Gwambe, a partir de Gana, tomou a decisão súbita de mudar a sede da UDENAMO para Mogadíscio, na Somália, em decisão individual anunciada aos estudantes que faziam o curso em Gana na época.[293] Eles se opuseram frontalmente a essa decisão, e sete deles – Lopes Tembe, Daniel Malhalela, Aníbal Chilengue, Constantino Dumangane, Lourenço Matola, Bombarda Matata Tembe e Absalão Baúle – abandonaram o curso e retornaram a Tanganica para explicações. Lá chegando, encontraram os escritórios já reabertos, e foram atacados pelos membros do Comitê Executivo, em particular por Mahluza e Mahlayeye, pelo risco que corriam de prejudicar as relação com o BAA ao abandonar o curso. O caso só se acalmou com a intervenção de Óscar Kambona, que teria garantido a segurança do grupo vindo de Gana.[294]

Assim, percebe-se a tensão entre as conexões transnacionais se refletindo entre os moçambicanos, gerando divisões no interior da UDENAMO não apenas em nível de lideranças, mas também entre os seus militantes. Em um momento em que crescia cada vez mais seu número de membros em Dar es Salaam, e a pressão por unidade nas conversas anticoloniais moçambicanas aumentava, a associação do Comitê Executivo com ideias vinculadas ao BAA lhe tirava legitimidade perante muitos membros do movimento que se viam mais identificados com o contexto da Tanganica.

Era essa, portanto, a situação no início de 1962. Enquanto a MANU se mostrava enfraquecida, em conflitos internos e perdendo apoio financeiro, a UDENAMO se consolidava cada vez mais como a principal organização anticolonial moçambicana,

[292] MARTINS, 2011; NDELANA, 2012.

[293] Esse é um acontecimento que carece de maiores explicações. Não há nenhuma outra fonte ou referência acessados para essa tese que esclareça que tipo de relações Gwambe ou a UDENAMO tinham com a Etiópia, e não acessamos qualquer registro de que representações da organização tenham sido estabelecidas no país. Na época, entretanto, a Etiópia era governada pela *Somali Youth League*, estabelecendo diálogos com o projeto pan-arabista de Nasser, e recebendo ajuda econômica de China e URSS. Portanto, é possível que Gwambe tenha visto o país como uma base alternativa na África Oriental mais alinhada com suas conexões transnacionais. - A desvantagem geográfica que isso representava, entretanto, é evidente. Ver: THIAM; MULIRA, 2010.

[294] NDELANA, 2012; LOPES TEMBE, 2012.

agora não mais só no nível internacional, mas também na mobilização de militantes. A questão das conexões transnacionais, entretanto, era problemática. O sucesso da UDENAMO se devia, em grande medida, ao apoio recebido de seu Comitê Executivo pelo BAA. As conexões vinculadas a Gana, entretanto, tinham uma reputação péssima entre vários dos militantes do movimento e entre as autoridades da Tanganica, que hospedava esses moçambicanos naquele período e não iriam apoiar um movimento tão associado a conexões rivais.

2.3. A FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE

Em maio de 1962 as negociações em torno da "Unidade" finalmente progrediram. O aumento da pressão por seu desfecho – por Nyerere, Nkrumah, pela CONCP, pela UNEMO, e pelos próprios movimentos anticoloniais – somou-se ao encontro do Comitê das Nações Unidos para os territórios sob administração portuguesa que aconteceu em Dar es Salaam naquele mês, onde a MANU, a UDENAMO e a CONCP realizaram declarações. Isso atraiu a cidade naquele período muitos dos agentes anticoloniais moçambicanos que se encontravam espalhados a altura, como aqueles que estavam em Tanga, na Rodésia do Sul ou em Lourenço Marques realizando trabalho de recrutamento, ou aqueles que estavam no exterior, como Marcelino dos Santos, Alberto Chissano e Adelino Gwambe, que finalmente foi aceito novamente na cidade.[295]

Isso se dava em um período no qual o Comitê Executivo da UDENAMO se tornava cada vez mais hegemônico na tomada de decisões quanto aos rumos do anticolonialismo moçambicano. Contando com o firme apoio de Gana, e associado às conexões ligadas a CONCP, o grupo reunido em torno de Adelino Gwambe possuía recursos que lhe permitiram ditar os caminhos da "Unidade" entre os movimentos anticoloniais. A MANU, associada a TANU, perdia cada vez mais apoio devido ao seu enfraquecimento interno, e assim perdia capacidade de ação. Os múltiplos moçambicanos espalhados pela Tanganica, por sua vez, eram dispersos e com lideranças pouco convergentes, e acabavam ficando a mercê de decisões tomadas de cima.[296]

[295] MARCUM, 2018; CABRITA, 2000; LIESEGANG; TEMBE, 2005; TEMBE, 2014; BRENNAN, [Em vias de publicação]; IVASKA, 2021; CAHEN, 1999; NCOMO, 2013; NUNES, 2012; MARTINS, 2011; CHISSANO, 2010; MARUPA, 2012; GUNDANA, 2012; NDELANA, 2012; DOS SANTOS, 2012; MAHLUZA, Fanuel. Entrevista. [concedida a] Emilio Manhique. TVM, Maputo, sem data.
[296] MARCUM, 2018; CABRITA, 2000; LIESEGANG; TEMBE, 2005; TEMBE, 2014; BRENNAN, [Em vias de publicação]; IVASKA, 2021; CAHEN, 1999.

Percebendo isso, o BAA aproveitava a oportunidade para fortalecer seus laços com a UDENAMO e assim garantir sua própria influência sobre o processo de "Unidade" em curso. A abertura dos escritórios do movimento moçambicano no Cairo foi providenciada pelas lideranças de Gana naqueles tempos, que também lhes dava aportes financeiros cada vez maiores.[297] De acordo com informações da embaixada americana em Dar es Salaam, reportadas no dia 19 de junho de 1962, Gwambe teria recebido 14 mil dólares vindos de Gana na semana anterior.[298] Já em outro documento, datado do dia 10 de julho de 1962, fala-se em 6 mil dólares recebidos desde abril vindos de Accra e do Cairo, provavelmente originários da União Soviética.[299] Ademais, no documento do dia 19 de junho de 1962 é descrito como Gwambe administrava o dinheiro recebido pessoalmente, enquanto as contas da UDENAMO estavam vazias, garantindo assim a sua própria liderança sobre os demais membros do movimento. Com isso ele estava conseguindo também cooptar as lideranças da MANU em seu favor, que por sua vez também estavam em dificuldades financeiras - "a pequeníssima subvenção que a *Tanganyika African National Union* (TANU) havia anteriormente disponibilizado para MANU havia cessado e os oficiais da MANU se tornaram completamente dependentes de Gwambe para sua subsistência"[300].

Assim, o que se percebia era que a aliança entre o Comitê Executivo da UDENAMO e Gana possibilitava ao grupo de Adelino Gwambe capturar os movimentos anticoloniais moçambicanos em um momento decisivo das conversas. Em passagem por Dar es Salaam a partir de maio de 1962, Joaquim Chissano testemunhou esse processo. Sua viagem se deu com documentos de Gana, conseguidos por Gwambe. Ao chegar na cidade, foi apresentado por ele ao chefe da missão de Gana na Tanganica, "que se colocava nitidamente bem como tutor de Gwambe. Ele é que o aconselhava, ou melhor

[297] Nos anos finais da década de 1950 Kwame Nkrumah e Gamal Nasser possuíam projetos concorrentes, uma vez que Nasser estava associado ao Pan-arabismo, enquanto Nkrumah promovia o Pan-africanismo, e esses projetos disputavam hegemonia no continente africano. No princípio da década de 1960, entretanto, eles haviam desenvolvido uma parceria importante, se alinhando em várias questões chave do continente. A criação de um escritório da UDENAMO na cidade está associada a isso. Ver: BURTON, 2019.

[298] Departamento de Estado dos Estados Unidos. Embaixada americana em Dar es Salaam. 19 de junho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita.

[299] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Airgram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de julho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita.

[300] Departamento de Estado dos Estados Unidos. Embaixada americana em Dar es Salaam. 19 de junho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "the very small subvention the Tanganyika African National Union (TANU) had previously made available to MANU had ceased and that the MANY officials had become completely dependente upon Gwambe for their subsitence".

lhe ordenava, sobre o que fazer nas coisas políticas".[301] "Tratava-se de certo modo de uma luta de influência entre o Gana e o *Tanganyika*"[302].

Em meio a isso, no final de maio de 1962, Gwambe conseguiu organizar a viagem das lideranças da UDENAMO e da MANU em conjunto para participar da *All Freedom Fighters Conferece*, em Gana, a convite de Kwame Nkrumah. Nessa conferência Nkrumah procurava aumentar sua influência sobre os movimentos anticoloniais, especialmente no sul do continente onde sua desvantagem geográfica se tornava cada vez mais evidente. Além disso, a formação de frentes unidas entre os convidados seria um grande trunfo.[303] Em 10 de maio Marcelino dos Santos enviou uma carta às organizações membros da CONCP, onde já falava do convite enviado por Nkrumah, "o espírito que preside à realização dessa importante conferência está de pleno acordo com os princípios elaborados pela nossa conferência de Casablanca"[304]. Ele ainda sugere como uma das ordens do dia a "união das forças nacionalistas na escala nacional de cada país"[305] e o convite de organizações anticoloniais não-membros da CONCP, incluindo a MANU. Assim, está claro que àquela altura, ainda que tivesse problemas com Gwambe e eventualmente até com Nkrumah[306], Dos Santos e a CONCP se mantinham fiéis as conexões de Casablanca, e viam com bons olhos uma unificação que preterisse Dar es Salaam em relação à Accra.

Contando com isso, Gwambe foi capaz de convencer lideranças da MANU a acompanhá-lo para essa conferência. Alguns autores afirmam que o governo da Tanganica teria se negado a preparar a passagem para eles, que teria sido providenciada pela embaixada de Gana.[307] Já Marcelino dos Santos diz que o governo da Tanganica teria feito eles assinarem um documento, em grupo, dizendo que iriam a Gana e depois voltariam, e só depois disso aceitou custear as passagens.[308] Documentos consultados por Cabrita afirmam que a MANU e a UDENAMO teriam chegado a assinar uma "carta de

[301] CHISSANO**,** 2010, p. 335.
[302] CHISSANO**,** 2010, p. 336.
[303] GRILLI, 2018.
[304] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.038.068.
[305] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.038.068.
[306] João Cabrita afirma que Marcelino dos Santos não estaria impressionado com Kwame Nkrumah por ele não o considerar um verdadeiro representante do povo moçambicano pelo fato de ser mulato. Não temos acesso a fontes do período que sustentem essa afirmação. Por um lado, é verdade que Nkrumah na época apoiava algumas iniciativas no continente que se opunham ao multirracialismo/não-racialismo. Por outro lado, Marcelino dos Santos estava associado a conexões transnacionais que passavam por Accra, e ele próprio esteve na cidade em mais de uma ocasião, inclusive tendo contatos com o próprio Nkrumah. Detalhes dessa relação precisam ser mais bem esclarecidos. Ver: CABRITA, 2000.
[307] LIESEGANG; TEMBE, 2005; CABRITA**,** 2000; NCOMO, 2013.
[308] DOS SANTOS, 2012.

intenções" para formar uma frente unida em 24 de maio em Dar es Salaam antes de embarcar para.[309] De qualquer forma, foi nesse evento, que aconteceu entre 30 de maio e 2 de junho, em Winneba, que pela primeira vez a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) foi de fato anunciada. Estavam presentes na conferência Adelino Gwambe, Marcelino dos Santos, Fanuel Mahluza e Calvino Mahlayeye, compondo uma maioria associada ao Comitê Executivo da UDENAMO; e Mateus Mmole, Samly Diankali, e Daud Atupali ligados a MANU.[310] Mahluza afirma ter sido ele próprio que sugeriu o nome da nova Frente Anticolonial nas reuniões que aconteceram em Winneba.[311] Já Chissano afirma que a sigla já teria sido previamente escolhida em Dar es Salaam.[312]

É de comum acordo entre os diversos relatos sobre esse anúncio, todavia, que ele foi apenas simbólico, e nada estava definido sobre a organização efetiva da FRELIMO naquele momento. Suas estruturas não estavam unificadas, e muitos dos agentes do anticolonialismo moçambicano não estavam presentes naquele momento – ficando concentrados em Dar es Salaam, onde avançavam com conversações simultâneas para promover a "Unidade". A interpretação de Chissano sobre essa situação é enfática: "sabendo que havia um debate sobre a unificação dos movimentos de libertação, Guambe e Mole quiseram 'puxar o tapete' e assinaram às pressas um documento de criação da FRELIMO em Accra"[313]. Em entrevista recente, ele afirmou que os rumores da chegada de Mondlane a Dar es Salaam teriam impelido os líderes de MANU e UDENAMO a

[309] CABRITA, 2000.

[310] A criação da FRELIMO em Accra é um de seus episódios mais misteriosos. Esse evento jamais foi citado pela historiografia oficial moçambicana, e os seus detalhes não estão claros. Primeiramente, cabe citar aqui que Jaime Khamba, um dos membros da UDENAMO na época, foi a primeira pessoa a trazer esse fato à tona no país, em reportagem para o jornal Savana em 2003. Posteriormente, entretanto, foi o próprio Khamba que supostamente disponibilizou online um documento assinado por Mmole, Gwambe, Milinga e Mahlayeye que "comprova" a sua versão dos fatos. Esse documento, entretanto, é muito controverso. Ele é datado do dia 2 de fevereiro de 1962, e inicia-se com a frase "ao final da *Freedom Fighters Conference* em Accra, Gana […]". Essa conferência de fato foi o onde a FRELIMO foi criada, mas ela aconteceu apenas entre o final de maio de início de junho daquele ano, e não em fevereiro. Ademais, não há referência que indiquem que a MANU e seus dirigentes tivessem qualquer tipo de relação com Gana nesse período, e Gwambe, seu maior "divulgador", estava banido da Tanganica. Posto isso, cabe ressaltar que todas as demais fontes estudadas para essa pesquisa tratam de negociações para a unificação acontecendo ainda durante os meses de março, abril e maio, até sua consolidação – que derruba a hipótese de uma criação em fevereiro. O documento citado, portanto, não será considerado nessa pesquisa, uma vez que ele carece de maiores explicações. Isso não resolve por si os mistérios desse caso – os presentes na conferência, o processo de escolha do nome da organização e seus desdobramentos ainda precisam ser mais bem explicados. O esforço aqui realizado traz os fatos que aparentemente são mais consistentes. Sobre isso, ver: LIESEGANG; TEMBE, 2005; NDELANA, 2012; MAHLUZA, Fanuel. Entrevista. [concedida a] Emilio Manhique. **TVM**, Maputo, sem data; CABRITA, 2000; CHISSANO, Joaquim. Entrevista [concedida a] Gabriel Júnior. **Moçambique em Concerto.** TV Sucesso, 2021.

[311] MAHLUZA, Fanuel. Entrevista. [concedida a] Emilio Manhique. **TVM**, Maputo, sem data.

[312] CHISSANO, Joaquim. Entrevista [concedida a] Gabriel Júnior. **Moçambique em Concerto.** TV Sucesso, 2021.

[313] CHISSANO, 2012, p. 25.

realizarem esse anúncio, para criar a "impressão de que já estavam unidos" e garantir seu próprio lugar de liderança na Frente[314]. A chegada de Uria Simango à Tanganica também vinha causando problemas ao Comitê Executivo da UDENAMO naqueles dias, que temia que ele fosse capaz de se apropriar do processo em curso.[315]

Assim sendo, Feliciano Gundana, um dos moçambicanos em Dar es Salaam, pontua como se deram as coisas: "já decorria o trabalho de preparação da própria conferência constituinte da FRELIMO e, por outro lado, aqueles que foram para Accra já tinham participado nessas reuniões […]. Quando foram a Accra não era para criarem a FRELIMO, era para participarem na conferência [...]"[316]. Miguel Marupa, que também fazia parte das conversas, define qual o interesse estratégico por trás desse anúncio, deixando claro o jogo que existia entre os "*Hubs* de Descolonização" no contexto: "deram uma conferência de imprensa assim, às pressas, dizendo que já foi criada a Frente de Libertação de Moçambique, só para aquilo aparecer na rádio, e o Nkrumah ouvir e dizer que isso de fato existia. Não existia, existia só para efeito daquela conferência"[317] - Ao comentar o episódio, Martins concorda com a existência de interesses internacionais por trás do anúncio: "o osso duro de roer foi Guambe, mas, sobre esse, tinha Gana um argumento decisivo – a ameaça de lhe cortar os víveres. Aliás, Guambe fez sempre o que os interesses estratégicos de Gana (ou talvez melhor de Nkrumah) ditassem [...]"[318].

Ao retornar a Dar es Salaam, entretanto, a fragilidade daquele anúncio ficou evidente quando eles se depararam com um novo cenário. Agora, Baltazar Chagonga também já estava na cidade, e queria incluir a UNAMI na nova frente anticolonial, somando-se a MANU e a UDENAMO.[319] Mais relevante que isso para as negociações

[314] CHISSANO, Joaquim. Entrevista [concedida a] Gabriel Júnior. **Moçambique em Concerto.** TV Sucesso, 2021.
[315] A chegada de Uria Simango em abril de 1962 à Dar es Salaam, em fuga da perseguição do regime português, representou a maior ameaça até então para a liderança do Comitê Executivo da UDENAMO. Se em termos de conexões e apoios transnacionais ele ainda não possuía consistência o bastante para contestar o poder instituído do movimento, em legitimidade interna ele mostrou-se um poderoso concorrente. Simango era um pastor, já de 36 anos na época, que possuía trajetória e oratória que se sobrepunham sobre as jovens lideranças associadas a Adelino Gwambe. Além disso, ele era associado as regiões centrais de Moçambique, em contraposição aos "sulistas" que comandavam a UDENAMO na época, trazendo consigo a complexa questão regional que tocava em um ponto delicado para os moçambicanos (ver nota de rodapé 349). Assim, sua chegada significou um desafio ao Comitê Executivo, que observava ele como seu principal adversário na liderança do processo de "Unidade" em curso. Sobre isso, ver: LIESEGANG; TEMBE, 2005; NDELANA, 2012; NCOMO, 2013; CHISSANO, 2012; MAHLUZA, Fanuel. Entrevista. [concedida a] Emilio Manhique. **TVM**, Maputo, sem data.
[316] GUNDANA, 2012, p. 202., p. 81.
[317] MARUPA, 2012.
[318] MARTINS, 2011, p. 151-152.
[319] Sobre a UNAMI, ver o Capítulo 1.

em andamento era a chegada de Eduardo Mondlane, que imediatamente assumia a liderança dos diálogos.

Ele já era esperado em Dar es Salaam há algum tempo. Julius Nyerere, percebendo os desafios da construção da "Unidade" no anticolonialismo moçambicano, já havia se correspondido com ele em dezembro de 1961. Na ocasião da independência da Tanganica, ele apelava para sua ida à cidade:

> A nossa independência não será completa se Moçambique não for livre.… Não consigo igualar o salário que você está recebendo como professor. Mas eu posso te dar essas coisas: vou te dar uma casa, de graça (e sim eles foram prepará-la), posso te dar um subsídio (não me lembro quanto, mas era o básico), e a liderança na educação de seu povo, para que Tanganica possa ser como um trampolim para penetrar [em Moçambique], e nós o ajudaremos.[320]

Os contatos de agentes associados ao anticolonialismo moçambicano com Mondlane não começavam ali. A UNEMO estava associada a ele desde meados de 1961, e se comunicava diretamente com Marcelino dos Santos, Gwambe, e outras figuras desse contexto. Além disso, Mondlane já era possivelmente visto por Marcelino dos Santos como um eventual líder do processo em 18 de agosto de 1961, quando manifestou em carta a Vieira Lopes que tentaria "fazer os esforços necessários para combater a penetração americana que vem através de Mondlane"[321]. É evidente que ele poderia representar uma ameaça para a linha socialista a qual o secretário-geral da CONCP se alinhava – simultaneamente, ele era o único moçambicano com doutorado de que se tinha notícias no período, um funcionário da ONU com prestígio, professor universitário, filho de uma liderança tradicional do sul, com altos contatos entre as igrejas protestantes, próximo de quadros importantes da política norte-americana e portuguesa. Era, portanto, um indivíduo que não poderia ser ignorado nas pretensões anticoloniais moçambicanas, ainda que fosse vinculado aos EUA. No mesmo sentido, até Kwame Nkrumah pode ter tentado atrair Mondlane para a unificação dos movimentos, ainda que mais tarde as pretensões dos dois tenham se mostrado opostas.[322]

---

[320] NYERERE *Apud* BJERK**,** 2015, p. 188, t. n. No original: "Our independence won't be complete if Mozambique is not free... I can't match the salary you are now getting as a professor. But I can give you these things: I will give you a house, for free (and indeed they went to prepare it), I can give you an allowance (I don't recall how much, but it was basic), and the leadership in educating your people, so that Tanganyika can be like a springboard to penetrate [Mozambique], and we'll help you".

[321] Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.035.

[322] Tanto Chissano quanto Hélder Martins afirmam que Kwame Nkrumah já havia feito contatos com Mondlane antes da criação da FRELIMO, vendo-o como um possível líder para promover a unificação entre os movimentos anticoloniais. Essa informação é pouco crível – uma vez que se observe a retórica de Nkrumah, muito antiocidental e em constante conflito com os Estados Unidos, é improvável imaginar que visse Modlane como uma boa opção. Independente disso, conforme será demonstrado na sequência dessa

Entre os próprios movimentos anticoloniais moçambicanos, Hélder Martins revela enquanto esteve em Dar es Salaam no final de 1961 ouviu comentários elogiosos sobre Mondlane de Mahluza, que também via nele uma esperança no complexo processo de "Unidade".[323] Em 1962 os próprios dirigentes da UDENAMO enviaram uma carta clamando pela ida de Mondlane a Tanganica, como forma de atrair uma liderança do sul que possivelmente seria capaz de contrapor Simango nas disputas internas pelo poder que se davam na época – demonstrando que mesmo entre eles, que buscavam liderar as tumultuadas conversas do período, Mondlane chegou a ser visto como uma possível alternativa em meio a problemas difíceis de solucionar.[324] Inácio Nunes, por sua vez, revela que a UNAMI também já havia se correspondido com Mondlane para chamá-lo ao seu movimento no Malawi.[325] É provável que ele tenha sido procurado mais vezes, e talvez por todos os movimentos anticoloniais moçambicanos, devido a seu lugar de destaque no contexto – Mondlane era, individualmente, indispensável sob uma perspectiva global da causa em Moçambique, e uma vez que as divergências entre os agentes do período tornavam uma solução unificada tão difícil, ele era naturalmente visto por muitos como uma possível solução à questão.

Assim, enquanto as lideranças da MANU e da UDENAMO se reuniam em Accra, ele chegou a Dar es Salaam no dia 7 de junho. João Mungwabe relatou os passos de Mondlane na cidade:

> A partir desse encontro com os nacionalistas moçambicanos, o Dr. Eduardo Mondlane fez o seguinte:
> - Primeiro visitou os militantes da UDENAMO no campo de Mungulane. Ele expôs claramente o seu programa de unidade de todos os movimentos nacionalistas moçambicanos;
> - Segundo, teve uma audiência com o Presidente Nyerere, com quem mantinha uma longa amizade desde os tempos da luta pela independência do Tanganyika, em Nova York;
> - Terceiro, o Presidente Eduardo Mondlane, já credenciado pelo Presidente Julius Nyerere, teve encontros oficiais com os dirigentes da MANU, nos escritórios da TANU, onde foram debatidos os temas relativos à Unidade dos movimentos nacionalistas Moçambicanos;
> - Quarto, o Dr. Eduardo Mondlane encontrou-se com os dirigentes da UDENAMO, onde se acordou a constituição de uma conferência tripartida dos movimentos UDENAMO, MANU, e UNAMI de Baltazar da Costa Chagonga.[326]

pesquisa, as relações entre os dois foram bastante conflituosas desde o período de formação da FRELIMO. Ver: CHISSANO, 2012; MARTINS, 2011; e o Capítulo 4.

[323] MARTINS, 2011.

[324] MAHLUZA, Fanuel. Entrevista. [concedida a] Emilio Manhique. **TVM**, Maputo, sem data; NDELANA, 2012; Ver também: nota de rodapé 306 e 349.

[325] NUNES, 2012.

[326] MUNGUABE *apud* LANGA, 2011, p. 121-122.

Em seus encontros com os estudantes e refugiados, nos primeiros momentos após sua chegada, ele já teria ouvido reclamações sobre a liderança em torno de Gwambe, que os impedia de conseguir bolsas de estudos no exterior, dirigia a UDENAMO de maneira individualista, e controlava os fundos recebidos por conta própria – indicando sua inspiração no paternalismo da Gana.[327] Foi só no dia 15 que ele finalmente encontrou as lideranças dos movimentos quando eles voltaram de Gana, e no dia 18 descreveu a embaixada dos Estados Unidos na Tanganica a situação que havia encontrado - "ele ficou consternado ao saber como Adelino GWAMBE, líder da UDENAMO, estava totalmente comprometido com o Dr. Kwame NKRUMAH e com o Bloco Comunista, e alega que Gwambe é um receptor regular de fundos substanciais de Gana e da União Soviética"[328]. Ele também aponta que, com isso, a própria MANU estava sendo absorvida pela UDENAMO. Algumas referências indicam que Gwambe insistia até que os estatutos da nova Frente Anticolonial precisariam ser aprovados em Accra nessas conversas.[329]

A postura das lideranças da Tanganica naquele momento também preocupou Modlane, uma vez que eles estariam permitindo a absorção da MANU pela UDENAMO. Ao conversar com Nyerere sobre isso, se viu frustrado por perceber que ele estava agindo como um "Eisenhower da Tanganica"[330] - ou seja, recusando-se a envolver no conflito e encaminhando ele ao ministro responsável, Oscar Kambona. Ao falar com Kambona, ouviu a explicação do mesmo de que ele estaria favorecendo a UDENAMO no processo de absorção com o desejo de "substituir Dr. Nkrumah"[331] na influência da organização. "Mondlane sugeriu a Kambona para considerar a vantagem de obter fundos de fontes ocidentais para libertar o movimento de Moçambique de Gwambe"[332]. A ideia certamente soava muito bem ao projeto da Tanganica naquele momento, e foi imediatamente aceita pelo ministro. Mondlane revelava planos ao embaixador americano de viajar ao Cairo,

[327] MANGHEZI, 2019; Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de julho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita.
[328] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Embaixada americana em Dar es Salaam.* 19 de junho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita, T. n. No original: "Mondlane reported that he was dismayed to learn how completely committed Adelino GWAMBE, leader of UDENAMO, was to Dr. Kwame NKRUMAH and to the Communist Bloc, and alleges that Gwambe is a regular recipiente of substantial funds from Ghana and from the Soviet Union".
[329] MANGHEZI, 2019; LIESEGANG; TEMBE, 2005.
[330] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Embaixada americana em Dar es Salaam.* 19 de junho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Tanganyikan Eisenhower".
[331] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Embaixada americana em Dar es Salaam.* 19 de junho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "placete Dr. Nkrumah".
[332] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Embaixada americana em Dar es Salaam.* 19 de junho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Mondlane urged Kambona to consider the advantage of securing funds from Western sources in order to free the Mozambique movement from Gwambe".

Tunes, Geneva, Londres e Nova York após a visita a Tanganica para buscar esses fundos que substituíssem aqueles recebidos pelo Comitê Executivo da UDENAMO.[333] Tendo uma postura mais independente no cenário internacional, o governo local certamente preferia as conexões de Mondlane em relação àquelas que havia encontrado em outros líderes moçambicanos até então, e passou a apoiá-lo no processo de unificação das organizações.

Ainda segundo esse mesmo documento, Mondlane estava "esperançoso que a crescente insatisfação com as conexões de Gwambe com Gana e os Soviéticos entre seus próprios tenentes e os poucos refugiados moçambicanos articulados em Dar es Salaam pode servir para bloquear a vitória completa de Gwambe"[334]. O presidente da UDENAMO estaria "de alguma forma perturbado pela presença de Mondlane em Dar es Salaam"[335], e sairia em viagem à Índia no dia 17, a qual teria sido compelido a adiar por militantes da UDENAMO e políticos da Tanganica, mas se recusado.[336] Antes disso ele teria sido "forçado" a aceitar a designação de uma comissão de oito pessoas para liderar os processos de unidade durante sua ausência – "Mondlane não acreditava que isso implicasse em alguma concessão da parte de Gwambe, enquanto Gwambe for a fonte de fundos para seu próprio povo e para os líderes da MANU, há pouco risco de que qualquer coisa fosse acordada que Gwambe não achasse aceitável"[337]. Apresentar fontes alternativas a esses fundos se mostrava então necessário.

Nos próximos dias, após a viagem de Gwambe, Mondlane teve tempo para fazer isso e conquistar o suporte necessário para liderar a "Unidade". As reuniões começaram no dia 20 de junho. Ele já contava com o apoio dos estudantes ligados a UNEMO e também do governo da Tanganica – Nyerere teria dado suporte pessoal ao nome de

[333] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Embaixada americana em Dar es Salaam.* 19 de junho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita.
[334] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Embaixada americana em Dar es Salaam.* 19 de junho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "hopeful that the growing dissatisfaction with Gwambe's Ghanian and Soviet connections among his own lieutenants and the few articulate Mozambique refugees in Dar es Salaam might serve to temporarily block a complete victory by Gwambe".
[335] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Embaixada americana em Dar es Salaam.* 19 de junho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Gwambe was somewhat disturbed by Mondlane's presence in Dar es Salaam".
[336] MARCUM, 2018.
[337] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Embaixada americana em Dar es Salaam.* 19 de junho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Mondlane did not believe that this implied any major concession on Gwambe's part, since, as long as Gwambe is the source of funds for his own people and for the MANU leaders, there was little danger that anything would be agreed that Gwambe would not find acceptable".

Mondlane.[338] Ademais, a própria trajetória de Mondlane lhe habilitava naquelas negociações.[339] Ele aproveitou a oportunidade para oferecer fontes alternativas de recursos em relação a Gwambe, e bolsas de estudos no exterior para os estudantes, conquistando suporte rapidamente – também foi hábil ao conquistar as lideranças Macondes presentes naquele contexto com o apoio das lideranças locais.[340] Foi só na véspera da reunião para a "Unidade", quando seu processo já estava avançado, no dia 24 de junho, que o presidente da UDENAMO se encontrou com Mondlane a portas fechadas após ter retornado da Índia. "O encontro durou cerca de três horas […], Gwambe saiu dele barafustando contra a figura de Eduardo Mondlane. […] segundo alegou, Mondlane não tinha posições claras quanto ao uso da violência armada. […] Passou, desde então, a rotular Mondlane de agente do imperialismo ocidental no seio do nacionalismo moçambicano"[341].

No dia 25 de junho, quando a PAFMECSA organizou a reunião para a unificação dos movimentos anticoloniais moçambicanos, eram três os candidatos à presidência da FRELIMO: Mondlane, Simango e Chagonga.[342] Segundo os documentos da embaixada americana, Mondlane foi eleito com 116 votos entre os 135 possíveis, mostrando amplo apoio entre os moçambicanos. Uria Simango foi nomeado seu vice-presidente, enquanto David Mabunda se tornava secretário-geral, Paulo Gumane o segundo secretário-geral, e Mateus Mmole o tesoureiro. O Comitê Executivo da UDENAMO claramente perdia espaço na organização que era ali criada, e Adelino Gwambe se tornava seu primeiro dissidente.[343] Junto dele, apenas Calvino Mahlayeye também abandonava a FRELIMO no momento de sua fundação, se mantendo fiel a Gwambe, enquanto Sigaúke e Mahluza decidiam adentrar na Frente recém-criada.[344]

Gwambe ainda foi compelido a assinar a declaração de dissolução da MANU e da UDENAMO, prometendo transferir todas os seus membros, estruturas, e posses para a FRELIMO nos próximos 90 dias.[345] A UNAMI não chegou a assinar esse mesmo

[338] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Airgram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de julho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita; BJERK**,** 2015; CHIPENDA, 2012; KALIETE, 2012.
[339] NCOMO, 2013. CHISSANO, Joaquim. Entrevista [concedida a] Gabriel Júnior. **Moçambique em Concerto.** TV Sucesso, 2021.
[340] Departamento de Estado dos Estados Unidos. Airgram. Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de julho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita.
[341] NCOMO, 2013, p. 95.
[342] MARCUM, 2018; CABRITA, 2000; LIESEGANG; TEMBE, 2005; NCOMO, 2013.
[343] Departamento de Estado dos Estados Unidos. Airgram. Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de julho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita.
[344] LIESEGANG; TEMBE, 2005.
[345] *Declaration.* 25 de junho de 1962. Arquivo Pessoal de João Cabrita.

documento, e, apesar de enviar alguns de seus membros ao 1° Congresso da FRELIMO em setembro, – alguns dos quais se mantiveram nos quadros da organização daí adiante – os dirigentes do movimento formado no Malawi, incluindo o seu presidente, jamais assumiram alguma posição de destaque na FRELIMO. A UDENAMO e a MANU, pelo contrário, eram no dia 25 de junho de 1962 de fato dissolvidas, e suas estruturas centrais e membros eram absorvidos pela nova Frente Anticolonial. Um congresso para a definição de suas estruturas foi agendado para setembro.

Ao liderar a criação da FRELIMO em aliança com as lideranças da Tanganica, Eduardo Mondlane não se mostrava apenas capaz de agregar os divergentes agentes anticoloniais para finalmente declarar uma Frente Unida da luta anticolonial. Mais que isso, ele foi capaz de redirecionar completamente as conexões anticoloniais moçambicanas. Ao declarar suas projeções para a FRELIMO a embaixada americana dias depois, mostrava os caminhos que seguiria. Ao ser questionado se a nova organização deveria aceitar bolsas de estudos para os países ocidentais, ele respondeu: "Deveria aceitar bolsas de estudos em qualquer lugar que bolsas úteis fossem oferecidas. Ele falou que alguns estudantes estavam indo para União Soviética, Alemanha Ocidental, França e Estados Unidos [...] Mondlane declarou 'nós vamos trabalhar sob um espírito verdadeiro de neutralismo'"[346]. Quando questionado se sua organização pertenceria ao grupo de Casablanca ou Monrovia, disse que a pergunta "não tem nenhum significado, MFL [a sigla usada pela embaixada para se referir a FRELIMO naquele momento] é a favor da Unidade Africana e não tem por que escolher entre grupos"[347]. Se mantendo neutro no cenário internacional, ele garantia que "o governo da Tanganica, através do *Pan African Freedom Movement for Central Africa and South Africa* (PAFMECSA) iria disponibilizar uma quantidade limitada de dinheiro para assistir a MFL"[348]. Ele também já vislumbrava a necessidade de enviar membros da organização para treinos militares, mas era assertivo

[346] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Airgram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de julho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "would accept scholarships wherever useful scholarships were offered. He said some students were going to the Soviet Union, West Germany, France and the United States. [...] Mondlane asserted, 'We will work under a true spirit of neutralism".
[347] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Airgram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de julho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n., colchetes adicionados por mim. No original: "has no meaning, MLF favors African Unity and does not have to choose between groups".
[348] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Airgram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de julho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "the Tanganyika Government, through the Pan African Freedom Movement for Central and South Africa (PAFMECSA) would make a limited amount of money available to assist MLF".

quanto a isso: “qualquer treinamento futuro, disse ele, seria feito na Tunísia, Argélia ou Nigéria, e não em Gana”[349].

Assim sendo, Mondlane se mostrava capaz de direcionar o nascente movimento anticolonial em uma direção que agradava muito mais as lideranças da Tanganica. Ao declarar neutralismo e independência no cenário internacional, se mostrava aberto a conexões ocidentais, e mais pragmático na atividade diplomática. Sobretudo, ele representava uma alternativa capaz de substituir as conexões de Gana forjadas pelo Comitê Executivo da UDENAMO, o que Nyerere não havia encontrado até então em qualquer das outras lideranças moçambicanas. A FRELIMO nascia no dia 25 de junho de 1962, portanto, como uma aliada do governo seu “*Hub* de Descolonização” anfitrião. A fragilidade da “Unidade” anunciada em sua formação, entretanto, colocava em xeque sua própria sobrevivência.

2.4. A “UNIDADE” EM RETALHOS

Três meses depois, de 23 a 28 de setembro de 1962, os membros da FRELIMO voltavam a se reunir em Dar es Salaam para consolidar as estruturas que haviam sido traçadas no dia 25 de junho. O olhar sobre os documentos oficiais do 1° Congresso evidencia a quais conexões transnacionais o novo movimento anticolonial se filiava. Ao definir a Tanganica, a TANU e a PAFMECSA como aliadas, a Frente consolidava seus laços com o seu “*hub* de descolonização” anfitrião, pondo um fim na competição entre Accra *x* Dar es Salaam que havia caracterizado o anticolonialismo moçambicano durante o ano anterior.

Isso não significa, entretanto, que a FRELIMO renunciava às demais conexões transnacionais disponíveis naquele contexto. Pelo contrário, ao ser constituída enquanto uma “Frente”, se via acomodando diferentes tendências sob um objetivo comum de combater o colonialismo português. É a palavra “UNIDADE” que define todos os discursos do 1° Congresso. Rashidi Kawawa, em sua fala, apontava que o povo de Angola – que via uma crescente disputa entre MPLA e UPA na liderança da causa anticolonial – “se bate contra si próprio”[350], e destacava a importância de conseguir se criar a “Unidade”

[349] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Airgram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de julho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita. No original: “Any future training, he said, would be done in Tunisia, Algeria or Nigeria rather than Ghana”.

[350] *Discurso proferido por sua excelência senhor Rashidi Kawawa primeiro ministro da Tanganyika*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 8.

na luta. Marcelino dos Santos também falou na ocasião: "a UNIÃO é uma arma fundamental, e nós devemos possuí-la e consolidá-la em cada momento"[351]. Essa é uma retórica presente em todos os documentos do 1° Congresso. Portanto, a "Unidade" se constituía enquanto um pilar para uma luta anticolonial bem-sucedida, e era o elemento a ser ali destacado – ela era, sobretudo, uma "Unidade" entre diferentes, que finalmente conseguiam consolidar uma "Frente" possível apoiada pela Tanganica, mas que contava com influências e contatos que iam muito além de seu país anfitrião.

A ausência das citações a Gana nos documentos analisados é notória. Para além da adesão às declarações e resoluções da Conferência dos Povos Africanos, não há nenhuma referência ao país governado por Kwambe Nkrumah pela FRELIMO, mostrando que ele foi excluído de seus horizontes junto com Adelino Gwambe no momento de sua fundação. Por outro lado, há várias referências ao "Grupo de Casablanca" e as conexões vinculadas a Marcelino dos Santos nesses documentos, mostrando que a influência do "Espírito de Bandung", dos países socialistas, e das tendências revolucionárias de "Terceiro Mundo" continuavam presentes no nascente movimento anticolonial.

Ao relacionar-se com as lutas armadas em Guiné-Bissau e Angola, aos movimentos anticoloniais em São Tomé e Príncipe e Cabo Verde, aos demais movimentos anticoloniais da África, e aos "povos da África e do Mundo inteiro"[352], Dos Santos demonstrava uma presença forte dessas conexões na organização. A "Declaração Geral" da FRELIMO, inclusive, é copiada da "Declaração Geral" da CONCP – que foi redigida por ele. Portanto, a FRELIMO adere a Declaração Geral dos Direitos Humanos, e confirma as resoluções da Conferência dos Povos Africanos e da Conferência de Solidariedade Afro-Asiática à exemplo da CONCP. Ainda, declara sua solidariedade a todas as forças anticolonialistas do mundo, e afirma que vai "lutar por todos os meios para a liquidação imediata do colonialismo português"[353], abrindo espaço para uma possível via-armada que aparece apenas nas entrelinhas do 1° Congresso.

---

[351] *Discurso proferido por Marcelino dos Santos, Secretário Geral da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas, e secretário das relações exteriores da FRELIMO*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 12.

[352] *Discurso proferido por Marcelino dos Santos, Secretário Geral da Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas, e secretário das relações exteriores da FRELIMO*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 13.

[353] *Declaração Geral*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 22.

Chama atenção, entretanto, algumas partes do documento que não foram copiadas pela FRELIMO. Apesar dela reproduzir a homenagem prestada pela CONCP a Lumumba, "o herói africano"[354], a FRELIMO não adentra em qualquer outro tema polêmico do continente, criticando apenas o colonialismo português, e seus aliados regionais no sul do continente: a Rodésia do Sul e a África do Sul. Para além dessas posições que eram estratégias para a próprio luta anticolonial moçambicana, a FRELIMO mantêm silêncio quanto aos demais assuntos continentais que eram a altura debatidos. Além disso, a FRELIMO não cita diretamente o encontro do "Grupo de Casablanca". Apesar de possuir influências de suas conexões, a organização não assume oficialmente uma posição quanto a ele, mantendo a neutralidade que associar-se a PAFMECSA representava.

Outro documento ilustrativo disso são os estatutos da FRELIMO. Dessa vez, o documento se inspira na constituição da UDENAMO, também redigida por Marcelino dos Santos. Sua definição, objetivos, forma de adesão, estrutura, etc., são todos copiados do documento original. O influência do pensamento marxista sobre Dos Santos se faz presente nesse momento, uma vez que o centralismo-democrático guia essas estruturas. Novamente, entretanto, algumas ausências em relação a constituição da UDENAMO chamam atenção – a FRELIMO não se declara uma "vanguarda" da luta anticolonial, ou mesmo uma representante das "das massas de trabalhadores e camponeses". Portanto, ela possui sim uma estrutura e influências socialistas, mas a retórica construída é muito mais moderada, a exemplo da TANU. Esses documentos não se associam de maneira deliberada a qualquer lado específico no contexto da Guerra Fria, e possibilitam a constituição de um movimento anticolonial mais flexível no cenário internacional, conforme expressava Eduardo Mondlane à embaixada dos EUA na Tanganica durante o processo de constituição do movimento.

Portanto, a Frente de Libertação de Moçambique nascia como uma coalizão de influências diversas em busca de um objetivo comum: conquistar a independência de Moçambique. Para isso, ela via a Tanganica, a TANU e a PAFMECSA como aliados essenciais, e modelava seus discursos e iniciativas aos seus interesses. Isso não significava, entretanto, um alinhamento completo. A FRELIMO continuava possuindo múltiplas tendências, conexões transnacionais e influências, que serão, posteriormente, muito importantes em seu desenvolvimento como organização. As conexões mais

[354] *Declaração Geral*, Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274, p. 25.

radicais associadas a UDENAMO eram, entretanto, suavizadas nesse momento. Nascia uma organização mais moderada, capaz de acomodar apoios internacionais mais diversos, e agradar aos comandantes de seu país anfitrião.

Essa estrutura de "Frente", entretanto, tinha múltiplas facetas, e seus efeitos eram diversos. Se em termos internacionais ela permitia que a FRELIMO forjasse uma maior variedade de conexões, mostrando-se abrangente e aberta a receber apoios de diversas origens, em termos domésticos esse processo representava um desafio complexo. Muitas questões divisivas entre os moçambicanos eram ali agregadas em um mesmo movimento anticolonial, despertando conflitos internos que foram marcantes durante toda a sua história.

Prova disso é o grande número de organizações dissidentes da FRELIMO que surgiram ao longo da década de 1960. Ao ter se negado a participar de sua formação, Adelino Gwambe imediatamente surgia como um primeiro rival, que logo passou a mobilizar suas conexões transnacionais para tentar inviabilizar a Frente.[355] Ele foi apenas o primeiro – até 1964 a FRELIMO também contou com as saídas de indivíduos como Mateus Mmole, Lawrence Melinga Millinga, Fanuel Mahluza, Paulo Gumane e Devid Mabunda, Baltazar Chagonga, e o polêmico Léo Millas[356], entre outros.[357] Dito isso, fica

[355] Imediatamente após a criação da FRELIMO Adelino Gwambe mobilizou um grupo de aproximadamente 20 de seus seguidores – que seriam chamados de "Exército de Libertação de Moçambique" – para dar um golpe contra Mondlane, e capturar a Frente a seu favor. Eles haviam sido supostamente treinados em técnicas de guerrilha e sabotagem em Accra com suporte tanto de URSS quanto da China, e tiveram apoio de Gana nessa empreitada golpista. As autoridades da Tanganica foram avisadas por Mondlane dessa trama, e logo agiram no sentido de expulsar novamente Gwambe do país e garantir a estabilidade da Frente. Na sequência, Gwambe ainda atuou junto a alguns de seus antigos apoiadores, como David Mabunda, para tentar desviar os recursos do 1° Congresso, que haviam sido doados à UDENAMO pela embaixada soviética no Cairo e apropriados pela FRELIMO. Ele não conseguiu apoio nesse momento, e acabou se isolando como primeiro dissidente da Frente. Sobre isso, ver: IVASKA, 2021; Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Airgram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de julho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita.

[356] Léo Millas trata-se de um indivíduo-chave no estudo dos conflitos internos da FRELIMO. Ele foi agregado ao movimento por Eduardo Mondlane já no período de sua formação, e tornou-se um membro influente entre seus quadros de liderança. Com formação nos Estados Unidos assim como Mondlane, ele possivelmente foi visto como uma figura confiável e com conexões transnacionais próximas às suas pelo presidente da Frente, que depositou nele muita confiança. Todavia, sua reputação entre muitos membros foi extremamente negativa, visto que ele era apontado por vários deles como um espião enviado pela superpotência americana. Ainda que não haja uma comprovação sobre esse fato, o próprio Mondlane descobriu posteriormente que ele não era de fato moçambicano, e que se tratava de um infiltrado na FRELIMO. A partir disso, Millas foi expulso em 1964. Antes disso, entretanto, ele protagonizou várias disputas internas do movimento, e contribuiu enormemente para que um clima de desconfiança generalizado fosse instaurado sobre Eduardo Mondlane. Atualmente James Brennan está trabalhando em uma biografia de Millas, que pode esclarecer alguns desses fatos. Sobre isso, ver: MARCUM, 2018.

[357] Se por um lado Eduardo Mondlane mostrou-se um indivíduo convergente capaz de promover o processo de "Unidade" e liderar a criação de uma Frente Anticolonial em 1962, por outro lado ele despertou uma série de desconfianças em vários dos agentes envolvidos nesse processo, o que foi explosivo para os conflitos internos da FRELIMO. Seu perfil pró-ocidental, acadêmico, casado com uma branca norte-americana, suas conexões "imperialistas" e sua resistência a adotar uma via-armada na luta anticolonial são

evidente que enquanto a Frente foi bem-sucedida em agregar os membros da MANU e da UDENAMO, ela excluía suas lideranças, que logo passaram a se organizar em outros "*hubs* de descolonização" e formar seus próprios movimentos anticoloniais para rivalizar com a FRELIMO.[358]

As próprias MANU, UDENAMO e UNAMI logo foram recriadas no Quênia, Egito e Malawi, respectivamente. Além de estarem alienadas da grande massa de imigrantes moçambicanos na Tanganica, esses grupos não se beneficiavam de contextos geopolíticos tão favoráveis quanto aquele de Dar es Salaam, e tinham dificuldades em tornar-se representantes do causa anticolonial em Moçambique. Isso fica evidente quando se observa que eles logo se desfizeram, e deram origem a outras organizações, como a UDENAMO-Monomotapa e a Frente Unida Anti-Imperialista Popular Africana de Moçambique (FUNIPAMO). Em 1965 a cidade de Lusaka, capital da Zâmbia, recebeu várias dessas pequenas organizações dissidentes, que se unificaram e criaram o Comitê Revolucionário de Moçambique (COREMO). A COREMO foi o principal movimento anticolonial a desafiar a hegemonia da FRELIMO ao longo da década de 1960, contestando o sucesso da "Unidade" promovida por ela e seu reconhecimento internacional como representante do povo moçambicano.[359]

Além dos antigos líderes de UDENAMO, MANU e UNAMI, diversos outros membros da FRELIMO abandonaram a Frente ao longo dos anos para se juntar aos seus movimentos dissidentes. Eram vários os pontos de atrito em seu interior. Questões de cunho regional são muitas vezes citadas como um principal elemento conflituoso entre seus membros. De fato, um desequilíbrio notável é perceptível em seus quadros dirigentes, dominando sempre por lideranças do sul de Moçambique, e com alguma representatividade nas regiões centrais – particularmente vinculadas a Uria Simango –, enquanto as províncias do norte foram constantemente sub representadas.[360] Além disso,

alguns dos motivos que fizeram com que a pacificação entre os membros da Frente ao longo da década fosse algo delicado. Mondlane nunca foi uma unanimidade. Em última instância, isso pode ter levado ao seu própria assassinato em 1969. Sobre isso, ver a Parte 2 dessa pesquisa.

[358] BAQUETE [pesquisa em andamento]; CABRITA, 2000; FUNADA-CLASSEN, 2012; IVASKA, 2021; MARCUM, 2018; MORIER-GENOUD, 2019; FREITAS, 1964,1965; ZENGAZENGA, 2013.

[359] BAQUETE [pesquisa em andamento]; CABRITA, 2000; FUNADA-CLASSEN, 2012; IVASKA, 2021; MARCUM, 2018; MORIER-GENOUD, 2019; FREITAS, 1964,1965; ZENGAZENGA, 2013.

[360] A divisão de Moçambique entre Norte, Centro e Sul é definitiva na compreensão das dinâmicas internas do país. Ao longo do período colonial, essas regiões eram administradas de maneira independente, o que levou ao surgimento de grandes diferenças políticas, culturais e econômicas entre elas. A região Sul, particularmente, foi bastante privilegiada economicamente devido a sua proximidade histórica e geográfica com a África do Sul, e dos interesses financeiros que isso representava. A administração portuguesa se concentrava nessa região, e a maior parte dos moçambicanos *assimilados* pelo regime português eram naturais de lá. As regiões Norte e Centro, por sua vez, eram administradas por empresas privadas com

todavia, uma série de outros pontos dividia os moçambicanos no interior da FRELIMO – questões étnicas, de origem social, ideológicas, raciais, geracionais e linguísticas estão entre algumas que causaram atrito entre eles.[361]

Posto isso, a "Unidade" declarada no dia 25 de junho de 1962 estava longe de ser absoluta. Os moçambicanos em combate ao colonialismo português continuaram dispersos, seja em organizações anticoloniais concorrentes à FRELIMO, seja no interior da própria Frente, que concentrava uma variedade de perspectivas em choque desde seus momentos iniciais. Enquanto entre os moçambicanos a fragilidade dessa "Unidade" estava posta, em termos internacionais as coisas eram diferentes.

É claro que os observadores externos também percebiam a existência de conflitos internos na FRELIMO, bem como de organizações anticoloniais moçambicanas concorrentes a ela. Porém, isso não foi o bastante para comprometer seu reconhecimento internacional. A aliança forjada a partir de sua constituição – reunindo as amplas conexões transnacionais acessadas por Eduardo Mondlane e Marcelino dos Santos, somadas ao apoio imprescindível da TANU – foi capaz de proporcionar a Frente reconhecimento ao longo da década em diversas partes do mundo. Mondlane foi confirmado presidente da organização durante o 1° Congresso, enquanto Uria Simango ascendeu como vice-presidente, e Marcelino dos Santos como secretário das relações exteriores. Os três logo se engajaram na atividade diplomática, aproveitando-se das conexões já construídas, e viajaram aos quatro cantos do globo em busca de suporte a causa anticolonial.

A partir dessas atividades, a FRELIMO não tardou em ser reconhecida por organizações como a PAFMECSA, a CONCP, a Conferência de Solidariedade Afro-Asiática, e a Organização da Unidade Africana (OUA), criada em 1963 reunindo todos os países africanos independentes. Além disso, a Frente foi capaz de conquistar suporte de países africanos, da América, da Europa e da Ásia. Mais que isso, até 1964 ela já recebia apoio dos três agentes internacionais mais influentes da Guerra Fria – Estados Unidos, União Soviética e China. Muitas dessas conexões passam a ser abordados a partir

interesse exclusivamente exploratório, sendo pouco integradas ao regime político colonial. Enquanto as populações da região central estavam muito associadas a Rodésia do Sul e Malawi, as populações do Norte possuem laços históricos com Tanganica, Quênia, e Zanzibar. Além disso, a diversidade étnico-linguística moçambicana também reflete a questão regional, delimitando rivalidades históricas entre suas populações. Sobre isso, ver: PAREDES, 2014; CHICHAVA, 2008; MACAGNO, 2009; NEWITT, 1995.

[361] CABRITA, 2020; CAHEN, 2010; COSTA, 2019; DERLUGUIAN, 2012; MARCUM, 2018; PANZER, 2013; PANZER, 2009; PEARCE, 2021; ROBERTS, 2017; OPELLO, 1975; JESUS, 2016; CHRISTIE, 1996; LANGA, 2011; LAWEKI, 2019; MARTINS, 2011; NCOMO, 2003; PACHINUAPA, 2009; VIEIRE, 2011.

de agora, na Parte 2 dessa pesquisa. Agregando em seu interior indivíduos capazes de dialogar com conexões transnacionais diversas, a FRELIMO nascia como um movimento abrangente internacionalmente, e usou isso como um trunfo em sua empreitada anticolonial.

PARTE 2

A FRELIMO E AS CONEXÕES TRANSNACIONAIS DA GUERRA FRIA

3. "ESSES PAÍSES NÃO SÃO REALMENTE NOSSOS AMIGOS": O INSTITUTO MOÇAMBIQUE, OS ESTADOS UNIDOS E O ANTI-IMPERIALISMO DA FRELIMO

Em abril de 1964, na edição número 5 da *Mozambique Revolution*, a FRELIMO acusava duramente a aliança entre os Estados Unidos da América, a *Ford Motor Company*, e o regime colonial português. A hipocrisia norte-americana é o principal ponto destacado no texto: "os EUA declaram apoiar o princípio da autodeterminação dos países dominados. Mas há uma grande diferença entre palavras e ações"[362], afirmava o editorial. A questão pontuada pela FRELIMO era a posição "vacilante" da delegação americana nas Nações Unidas, que em alguns momentos apoiava a independência das colônias portuguesas, em outros se abstinha, enquanto em outros momentos se colocava ao lado do regime colonial português.[363] Assim sendo, o discurso anticolonial dos EUA é colocado em dúvidas, visto que "ações definidas de um Estado caracterizam sua política, e não palavras que frequentemente não são cobertas de intenções honestas"[364]. Posto isso, dois acontecimentos dos meses anteriores são apontados pelo texto como ilustrativos dessa reflexão, o primeiro deles é a visita de Henry Ford a Portugal em janeiro de 1964:

> O Sr. Ford é um multimilionário e, como tal, controla uma grande parte das finanças de alto nível dos EUA. Indiretamente, portanto, Ford tem influência sobre o governo imperialista dos EUA, pois financiadores como ele, vivendo em um país imperialista típico, são capazes de ditar a governos dependentes de seu dinheiro.
> Por outro lado, uma Fundação existente nos EUA e que usa o nome Ford destina-se a ajudar os países subdesenvolvidos. Isso pode indicar que Henry Ford está cada vez mais interessado no desenvolvimento econômico desses países. No contexto, Ford se apresenta como amigo do povo das nações subdesenvolvidas. A visita de Ford a Lisboa pode então ser interpretada logicamente como um movimento para convencer Salazar a conceder a independência imediata aos territórios portugueses em África, pois esta é a única forma de rápido desenvolvimento econômico. Mas não era essa a sua intenção, a sua intenção era reforçar as ligações entre Nova York e Lisboa. Após a sua visita, foi criada em Portugal uma enorme Fábrica de Montagem da Ford.[365]

[362] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 5, abril de 1964, p. 2, t. n. No original: "the U.S.A. declare to support the principle of self-determination of the dominated countries. But there is a vast difference between words and deeds".
[363] Sobre a questão do colonialismo português na ONU, ver: SANTOS, 2017.
[364] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 5, abril de 1964, p. 2, t. n. No original: "definite actions of a state characterise its policy and not words which often are not backed by honest intentions".
[365] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 5, abril de 1964, p. 2, t. n. No original: "Mr. Ford is a multi-millionaire and as such controls a large section of high level U.S. finance. Indirectly therefore Ford has influence on the imperialist government of the U.S.A. as financers such as he, living in a typical imperialist country are able to dictate to governments dependent on their money. On the other hand, a Foundation existing in the U.S.A. and using the name of Ford is designed to help underdeveloped countries. This could indicate that Henry Ford is becoming increasingly interested in the economical development of such

Ao acusar a ligação entre Henry Ford – um "multimilionário" "financiador" do "imperialismo"[366] – com o "governo imperialista" dos EUA e com o regime colonial português, a FRELIMO associava as ações norte-americanas, sejam privadas ou públicas, a interesses obscuros que se sobrepunham a sua retórica anticolonial. A Fundação Ford seria o exemplo mais claro disso – enquanto ela agia no sentido de ajudar os países subdesenvolvidos, o membro mais influente de seu conselho de administração na verdade atuava conforme objetivos econômicos pessoais, entrando em conflito com a agenda da própria Fundação. Essa ação somava-se a visita do embaixador dos EUA em Lisboa, George Anderson, às colônias portuguesas em África entre fevereiro e março do mesmo ano: "é um representante oficial do governo americano, e isso lança imediatamente uma luz suspeita sobre as visitas que ele fez aos territórios portugueses"[367]. Ao visitar bases militares e se encontrar com o governador de Moçambique, ele estaria demonstrando quais eram as verdadeiras intenções da superpotência norte-americana – a manutenção da exploração nas colônias portuguesas em África.

A partir dessa análise, a FRELIMO compreendia seu inimigo na luta anticolonial em sentidos amplos: "Nossa terra mãe Moçambique é dominada, explorada e oprimida por Portugal e por aqueles que apoiam sua política colonial"[368]. O inimigo declarado, portanto, é não apenas o próprio regime português, mas todos aqueles que de alguma maneira se associam a ele. As atitudes americanas, privadas e públicas, levantam suspeitas sobre a ação de todos os seus aliados, aqui definidos como "países imperialistas"[369]: "a lição é que, em relação às nossas relações com os países imperialistas, há um certo princípio a ser adotado. Esses países não são realmente nossos

countries. In this context Ford presents himself as a friend to the people of the underdeveloped nations. Ford's visit to Lisbon might then logically interpreted as a move to convince Salazar to grant immediate independence to the Portuguese territories in Africa, as this is the only way to rapid economic development. But this was not his intention, his intention was to reinforce links between New York and Lisbon. Following his visit, a huge Ford Assembling Plant was established in Portugal".

[366] Sobre o conceito de imperialismo, ver a nota de rodapé 17.

[367] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 5, abril de 1964, p. 2, t. n. No original: "is an official representative of the American government and this immediatly throws a suspicious light on the visits he paid to the portuguese territories".

[368] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 5, abril de 1964, p. 2, t. n. No original: "our motherland Mozambique is dominated, exploited and opressed by Portugal and by those who support her colonial policy".

[369] Os "países imperialistas" apontados pela FRELIMO na *Mozambique Revolution* são os membros da OTAN e as potências capitalistas de modo geral. Os maiores alvos da publicação moçambicana são Estados Unidos, Reino Unido, França e Alemanha Ocidental, pontuados como principais representantes desse grupo. Mas há menções também a países como Bélgica, Espanha e até a social-democrata Suécia em momentos específicos. Todos eles são vistos como parte de um "sistema imperialista" que explora os povos do mundo, promovendo o colonialismo e o neo-colonialismo.

amigos. [...] Esses países estão preparando o terreno para continuar suas atividades exploratórias. Essa posição é o resultado do seu sistema econômico e a base da sua própria existência"[370]. A conclusão é evidente – a FRELIMO compreende todos os "países imperialistas" e seu "sistema econômico" como suspeitos. O próprio capitalismo se torna, assim sendo, incompatível com a luta anticolonial.

A compreensão dessas acusações não pode ser apreendida apenas observando os fatos citados neste editorial de abril de 1964. Suas origens remetem à própria criação da FRELIMO. Logo após sua constituição, Eduardo Mondlane e seu secretário-geral, David Mabunda, faziam um apelo internacional de apoio financeiro. Eles denunciavam a visita de Adelino Gwambe a Moscou logo após os eventos de junho de 1962, onde estaria trabalhando para se reabilitar enquanto liderança anticolonial moçambicana. "A grande vantagem que Gwambe tem sobre o resto dos líderes da frente unida é que ele pode adquirir mais facilmente grandes quantidades de dinheiro de governos simpáticos a sua posição"[371], afirmava o discurso. Ao se referir a "governos simpáticos", o texto apelava as linguagens da Guerra Fria, buscando atrair apoios que justamente pudessem contrabalancear aqueles que Gwambe encontrava na União Soviética. Eduardo Mondlane agia no sentido de equilibrar as conexões de Gana e dos países comunistas que Gwambe havia estabelecido ao longo do ano anterior, e a captação de suporte e financiamento justamente nos Estados Unidos era uma parte fundamental de sua estratégia.

3.1. OS CAMINHOS DE MONDLANE NOS ESTADOS UNIDOS

Já residindo nos EUA há 10 anos, e tendo recebido suporte de seus contatos no Departamento de Estado para promover a fusão dos movimentos anticoloniais moçambicanos, foi justamente nesse país que Eduardo Mondlane concentrou esforços para conseguir apoio a partir de junho de 1962.[372] Até março de 1963, Mondlane morava nos Estados Unidos enquanto cumpria contrato como professor na *Syracuse University* e presidia a FRELIMO *in absentia.* Depois de retornar para Dar es Salaam para uma breve

[370] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 5, abril de 1964, p. 2, t. n. No original: "the lesson is that concerning our relations with imperialist countries, there is a certain principal to be adopted. These countries are not really our friends. [...] These countries are preparing the ground for continuing their activities of explotation. This position is a result of their economic system and it is the basis of their own existence".

[371] MONDLANE; MABUNDA *Apud* MARCUM, 2018, p. 38, t. n. No original: "The great advantage [Gwambe] has over the rest of the leaders of the united front is that he can more easily acquire large amounts of money from governmets sympathetic to his position".

[372] Sobre as conexões acessadas por Eduardo Mondlane nos Estados Unidos antes da criação da FRELIMO, ver o Capítulo 1.4.

estadia em março de 1963, ele voltou novamente a Nova York, onde permaneceu até maio, quando retornou definitivamente ao continente africano. Dois meses depois, Janet Mondlane se uniu a ele junto com o restante da família.

Durante o período nos Estados Unidos, Eduardo aproveito sua posição e compareceu a conferências, prestou testemunhos à comitês das Nações Unidas, e participou de encontros com empresários, acadêmicos, lideranças anticoloniais, ativistas e agentes públicos associados ao governo. Mondlane apelava ao cristianismo e à tradição político-intelectual norte-americana que lhe eram tão caros para argumentar que o anticolonialismo seria um valor fundador daquele país, associado aos conceitos de liberdade, desenvolvimento e direitos humanos.[373] Seus esforços caminhavam no sentido de tornar a causa moçambicana reconhecida, conquistar a opinião pública ocidental, e pressionar Portugal a negociar a independência – além de conseguir apoio financeiro, material e diplomático.

Muitas vezes acompanhado de sua esposa Janet, que lhe dava suporte incondicional, ele se encontrou com pessoas tão diversas quanto John Marcum e George Houser, seus amigos do *American Committee on Africa* (ACOA), que lhe ajudaram na divulgação da causa moçambicano e nas denúncias ao colonialismo português, fizeram pressão sobre agentes políticos, promoveram oportunidades para que ele pudesse discursar e criar novas conexões, e atuaram para conseguir assinaturas internacionais do *New York Times* para o casal Mondlane;[374] Fritz Rarig, um empresário norte-americano que era seu amigo pessoal, possuía contatos no governo, e procurou promover uma imagem positiva de Mondlane entre seus contatos;[375] Emory Ross e Edwin Munger, lideranças de relevo do *African American Institute*, onde o casal Mondlane construiu pontes e conexões que foram fundamentais no futuro de seu projeto para a FRELIMO;[376] J. E. Sousa, um brasileiro chefe de uma empresa de transporte de minérios instalada em Nova York que possuía interesses em minérios raros encontrados em Moçambique;[377] Garfield Todd, ex-governador da Rodésia do Sul com uma visão progressista quanto ao lugar do negros em África; líderes sindicais que haviam se envolvido na questão da

[373] RONGUANE, 2010; MARCUM, 2018.
[374] MARCUM, 2018; **Executive Board MINUTES.** *American Committee on Africa*. 11 de Março de 1963. Disponível em: https://africanactivist.msu.edu/document_metadata.php?objectid=210-808-4981 [Acesso em 26 de maio de 2022]. Sobre os primórdios da relação de Mondlane com o ACOA, ver o Capítulo 1.4. Ver também: PARROT, 2016; COLLINS, 2020; MERIWETHER, 2002; STEPHENS, 2011.
[375] JESUS, 2016; FARIS, 2014.
[376] Sobre o *African-American Institute*, ver o Capítulo 1.4.
[377] MARCUM, 2018.

Argélia e que poderiam se interessar pela luta da FRELIMO; além de grupos de dignatários católicos e protestantes, entre outros.[378]

O alcance de seus esforços é notório. Em novembro de 1962 Eduardo Mondlane participou da *American Negro Leadership Conference on Africa*, em Nova York, onde apresentou o discurso "O Negro Americano e a Luta por Independência na África Portuguesa"[379], convocando as lideranças afro-americanas a se engajar na luta anticolonial em Moçambique. O próprio presidente John F. Kennedy recebeu no dia 17 de dezembro um memorando sobre o evento de seu Conselheiro Especial Adjunto, Lee C. White.[380]. A organização do evento, que incluía lideranças do calibre de Martin Luther King Jr., assinou uma declaração enviada ao presidente, onde afirmava que o "desenvolvimento econômico é tão vital nas novas nações africanas quanto liberdade política. Nós urgimos, assim sendo, por um massivo Plano Marshall de ajuda econômica e assistência técnica, com o objetivo de fazer as economias africanas mais viáveis"[381]. O documento de apenas três páginas cita diretamente o colonialismo português, criticando um voto americano nas Nações Unidas contrário ao embargo da venda de armas ao país que havia acontecido nos meses anteriores: "Nós urgimos que nosso governo faça um embargo a venda de armas e munições a Portugal, a menos que um sistema de inspeção adequado seja estabelecido para garantir que essas armas não sejam usadas para continuar a subjugar os territórios africanos de Portugal"[382].

As resoluções do evento também são anexadas na carta enviada a Kennedy, com uma sessão dedicada exclusivamente ao colonialismo português. "Nós apoiamos os

---

[378] MANGHEZI, 2019; FARIS, 2014.

[379] MARCUM, 2018, p. 42, t. n. No original: "The American Negro and the Struggle for Independence in Portuguese Africa".

[380] WHITE, Lee. Carta à John Kennedy. 17 de dezembro de 1962, t. n. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKWHCSF/0360/JFKWHCSF-0360-009 [Acesso em 26 de maio de 2022]. No original: "strongly urge increased economic and educational assistance to the countries of Africa".

[381] CALL COMMITTEE, *American Negro Leadership Conference on Africa.* Carta à John Kennedy. 17 de dezembro de 1962, t. n. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKWHCSF/0360/JFKWHCSF-0360-009 [Acesso em 26 de maio de 2022]. No original: "economic development is as vital in the emerging nations of Africa as is political freedom. We urge, therefore, a massive Marshall Plan of economic aid and technical assistance, to the end of making African economies more viable".

[382] CALL COMMITTEE, *American Negro Leadership Conference on Africa.* Carta à John Kennedy. 17 de dezembro de 1962, t. n. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKWHCSF/0360/JFKWHCSF-0360-009 [Acesso em 26 de maio de 2022]. No original: "We urge that our government place an embargo on the sale of arms and munitions to Portugal, unless an adequate inspection system is established to insure that these weapons are not used to continue the subjulgation of Portugal's African territories".

nacionalistas de Angola e Moçambique na sua luta por liberdade e independência"[383], afirma o documento. Eles exigem que o governo norte-americano "use sua influência para persuadir outras potências ocidentais a urgirem a Portugal para garantir a Angola, Moçambique e a Guiné Portuguesa suas independências"[384]. As resoluções ainda reivindicam um posicionamento mais ativo do país na ONU contrário ao colonialismo português, além de pedir por apoio do governo e de meios privados por ajuda a esses países na área educacional, médica e material.[385] Esse era exatamente o tipo de pressão que Mondlane buscava promover sobre o governo norte-americano, ao mesmo tempo divulgando a causa moçambicana, induzindo Kennedy a liderar os esforços para a descolonização no campo diplomático, e pedindo por suporte público e privado a sua causa.

Em março de 1963 o presidente da FRELIMO participou de um novo encontro nesse sentido, agora um congresso da *American Society of African Culture* (AMSAC), onde apresentou o discurso "Organizações Nacionalistas e Líderes em Moçambique: *status* da revolta"[386]. Wayne Fredericks enviou uma cópia do boletim desse evento a James Symington, assistente de Robert Kennedy, o irmão e conselheiro mais próximo do presidente, onde mencionava o interesse anterior do assistente nos refugiados moçambicanos – "Eu anexo a você uma cópia do programa do AMSAC para sua informação. Você vai notar que Eduardo Mondlane, a quem Fritz Rarig mencionou para você no ano passado, é um dos palestrantes"[387]. No boletim, percebe-se a presença de diversos agentes internacionais relevantes para o contexto africano nesse evento, tal como: Reverendo Michael Scott, o diretor honorário do *The African Bureau* em Londres; Kenneth Kaunda, presidente da UNIP, da Zâmbia; Oliver Tambo, presidente do ANC, da

---

[383] *Resolutions*. **American Negro Leadership Conference on Africa.** Arden House Campus of Columbia University. 23-25 de novembro de 2013, Nova York, t. n. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKWHCSF/0360/JFKWHCSF-0360-009 [Acesso em 26 de maio de 2022]. No original: "We support the Nationalists of Angola and Mozambique in their struggle for freedom and independence".
[384] *Resolutions*. **American Negro Leadership Conference on Africa.** Arden House Campus of Columbia University. 23-25 de novembro de 2013, Nova York, t. n. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKWHCSF/0360/JFKWHCSF-0360-009 [Acesso em 26 de maio de 2022]. No original: "use its influence to persuade other Western powers to urge Portugal to grant Angola, Mozambique, and Portuguese Guinea their independence".
[385] *Resolutions.* **American Negro Leadership Conference on Africa.** 23-25 de novembro de 1962. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKWHCSF/0360/JFKWHCSF-0360-009 [Acesso em 26 de maio de 2022].
[386] *African Nationalist Leaders to Participate in AMSAC Conference.* In: **AMSAC Newsletter – Extra Conference Issue**, 15 de março de 1963, v. 5, n. 7, t. n. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Nationalist Organizations and Leaders in Mozambique: Status of the Revolt".
[387] FREDERICKS, Wayne. Carta à James Symington. 29 de março de 1963. Arquivo Pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "I am enclosing a copy of the AMASC program for your information. You will note that Eduardo Mondlane, whom Fritz Rarig mentioned to you last year, is among the participants".

África do Sul; entre outros. Mondlane recebe um lugar de destaque nesse texto enquanto homem reconhecido nas Nações Unidas e líder da FRELIMO, além de ter sido realçado por Wayne Fredericks na carta citada, e contar com o apoio de Fritz Rarig nesses meios. Percebe-se então que os movimentos realizados por ele eram bem-sucedidos em tornar a causa moçambicana reconhecida entre círculos influentes dos Estados Unidos, chegando diretamente a membros da alta cúpula do governo norte-americano – e foi justamente através dessas conexões que ele conseguiu seu suporte mais substancial no período.

Além de suas iniciativas para divulgar a causa, ele já contava desde antes da criação da FRELIMO com apoio pessoal de indivíduos como Mennen Williams, Wayne Fredericks e Chester Bowles, que se somavam a sujeitos não-governamentais influentes como Fritz Rarig, John Marcum e George Houser.[388] Esses contatos possibilitaram a ele circular nos mais altos níveis do Departamento de Estado, angariando apoios importantes entre os "Africanistas"[389] da política norte-americana. McGregor Bundy, consultor do presidente para questões de segurança nacional e futuro presidente da Fundação Ford, foi um desses indivíduos a se encontrar com Mondlane, bem como seu assistente, Carl Kaysen, que se tornou um apoiador imediato entre essas conexões. Averall Harriman, Subsecretário de Estado para Assuntos Políticos, também se encontrou Mondlane naqueles tempos, tendo ficado impressionado com ele e tentado promover seu encontro com os Secretários de Estado Dean Rusk e George Ball. Esses encontros, entretanto, jamais chegaram a acontecer. Fredericks, por sua vez, foi mais bem sucedido ao promover o encontro de Mondlane com o Procurador-Geral da República e irmão do presidente, Robert Kennedy.[390]

"Bobby" Kennedy, como era conhecido, era particularmente importante perante os assuntos africanos no governo de seu irmão, tendo liderado uma comitiva de senadores em visita ao continente ainda nos meses finais de 1960, antes mesmo de John F. Kennedy assumir a presidência. A partir dali ele foi fundamental na formulação de uma estratégia para o país perante as descolonizações e o desenvolvimento das novas nações em África. Muitas vezes "amarrado" por compromissos diplomáticos e por políticas oficiais, JFK delegava ao seu Procurador-Geral a tarefa de lidar com o serviço secreto norte-americano e com políticas "extraoficiais" – e o trato com representantes dos movimentos

[388] Sobre essas conexões, ver o Capítulo 1.4.
[389] Sobre a visão de John Kennedy sobre a política para o continente africano e a constituição de um grupo de "Africanistas" no governo, ver o Capítulo 1.4.
[390] JESUS, 2016; MARCUM, 2018. SCHNEIDMAN, 2005.

anticoloniais e políticos de países africanos colonizados era parte integrante desta tarefa.[391] Mennen Williams em 1970 se referiu assim a seu papel quanto a política africana: "ele tinha tanto um interesse significativo quanto um impacto significativo"[392] - "O presidente transferiu muitas pessoas para Bobby que ele não conseguia ver pessoalmente. [...] havia algumas pessoas que tinham uma tarefa mais revolucionária que ele não podia ver diplomaticamente. Mas Bobby os viu e Bobby os ajudou, nos ajudou, ajudou-os através de meios abertos e ocultos, e foi solidário e útil"[393]. Robert via o processo de independências como correto e inevitável, de modo que caberia aos Estados Unidos conquistar a confiança de seus futuros líderes, como forma de garantir sua fidelidade e evitar que eles fossem seduzidos pela influência comunista. – Eduardo Mondlane se encaixava perfeitamente no perfil de liderança que ele esperava apoiar.[394]

Wayne Fredericks era um amigo de longa data de "Bobby", e no início de 1963 promoveu essa aproximação. Em uma carta enviada a Mennen Williams no dia 25 de fevereiro de 1963, Robert Kennedy comenta: "eu conheci Eduardo Mondlane semana passada e fiquei muito impressionado com ele. Seu programa para os refugiados do seu país merece nossa atenção e ajuda sempre que possível e eu só queria que você soubesse do meu interesse"[395]. A partir disso, segundo Wayne Fredericks, Mondlane e Robert Kennedy tiveram uma "identificação total", levando o procurador-geral a se tornar "pessoalmente envolvido" com a causa moçambicana, e um dos pilares do apoio conquistado por Mondlane.[396] Mennen Williams notava isso em carta enviada a ele no dia 16 de abril: "seu interesse por Eduardo Mondlane pode ser um elo importante para manter os Estados Unidos em sintonia com o progresso da autodeterminação americana.

[391] CABRITA, 2000; WEINER, 2008; JESUS, 2016; SCHLESINGER, 2002.
[392] WILLIAMS, Mennen. Entrevista à William Moss. 28 de janeiro de 1970, t. n. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKOH/Williams%2C%20G.%20Mennen/JFKOH-GMW-02/JFKOH-GMW-02 [Acesso em 03 de junho de 2022]. No original: "he had both a significant interest and a significant impact".
[393] WILLIAMS, Mennen. Entrevista à William Moss. 28 de janeiro de 1970, t. n. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKOH/Williams%2C%20G.%20Mennen/JFKOH-GMW-02/JFKOH-GMW-02 [Acesso em 03 de junho de 2022]. No original: "The president shifted a lot of people to Bobby that he couldn't see himself. [...] there were some people that had a more revolutionary task that he couldn't very well diplomatically see. But Bobby saw them and Bobby helped him, helped us, helped them through overt and covert means and was sympathetic and helpful".
[394] CABRITA, 2000; WEINER, 2008; JESUS, 2016; SCHLESINGER, 2002.
[395] KENNEDY, Robert. Carta à Mennen Williams. 25 de fevereiro de 1963. Arquivo Pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "I met Eduardo Mondlane last week and was very much impressed with him. His program for refugees from his country would seem to merit our attention and help where feasible and I just wanted you to know of my interest".
[396] JESUS, 2016.

Por seu interesse e serviço, sou muito grato e acredito que quando toda a história estiver escrita, nosso país também estará"[397].

Ao destacar o "programas para refugiados" de Mondlane, "Bobby" se referia ao projeto que o presidente da FRELIMO tinha junto com Janet na área humanitária. Em uma época em que o continente africano era o maior receptor de recursos educacionais da política-externa dos Estados Unidos, e que a formação das futuras lideranças africanas era parte fundamental de sua estratégia para a região, Eduardo Mondlane parecia a liderança ideal a ser apoiada.[398] O líder moçambicano colocava a questão educacional como uma prioridade já durante todo o processo de constituição da FRELIMO – ainda em dezembro de 1961, quando Nyerere conclamava Mondlane a Dar es Salaam, ele mencionava o objetivo do moçambicano em ocupar um lugar de "liderança na educação do seu povo"[399]. – O projeto de Eduardo e Janet visava a construção de uma grande organização educacional e humanitária na Tanganica para os refugiados moçambicanos, o que ia ao encontro da agenda política norte-americana, e logo brilhou aos olhos de Robert Kennedy.

"Bobby" passou então a mobilizar seus contatos no sentido de angariar recursos para o projeto. Ele teria dado um cheque pessoal de U$500 ao presidente da FRELIMO em um de seus encontros como prova de sua boa vontade com a causa moçambicana, além de realizar uma série de movimentos no sentido de cooptar outros financiamentos.[400] Em carta datada do dia 11 de abril de 1963, James Symington lhe informava que

---

[397] WILLIAMS, Mennen. Carta à Robert Kennedy. 16 de Abril de 1963. Arquivo Pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Your interest in Eduardo Mondlane can be an important link keeping the United States in tune with the progress of American self determination. For your interestand service, I am most grateful and I believe that when the whole story is written, our country will be too".

[398] Ainda antes de ser eleito, em 21 de setembro de 1960, John Kennedy dizia que "prometo que, se eleito, colocarei à disposição todos os recursos de minha administração para atender ao que considero ser o requisito mais básico para a estabilidade e o progresso nas novas nações da África" (KENEDDY, 1961, t. n.). E ele continuava: "Especificamente, eu proporia convocar em Washington em janeiro de 1961 uma conferência de trabalho de funcionários americanos e líderes de grupos privados que trabalham em educação internacional para considerar um programa de necessidades educacionais africanas à luz das propostas a serem feitas pelas nações africanas" (KENNEDY, 1961, t. n.). Posto isso, ele observava a educação como um meio fundamental de promover desenvolvimento e formar lideranças no continente africano associadas aos valores "ocidentais" e alheias à influência socialista. Foi com esse ímpeto que já nos primeiros meses de seu governo ele enviou grupos do *Pearce Corps* para se estabelecerem na Tanganica junto com uma instituição educacional do *African American Institute*, o que se somou a um grande programa lançado na *Lincoln University* para receber estudantes das colônias portuguesas nos EUA. Sobre isso, ver o Capítulo 1.4, e também: MARCUM, 2018; SCHNEIDMAN, 2004; PARROT, 2016; MAHONEY, 1983; STEPHENS, 2011; KENNEDY, John. **Education for African Freedom.** 21 de setembro de 1961. Disponível em: https://www.presidency.ucsb.edu/documents/statement-senator-kennedy-education-for-african-freedom-washington-dc (Acesso em 04 de dezembro de 2022).

[399] NYERERE Apud BJERK, 2015, p. 188, t. n. No original: "leadership in educating your people".

[400] MARCUM, 2018.

Mondlane estava em Nova York, após uma viagem a Dar es Salaam, e que Rarig havia informado que ele precisaria de U$50.000 para assegurar sucesso na liderança da FRELIMO, o que ele observava como um "pequeno investimento"[401]. A resposta a essa carta não foi acessada nesta pesquisa, mas seus esforços para atender a demanda de Mondlane podem ser notados na gravação de uma chamada telefônica entre os irmãos John e Robert Kennedy:

> Eu tive algumas conversas nas últimas semanas com um cara chamado Mondlane. [...] Um cara extremamente impressionante [...]. Alguns do seu pessoal conseguiram... Ele é o chefe, mas alguns de seu pessoal receberam alguma ajuda e assistência da Tchecoslováquia e da Polônia. Ele precisa da ajuda dos Estados Unidos por dois motivos. Número um, para que ele possa indicar a eles que há pessoas no Ocidente pelo menos simpatizantes de seus esforços, e, uh, número dois, apenas para mantê-los em frente. E, uh, o número que ele mencionou, que eles vão precisar por um ano é um... uh... é bastante razoável. Primeiro, ele precisa de cinquenta mil dólares para suas próprias operações, e depois ele precisa de cinquenta mil dólares para a ajuda com os refugiados. Uh,... eu acho que é possível que eles consigam segundos cinquenta mil dólares da Fundação Ford. Pelo menos eles estão trabalhando nisso. Carl Kaysen está. Uh, mas ele precisaria de pelo menos cinquenta mil dólares de nós.[402]

Vários pontos dessa conversa ajudam na compreensão do apoio prestado pelo Departamento de Estado a Eduardo Mondlane. Primeiramente, fica evidente a preocupação existente com a influência comunista na FRELIMO. Ao citar o apoio prestado por Tchecoslováquia e Polônia a alguns membros da organização, Robert Kennedy evidenciava a necessidade de contrapor esse suporte, e demonstrar que "há pessoas no Ocidente pelo menos simpatizantes com seus esforços". O próprio Mondlane, supostamente, havia mobilizado essa linguagem perante o Procurador-Geral, o que demonstra, por um lado, o seu esforço em validar suas próprias conexões transnacionais no interior da Frente em concorrência com outros membros; e por outro, a sua capacidade

[401] SYMINGTON, James. Carta à Robert Kennedy. 11 de abril de 1963. Arquivo Pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "a small investment".

[402] Telephone Recordings: Dictation Belt 18B.3. Administering the State Department; Staff Changes at Justice and FCC: Eduardo Mondlane, t. n. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKPOF/TPH/JFKPOF-TPH-18B-3/JFKPOF-TPH-18B-3 [Acesso em 24 de maio de 2022]. No original: "I've had some conversations the last couple of weeks with a fellow by the name of Mondlane [...] a terrifically impressive fellow. [...] some of his people have gotten . . . He's the head of it, but some of his people have gotten some aid and assistance from Czechoslovakia and Poland. He needs help from the United States for two reasons. Number one, so that he can indicate to them that there are people in the West at least sympathetic to his efforts, and, uh, number two, just to keep 'em going. And, uh, the figure that he's mentioned, that they'll need for a year is a . . . uh, . . . is quite reasonable. First, he needs fifty thousand dollars for his own operation, and them he needs fifty thousand dollars for the help with the refugees. Uh, . . . I think that there is a possibility that they can get the second fifty thousand dollars from the Ford Foundation. At least they're working on that. Carl Kaysen is. Uh, but he'd need at least fifty thousand dollars from us".

retórica de tocar em pontos delicados da estratégia norte-americana ao solicitar apoio – sendo ao mesmo tempo receptor e agente no processo de consolidação dessas conexões.

Para além disso, está claro que Robert Kennedy de fato empreendeu esforços no sentido de apoiar Mondlane. Além dos U$50.000 que haviam sido mencionados na carta de James Symington - "para suas próprias operações", ele ainda utilizava sua influência no sentido de garantir outros U$50.000 através da Fundação Ford para o programa de refugiados. Na sequência, os irmãos discutiram sobre como realizar a entrega desse dinheiro, e John Kennedy manifestava preocupação quanto ao sigilo: "claro, não iríamos querer ele [Mondlane] dizendo que recebeu qualquer coisa de nós"[403], ao que Robert Kennedy responde "você teria isso através de alguma fundação privada [...], e John McCone pode lidar com isso"[404]. John McCone tratava-se do Diretor da *Central Intelligence Angency* (CIA), e poderia realizar as doações a FRELIMO através do serviço secreto e de fundações privadas, segundo a sugestão do procurador-geral.[405]

A relação entre o Estado e as fundações é evidente no governo Kennedy – Dean Rusk havia sido presidente da Fundação Rockefeller; O Secretário de Defesa Robert McNamara havia ocupado o mesmo posto na Fundação Ford, onde Wayne Fredericks também havia prestado serviços, e para onde ele retornou após sair do governo em 1967; enquanto McGeorge Bundy saiu de seu cargo no governo em 1966 para assumir a presidência da mesma Fundação Ford. Já Chester Bowles era afiliado ao *African-American Institute*, que recebia quantidades consideráveis de investimento dessas fundações. Assim, era natural naquele contexto que o governo utilizasse essas instituições para promover suas políticas extraoficiais.[406] O próprio Mondlane percebia a função que

[403] Telephone Recordings: Dictation Belt 18B.3. Administering the State Department; Staff Changes at Justice and FCC: Eduardo Mondlane, t. n. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKPOF/TPH/JFKPOF-TPH-18B-3/JFKPOF-TPH-18B-3 [Acesso em 24 de maio de 2022]. No original: "Course, we wouldn't want him to be saying that he got anything from us".

[404] Telephone Recordings: Dictation Belt 18B.3. Administering the State Department; Staff Changes at Justice and FCC: Eduardo Mondlane, t. n. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKPOF/TPH/JFKPOF-TPH-18B-3/JFKPOF-TPH-18B-3 [Acesso em 24 de maio de 2022]. No original: "You'd have it though some private foundation. [...] And John McCone can handle it".

[405] A necessidade de manter o apoio a FRELIMO em absoluto sigilo é reflexo de uma pressão interna existente dentro do próprio Governo Kennedy realizada por um grupo que defendia uma política externa "europeísta" – priorizando as boas relações com Portugal e com os demais aliados da OTAN em relação aos movimentos anticoloniais. Essa questão será melhor abordada na sequência desse capítulo.

[406] A utilização do governo norte-americano de fundações privadas em apoio a suas políticas "não-oficiais" é notória naquele período. Ainda no início da Guerra Fria, em meio a Doutrina Truman, o Departamento de Estado havia percebido que as fundações poderiam ocupar um papel importante na política externa, evitando a exposição do governo norte-americano, e fundindo suas atividades culturais, sociais e educativas a ações de informação e inteligência, se tornando um importante braço privado não-oficial da Casa Branca e da CIA. Notadamente a partir da Conferência de Bandung seu papel volta-se muito em direção aos países colonizados e recém-independentes, associados a uma apologia do desenvolvimento, relacionada a retórica de modernização, estabilização social e formação de elites não-socialistas. Seu apoio a causas educativas e

essas organizações possuíam naquele cenário, tendo recorrido a contatos pessoais para buscar apoio em: Quakers, Fundo Phelps-Stokes, Fundação Rockfeller, Fundação Ford e Fundação Edelweiss.[407] A Fundação Ford, particularmente, desfrutava de alta credibilidade no governo, se tornando o meio ao qual Robert Kennedy recorreu para apoiar a FRELIMO.[408]

Existem divergências quanto aos valores que de fato chegaram às mãos de Eduardo Mondlane a partir dessas iniciativas. John Marcum (2018) afirma que foram U$100.000 doados pela Fundação Ford, além de outros U$60.000 enviados pela CIA através do *African American Institute*. Robert Faris (2014) corrobora essa versão, com a diferença de que o valor doado pela Fundação Ford seria de "quase" U$100.000. O mesmo é dito por Carla Stephens (2011), que afirma que o montante doado pela Fundação Ford era de U$99.700, o mesmo valor mencionado por Schneidman (2005), que também menciona os U$60.000 enviados pela CIA. Já João Cabrita (2000) afirma que foram U$96.000 através da Fundação Ford, mas não menciona o montante enviado pela CIA. Ainda, referências acessadas por Jesus (2016) concordam que foram "aproximadamente" U$99.000 doados pela Fundação Ford, mas teria sido esse o dinheiro enviado através do

culturais, como o *African-American Institute*, era um dos seus meios de ação. Enquanto aqui se está pontuando sua relação direta com o Governo Kennedy e o apoio prestado a Eduardo Mondlane, uma série de outros aspectos dessa relações naquele período poderiam ser destacados – as fundações agiram como um apoio às políticas do governo em ações em diversas partes do mundo, inclusive nos próprios Estados Unidos, e em diferentes tipos de atividades, contando com a colaboração de acadêmicos, governos aliados, órgãos transnacionais, e outros. Sobre isso, ver: STEPHENS, 2011; BELL, 1971; PALMER, 2015; CHAVES, 2019.

[407] Para além do suporte essencial do Departamento de Estado no sentido de conseguir acessar esses fundos, Eduardo Mondlane também recorreu a seus contatos pessoais em sua busca. John Gerhard (*in* Manghezi, 19999, p. 257) menciona as relações estreitas que Mondlane possuía com Frank Sutton, representante da Fundação Ford em Nairóbi, o que seria um dos pontos que teria facilitado a aquisição de apoio dessa Fundação. Ainda, a FRELIMO conseguiu posteriormente bolsas de estudos para os EUA através do Fundo Phelps-Stokes, que havia financiado os estudos de Eduardo Mondlane nos EUA e o via com bons olhos. Costa (2019) ainda afirma que o projeto do casal Mondlane recebeu também algum apoio da Fundação Rockfeller nesse mesmo período – ainda que nenhuma fonte acessada nessa pesquisa confirme esse fato, observando-se a trajetória e credibilidade do casal é possível que eles tenham de fato conseguido apoio de outras fundações. Ainda assim, todas as referências corroboram a hipótese de que essas doações estavam associadas a posição do Departamento de Estado, tendo sido gradualmente retiradas a partir de 1964, quando as mudanças políticas em Washington as levaram a uma nova postura dos grandes investidores privados quanto ao colonialismo português. Sobre isso, ver: MANGHEZI, 2019; FARIS, 2014; COSTA, 2019.

[408] Ao analisar particularmente a atuação da Fundação Ford nesse contexto, Chaves menciona um projeto que tinha como "foco principal propostas de como intervir, na arena política do 'Terceiro Mundo', na definição dos chamados 'projetos de construção nacional' (*nation building)*. [...] nessa investida, a jovem classe média dessas regiões fosse o alvo central de intervenção da política de reorientação. [...] que a organização estabelecesse estratégias de agenciamento específicas para jovens entre 25 e 35 anos e para as suas potenciais lideranças políticas e culturais; e que construísse novas mensagens políticas para identificá-los com os EUA e com o 'mundo ocidental', desacentuando seu radicalismo" (CHAVES, 2019, p. 99-100). É justamente a partir dessa perspectiva que a Fundação Ford se relaciona com a FRELIMO nesse período. Sobre a atuação dessa instituição, especificamente, ver: CHAVES, 2019; BELL, 1971.

African American Institute. Não está claro, portanto, qual é o valor exato acessado pela FRELIMO naquele contexto – o que é evidente é que uma quantidade considerável de dólares americanos fluiu a Dar es Salaam em meados de 1963, possibilitando que Eduardo e Janet Mondlane finalmente levassem adiante seu projeto humanitário para os refugiados moçambicanos.

3.2.O INSTITUTO MOÇAMBIQUE

Ao chegar em Dar es Salaam pela primeira vez no ano em março de 1963, Eduardo Mondlane encontrou uma FRELIMO mergulhada no caos. Aquela organização consolidada em seu 1° Congresso já não existia mais. David Mabunda, Paulo Gumane e Fanuel Mahluza foram alguns dos membros a deixarem a Frente Anticolonial enquanto Mondlane estava nos Estados Unidos, e eles imediatamente deram início as suas empreitadas dissidentes. Enquanto isso, intrigas internas causavam polêmicas entre seus quadros em Dar es Salaam, e a impaciência de muitos militantes pelo início da ação armada contra o colonialismo português se tornava cada vez mais evidente.[409]

Em carta enviada a Janet Mondlane, Eduardo pontuava a necessidade de "criar ordem em meio a confusão, e desenvolver o programa do partido"[410]. Ele afirmava naquela ocasião que a ignorância da maior parte dos refugiados era a raiz dos problemas políticos enfrentados, e citava que "é meu trabalho tentar criar uma imagem em suas mentes sobre o que estou fazendo e por quê"[411]. Ele enfatizava que a criação de programas para os refugiados seria essencial para conquistar a confiança dos militantes e levar a Frente adiante – "esse será um ano de trabalho duro, e você vai ter um papel vital nisso"[412]. Ele se referia a importância da criação do Instituto Moçambique, do qual Janet seria a diretora, e que se logo tornaria possível com os financiamentos vindos dos Estados Unidos.

Enquanto os primeiros guerrilheiros da FRELIMO ainda eram treinados, suas crises políticas eram intensas, e o futuro militar incerto, a frente humanitária se impunha como uma prioridade para o presidente da Frente como maneira de assegurar sua liderança. A partir da chegada de Janet em agosto de 1963 o projeto foi finalmente levado

[409] Sobre as dissidências e conflitos internos da FRELIMO, ver o Capítulo 2.4.
[410] MUNDLANE *Apud* MARCUM, 2018, p. 87, t. n. No original: "to create some order out of confusion and develop the program of the party".
[411] MUNDLANE *Apud* MARCUM, 2018, p. 87, t. n. No original: "it's my job to try and create a Picture in their minds as to what I am doing and why".
[412] MUNDLANE *Apud* MARCUM, 2018, p. 88, t. n. No original: "is going to be a year of real hard work. You are going to play a vital part in this".

adiante. O Instituto Moçambique compreenderia uma gama de atuações que tocavam diretamente na condição dos moçambicanos refugiados na Tanganica ao longo de toda a luta anticolonial. Conforme um relato do próprio Instituto, intitulado "A crise entre os estudantes moçambicanos em Dar es Salaam"[413]:

> O Instituto está realizando um programa intensivo de educação, a fim de formar seu povo que estará equipado para auxiliar na administração de um Moçambique livre. No entanto, percebemos que fornecer escolaridade é apenas parte de nossa responsabilidade. Se quisermos alcançar os resultados necessários e ver nossos alunos progredirem o mais rápido possível, devemos garantir sua saúde e bem-estar [...].[414]

A atuação do Instituto Moçambique não foi, portanto, restrita à atividade educacional para a qual ele era inicialmente pensado. Além de promover a educação básica e técnica dos moçambicanos em Dar es Salaam, ele também gerenciava o envio de estudantes com bolsas para o exterior, estabeleceu um hostel para a moradia dos estudantes na capital da Tanganica, uma escola secundária em Bagamoyo, com o objetivo de atender o campo de refugiados na região, várias escolas primárias para os refugiados moçambicanos espalhadas pelo país, um centro para as mulheres e crianças em Tunduro, além de um hospital em Mtwara, e de realizar programas nos campos de refugiados e nas zonas libertadas criadas pela FRELIMO ao longo da década. Os documentos da instituição ainda mencionam o investimento realizado em roupas, alimentação e cuidados médicos. Afastado das tarefas militares da Frente, o Instituto torna-se ao longo dos anos sua principal ferramenta na atração de ajuda humanitária, atuando como seu "braço social". – Ele adquiriu uma notoriedade única entre instituições do tipo vinculadas a movimentos anticoloniais, tanto no alcance de sua atuação quanto na aquisição de suporte internacional.[415]

---

[413] *The Crisis Among Mozambican Student Refugees in Dar es Salaam*, **Mozambique Institute,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanganyika. USC Library Special Collection. UC1STO561557, t. n. No original: "The crisis among mozambican student refugees in Dar es Salaam".

[414] *The Crisis Among Mozambican Student Refugees in Dar es Salaam*, **Mozambique Institute,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanganyika. USC Library Special Collection. UC1STO561557, t. n. No original: "The Institut eis carrying on a crash program of education, in order to train Young people who will be equipped to assist in the administration of a free Mozambique. However, we realize that providing schooling is only part of our responsability. If we wish to achieve the necessary results and to see our students progress as rapidly as possible, we must insure their health and well-being [...]".

[415] *Mozambique Institute, 1967*, **Mozambique Institute**, panfleto. USC Library Special Collection, UC1STO561751; *Budget for fiscal year 1964*, **Mozambique Institute,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanganyika. USC Library Special Collection, UC1STO561873; *Background Information and Progress*, **Mozambique Institute,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanzânia, 10 de março de 1965. USC Library Special Collection, UC1STO561695; MARCUM, 2018; FARIS, 2014; MANGHEZI, 1999. Para uma visão mais ampla sobre as diferentes facetas de atuação do Instituto Moçambique, ver: COSTA, 2019.

As conexões transnacionais forjadas pelo casal Mondlane nos Estados Unidos se mostraram essenciais para o sucesso do projeto. Quando Janet chegou em Dar es Salaam em agosto, ela estava acompanhada não apenas pelo restante da família Mondlane, como também por Betty King, uma secretária do *African-American Institute* que Eduardo havia conhecido e cooptado para ser o "braço direito" da esposa.[416] O apoio desse Instituto norte-americano se mostrou vital para o Instituto Moçambique não apenas pelos recursos financeiros recebidos através dele vindos da CIA e da Fundação Ford, mas também devido a uma colaboração estreita que se estabeleceu a partir dali.

O funcionamento do Instituto Moçambique teve início no Centro Internacional de Educação Kurasini, instalado justamente pelo *African-American Institute* em 1962 com um financiamento da *United States Agency for Internacional Development.* Foi lá que Instituto Moçambique funcionou desde o segundo semestre de 1963 até o final de 1964, quando seu próprio edifício terminou de ser construído nas redondezas. Depois disso as instituições permanecerem em estreita colaboração, com estudantes moçambicanos frequentando a instituição norte-americana e suas grades curriculares se complementando, além de professores voluntários associados a *Harvard University* sendo compartilhados. Consta que o próprio John Eldridge, representante regional do *African-American Institute,* compunha o quadro diretor do Instituto Moçambique.[417] Em março de 1965, um documento cita que "os professores do Instituto Moçambique tentam trabalhar junto dos professores do *African-American Institute* com o objetivo de que o material coberto pelo Instituto Moçambique seja o mesmo daquele que um estudante do Colégio Internacional Kurasini"[418]. Ainda no mesmo documento "Há uma excelente cooperação entre o KIC [*Kurasani International College*] e o MI [*Mozambique Institute*]. É importante manter uma comunicação próxima sobre vários problemas em torno dos estudantes moçambicanos. Os funcionários das duas instituições têm discussões sobre a melhor maneira de ajudar os estudantes"[419].

---

[416] MANGHEZI, 1999.

[417] *Background Information and Progress,* **Mozambique Institute,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanzânia, 10 de março de 1965. USC Library Special Collection, UC1STO561695; USC Special Collection, UC1STO561700; *Mozambique Institute, 1967,* **Mozambique Institute**, panfleto. USC Library Special Collection, UC1STO561751;

[418] *Background Information and Progress,* **Mozambique Institute,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanzânia, 10 de março de 1965, p. 2, t. n. USC Library Special Collection, UC1STO561695. No original: "the Mozambique Institute teachers try to work closely with the African-American Institute teachers in order that the material covered at the Mozambique Institute will be the same as that taught to a student at the Kurasini International College".

[419] *Background Information and Progress,* **Mozambique Institute,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanzânia, 10 de março de 1965, p. 5, t. n. USC Library Special Collection, UC1STO561695. No original:

Para além das conexões vinculadas aos Estados Unidos, nota-se que o Instituto Moçambique se tornou um ponto convergente de diversas conexões transnacionais da FRELIMO ao longo da década de 1960. O apoio das autoridades da Tanganica foi primordial, uma vez que a instituição foi registrada de maneira autônoma no país, sem relação direta com a Frente e com o *status* de uma fundação individual.[420] As conexões ligadas aos países da África Oriental são notórias ao observar-se seu quadro-diretor em 1965, que além do representante norte-americano, contava com o Ministro da Educação da Tanzânia, sr. Eliufoo; o Reitor da Universidade de Dar es Salaam, dr. Chagula; o Ministro de Estado, Desenvolvimento e Planejamento da Tanzânia, sr. Swai; uma representante da Universidade de Makerere, de Uganda, professora Violaine Junod; e o chefe do Conselho da Universidade de Dar es Salaam, mr. Abdulkarim Karimjee; além de um representante do *Bureau* de Relações com Organizações Internacionais da UNESCO, mr. Al Noor Kassun.[421] O próprio presidente Julius Nyerere deu suporte pessoal a esse projeto, tendo instruído seus ministros a apoiarem o Instituto Moçambique. Além de ter auxiliado na sua definição legal para que ele pudesse ter uma atuação extensa entre os refugiados moçambicanos, as autoridades da Tanganica ainda conseguiram bolsas de estudos em apoio ao Instituto, e auxiliaram na angariação de fundos internacionais – ademais, a condição do país enquanto *hub* permitia que Janet Mondlane tivesse acesso a uma série de embaixadas e organizações internacionais em busca de suporte a partir de Dar es Salaam.[422]

Os professores que passaram pelo Instituto também denotam suas conexões transnacionais: Hélder Martins, Fernando Ganhão e Jacinto Veloso eram membros da FRELIMO brancos e de ascendência portuguesa que representavam sua ala mais identificada com educação europeia; Ruth e William Minter eram dos Estados Unidos; Brigitte Kalströkm, da suécia; Nancy Freahvor, britânica; Zdeněk Kirschner, da Tchecoslováquia; além dos professores da *Harvard University* ligados ao Centro Kurasini, e profissionais da área da saúde israelenses que instruíram a formação de enfermeiros e socorristas moçambicanos, entre outros. Em sua maioria formados com competência pedagógica e científica de matriz ocidental, eles serviam como

"There is excellent cooperation between KIC and the MI. It is necessary to keep in close communication on many problemas facing the Mozambican students. The staff of both institutions have discussions on the best way to help individual students". Ver também: COSTA, 2019.

[420] MANGHEZI, 1999.

[421] *Report*, **Mozambique Institute,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanzânia, 1 de setembro de 1965. USC Library Special Collections. UC1STO561695.

[422] COSTA, 2019.

embaixadores da FRELIMO em seus países originais. – A própria Janet Mondlane também servia como importante embaixadora da causa moçambicana, uma vez que seu papel de comandar uma instituição com fins humanitários, além de sua cidadania norte-americana, permitiam a ela maior trânsito em alguns países em relação aos militantes da FRELIMO, e com isso ela se colocava em posição de divulgar as atrocidades do regime português e o próprio movimento anticolonial.[423]

Essa enorme presença de profissionais vinculados a países estrangeiros fez o Instituto Moçambique tornar-se ao longo dos anos um símbolo das conexões transnacionais da FRELIMO, particularmente daquelas vindas da Europa Ocidental e da América do Norte.[424] Janet Mondlane e Betty King, e posteriormente Polly Gaster[425], eram detalhistas em sua direção, e contabilizavam seus gastos com rigidez. O "Fundo Emergencial para a Educação de Moçambique" logo foi criado para controlar suas arrecadações, e o preciosismo de suas contas pode ser percebido pela tabela orçamentária produzida para o ano de 1964 – até o número de canetas e lápis que haviam sido comprados estão listados, totalizando seus gastos em U$74.140, o que se encaixava no financiamento recebido da Fundação Ford.[426] Com isso elas conseguiam garantir que as doações não eram voltadas a fins militares, e assim atrair mais facilmente arrecadações para fins humanitários, especialmente de países ocidentais que não queriam se ver

[423] *Mozambique Institute, 1967*, **Mozambique Institute**, panfleto. USC Library Special Collection, UC1STO561751; JESUS, 2016; TEMBE, 2014; COSTA, 2019.

[424] Ao longo dos anos, o Instituto Moçambique tornou-se alvo de muitas polêmicas e acusações no interior da FRELIMO. Por um lado, sua relação próxima com tantos profissionais dos Estados Unidos e da Europa faziam aquecer as acusações de que Janet e/ou Eduardo Mondlane estariam em colaboração com a CIA, sendo agentes dos norte-americanos. Por outro, o próprio fato de o Instituto contar com vários professores brancos, mulatos, ou de formação ocidental enfurecia a parte dos militantes insatisfeita com a liderança dos "sulistas" na FRELIMO. A partir de 1966 essas tensões se reverteram em uma grande crise que será abordada no Capítulo 5.4.

[425] Polly Gaster é uma ativista britânica que em 1967 passou a associar-se a FRELIMO juntamente com a cineasta Margaret Dickensen, que produziu um documentário sobre a Frente Anticolonial no período. Ela trabalhou na Tanzânia junto de Janet Mondlane e Betty King no Instituto Moçambique por aproximadamente um ano, quando foi expulsa do país no contexto da crise de 1968 (ver o Capítulo 5.4). Ela então retornou ao Reino Unido para fundar o Comitê pela Libertação de Moçambique, Guiné e Angola, que se tornou um dos grupos de apoio a FRELIMO no Ocidente de mais relevância ao longo da década de 1970. Após a independência de Moçambique ela esteve no país, onde participou do projeto de construção nacional da FRELIMO. Sobre isso, ver: *Entrevista com Polly Gaster* [concedida à Pedro Oliveira Barbosa e Marçal de Menezes Paredes]. 1 de julho de 2022. Arquivo pessoal de Pedro Oliveira Barbosa.

[426] Percebe-se que esse valor é inferior a todas as quantias mencionadas anteriormente que foram aportadas dos Estados Unidos. Em outro informativo, provavelmente datado de 1963, Janet Mondlane confirma que apenas U$67.000 foram doados pela Fundação Ford ao Instituto Moçambique. Assim, denota-se que parte da quantia enviada foi provavelmente encaminhada aos esforços políticos da FRELIMO, confirmando o suporte norte-americano a Mondlane no objetivo de consolidar o movimento anticolonial, para além da sua ajuda humanitária. Ver: MONDLANE, Janet. *The Mozambique Institute (Instituto Moçambicano)*, **Instituto Moçambique**, P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanganyika. USC Library Special Collection, UC1STO561569.

envolvidos no conflito militar que se iniciou em 1964.[427] Em um de seus documentos datado para os anos de 1968 e 1969, disponível no Arquivo Histórico de Moçambique, e acessado por Costa (2019), o Instituto define assim sua própria atividade:

> No sentido de financiar todo este trabalho, preparamos anualmente um orçamento estimativo direcionado a organizações humanitárias, religiosas e políticas, bem como a governos estrangeiros, que, hesitantes em dar assistência a um movimento de libertação, estão, contudo, empenhados em enviar fundos, mantimentos, bens de primeira necessidade e pessoal técnico a fim de apoiar programas educativos.[428]

Se em 1963 seu principal financiador foi a Fundação Ford, que enviou dinheiro ao *African-American Institute* em colaboração com a CIA e com o Departamento de Estado, nos anos seguintes foram doadores de outros países ocidentais que garantiram seu sucesso. Em 10 de março de 1965 um relatório do Instituto aponta:

> A doação inicial para iniciar o Instituto Moçambique foi dada pela Fundação Ford. Foi com essa doação que o atual prédio do Instituto Moçambique foi construído e nosso programa foi operado pelo primeiro ano. A doação da Fundação Ford foi esgotada, e atualmente o Conselho Mundial das Igrejas em Geneva está contribuindo em suporte ao trabalho do Instituto Moçambique. Bolsas de estudo também foram cedidas a estudantes moçambicanos pelas Nações Unidas e pela Divisão das Mulheres do Partido Trabalhista dos Países Baixos. Pequenas contribuições são feitas por indivíduos chegam a nós de tempos em tempos.[429]

Percebe-se o sucesso de Janet Mondlane em ter acesso a conexões transnacionais de outros países ocidentais ao longo do tempo, obtendo apoio do Conselho Mundial das Igrejas e nas Nações Unidas, em sintonia com sua trajetória e de seu marido, bem como do Partido Trabalhista dos Países Baixos. No mesmo sentido, em 15 de maio de 1965 o Ministro das Relações Exteriores da Suécia, Knut Granstadt, anunciava em carta que faria

---

[427] Destaca-se que o apoio ocidental à FRELIMO ao longo da década de 1960 se deu em forma de ajuda humanitária ou diplomática, mas não militar – muitos países queriam preservar relações diplomáticas com Portugal, e outros simplesmente se viam mais propositivos no apoio humanitário. Destacam-se três grupos que irão apoiar o Instituto Moçambique até 1969: 1) governos, organizações e partidos progressistas de países europeus – com destaque aos países do Norte da Europa; 2) grupos e organizações religiosas associados as conexões transnacionais católicas e protestantes; 3) comitês de solidariedade que se formam em vários países europeus e da América do Norte, especialmente a partir do final da década de 1960. Várias pesquisas sobre isso estão disponíveis. Por exemplo: COLLINS, 2002; BOSGRA, 2005; PARROT, 2016; SAUNDERS (ed.), 2010; SELLSTRÖM, 2002; SELLSTRÖM, 1999; STEPHENS, 2011; FARIS, 2014; MORIER-GENOUD, 2019; COSTA, 2019.

[428] Instituto Moçambique, 1968-1969 *apud* COSTA, 2019, p. 92.

[429] *Background Information and Progress,* **Mozambique Institute,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanzânia, 10 de março de 1965, p. 10, t. n. USC Library Special Collection, UC1STO561695. No original: "The initial grant to start the Mozambique Institute was given by the Ford Fundation. It is with this grant that the present Mozambique Institute building was erected and our programme was operated for the first year. The Ford Foundation grant has been exhausted, and at present the World Council of Churches in Geneva are contributing to the support of the work of the Institute. Scholarships have also been given to Mozambican students at the Institute by the United Nations and the Women's Division of the Labour Party of the Netherlands. Small contributions from individuals reach us from time to time".

uma doação em ajuda a educação dos refugiados moçambicanos como resultado da visita de um representante seu à Tanzânia no ano anterior. O Ministro da Educação da Tanzânia e Diretor Honorário do Instituto Moçambique, Eliufoo, enviava em carta no mesmo dia aceitando a doação de 10.400 libras.[430] Ainda, denota-se que Janet Mondlane teria recebido em torno de U$160.000 aprovados pelo Parlamento da Noruega em 1967. O Instituto Moçambique conseguiu na verdade uma série de doações ao longo da década de 1960 particularmente de países do Norte da Europa e de organizações ecumênicas, para além de algum suporte de países do Leste Europeu e bolsas de estudos em várias partes do mundo.[431]

É notório, entretanto, a ausência de novas doações associadas ao Departamento de Estado dos Estados Unidos. Em um documento intitulado "Planos e Progressos, 1963-1964", o Instituto clamava "É nossa sincera esperança que a Fundação Ford continue a prestar o seu apoio [...]. Esperamos que a generosidade da Fundação Ford possa servir como espinha dorsal para a continuação do nosso programa, mas também esperamos interpelar outras organizações no fornecimento de fundos [...]"[432]. Essas esperanças foram fracassadas. Apesar da relação próxima que o Instituto Moçambique manteve com indivíduos e instituições dos Estados Unidos na década de 1960, e em especial com o *African-American Institute*, a instituição não registra mais nenhuma doação vinda diretamente do seu governo ou de alguma grande fundação intimamente associada a ele a partir de 1964.[433] Na verdade, consta que houve inclusive certas tensões para além da colaboração entre Janet Mondlane e o *African-American Institute* em alguns momentos

[430] *Acceptance of Swedish Government Gift...,* 15 de maio de 1965. USC Special Collection, UC1STO561729; *Presentation of Swidish Government Gift...* 15 de maio de 1965. USC Special Collection UC1STO561924. Nesse caso, nota-se o papel que o país anfitrião tinha também na sedução dessa ajuda humanitária. Além da decisão por apoiar a FRELIMO ter partido de uma visita à Dar es Salaam, a carta do ministro sueco também menciona a admiração do governo nórdico com o apoio a refugiados e pelos ideais humanitários do governo de Nyerere. Cabe notar que mesmo quando o regime da TANU afastou-se dos países ocidentais no final da década de 1960, ele permaneceu tendo uma relação particularmente boa com os países da Escandinávia. Ver: ROBERTS, 2016; CROUCH, 1987.

[431] JESUS, 2016; FARIS, 2014; MORIER-GENOUD, 2019.

[432] *Program and Planes, 1963-1964*, **Instituto Moçambique,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanganyika. USC Library Special Collections, UC1STO561603. No original: "It is our earnest hope that the Ford Fundation will continue to land its support [...]. We hope that the generosity of the Ford Fundation can serve as a back bone for our programme's continuation, but we also hope to interst other organizations in providing funds".

[433] Os elos do casal Mondlane nos Estados Unidos continuam rendendo apoio ao Instituto Moçambique ao longo dos anos, particularmente de algumas instituições humanitárias e religiosas. Entre elas, destaca-se o ACOA, que em 1965 passa a colaborar com o projeto a partir de seu Fundo Africano; bem como o Conselho Nacional das Igrejas dos Estados Unidos, associado as conexões mais consolidas do casal. O apoio diretamente do Departamento de Estado e de fundações associadas a ele, entretanto, passam a ser gradualmente reduzidos a partir de 1964. Sobre isso, ver: MANGHEZI, 1999; COSTA, 2019.

naquela década[434]. – Isso refletia os contratempos encontrados por Eduardo Mondlane em sua busca de apoio político na superpotência.

3.3. A QUEDA DOS "AFRICANISTAS" E AS EXPECTATIVAS FRUSTRADAS DE EDUARDO MONDLANE

Se os esforços de Eduardo Mondlane para conseguir financiamento e apoio nos Estados Unidos para o projeto humanitário que possuía junto com Janet Mondlane foram bem-sucedidos, o mesmo não pode ser dito da busca por suporte político contra o colonialismo português. Enquanto em 1961 o governo Kennedy havia assumido uma postura combativa inédita quanto ao assunto sob influência de sua ala "Africanista", em 1962 o cenário começava a se alterar.[435]

Salazar se mostrava implacável nas pressões exercidas pelos norte-americanos. Após realizar algumas concessões moderadas ao promover reformas no regime no final de 1961, sob liderança de seu Ministro do Ultramar Adriano Moreira, ele estava farto das pressões americanas pedindo por autodeterminação das colônias portuguesas. Em um cenário em que as oposições internas haviam sido enquadradas, e que a situação em Angola estava controlada após os primeiros ímpetos da insurreição, o presidente português observava a postura norte-americana como uma tentativa de promover "instabilidade" em um aliado da OTAN – o que, de maneira contraditória, oferecia abertura a investidas "comunistas" em suas colônias. Salazar criticava presença do grupo de "Africanistas" no governo e a influência que ele sofria de organizações como o *American Committee on Africa,* que seriam provas claras de uma influência subversiva segundo sua retórica. Apesar das várias investidas diplomáticas dos EUA, Portugal se mostrara hábil em garantir o apoio decisivo de França, Reino Unido, e Alemanha Ocidental nessa questão, colocando as rivalidades internas da aliança ocidental em jogo.[436] Ao mesmo tempo, ele ameaçava não renovar o contrato de utilização americano da Base Militar dos Açores, colocando na mesa um assunto delicado para a estratégia global da superpotência.[437]

---

[434] Manghezi (1999) menciona um episódio em que a instituição rejeitou a presença de um cineasta a serviço da Frente Anticolonial em seus espaços porque temiam que as imagens fossem utilizadas para fins políticos pela FRELIMO. – Janet Mondlane teria se apressado em retirar seu próprio escritório da sede do *African-American Institute* nesse contexto. Isso é reflexo das mudanças políticas que se davam em Washington naquele período.

[435] Sobre a postura inicial do governo Kennedy quanto ao colonialismo português, ver o Capítulo 1.4.

[436] PARROT, 2016; SCHNEIDMAN, 2004.

[437] A Base Militar dos Açores se localizava em um ponto chave da estratégia americana na Guerra Fria: além de ser um lugar de abastecimento ideal para sua força aérea em viagem para lugares como Alemanha,

O impasse levou à ascensão de uma nova abordagem do Departamento de Estado. A estratégia dos "Africanistas" quanto ao colonialismo português entrou em choque com os interesses de uma ala "Europeísta" do governo composta por indivíduos como o Secretário de Estado Dean Rusk, o assessor do presidente Dean Acheson, o Subsecretário de Estado George Ball, e o Secretário de Estado para Assuntos Europeus, William Tyler. Eles passaram a liderar uma estratégia no início longo de 1962 que dava prioridade à melhora das relações com Portugal e com os países da OTAN, observando a emergência de questões mais urgentes como a Guerra do Vietnam e os conflitos no Oriente Médio, e que portanto via a renovação do acordo sobre a Base Militar dos Açores como uma prioridade acima do apoio ao anticolonialismo.[438] Ainda que individualmente John Kennedy se mostrasse sensível as causas "Africanistas", a partir daí sua agenda se alterou:[439] ele se tornou menos incisivo e conflitivo quanto ao colonialismo português, e simultaneamente mais camuflado no tocante aos movimentos anticoloniais em suas colônias.[440]

Em abril de 1962 Dean Rusk ordenava a Mennen Willians para que os encontros de representantes do governo com os líderes de movimentos anticoloniais fossem cessados – apesar de contatos terem continuado existindo depois disso, a preocupação em torná-los ocultos fica muito mais evidente nos registros existentes. No mês seguinte, Rusk se encontrava com o ministro das relações exteriores português, Franco Nogueira, onde manifestou que iria investigar as ações "anti-portuguesas" do ACOA e negou qualquer relação do governo com o Comitê. – Ele também prometeu ao ministro nessa conversa

Oriente Médio, e Congo, ela também servia como local de monitoramento privilegiado no Oceano Atlântico. No contexto aqui apresentado sua importância mostrou-se decisiva tanto durante a "Crise de Berlin", que elevou as tensões no centro da Europa em 1961, quanto na "Crise dos Mísseis de Cuba", que colocou EUA e URSS à beira de uma guerra nuclear em 1962. Ainda que o objetivo da presente pesquisa não seja apresentar esses episódios, eles se mostraram decisivos durante a busca de Mondlane por suporte nos EUA: o contrato de utilização norte-americano para a Base dos Açores estava datado para dia 31 de dezembro de 1962, e sua renovação foi constantemente utilizado como barganha por Salazar.

[438] Quando o prazo do acordo se encerrou no final de 1962 Salazar mostrou-se mais uma vez hábil em utilizar essa base militar para fins diplomáticos. Ele não renovou a concessão, mas permitiu que os norte-americanos continuassem utilizando seu espaço. Assim, ao longo da década a superpotência precisou contar constantemente com a boa-vontade salazarista, uma vez que ele poderia proibir a presença militar americana nos Açores quando quisesse.

[439] Ao longo dos anos, mesmo depois da morte de John Kennedy, os Estados Unidos tentaram várias vezes dissuadir Portugal de sua política colonial. Essas iniciativas são descritas em detalhes por Jesus (2016). Ao contrário do que se viu em 1961, entretanto, a abordagem americana passou a adotar um tom muito mais condescendente e amigável com os lusófonos, evitando um embate frontal quanto a esse assunto. Um demonstrativo da fragilidade dessas tentativas é a aliança militar entre os países: ainda que os EUA alegassem não vender armas para serem utilizadas diretamente nas colônias, continuaram em estreitas relações com Portugal nesse tópico através da OTAN, inclusive aumentando suas vendas em quantidade e em qualidade com o passar dos anos.

[440] PARROT, 2016; SCHNEIDMAN, 2004; MAHONEY, 1983; MARCUM, 2018.

que os futuros discursos do embaixador americano na ONU, Adlai Stevenson, que recentemente havia criticado duramente o colonialismo em Angola, passariam a ser aprovados pela Casa Branca depois de escritos. Esses foram os primeiros sinais de um processo que se tornou evidente ao longo do restante do ano no Departamento de Estado: no assunto do colonialismo português, a abordagem dos "Europeístas" tornou-se predominante em relação aos "Africanistas" do governo.

Essa mudança se reflete também nos votos do país na Organização das Nações Unidas durante aquele ano. Se até então a administração surpreendia por seus votos contrários ao colonialismo português, em janeiro de 1962 ela passou a atuou para atenuar a retórica de uma resolução que clamava por "independência" nos territórios portugueses, conseguindo que o termo fosse alterado para "autodeterminação". Foi só a partir de agosto daquele ano, entretanto, que os EUA passaram a ter uma postura mais firme a favor de Portugal – justamente quando votou contra uma primeira resolução que condenava a situação em Moçambique. No mês seguinte, os EUA votaram novamente contra uma resolução relativa ao colonialismo português, dessa vez voltada a Angola. Essa última resolução clamava pelo embargo a venda de armas ao país. A partir daí, os Estados Unidos passam a votar sucessivamente a favor de Portugal na ONU, ou, quando mais, se abster – essa situação não se alterou ao longo de toda a década.[441]

Isso repercutiu rapidamente entre os moçambicanos, e já em agosto de 1962, antes mesmo do 1° Congresso da FRELIMO, Paulo Gumane criticava os "países imperialistas" em uma declaração à imprensa: "nós condenamos os EUA por votarem contra a aspiração do povo de Moçambique enquanto, por outro lado, eles vão por toda a África pregando contra o colonialismo"[442]. – A causa do problema era vista com clareza por Gumane: "se os EUA querem salvaguardar sua base militar nos Açores ou os milhões de dólares que eles deram a Portugal para comprar material para matar nossos irmãos em Angola através do chamado Pacto da Organização do Tratado do Atlântico Norte, eles devem saber que estão montando um cavalo perdedor"[443]. Dois dias depois, ele própria tentava explicar suas críticas perante a embaixada americana em Dar es Salaam:

[441] RODRIGUES, 2006; SANTOS, 2017.
[442] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 14 de agosto de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "We condemn the USA by voting against the aspiration of the people of Mozambique while on the other hand, they go all over Africa preaching against colonialism".
[443] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 14 de agosto de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "If USA wants to safeguard her military bases in Azores or the millions of dollars which they have given to Portugal to buy material to kill

> A votação dos EUA sobre a questão de Moçambique na ONU foi um grande choque. Americanos tornam difícil para o nacionalista africano ser publicamente pró-americano e permanecer respeitado. A MLF [FRELIMO] é orientada para o ocidente e Mondlane foi eleito presidente em parte porque tem fortes laços com os EUA. No entanto, a liderança da MLF é ridicularizada por outros grupos nacionalistas aqui como sendo enganada pelos EUA.[444]

Essa situação evidencia a preocupação que a nova política de governo Kennedy causava no interior da FRELIMO. Por um lado, Gumane demonstrava total percepção do processo que se passava nos Estados Unidos, notando que a questão da Base dos Açores e da aliança da OTAN estavam fazendo o país arrefecer sua retórica combativa quanto ao colonialismo português; por outro, ele demonstrava preocupação quanto às conexões transnacionais de Eduardo Mondlane nesse contexto, que perdiam força entre os africanos uma vez que os "americanos tornam difícil para o nacionalista africano ser publicamente pró-americano e permanecer respeitado".

Diante desse cenário, enquanto o presidente da FRELIMO era bem-sucedido em buscar apoios para a via humanitária da causa anticolonial, sua empreitada em busca de suporte político contra o colonialismo português nos Estados Unidos encontrava muitos contratempos. Apesar de ter tido acesso a membros relevantes do governo, ele também enfrentou grandes resistências no Departamento de Estado. Dean Rusk e George Ball se recusaram a encontrar com ele, vendo essa iniciativa como "sem sentido".[445] Mais que isso, quando Mondlane visitou Washington em maio de 1963 ele alertou abertamente que haveria uma insurreição armada em Moçambique caso Lisboa se recusasse a dialogar – os dois Secretários de Estado decidiram que ele deveria ser ignorado.[446] Ainda, quando Wayne Fredericks foi fotografado em um encontro com Mondlane no mesmo período, William Tyler alertou Dean Rusk sobre o ocorrido, e ele reprimiu o "Africanista" em um conflito que levou Fredericks a pedir demissão do seu posto – apesar disso não ter se concretizado, é demonstrativo do caminho tortuoso que Mondlane precisava trilhar até o Departamento de Estado.[447] – A própria nomeação de George Anderson como

---

our brothers in Angola through the so-called North Atlantic Treaty Organization Pact, they must knoe that they are riding a losing horse".

[444] Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 14 de agosto de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "US vote on Mozambique issue in UM came as great shock. Americans make it difficult for African nationalists publicly be pro-american and remain respected. MLF [FRELIMO] oriented West and Mondlane elected president partly because stroung US ties. However, MLF leadership under ridicule by other nationalists groups here as being deceived by US".

[445] SCHNEIDMAN, 2004.

[446] MAHONEY, 1983.

[447] MARCUM, 2018.

embaixador do país em Lisboa em abril de 1963 se deu sob protestos dos "Africanistas", mas sua influência já não era forte o bastante para mudar a decisão do presidente àquela altura.[448]

Em um encontro com John Marcum em maio de 1963, Mondlane relatou estar transtornado com a incoerência da política dos Estados Unidos e com a pressão interna que sofria na FRELIMO para se mover rapidamente em direção a via-armada e criar laços estreitos com China e União Soviética. Em um momento em que os "Africanistas" perdiam muita força no governo, a única via aberta que ele ainda encontrava no Departamento de Estado com efetiva capacidade de influenciar suas decisões em meio a esse contexto era justamente Robert Kennedy. Em uma carta redigida em conjunto com Marcum, ele apelava ao Procurador-Geral da República: "As necessidades das forças de libertação são muitas, mas nenhuma é tão grande como uma mudança na política dos Estados Unidos em relação ao colonialismo português. Amigos da liberdade e da democracia em todo o mundo não podem compreender por que os Estados Unidos não avançam na luta pela liberdade"[449]:

> Seria "trágico", alertou, se "a indiferença e a ignorância", juntamente com uma suposta necessidade "de aplacar Portugal e manter os Açores, impedissem os Estados Unidos de apoiar a luta". Se os EUA não fornecerem assistência substancial à Frelimo, advertiu Mondlane, "a liderança nacionalista que deseja evitar a dependência do bloco sino-soviético será repudiada"[450].

Assim, simultaneamente a seu trânsito entre "Africanistas" do governo e de seu esforço de conseguir suporte financeiro dos Estados Unidos, Mondlane apontava a necessidade de um apoio efetivo à descolonização africana e de pressão sobre o colonialismo português como condicionantes para que suas conexões transnacionais vingassem no interior da FRELIMO – e a aproximação com China e União Soviética seria uma consequência inevitável caso esse esforço fracassasse. Ainda que ele apelasse as "necessidades" do movimento anticolonial – parcialmente atendidas a partir do apoio que

[448] SCHNEIDMAN, 2004; JESUS, 2016; PARROT, 2016.
[449] MONDLANE; MARCUM *Apud* MARCUM, 2018, p. 81, t. n. No original: "The needs of the liberation forces are many but none is so great as a change in United States policy toward Portuguese colonialism. Friends of freedom and democracy throughout the world cannot comprehend why the United States does not move to the forefront in the struggle for freedom".
[450] MARCUM, 2018, p. 81, t. n. No original: It would be "tragic," he warned, if "indifference and ignorance" along with an assumed need "to assuage Portugal and hold on to the Azores should prevent the United States from supporting the struggle." If the U.S. failed to provide substantial assistance to Frelimo, Mondlane warned, "the nationalist leadership which desires to avoid dependence on the Sino-Soviet bloc will be repudiated".

resultou na criação do Instituto Moçambique meses depois – ficava claro que o apoio humanitário precisaria estar atrelado a um suporte político contra o colonialismo.

A influência do próprio irmão do presidente se mostrou limitada, entretanto. Apesar de ele ter insistido para receber Mondlane em seu escritório depois disso, mesmo com o embargo imposto por Rusk, o encontro entre os dois foi acompanhado por Fritz Rarig como forma de atenuar o impacto da visita.[451] Na sequência, quando "Bobby" ligou para o presidente para tratar das doações que seriam enviados para a FRELIMO, ele manifestava: "Dean Rusk sentiu isso... eh, que ele quer poder sentar-se com os portugueses e dizer que nenhuma destas pessoas estão recebendo dinheiro"[452]. Apesar de seu desejo de ajudar o presidente da FRELIMO, a preocupação quanto a repercussão disso entre os portugueses está clara. É por isso mesmo que o presidente afirmou que "claro, não iríamos querer ele [Mondlane] dizendo que recebeu qualquer coisa de nós"[453], enquanto discutia qual meio oculto poderiam utilizar para ajudar a FRELIMO. Na sequência da conversa, John Kennedy questiona "Nós devemos contar para Dean Rusk?"[454]. Apesar dos irmãos não terem chegado a uma resposta definitiva sobre isso, fica evidente que mesmo eles sofriam pressões internas dos "Europeístas" quanto a relação que estabeleciam com os movimentos anticoloniais.

Eduardo Mondlane percebia isso. Apesar de ter sido bem-sucedido em conseguir apoio financeiro em meados de 1963 através de suas conexões no Departamento de Estado, e com isso ter adquirido condições para levar adiante seu projeto para os refugiados moçambicanos, ele já estava cético quanto a possibilidade de poder contar com um apoio efetivo dos Estados Unidos para demover Portugal de sua política colonial quando partiu para Dar es Salaam em maio daquele ano.[455]

---

[451] SCHNEIDMAN, 2004.

[452] Telephone Recordings: Dictation Belt 18B.3. Administering the State Department; Staff Changes at Justice and FCC: Eduardo Mondlane, t. n. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKPOF/TPH/JFKPOF-TPH-18B-3/JFKPOF-TPH-18B-3 [Acesso em 24 de maio de 2022]. No original: "Dean Rusk has felt that . . . uh, that he wants to be able to sit down with the Portuguese and say none of these people are getting any money".

[453] Telephone Recordings: Dictation Belt 18B.3. Administering the State Department; Staff Changes at Justice and FCC: Eduardo Mondlane, t. n. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKPOF/TPH/JFKPOF-TPH-18B-3/JFKPOF-TPH-18B-3 [Acesso em 24 de maio de 2022]. No original: "Course, we wouldn't want him to be saying that he got anything from us".

[454] Telephone Recordings: Dictation Belt 18B.3. Administering the State Department; Staff Changes at Justice and FCC: Eduardo Mondlane, t. n. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKPOF/TPH/JFKPOF-TPH-18B-3/JFKPOF-TPH-18B-3 [Acesso em 24 de maio de 2022]. No original: "Should we tell Dean Rusk?".

[455] MARCUM, 2018.

As mudanças no contexto a partir daí afundaram completamente suas esperanças. O assassinato de John Kennedy em novembro de 1963, sucedido pela chegada ao poder de Lyndon Johnson, levavam a uma deterioração completa do comprometimento dos EUA com o continente africano. O novo presidente via a África como um assunto de pouca importância em sua política externa, sendo muito menos suscetível as nuanças do nacionalismo africano e da política de não-alinhamento do que sue antecessor, e possuindo uma postura mais coercitiva no tocante aos países do chamado "Terceiro Mundo".[456] Isso atingia diretamente as conexões de Eduardo Mondlane. Se a influência "Africanista" perdia força no Departamento de Estado durante o período em que ele estava nos EUA, ela tornava-se ainda mais frágil a partir da chegada de Johnson ao poder. O espaço de influência de indivíduos como Williams e Fredericks foi drasticamente reduzido em seu governo, e Robert Kennedy entrou em rota de colisão com o novo presidente até a sua saída da procuradoria-geral em setembro de 1964 – pessoalmente, Lyndon Johnson pouco se envolvia com o continente, e não titubeava em priorizar uma relação amigável com Portugal e seus aliados europeus em relação as políticas anticoloniais.[457]

Quando Henry Ford foi a Lisboa em janeiro de 1964, representando uma das mais importantes empresas norte-americanas, ele traduzia uma mudança evidente que acontecia entre os altos setores do país com relação a Portugal naquele período: ele se comprometeu naquela ocasião a pedir autorização de Salazar antes de fazer qualquer outro investimento nos territórios portugueses em troca da instalação de uma fábrica da Ford no país, e não permitiu mais doações ao Instituto Moçambique através da Fundação Ford depois disso.[458] A visita do embaixador George Anderson às colônias portuguesas também simboliza esse movimento – contrariando a política estabelecida por Kennedy em 1961, ele ali buscava estreitar os laços militares entre Estados Unidos e Portugal.[459]

O presidente da FRELIMO demonstrava sua frustração com esse cenário. Em junho de 1964, ele afirmava ao embaixador dos Estados Unidos em Dar es Salaam que a situação era "um grande retrocesso em seus esforços para manter uma boa imagem dos

[456] A escalada da Guerra do Vietnam (1964), o golpe militar no Brasil sofrido por João Goulart (1964), a emergência de uma nova crise no Congo-Leopoldville (1964), novos golpes que derrubaram Sukarno, na Indonésia (1965) e Kwame Nkrumah, em Gana (1966); bem como o próprio desenvolvimento da questão colonial portuguesa foram alguns dos acontecimentos globais que fizeram a imagem dos Estados Unidos se tornar cada vez mais negativo no continente africano depois da ascensão de Lyndon Johnson. Sobre isso, ver: PRASHAD, 2020; ANDERSON, 2015; WESTAD, 2007; SCHNEIDMAN, 2004.
[457] SCHNEIDMAN, 2004.
[458] MARCUM, 2018; MANGHEZI, 1999.
[459] SCHNEIDMAN, 2004.

EUA dentro do quartel-general dos Movimentos Nacionalistas em Dar-es-Salaam"[460]. Ele dizia que as recentes ações do país "forneceram munição gratuita àqueles que desejam rotular os EUA como arqui-imperialistas e, se ele os deixasse passar sem contestação, seria considerado um fantoche dos EUA"[461]. Ele já sinalizava ali umo movimento rumo a conexões transnacionais alternativas.

Isso não significava, todavia, uma deterioração de todos os seus canais de apoio nos Estados Unidos. Pelo contrário, Mondlane conseguiu alimentar uma corrente de apoios no país durante toda a sua trajetória – os indivíduos da sociedade civil, seja aqueles associados ao movimento dos direitos civis, ao meio acadêmico ou protestante, permaneceram ao seu lado ao longo da década; e mesmo no governo, alguns membros "Africanistas", mesmo que agora sem influência sobre os mais altos escalões do Departamento de Estado, continuaram conseguindo enviar algum apoio a ele por meios ocultos.[462] Além de realizar diversas visitas ao país ao longo dos anos, ele permaneceu sendo uma figura presente na embaixada americana em Dar es Salaam, e buscava demover as autoridades de sua posição oficial quanto ao assunto colonial. A resposta do governo Jhonson a uma de suas tentativas de contato, entretanto, dá o tom da relação que o país estabeleceu com a FRELIMO depois da morte de John Kennedy: "não é apropriado responder a isso. Existe a possibilidade de qualquer resposta ser deturpada ou mal utilizada por Mondlane"[463].

Diante disso, a necessidade do presidente da FRELIMO de diversificar suas próprias conexões transnacionais era evidente. A imagem dos EUA e das potências ocidentais se deteriorava como nunca no continente africano nessa época, pondo a própria

[460] Departamento de Estado. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 8 de junho de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "major set-back to his efforts maitain good image of US within Nationalist Movements Headquarters Dar-es-Salaam".
[461] Departamento de Estado. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 8 de junho de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "They had provided those who wish label US as arch-imperialist with gratuitous ammunition and if he let them go by unchallenged he would be regarded as US stooge".
[462] Ainda que não tenhamos registros da quantidade de dinheiro encoberto enviado pelos Estados Unidos a FRELIMO a partir de 1964, Schneidman (2004) relata uma iniciativa de Mennen Williams para estreitar laços e aumentar o suporte aos movimentos anticoloniais por meios encobertos, aproveitando-se da pouca visibilidade que os "Africanistas" desfrutavam perante o Departamento de Estado. Os resultados dessa iniciativa, entretanto, foram modestos, e serviam apenas para manter uma relação de boa vontade com as organizações em uma situação que se deteriorava cada vez mais. Marcum (2018) menciona que esse apoio dos Estados Unidos foi amplamente superado tanto em quantidade quanto em natureza pelos países socialistas, pela OUA, e por alguns países africanos independentes.
[463] Departamento de Estado. *Memordandum for mr. McGeorge Bundy*. Casa Branca. 8 de outubro de 1965. Arquivo Pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "it is not appropriate to reply to it. There is a possibility that any reply would misrepresented or otherwise misused by Mondlane. The Department, therefore, does not plan to reply to Mondlane's letter".

reputação daqueles que se aproximavam do país em xeque. Ao mesmo tempo, o movimento anticolonial moçambicano dirigido por ele estava imerso no contexto político africano, e se via envolto em uma "onda anti-imperialista" que se espalhava rapidamente.

3.4. A ORGANIZAÇÃO DA UNIDADE AFRICANO E O ANTI-IMPERIALISMO DA FRELIMO

Mondlane retornou ao continente africano a tempo de comparecer em Addis Ababa, Etiópia, quando os Chefes de Estado e representantes de todos os países africanos se reuniram entre os dias 22 e 25 de maio de 1963 para fundar a Organização da Unidade Africana (OUA). Ali eles colocavam de lado as rivalidades entre os grupos de Casablanca e Monrovia, e traziam os países da PAFMECSA ao seu encontro – pela primeira vez eles se uniam para fundar uma organização que pensava os interesses do continente como um todo. Uma série de discordâncias permaneceu existindo entre eles, e várias questões que polarizavam esses países continuaram causando divisões ao longo dos anos no interior da OUA.[464] A possibilidade de encontrar alguns consensos, entretanto, foi o que tornou esse momento possível: a necessidade de estreitar a cooperação econômica entre os países africanos, o apelo a paz nuclear em meio ao contexto de Guerra Fria, e o combate a discriminação racial eram pontos convergentes que unificavam aqueles líderes. O principal ponto exaltado na sua conferência de abertura, entretanto, foi outro: o apoio as lutas anticoloniais no continente.[465]

O imperador Etíope Haile Selassie I, em seu discurso que abria a conferência, já colocava essa como uma questão-chave: "nossa liberdade não tem sentido a menos que todos os africanos sejam livres. Nossos irmãos da Rodésia, em Moçambique, em Angola, na África do Sul clamam de angústia pelo nosso apoio e assistência. Nós devemos nos alinhar e identificar com todos os aspectos de sua luta"[466]. O apelo ao apoio às

[464] Ao longo de seus quase 40 anos de existência, a OUA conviveu com diferenças que refletiam as variadas divergências históricas, políticas, ideológicas, e estratégicas de seus representantes. No período de sua fundação se destaca a rivalidade entre Julius Nyerere e Kwame Nkrumah, que transbordou sobre a Organização. Nkrumah ficou isolado em seu chamado pela criação dos "Estados Unidos da África", enquanto Nyerere era muito mais bem recebido com suas propostas de aproximações regionais. Além disso, Nkrumah se opôs a instalação do "Comitê de Libertação" em Dar es Salaam, e chegou a dizer que ela estava nas mãos de "fantoches do imperialismo" em 1964. Isso era reflexo da própria decadência de Accra como *Hub* de descolonização e sua perda de protagonismo perante a Tanganica. Sobre isso, ver: BURTON, 2019; GRILLI, 2018; GRILLI, 2015; e o Capítulo 2.

[465] GRILLI; GERTZ (eds), 2020; EL-AYOUTY; ZARTMAN (eds), 1984; CERVENKA, 1977.

[466] SELASSIE, Haile. 1963. In: **SPEECHES & STATEMENTS MADE AT THE FIRST ORGANIZATION OF AFRICAN UNITY (O.A.U) SUMMIT.** African Union, p. 7, t. n. No original: "Our liberty is meaningless unless all Africans are free. Our brothers in the Rhodesia, in Mozambique, in

descolonizações ganhava um significado ainda maior no discurso que se seguia ao dele - quando o primeiro-ministro argelino Ahmed Bem Bella trouxe o apoio as lutas anticoloniais à tona, ele falava a partir de uma experiência de luta armada conduzida durante mais de sete anos pela FLN que finalmente havia levado o país a independência em 1962, e que havia sido divisiva entre os grupos de Casablanca em Monrovia.[467] Agora, ele clamava a OUA que adotasse uma ação firme quanto aos países colonizados em sua carta de fundação:

> Esta Carta permanecerá uma carta morta a menos que tomemos decisões concretas, a menos que emprestemos apoio aos povos de Angola, da África do Sul, de Moçambique e outros, apoio incondicional que esses povos ainda sob o jugo colonialista têm o direito de esperar de nós. [...] Devemos nos perguntar: o que faremos agora para evitar a repetição desses insultos em Angola, Moçambique, África do Sul e em outros lugares da África? Nestes pontos de crise, a unidade africana deve assumir a forma de uma solidariedade efetiva com aqueles que ainda lutam pela sua liberdade. Eu asseguro que assim é, e falo por experiência própria, pois durante sete anos e meio lutamos na Argélia contra o imperialismo mais forte e obstinado. Hoje, estamos a discutir os problemas da economia da África. Receio que tudo o que nos propomos a fazer neste domínio possa ser reduzido a acordos diretos que nos permitam alimentar melhor nossos povos. Não temos o direito de pensar enchendo nossas barrigas quando nossos irmãos ainda estão morrendo em Angola, Moçambique e África do Sul.[468]

O chamado de Ben Bella a ação dos países africanos quanto a questão colonial ganhava ressonância nas vozes dos diversos líderes que lá se encontravam. Sua luta

---

Angola, in South Africa cry out in anguish for our support and assistance. We must align and identify ourselves with all aspects of their struggle".

[467] As relações que os países africanos independentes estabeleciam com as suas antigas metrópoles estava em questão nas discussões sobre a Guerra da Argélia. O grupo de Casablanca assumia uma retórica anti-imperialista mais frontal, exigindo a retirada imediata da França do conflito e reconhecendo o Governo Provisório da República Argelina (GPRA) no exílio. Os grupo de Monrovia, por sua vez, repleto de países que haviam sido colônias francesas e que mantinham laços estreitos com a antiga metrópole, defendia uma saída negociada do conflito que evitasse uma indisposição com a França. A independência da Argélia em 5 de julho de 1962 trouxe consigo, portanto, o fim de um impasse que ajudou a tornar possível a criação da OUA. A fase que se iniciava a partir dali, conforme denotam os discursos do congresso, exigia a unidade continental no combate ao colonialismo. Sobre a guerra de independência da Argélia, ver: EVANS, 2012; BYRNE, 2016; CONNELY, 2002.

[468] BEN BELLA, Ahmed. 1963. In: **SPEECHES & STATEMENTS MADE AT THE FIRST ORGANIZATION OF AFRICAN UNITY (O.A.U) SUMMIT.** African Union, p. 14-15, t. n. No original: "this Charter will remain a dead letter unless we take concrete decisions, unless we lend unconditional support to the peoples of Angola, of South Africa, of Mozambique and others, unconditional support which these peoples still under the colonialist yoke are entitled to expect from us. […] We must ask ourselves the question: what we shall do now to prevent a repetition of these insults in Angola, Mozambique, South Africa and elsewhere in Africa? At these crisis points, African unity must take the form of effective solidarity with these who are still fighting for their liberty. I assure you that this is so, and I speak, from experience, since for seven and half years we fought in Algeria against the strongest and most stubborn imperialism. Today, we are discussing Africa's economic problems. I very much fear that everything we are proposing to do in this domain may be reduced to straightforward agreements enabling us to feed our peoples better. We have no right to think of -filling our bellies when our brothers are still dying in Angola, Mozambique and South Africa".

anticolonial havia se tornado simbólica entre eles.[469] Desde outros governantes do grupo de Casablanca, como o guineense Sekou Touré e o maliense Modibo Keita, à líderes do grupo de Monrovia, como o senegalês Sédar Senghor e o tunisiano Habib Bourguiba- agora todo o continente se unia no sentido de condenar com veemência a dominação colonial no continente africano e apoiar os movimentos anticoloniais em suas lutas. Eles acordavam ali que todos os países africanos deveriam dar sua contribuição a ação anticolonial na África. Julius Nyerere estava entre os principais apoiadores dessa iniciativa: "já estamos dando uma contribuição para a libertação da África Austral, mas estamos preparados para fazer mais"[470], ele dizia na ocasião. "Eu quero assegurar ao nosso galante irmão da Argélia, irmão Ben Bella, que estamos preparados para morrer um pouco pela remoção final da humilhação do colonialismo da face da África"[471]. Ao se referir ao influente discurso do argelino, ele deixava claro que, dessa vez, o continente inteiro deveria se unir para apoiar a causa anticolonial: "Não podemos continuar a dizer que Angola não é livre ou que Moçambique não é livre […]. A verdade humilhante é que a África não é livre; e, portanto, é a África que deve tomar as medidas coletivas necessárias para libertar a África".[472]

No dia 25 de maio de 1963, quando o documento final da OUA era finalmente assinado, e os países africanos se uniam pela primeira vez em uma organização continental, as vozes de Ben Bella, Nyerere e tantos outros líderes africanos reverberavam – entre seus princípios, a carta declarava "absoluta dedicação a emancipação total dos

[469] O sucesso da Frente de Libertação Nacional (FLN) foi simbólico entre movimentos anticoloniais e governantes dos países africanos independentes a partir da independência da Argélia em junho de 1962. Sua condição de enfrentar uma potência ocidental como a França, dialogando com o "Espírito de Bandung", com o Pan-Africanismo e com o não-alinhamento no cenário da Guerra Fria, bem como sua inspiração nas ideias de Frantz Fanon, foram elementos inspiradores para as lutas anticoloniais no continente. Além disso, o país foi um dos grandes promotores de ideias "anti-imperialistas" em África ao longo da década, tornando-se um dos principais *hubs* de descolonização do continente e um dos maiores apoiadores da FRELIMO. Enquanto algumas questões ligadas a esse apoio serão retomadas no Capítulo 4, estudos mais aprofundados sobre o lugar simbólico da Argélia estão disponíveis em: BYRNE, 2016; PRASHAD, 2007; LIPPOLD, 2021.

[470] NYERERE, Julius. 1963. In: **SPEECHES & STATEMENTS MADE AT THE FIRST ORGANIZATION OF AFRICAN UNITY (O.A.U) SUMMIT.** African Union, p. 117, t. n. No original: "we are already making a humble contribution to the liberation of Southern Africa, but we are prepared to do more".

[471] NYERERE, Julius. 1963. In: **SPEECHES & STATEMENTS MADE AT THE FIRST ORGANIZATION OF AFRICAN UNITY (O.A.U) SUMMIT.** African Union, p. 117, t. n. No original: "I want to assure our gallant brother from Algeria, Brother Ben Bella, that we are pre- pared to die a little for the final removal of the humiliation of colonialism from the face of Africa".

[472] NYERERE, Julius. 1963. In: **SPEECHES & STATEMENTS MADE AT THE FIRST ORGANIZATION OF AFRICAN UNITY (O.A.U) SUMMIT.** African Union, p. 117, t. n. No original: "We can no longer go on saying that Angola is not free or Mozambique is not free [...]. The real humiliating truth is that Africa is not free; and therefore it is Africa which should take the necessary collective measures to free Africa".

territórios africanos que ainda são dependentes"[473]. Ainda, em suas resoluções sobre a descolonização, a OUA era explícita ao condenar os países que davam apoio a Portugal:

> INTERVÉM EXPRESSAMENTE com as Grandes Potências para que cessem, sem exceção, o apoio ou assistência prestados direta ou indireta a todos aqueles governos colonialistas que poderiam usar tal assistência para suprimir movimentos de libertação, em particular o Governo português que está conduzir uma verdadeira guerra de genocida na África; INFORMA os aliados das potências coloniais que eles devem escolher entre sua amizade com os povos africanos e seu apoio aos poderes que oprimem os povos africanos;[474]

Assim sendo, a criação da OUA significa também o fim definitivo da paciência dos principais líderes africanos com o colonialismo português e com as potências ocidentais que ainda o apoiavam. Essa aliança será acusada consecutivamente ao longo dos anos nos documentos da organização continental. A OUA somava-se à Solidariedade Afro-Asiática e à própria CONCP como organizações que elevavam uma pauta "anti-imperialista" cada vez mais militante ao longo da década de 1960, atingindo o imaginário dos países de "Terceiro Mundo" e de movimentos anticoloniais.

A criação de um "Comitê de Libertação" contribuiu muito com isso. Sediado em Dar es Salaam, sua composição consistia em representantes de nove países escolhidos: Argélia, Etiópia, Guiné-Conacry, Congo-Leopoldville, Nigéria, Senegal, Tanganica, Egito e Uganda. Com um *status* autônomo em relação a OUA, esse Comitê tinha a atribuição de administrar um "Fundo Especial Africano"[475] que recolhia contribuições dos países membros da organização continental. A partir disso, ele coordenava toda a assistência dada pelos países africanos aos movimentos anticoloniais; promovia a ação conjunta das lutas anticoloniais; estimulava a unificação e resolução de conflitos entre movimentos anticoloniais do mesmo país; oferecia escritórios para suas ações; formulava

---

[473] *OAU Charter*. 1963, p. 4, t. n. Disponível em: https://au.int/sites/default/files/treaties/7759-file-oau_charter_1963.pdf [Acesso em: 19 de julho de 2022] No original: "Absolute dedication to the total emancipation of the African territories which are still dependent".

[474] *Resolutions Adopted by the Frist Conference of Independent African Heads of State and Government Held in Addis Ababa, Ethiopia, from 22 to 25 may 1963*. 1963, t. n. Disponível em: https://au.int/sites/default/files/decisions/32247-1963_cias_plen_2-3_cias_res_1-2_e.pdf [Acesso em 19 de julho de 2022] No original: "INTERVENES EXPRESSLY with the Great Powers so that they cease, without exception, to lend direct or indirect support or assistance to all those colonialist governments which might use such assistance to suppress national liberation movements, particularly the Portuguese Government which is conducting a real war of genocide in Africa; INFORMS the allies of colonial powers that they must choose between their friendship for the African people and their support of powers that oppress African peoples;"

[475] O "Fundo Especial Africano" foi criado com o objetivo de recolher contribuições de todos os países membros da OUA em apoio ao "Comitê de Libertação" e aos movimentos anticoloniais. Ao longo dos anos o prolongamento das lutas anticoloniais e a aparente incapacidade do "Comitê" em solucionar alguns de seus problemas levaram ao desengajamento de muitos países. Segundo Foltz e Widner (1984) 12 membros falharam em suas contribuições em 1964-65, 20 em 1965-66, 19 em 1966-1967, 24 em 1967-68 e 23 em 1968-1969.

estratégias; obtinha armas e treinamento para as lutas; pressionava diplomaticamente os colonizadores e países que os apoiavam; entre outros.[476] Com isso, ele oferecia um imaginário comum aos movimentos anticoloniais que apoiava, dos quais esperava certo comprometimento com as suas pautas.

Relacionada a esse contexto, a FRELIMO viu as conexões transnacionais "anti-imperialistas" se tornaram preponderantes em seu seio. As publicações da *Mozambique Revolution* em Dar es Salaam são demonstrativas da fraqueza que as conexões de Eduardo Mondlane no Departamento de Estado adquiriram em seu interior nesse período. Se no nascimento da Frente ainda havia uma preocupação interna quanto a "má reputação" dos Estados Unidos, e sobre como se tornava difícil para uma organização ser "pró-americana" e "orientada ao Ocidente" e manter-se respeitada no contexto africano, a revista publicada a partir de dezembro de 1963 deixa claro que naquela altura já não havia mais dúvidas sobre a retórica oficial que seria estabelecida diante da superpotência americana. Em sua segunda edição, publicada em janeiro de 1964, um longo editorial afirmava:

> Os EUA continuam ajudando Portugal através da OTAN e diretamente. Na ONU, o irmão E. Mondlane, presidente da FRELIMO, mostrou evidências da cumplicidade dos EUA e das outras potências da OTAN nas políticas nazistas da África do Sul e de Portugal. Nós sabemos muito bem que alguns desses países que querem apresentar-se como nossos amigos hoje estão fazendo isso por que nós estamos lutando. Mas ao mesmo tempo eles estão ajudando a política de Salazar. Eles não são realmente nossos amigos. Eles estão preparando o terreno para continuar nas suas posições de exploradores. Não são eles que exploram nosso país junto com Portugal? As armas utilizadas pelo exército português no nosso país são feitas nos EUA, na Alemanha Ocidental, Britânia, França, todos eles membros da OTAN. Nós repetimos, aqueles que quiserem ser nossos amigos precisam escolher entre Portugal ou nós. Nós não pedimos para eles virem e libertarem o nosso país, mas para pararem de dar ajuda aos fascistas de Salazar.[477]

O apoio recebido via EUA por Mondlane era aqui interpretado com desdém: o país se apresentava como um "amigo" da Frente Anticolonial porque sabia da luta que

[476] FOLTZ; WIDNER, 1984; CERVENKA, 1977.

[477] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 2, janeiro de 1964, p. 2, t. n. No original: "The USA continues to help Portugal through NATO and directly. In the UN brother E. Mondlane, president of FRELIMO, has given evidences of the complicity of the USA and other NATO powers in the nazist policy of South Africa and Portugal. We know very well that some of those countries which want to present themselves as our friends today they are doing so because we are fighting. But at the same time they are helping Salazar's policy. They are not really our friends. They are preparing the ground to continue in their position of exploiters. Are they not the ones who exploit our country with Portugal? The arms used by the portuguese army in our country are made in USA, in West Germany, Britain, France, all of them NATO members. We repeat, those who wish to be our friends must chose betwen Portugal and us. We don't want ask them to come and liberate our country but to stop giving help to the Salazar fascists".

existia em Moçambique, e gostaria de se resguardar para no futuro continuar "nas suas posições de exploradores". Na prática, sua postura era de continuar sustentando o regime de Salazar, lhe dando suporte político e, especialmente, em armas. Doações em dinheiro e ajuda humanitária por meios ocultos estavam longe de satisfazer os objetivos da FRELIMO nesse contexto – o suporte político no combate ao colonialismo português precisaria acompanhar essas iniciativas, afinal, "aqueles que quiserem ser nossos amigos precisam escolher entre Portugal ou nós".

Assim sendo, quando em abril do mesmo ano a edição número 5 da revista acusou a visita de Henry Ford a Portugal, bem como a viagem do embaixador George Anderson as colônias portuguesas, ela não assumia uma retórica inédita. Pelo contrário, dava sequência a uma série de discursos que já vinham sendo construídos e que tiveram continuidade ao longo da década. Iniciativas públicas e privadas dos Estados Unidos se confundiam nesses discursos, sendo vistas como "dois lados de uma mesma moeda" do sistema "imperialista" que dominava o país – a postura do Departamento de Estado norte-americano se refletia tanto na ação de seus diplomatas quanto na atitude de empresários poderosos. A interpretação da FRELIMO é exposta com clareza em um texto da *Mozambique Revolution* de setembro de 1964: "a América pode impor suas próprias condições para investimento, já que Portugal é economicamente dependente da América, funcionando como uma colônia americana"[478]. Desse modo, a conclusão é lógica, e encontra-se já no título do texto: "Moçambique: colônia da América"[479] Dito isso, qualquer gênero de apoio vindo do país podia ser encarado como uma hipocrisia, digna de "esquecimento" em sua memória oficial: "nunca qualquer governo de um país imperialista nos deu qualquer tipo de suporte material ou moral"[480], afirmava um editorial datado entre junho e julho de 1966.

Ao refutar qualquer relação com os Estados Unidos em seus discursos oficiais e se apresentar como uma crítica ferrenha ao país a FRELIMO aderia a uma retórica "anti-imperialista" internacional, refletindo o contexto encontrado na OUA, no mundo Afro-Asiático e entre os movimentos membros da CONCP. Além dos americanos, a Alemanha Ocidental, a França e o Reino Unido eram alvos constantes da publicação moçambicana,

[478] *Mozambique: Colony of America.* **Mozambique Revolution,** n. 10, setembro de 1964, p. 7, t. n. No original: "America can impose her own conditions for investment, since Portugal is economically dependent on America, functioning as na American colony".
[479] *Mozambique: Colony of America.* **Mozambique Revolution,** n. 10, setembro de 1964, p. 7, t. n.
[480] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 25, junho-julho de 1966, p. 2, t. n. No original: "Never has any government of an imperialist country given us any kind of material or moral support".

pontuados não apenas como aliados de Portugal, mas também como parte do "sistema imperialista" que subjugava os povos do mundo.[481] Em sua sexta edição, datada em maio de 1964, a revista anunciava a via-armada na luta anticolonial. A definição dos inimigos nessa luta era direta:

> Nossa luta não é apenas contra Portugal, mas estamos engajados em combater outros estados imperialistas com interesses no nosso país – estados que estão entre os mais poderosos do mundo. A guerra popular de Moçambique contra Portugal, USA, Inglaterra, França e Alemanha Ocidental é destinada a ser longa e amarga antes de obtermos nossa vitória final.[482]

A luta da FRELIMO extrapolava o colonialismo português, e se voltava contra o todo um "sistema imperialista". Ao declarar uma "guerra popular" destinada a "ser longa e amarga" ela adotava uma retórica revolucionária de "Terceiro Mundo" ligada a luta "anti-imperialista" global.[483] Os seus inimigos: Portugal, USA, Inglaterra e Alemanha Ocidental eram adversários em comum de várias lutas que se espalhavam pelo mundo naqueles dias, e a Frente buscou se associar a essas lutas ao longo do tempo como forma de conquistar legitimidade internacional e reconhecimento à sua própria causa.

Uma declaração publicada na edição número 25 da *Mozambique Revolution*, de junho e julho de 1966, deixa clara essa associação: "As bombas que caem hoje no território vietnamita tem então a mesma origem daquelas que caem nas colônias portuguesas […]. Na forma de bombas, Portugal joga 'civilização', 'cristianismo' sobre

---

[481] Uma ressalva precisa ser feita aqui quanto a essa associação direta entre Estados Unidos e os demais países mencionados. Na verdade, uma série de rivalidades e diferenças poderiam ser ressaltadas entre suas políticas, suas relações com Portugal, e suas conexões com a causa anticolonial. Afirmar que a FRELIMO passa a se opor a todos esses países por causa do fracasso das conexões de Eduardo Mondlane no Departamento de Estado dos EUA seria excessivamente pretencioso para essa pesquisa – e seria possível, na verdade, analisar individualmente as iniciativas da FRELIMO nos diferentes países da OTAN e apontar os motivos para a Frente Anticolonial assumir essa retórica combativa quanto a cada um deles. O esforço realizado nesse capítulo demonstra sim o "nascimento" e a "morte" das relações mais profundas estabelecidas pela FRELIMO quanto ao governo de um desses países – que, posto todas as ressalvas, era de fato o mais influente deles no contexto internacional da Guerra Fria e o mais propositivo no contexto da OTAN. O fracasso dessas conexões certamente representa o enfraquecimento de uma possíveis retórica mais amistosa que a Frente poderia, eventualmente, estabelecer com os países "ocidentais" no geral. O que se está demonstrando ao analisar a retórica da *Mozambique Revolution* quanto a esses países ao longo da década é justamente que essa possibilidade fato não vingou no interior da Frente no período analisado, e que esses países, de uma maneira ou de outra, permaneceram aliados do colonialismo português. – Com isso, a FRELIMO assumiu uma posição de oposição a eles no contexto da Guerra Fria. A análise das conexões de Mondlane nos Estados Unidos são relevantes para ajudar a entender como se deu esse processo, mas não esgotam de modo algum a questão.

[482] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 6, maio de 1964, p. 2, t. n. No original: "Our fight is not only against Portugal but we are also engaged in fighting other imperialist states with interests in our country – states which are amongst the most powerful in the world. The Mozambican people's war against Portugal, USA, England, France and West Germany is fated to be long and bitter before we obtain our final victory".

[483] A retórica da "Guerra Popular" remete a teoria de guerrilha maoísta, que foi extremamente influente sobre as lutas anticoloniais no "Terceiro Mundo". Sobre isso, ver o Capítulo 5.

nosso povo. Em forma de bombas, os EU da América jogam 'democracia' no povo do Vietnam"[484]. Com isso, a Frente se relaciona com a luta da *Front National de Libération* (FNL)[485], mobilizando todo o simbolismo internacional da Guerra do Vietnam.[486] Esse texto reflete uma das alianças históricas declarada pela FRELIMO ao longo da década de 1960 nas páginas de sua revista.

Já em novembro de 1965 a Frente acusava duramente a "conivência" britânica perante a declaração unilateral de independência da Rodésia do Sul.[487] No editorial em questão, a FRELIMO estimulava a *Zimbabwe African People's Union*[488] (ZAPU) a também embarcar em uma luta armada anti-imperialista em resposta aos acontecimentos recentes em seu país: "a FRELIMO não faz apologia a soluções violentas. […] Mas conhecendo como nós conhecemos a mentalidade colonialista e imperialista, e analisando objetivamente a situação do Zimbabwe […] nós estamos convencidos de que a única maneira de conquistar independência real no Zimbabwe é através da Luta Armada"[489].

---

[484] *Press Statement.* **Mozambique Revolution,** n. 25, data junho/julho de 1966, p. 14, t. n. No original: "The bombs which fall today on the Vietnamese soil have thus the same origin as those which fall on the Portuguese colonies – Mozambique, Angola and Guinea called Portuguese. In the form of bombs, Portugal drops 'civilization', 'christianity' on our people. In the form of bombs the U.S. of America drops 'democracy' on the people of Vietnam".

[485] A *Front National de Libération* (FNL) foi o movimento político do Vietnam liderado por Ho Chi Minh que tinha seu próprio exército de libertação nacional. Ao longo das décadas de 1960 e 19670 esse movimento lutou uma simbólica guerra contra a presença americana no Vietnã do Sul, tendo sindo uma das organizações as quais a FRELIMO prestou mais reverências durante sua própria guerra anticolonial, trocando correspondências, ideias e solidariedade com seus representantes. Sobre isso, ver: NGUYEN, 2012; GOSCHA, 2017.

[486] A Guerra do Vietnã atraiu muita atenção internacional no contexto da Guerra Fria. Além de ter recebido o maior empreendimento militar americano entre todos os países de "Terceiro Mundo" nesse período, o Vietnã também contou com os apoios de União Soviética e China ao seu exército de resistência, em concorrência um com o outro. Isso levou essa guerra a se tornar simbólica perante a comunidade internacional, uma vez que atraiu uma atenção pública inédita. Sobre isso, ver: NGUYEN, 2012; GOSCHA, 2017.

[487] A Declaração Unilateral de Independência da Rodésia do Sul, em 11 de novembro de 1965, foi a consequência final de uma longa discussão entre o autogoverno de Ian Smith e a metrópole britânica sobre os termos da independência total do país. Enquanto o Reino Unido advogava por uma descolonização sob um governo democrático das maiorias na região, o regime de Smith inspirava-se na África do Sul para propor seu próprio *apartheid* na Rodésia e garantir um governo das minorias brancas. Esse impasse se prologou até que o último declarasse a independência de maneira unilateral em novembro de 1965. Apesar do governo britânico ter condenado esse ato internacionalmente, várias lideranças africanas ficaram insatisfeitas por esperar atitudes mais enérgicas do país. Sobre isso, ver: WATTS, 2012; PALLOTTI, 2009.

[488] Convivendo com a FRELIMO na Tanzânia desde o início da década de 1960, e sendo conhecida como uma das organizações anticoloniais mais organizadas da África Oriental, a *Zimbabwe African People's Union* (ZAPU) trata-se de uma das organizações anticoloniais mais próximas da Frente durante a guerra anticolonial. Após a independência de Moçambique 1965 o governo da FRELIMO permitiu à ZAPU mover seus escritórios para o território moçambicano. Sobre isso, ver: RANGER, 1985.

[489] *Statement on Rodhesia.* **Mozambique Revolution**, n. 23, Dezembro-Janeiro-Fevereiro de 1965-1966, p. 13, t. n. No original: "FRELIMO does not apologise for violent solutions. [...] However, knowing as we do, the colonialist and imperialist mentality, and analysing objectively the situation in Zimbabwe [...]. We are also convinced that the only way to achieve the real independence of Zimbabwe is through na armed struggle".

De fato a Rodésia do Sul se tornou palco de uma violenta guerra anticolonial promovida pela ZAPU depois disso. Em 1968 uma longa reportagem da *Mozambique Revolution* criticava o apoio "imperialista" ao regime rodesiano:

> Nós na FRELIMO estamos bastante cientes de que nossa luta contra Salazar é associada intimamente com a luta contra Smith, e que um golpe contra um ditador é um golpe contra o outro. Enquanto os supostos campeões da democracia ocidental se protegem, recuam e apaziguam as crescentes forças do fascismo na África Austral, o povo da África está lutando e continuará lutando.[490]

Esse tipo de discursos se repete no caso da África do Sul. Em abril de 1965 as relações entre a França e o regime do *Apartheid* eram expostas pela publicação moçambicana. Uma notícia do jornal sul-africano *Star* foi anexada na *Mozambique Revolution* na ocasião, expondo conversas entre um representante do governo francês com um político britânico onde o primeiro afirma que iria continuar votando contra quaisquer sansões ao regime sul-africano nas Nações Unidas, bem como iria continuar vendendo armas a ele.[491] A FRELIMO sinalizava apoio ao *African Nation Congress*[492] (ANC) nesse contexto, se associando a mais uma luta internacional anti-imperialista. Essa retórica é repetida em referências as lutas do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), com quem a organização tinha vínculos profundos associados à CONCP, além de compartilhar o colonialismo português como um inimigo comum.[493] Desse modo, a *Mozambique Revolution* se dedicava a publicar boletins atualizando os avanços na luta nesses países, celebrando seus avanços, noticiando representações conjuntas em conferências internacionais, e prestando solidariedade pelas agressões sofridas por mãos "imperialistas".

---

[490] *Smith Sanctions & Salazar.* **Mozambique Revolution**, n. 33, fevereiro-março de 1968, p. 10, t. n. No original: "We in FRELIMO are well aware that our struggle against Salazar is closely linked with the struggle against Smith and that a blow against one dictator is a blow against the other. While the supposed champions of Western democracy hedge, and retreat and appease the growing forces of fascism in Southern Africa, the people of Africa are fighting and will continue to fight".

[491] *France to supply arms to South Africa.* **Mozambique Revolution**, n. 17, abril de 1965.

[492] O *African National Congress* (ANC) foi o movimento anticolonial sul-africano com o qual a FRELIMO se associou ao longo da sua história. A relação entre os dois nem sempre foi positiva, mas as mensagens de solidariedade e a aliança entre eles foram constantes. Após a independência de Moçambique, o ANC instalou seus escritórios em Maputo. Esse movimento foi privilegiado na retórica da *Mozambique Revolution* em relação a movimentos sul-africanos concorrentes, como o *Pan-African Congress* (PAC). Sobre isso, ver: MANGHEZI, 2009.

[493] Sobre a CONCP e a aliança histórica entre a FRELIMO, o PAIGC e o MPLA, ver o Capítulo 1.2 e o Capítulo 2.

Posto isso, é evidente o esforço da FRELIMO em vincular sua causa a uma luta anti-imperialista internacional que transcendia Moçambique e o colonialismo português, apelando a todo um "Terceiro Mundo" oprimido pelas potências imperialistas. Assim ela adotava uma retórica pertinente à OUA e ao Movimento de Solidariedade Afro-Asiática, angariando os seus aliados mais valiosos na luta de libertação nacional. O reconhecimento dessas organizações não só garantia acesso a um "Comitê de Libertação" capaz de disponibilizar recursos imprescindíveis, como também à conexões transnacionais em África, Ásia e América Latina que eram simplesmente indispensáveis a um movimento anticolonial que buscava se legitimar internacionalmente.[494]

Diante disso, as conexões transnacionais dos Estados Unidos simplesmente não encontravam espaço nos discursos oficiais da FRELIMO, uma vez que a superpotência era cada dia mais associada ao colonialismo e ao imperialismo nesses meios. O próprio Eduardo Mondlane, que nos bastidores mantinha conexões de apoio relevantes nos EUA, assumia um tom bastante diferente em uma mensagem oficial de Ano Novo publicada em janeiro de 1965 na edição número 14 da *Mozambique Revolution*:

> Nós lamentamos em continuar reportando, entretanto, que Portugal ainda recebe grandes quantidades de armas e fundos dos seus aliados da OTAN, especialmente dos Estados Unidos da América, da República Federal da Alemanha, França e Grã-Bretanha, sob o disfarce de que eles são para a defesa da democracia ocidental. Se a democracia ocidental inclui o regime fascista de Salazar, e se a defesa desse sistema significa a perpetuação do colonialismo no nosso país, nós somos decididamente contra ela. Então, nossa luta contra Portugal em Moçambique, Angola e Guiné é uma guerra contra todo o maquinário da OTAN[495].

Pressionado pelo contexto político em que estava imerso, Mondlane anunciava oficialmente sua oposição a suposta "democracia ocidental" associada os Estados Unidos e às demais potências da OTAN. Com isso, ele acusava a falência de suas próprias conexões transnacionais no interior da FRELIMO. Naquela altura, ainda que ele continuasse estabelecendo contatos com a superpotência norte-americana e recebendo algum apoio de seus "Africanistas", ele próprio já começava a forjar novas teias em rotas

[494] Sobre as conexões transnacionais dos países de "Terceiro Mundo" acessíveis a partir da OUA, e da Solidariedade Afro-Asiática, ver: GRILLI; GERTZ (eds), 2020; PRASHAD, 2007; LEE, 2010.

[495] *Presidential Message.* **Mozambique Revolution**, n. 14, janeiro de 1965, p. 2, t. n. No original: "We are sorry to continue to report, however, that Portugal still receives large amounts of weapons and funds from her NATO allies, especially the United States of America, the Federal Republic of Germany, France and Great Britain, under the guise that they are for the defense of Western Democracy. If Western Democracy includes the fascist regime of Salazar, and if the defense of this system means the perpetuation of colonialism in our country, we are resolutely against it. Then our war against Portugal in Mozambique, Angola and Guinea is a war against the whole NATO machinery".

internacionais socialistas, onde sabia que estava destinado o futuro da Frente de Libertação de Moçambique.[496]

[496] Sobre as conexões da FRELIMO nos países socialistas, ver o Capítulo 4.

4. "UMA FONTE DE APOIO ÀS JOVENS REVOLUÇÕES": A FRELIMO, O SOCIALISMO, E AS ROTAS SOVIÉTICAS

Em março de 1964, na edição número 4 da *Mozambique Revolution*, a FRELIMO saudava a sexta seção do conselho da Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos, agendada para ocorrer entre os dias 22 e 26 daquele mês na Argélia. Ainda se preparando para iniciar uma Guerra Anticolonial contra o regime português, a Frente Moçambicana expressava àquela altura esperanças quanto ao clima anticolonialista que seria visto na conferência, mas manifestava preocupações com a possibilidade de os "imperialistas" minarem a iniciativa:

> A FRELIMO, em representação de Moçambique, anseia por esta data tão estimada em que a voz poderosa dos representantes de dois grandes continentes soará na Argélia, este país recém-libertado que recentemente desfez as amarras do colonialismo. Acreditamos que deve ser a voz da sabedoria, da paz, da liberdade, a voz contra aqueles que tentam impedir o movimento de libertação e impor aos países libertados uma dependência econômica e militar. Sem dúvida, os imperialistas tentarão abafar essa voz, semear as sementes da dissensão entre os participantes da conferência, desviar sua atenção dos problemas urgentes do movimento de libertação nacional.[497]

A preocupação moçambicana com as dissenções e a falta de unidade entre os países da conferência possuía um significado relevante nesse contexto. Ainda que as acusações sobre as ações das potências ocidentais e sobre os males do colonialismo fossem uníssonas entre os participantes de um evento como esse, as fraturas internas entre os "países anti-imperialistas" eram evidentes em 1964. A Conferência de Bandung já havia acontecido há quase uma década, e as divergências entre as agendas dos países de "Terceiro Mundo" se tornavam cada vez mais notórias com o passar do tempo.[498] Mais preocupante que isso, entretanto, eram os efeitos das tensões entre China e URSS:

> Os imperialistas podem encontrar solo fértil na existência de algumas controvérsias entre a União Soviética e a China. Se essas controvérsias aparecerem novamente antes da Conferência de Argel, a causa do movimento de libertação seria severamente prejudicada. Por isso, os povos que ainda sofrem sob o jugo colonial exigem justamente que as diferenças internas sejam

[497] *The Afro-Asian Council Meeting in Algiers.* **Mozambique Revolution**, n. 4, março de 1964, p. 10, t. n. No original: "FRELIMO, representing Mozambique, looks forward to that cherished date when the mighty voice of the representatives of two great continents will sound in Algeria, this newly liberated country which has recently thrown away the chains of colonialism. We believe it should be the voice of wisdom, of peace, of freedom, the voice against those who try to stand in the way of the liberation movement and impose upon liberated countries an economic and military dependance. Undoubtedly imperialists will try to muffle this voice, to sow the seeds of dissention among the participants of the conference, to divert their attention from the urgent problems of the national liberation movement".

[498] Sobre as contradições e divergências na agenda dos países da África, Ásia e América Latina, ver: PRASHAD, 2007; LEE, 2010; FRIEDMAN, 2015.

> postas de lado e que se destaque uma FRENTE ÚNICA para a liquidação dos remanescentes do colonialismo. Os sinais da derrota do imperialismo pelos povos oprimidos acabaram de aparecer. Nosso dever agora é reforçar nossa UNIDADE com base em uma luta ativa contra o colonialismo e o imperialismo. A conferência de Argel deveria tomar decisões concretas, destinadas a estimular a luta pela liquidação final do colonialismo, e estabelecer uma estratégia comum contra o imperialismo.[499]

As rachaduras existentes entre as potências socialistas adicionavam desafios indesejados às lideranças moçambicanas. Uma vez que os países capitalistas agiam em sintonia no sentido de apoiar o regime colonial português e demais regimes colonialistas/racistas pelo mundo, seu campo oposto se colocava como a alternativa viável de alinhamento. Essa alternativa, entretanto, exigia ação em "uma FRENTE ÚNICA para a liquidação dos remanescentes do colonialismo". Essa possibilidade se mostrava limitada àquela altura – a busca por apoio no mundo socialista exigia a FRELIMO habilidade para navegar entre terrenos arenosos, rivalidades extremadas e um mosaico de alternativas antagônicas.

4.1. A FRELIMO E OS PAÍSES SOCIALISTAS

Muitas lideranças de países do "Terceiro Mundo" foram atraídas pelas teorias socialistas no contexto da Guerra Fria. As relações mantidas pelas potências capitalistas com o colonialismo faziam com que as suas reputações fossem péssimas entre os líderes que colocavam o "anti-imperialismo" como palavra de ordem em suas políticas nacionais.[500] O socialismo se mostrava uma opção óbvia a eles. Ainda antes da Revolução Russa de 1917, Vladimir Lênin havia publicado seu influente ensaio *Imperialismo, Estágio Superior do Capitalismo*, definindo as balizas da crítica socialista ao imperialismo e ao colonialismo.[501] Em 1920, foi também o próprio Lênin que desenvolveu o conceito de "modelo não capitalista de desenvolvimento", oferecendo uma via alternativa de desenvolvimento às antigas colônias, sem que para isso elas

[499] *The Afro-Asian Council Meeting in Algiers.* **Mozambique Revolution**, n. 4, março de 1964, p. 10, t. n. No original: "The imperialists could find certains grounds in the existence of some controversies betwen Soviet Union and China. Should these controversies appear again before the Algiers Conference, the cause of the liberation movement would be severely damaged. Therefore the peoples still suffering under colonial yoke justly demand that internal differences be put aside, and that a UNITED FRONT for the liquidation of the remnants of colonialism be allowed to stand out. The signs of defeat of imperialism by the oppressed peoples have just appeared. Our duty now is to reinforce our UNITY based on an active fight against colonialism and imperialism".

[500] Sobre o anti-imperialismo internacional, ver o Capítulo 3.4, o Capítulo 4.1, e a nota de rodapé 17.

[501] LÊNIN, 2011. A influência desse texto pode ser percebida uma vez que se note que o próprio Kwame Nkrumah, em seu livro *Neo-Colonialism, the last stage of Imperialism* (1965), escreveu uma "versão africana" dessa teoria, adaptando a mesma ao contexto do anticolonialismo dos anos 1960.

necessitassem se submeter ao modelo capitalista.[502] Quando somadas essas teorias ao conceito marxista de "internacionalismo proletário", fica evidente o imaginário criado pelo socialismo em relação às nações da África, Ásia e América Latina ao longo do século XX.[503]

Isso não significa que esse movimento tenha sido coeso. O surgimento de um "Espírito de Bandung" em 1955 trouxe consigo uma série de desafios ao socialismo internacional. Ao mesmo tempo em que vários de seus líderes mais influentes eram seduzidos pelas promessas de um desenvolvimento rápido, anti-imperialista e capaz de "saltar etapas", eles não estavam dispostos a aceitar uma gerência externa sobre seus projetos nacionais vinda da URSS. O que se dá a partir disso, portanto, é o surgimento de diversas variações nacionais do socialismo, muitas delas distantes do ideal marxista-leninista soviético.[504]

As possibilidades apresentadas por países como China e Iugoslávia abriam espaços para que as lideranças de África, Ásia e América Latina usassem suas imaginações e criassem políticas adaptadas às suas próprias necessidades locais. Países como Índia, Indonésia, Vietnam, Egito, Argélia, Gana, Guiné-Conacry, Congo-Brazaville, Mali, Kenya, Tanzânia, Zâmbia e Cuba estão entre aqueles que se moveram nessa direção – a diversidade dos seus projetos nacionais chama a atenção, e põe em xeque a ideia de um movimento socialista único na arena internacional. Esses países se relacionaram de maneiras variadas com os soviéticos, chineses, iugoslavos, norte-americanos e europeus, bem como entre si e com seus camponeses, trabalhadores, militares e burguesias nacionais. Eles ainda tiveram perspectivas diferentes quanto a questões-chave como a industrialização, a criação de aldeias comunais, cooperativas rurais, propriedades privadas e religiões. Apesar de compartilharem o anti-imperialismo

[502] A expressão foi cunhada pela primeira vez por Lênin no Segundo Congresso da Comintern em 1920, onde ele falava sobre a possibilidade de um desenvolvimento "não capitalista" para os povos colonizados, desde que eles contassem com o apoio dos países socialistas já estabelecidos. O termo foi retomado apenas anos depois, já no regime de Nikita Khrushchov, como maneira de formular um "modelo" aos países de "Terceiro Mundo". Sobre isso, ver: TELEPNEVA, 2021; FRIEDMAN, 2015.

[503] Em seu *Manifesto do Partido Comunista* (1948), Karl Marx e Friedrich Engles encerram suas reflexões com a célebre frase: "Proletários de todos os países, uni-vos!". Com isso, eles definiam sua teoria a partir de um recorte de classe que seria internacionalista – não respeitando as fronteiras nacionais. Os reflexos dessa teoria podem ser percebidos na criação da *Comintern* (Internacional Comunista), criada em 1919 sob liderança soviética; a instituição foi dissolvida por Stalin em 1943, e substituída pela Cominform (Escritório de Informações dos Partidos Comunistas e Operários), criada em 1947. Ainda que a agenda desse "Comunismo Internacional" tenha variado ao longo dos anos, e que seu comprometimento com o anticolonialismo nem sempre tenha sido uma prioridade, é marcante o recorte teórico internacionalista das teorias socialistas. Sobre isso, ver: PONS, 2014.

[504] ALISSON, 2008; WESTAD, 2007; FRIEDMAN, 2015; PONS, 2014; PRASHAD, 2007; MARTIN, 2012; WINGO, 2019.

e o desejo de desenvolvimento rápido e socialista, tinham muito pouco em comum além disso.[505]

Foi em meio a esse cenário complexo e diversificado que a FRELIMO navegou ao longo da década de 1960. É bem verdade que a sua constituição como uma Frente Anticolonial e a sua necessidade de conquistar apoio na pressão sobre Portugal faziam com que o movimento estabelecesse relações ao longo dos anos com variados países, organizações, congregações e indivíduos – incluindo com os países ocidentais, como foi visto. Ao associar-se a CONCP, a OUA e ao Comitê de Solidariedade Afro-Asiática, entretanto, era nos países socialistas que ela estabelecia suas conexões transnacionais mais sólidas, uma vez que eram esses os países que ditavam a agenda dessas organizações. O olhar sobre as fontes da *Mozambique Revolution* deixa isso claro. Em sua edição de número 6, datada em maio de 1964, a revista anunciava a via-armada como meio para alcançar a descolonização moçambicana. Para além de enumerar os inimigos imperialistas que seriam enfrentados, o texto também exalta os exemplos seguidos na luta:

> A história dos movimentos de libertação nacional em países oprimidos (Vietnam, Cuba, Argélia) mostra que na atual situação internacional, se o povo se levanta resolutamente para lutar por sua libertação, ele vai superar todas as dificuldades, vencer o inimigo, e obter a vitória final. Por isso é necessário mobilizar, organizar e unir o povo.[506]

Ao observar sua luta como sendo vinculada a "história dos movimentos de libertação nacional em países oprimidos", o editorial observava a experiência histórica de Vietnam, Cuba e Argélia como exemplos da luta moçambicana. Ao adotar essa narrativa, o texto filiava-se a países do "Terceiro Mundo" que possuíam a ideologia socialista como um pilar de suas lutas anti-imperialistas e que haviam conquistado suas revoluções através das armas. Essa associação da luta moçambicana com a experiência de países socialistas é adotada pela FRELIMO ao longo de todo o período estudado nessa pesquisa. Na edição de estreia da *Mozambique Revolution*, ainda em dezembro de 1963, a FRELIMO abria as páginas de sua nova publicação com uma citação de Sekou Touré, presidente da Guiné-Conacry: "Se a independência é uma condição necessária para a libertação social de

[505] Sobre os múltiplos projetos, divergências, ideologias e rivalidades entre esses países, ver: FRIEDMAN, 2015; PRASHAD, 2007; PRASHAD, 2019; LEE, 2010; MARTIN, 2012; WINGO, 2019.

[506] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 6, maio de 1964, p. 3, t. n. No original: "The history of the national liberation movements in oppressed countries (Vietnam, Cuba, Algeria) show that in the present international situation, if a people stand up resolutely to struggle for their liberation, they will surmount all difficulties, overcome the enemy and obtain a final victory. For that it is necessary to mobilise, organise and unite the people".

homens e povos, ela é apenas um dos aspectos da libertação para a qual nós estamos marchando resolutamente"[507].

Meses depois, em sua edição número 6, de maio de 1964, é a vez de Ben Bella, governante argelino, ser saudado pela FRELIMO em mensagem assinada por Eduardo Mondlane: "Nós, que estamos seguindo o exemplo que vocês deram à África e ao Mundo […]. Seu povo, que está dando continuidade ao trabalho de libertar o homem e colocá-lo na rota do socialismo. […] o povo moçambicano é grato a todos vocês, e especialmente ao irmão Ben Bella"[508]. Já em junho de 1965, na edição número 19, é um discurso de Kwame Nkrumah na 4ª Conferência de Solidariedade Afro-Asiática que é reproduzido pela revista: "[A Solidariedade Afro-Asiática] surgiu da nossa determinação comum de destruir os resquícios do colonialismo e da nossa necessidade comum de repelir o ataque do neocolonialismo em seus esforços para recuperar o terreno perdido pelo imperialismo nas grandes revoluções socialistas e nas lutas de libertação nacional pelo mundo"[509].

A essas citações, diversas outras são adicionadas. Em sua edição número 16, datada em março de 1965, a FRELIMO exalta um telegrama recebido de Gamal Nasser, governante egípcio, no qual ele agradece uma mensagem enviada pela organização o parabenizando pelo seu novo mandato no poder.[510] Nessa mesma edição, o congresso anual da tanzaniana *National Union of Tanganyika Workers* (NUTA) é celebrado, afirmando-se que "o progresso da Tanzânia é um passo importante para a vitória do socialismo na África"[511]. Já em sua edição 23, referente aos meses de dezembro de 1965 e janeiro e fevereiro de 1966, é uma mensagem de Eduardo Mondlane a Fidel Castro que é adicionada, onde saúda-se o "desenvolvimento socialista"[512] em Cuba, bem como a luta

[507] *Cabeçalho*. **Mozambique Revolution**, n. 1, dezembro de 1963, p. 1, t. n. No original: "If independence is a necessary condition for the social liberation of men and peoples, it is only one of the aspects-of freedom to which we are resolutely marching".
[508] *FLN Congress.* **Mozambique Revolution**, n. 6, maio de 1964, p. 8, t. n. No original: "we who are following the example you gave to Africa and the world. [...] your living people who are continuing the work of liberating man and putting him on the road to socialism. [...] the Mozambican people are gratefull to you all, and specially to brother BEN BELLA".
[509] *Fourth Afro-Asian Peoples' Solidarity Conference.* **Mozambique Revolution**, n. 19, junho de 1965, p. 11, t. n. No original: "It [Afro-Asian Solidarity] emerged from our common determination to destroy the remnants of colonialism, and our common need to repuls the assault of neo-colonialism in its efforts to recover the ground lost by imperialism in the great socialist revolutions and world wide struggles for national liberation".
[510] *Copy of a telegram from President Gabal Abdul Nasser...* **Mozambique Revolution**, n. 16, março de 1965.
[511] *Annual Congress of the National Union of Tanganyika Workers.* **Mozambique Revolution**, n. 16, março de 1965, p. 12, t. n. No original: "The progress of Tanzania is an important step for the victory of socialism in Africa".
[512] *Premier Fidel Castro Government Cuba Republic Havana*. **Mozambique Revolution**, n. 23, dezembro/janeiro 1965/1966, p. 15, t. n. No original: "socialist development".

comum dos países "contra o colonialismo e o imperialismo"[513]. Entre dezembro de 1967 e janeiro de 1968, em sua edição número 32, uma mensagem de ano novo de Eduardo Mondlane é anexada na *Mozambique Revolution*. Após saudar os demais países que lutavam contra o colonialismo, ele aponta:

> Desejamos também muitas vitórias aos países africanos que lutam contra o imperialismo e apoiam nossa luta. Desejamos muitas vitórias aos nossos camaradas e irmãos da Tanzânia, Argélia, U.A.R. [República Árabe Unida, que foi o nome dado para a União entre Egito e Síria. Em 1968 o Egito ainda adotava esse nome, ainda que a União tenha sido desfeita em 1962] e Zâmbia, que são os primeiros no apoio à nossa luta e que estão consolidando sua própria independência nacional. Desejemos grandes vitórias aos nossos camaradas e irmãos que, nos países socialistas, estão construindo a esperança da humanidade e que nos ajudam tanto porque são nossos aliados naturais.[514]

Ao homenagear Tanzânia, Argélia, Egito e Zâmbia, o texto se referia aos países nos quais a FRELIMO havia instalado representações no continente africano. Todos eles eram países que adotavam a via socialista e anti-imperialista. Não é por acaso, posto isso, que os países saudados na sequência tenham sido os "países socialistas" de maneira geral – ao apontar esses últimos como "aliados naturais", a FRELIMO observava um cenário internacional em que "anti-imperialismo" e "socialismo" se uniam, formando uma grande aliança capaz de construir a "esperança da humanidade".

No contexto da Guerra Fria a ideologia ocupava um lugar de destaque nas relações internacionais – e uma vez que as potências capitalistas mantinham laços estreitos com o colonialismo, a legitimidade de um movimento anticolonial era medida, em partes, pelo seu comprometimento com uma determinada "agenda revolucionária". Ao adotar uma retórica de proximidade com esses países, portanto, a FRELIMO validava-se na cena internacional em que se inseria, conquistando apoios importantes em sua luta. Ademais, ao navegar e sinalizar inspiração entre suas diferentes alternativas, o movimento mantinha uma postura de não-alinhamento e independência que garantia a si um leque de oportunidades naquele contexto.

O olhar sobre as fontes oficiais da *Mozambique Revolution*, entretanto, não deixa transparecer os desafios enfrentados ao longo desse processo. As relações estabelecidas

---

513 *Premier Fidel Castro Government Cuba Republic Havana*. **Mozambique Revolution**, n. 23, dezembro/janeiro 1965/1966, p. 15, t. n. No original: "Against colonialism imperialism".

514 *New Year Message*. **Mozambique Revolution**, n. 32, dezembro/janeiro 1967/1968, p. 8, t. n. No original: "Let us also wish many victories to the African countries who are fighting imperialism and support our struggle. Let us wish many victories to our comrades and brothers in Tanzania, Algeria, the U.A.R. and Zambia, who are foremost in their support of our struggle and who are consolidating their own national independence. Let us wish great victories to our comrades and brothers who, in the socialist countries are building up the hope of mankind and who give us so much help because they are our natural allies".

pela FRELIMO com os diferentes países socialistas foram muito variadas – e ainda que a Frente se associasse oficialmente com esses diversos países, aderindo a um "corpo socialista" internacionalmente, as relações com alguns deles foram marcadas por tensões e desentendimentos. A reputação de Eduardo Mondlane, particularmente, despertava muitas desconfianças nesse meio, e ele sofria constantes acusações devido a suas relações com os Estados Unidos. O olhar sobre alguns exemplo permite perceber a variedade de relações criadas nesse contexto.

No caso de Gana, as polêmicas em torno do momento de criação da FRELIMO nunca foram superadas.[515] Vários foram os fatores responsáveis pela distância existente. A rivalidade entre Accra e Dar es Salaam só se intensificou ao longo da década, de modo que Gana se manteve em estreita colaboração com os movimentos moçambicanos dissidentes com sedes em outros lugares.[516] Ademais, esse período coincidiu com a decadência do próprio protagonismo de Gana no continente, o que afastou vários movimentos anticoloniais de suas rotas.[517] Além disso, a popularidade de Mondlane no país era péssima entre seus periódicos, políticos e diplomatas. Um documento produzido pela Embaixada dos Estados Unidos em Dar es Salaam, datado do dia 22 de dezembro de 1963 relata a insatisfação de Mondlane com as acusações que sofria do jornal ganense *Freedom Fighter* de ser um "fantoche do imperialismo"[518]. Os próprios norte-americanos percebiam a fragilidade que suas conexões transnacionais assumiam nesse cenário:

> Mondlane é particularmente vulnerável a acusações de que ele é um instrumento das potências ocidentais. As próprias condições de vida de Mondlane o expõem. Os seus muitos anos no mundo acadêmico americano, a sua mulher branca americana, uma casa na elegante Oyster Bay, uma grande

[515] Sobre os primórdios das tensões entre a FRELIMO e Gana, ver os Capítulos 1 e 2.

[516] Conforme demonstrado nos Capítulos 1 e 2, Kwame Nkrumah e Julius Nyerere tinham algumas diferenças determinantes em seus projetos políticos para o continente e em seus estilos de governar. Essas diferenças se tornaram mais evidentes ao longo da década, criando uma rivalidade irremediável. Na OUA, por exemplo, Kwame Nkrumah tornou-se um crítico do Comitê de Libertação e da escolha de Dar es Salaam para sediá-lo, afirmando que ele estaria nas mãos de imperialistas. Ele passou então a apoiar movimentos anticoloniais dissidentes daqueles apoiados por Nyerere, em processo que se estendeu até 1966. Sobre isso, ver: AHLMAN, 2011; GRILLI, 2018; GRILLI, 2015; BURTON, 2019.

[517] O período de criação da FRELIMO também coincide com a decadência do lugar de Gana enquanto um *hub* anticolonial. A postura do país era muitas vezes vista como "paternalista" em suas relação com os movimentos anticoloniais e outros países africanos independentes, caindo em descrédito perante eles. Além disso, a popularidade de Kwame Nkrumah decresceu bastante a partir da criação da OUA, onde ele ficou diplomaticamente isolado e não conseguiu emplacar suas propostas. Por fim, sua iniciativa de receber treinadores soviéticos em seus campos de treinamento militar também se tornou impopular, uma vez que eles foram vistos como arrogantes por vários guerrilheiros de diferentes países – o projeto foi logo abandonado, e os treinadores deixaram o país. Diante desses fatores, a popularidade de Gana entre movimentos anticoloniais se tornou bastante prejudicada ao longo da década. Sobre isso, ver: AHLMAN, 2011; GRILLI, 2018; GRILLI, 2015; BURTON, 2019.

[518] Embaixada americana em Dar es Salaam. 22 de dezembro de 1963. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Imperialist stooge".

> bolsa Ford para o seu Instituto de Moçambique - todos estes fatores complicam a sua imagem de nacionalista africano inflamado, tanto aos olhos dos seus apoiantes como na estimativa de outros líderes africanos.[519]

Esses comentários são precisos em descrever a situação. Mondlane possuía muitos laços com os Estados Unidos e com países da Europa Ocidental, adotava um estilo de vida bastante "ocidentalizado" em Dar es Salaam com sua família, recebia apoio e mantinha contatos com autoridades dos Estados Unidos, e era casado com uma branca norte-americana. Tudo isso colocava em xeque sua aprovação perante as autoridades de diversos países socialistas – ainda que a FRELIMO tenha conseguido garantir suporte em vários deles, a imagem de seu presidente dificilmente passava impune. Em Gana, entretanto, nenhum apoio foi conquistado.

Algumas aproximações até foram realizadas. Em março de 1964 a *Mozambique Revolution* anunciava uma viagem de seu presidente acompanhado por Pacoal Mocumbi à Accra, onde foram recebidos por Kwame Nkrumah, com quem "eles tiveram conversas muito cordiais"[520]. A publicação moçambicana manifestava seu desejo de ver o crescimento da amizade entre eles, afirmando sua necessidade de "ajuda concreta"[521] para alcançar a independência. E ainda, de maneira otimista, conclui afirmando que "no próximo boletim nós iremos dar mais informações sobre essa visita e as impressões da nossa delegação"[522]. O assunto, entretanto, não volta a ser mencionado pela revista. O motivo disso pode ser a ineficácia das conversações – anos mais tarde Mocumbi revelou que essa viagem foi apenas exploratória. Ele também revela uma segunda visita com Mondlane ao país para novas conversas em 1965, quando o presidente da FRELIMO se encontrou entre portas fechadas com o líder ganense e eles se deram bem, mas não chegado a um consenso: Mondlane aceitava apenas enviar guerrilheiros para serem treinados em Gana, enquanto Nkurmah queria adentrar com seus homens na Tanzânia e

---

[519] Departamento de Estado. *Airgram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 22 de dezembro de 1963. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Mondlane is particularly vulnerable to accusations that he is a tool of the western powers. The very conditions of Mondlane's life expose him. His many years in the American academic world, his white American wife, a house in fashionable Oyster Bay, a large Ford grant for his Mozambique Institute – all of these factors complicate his image as a fiery African nationalist both in the eyes of his supporters as well as in the estimate of other African leaders. [...] It is probable that in the future Mondlane may be forced to take na even more extreme position. However, it is doudbtful that these tactical moves will effect his basically pro-Western orientation".

[520] *The president of FRELIMO visited Ghana.* **Mozambique Revolution,** n. 4, março de 1964, p. 5, t. n. No original: "they had very cordial talks".

[521] *The president of FRELIMO visited Ghana.* **Mozambique Revolution,** n. 4, março de 1964, p. 5, t. n. No original: "concrete help".

[522] *The president of FRELIMO visited Ghana.* **Mozambique Revolution,** n. 4, março de 1964, p. 5, t. n. No original: "In the next bulletin we will give you more informations about this visit and the impressions of our delegation".

nas zonas libertadas de Moçambique. O impasse permaneceu, e meses depois um golpe de estado afastou de vez os ganenses do apoio a causa anticolonial.[523]

Outro país socialista que ocupava um lugar simbólico nesse contexto e que teve relações divergentes com a Frente Moçambicana devido ao envio de seus soldados para a Tanzânia foi Cuba. Essas relações estiveram muito condicionadas pela presença de Ernesto Che Guevara em Dar es Salaam em 1965. A ocasião foi noticiada pela *Mozambique Revolution* número 15, datada em fevereiro daquele ano, que comenta a visita do líder da revolução cubana aos quartéis-generais da FRELIMO: "O irmão Che Guevarra, depois de comentar favoravelmente sobre o rápido desenvolvimento da nossa luta, focou em algumas similaridades entre nossa luta e aquela de Cuba […]"[524]. Os bastidores desse encontro, entretanto, foram mais tensos do que a mensagem faz transparecer.

A ida de Guevara ao continente africano se dava a partir de uma retórica internacionalista assumida pelas lideranças revolucionárias da ilha caribenha. Após o sucesso de sua própria revolução, contrariando as iniciativas de seus amedrontadores vizinhos norte-americanos, eles passaram a projetar a exportação de sua experiência revolucionária, promovendo o anti-imperialismo pelos países da África, Ásia, e América Latina.[525] Em carta publicada à Tricontinental em 1967[526], Che deixava clara a sua visão de mundo, já presente durante seu período em África: "Quão perto poderíamos olhar para um futuro brilhante se dois, três ou muitos Vietnãs florescessem em todo o mundo com sua cota de mortes e suas imensas tragédias, seu heroísmo cotidiano e seus repetidos golpes contra o imperialismo, impelido a dispersar suas forças sob o ataque repentino e o ódio crescente de todos os povos do mundo!"[527]. O romantismo revolucionário presente

---

[523] *Notas da Entrevista com Pascoal Mocumbi,* Arquivo pessoal de Eric Morier-Genoud.

[524] *News.* **Mozambique Revolution**, n. 15, fevereiro de 1965, p. 11, t. n. No original: "Brother Che Guevarra, after commenting favourably on the rapid development of our struggle, focused on some similarities between our fight and that of Cuba".

[525] BONACCI; DELMAS; ARGYRIADIS, 2020; CHENG; MANNING, 2003; GLEIJESES, 2011; GOTT, 2005; RANDALL, 2017; CHAMBINO, 1968.

[526] A Tricontinental foi como ficou conhecida a Organização de Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América Latina, criada em Havana em 1966 em substituição à sua homônima afro-asiática. O advento dessa organização é representativo do avanço da pauta anti-imperialista entre esses países, tendo Cuba como um de seus principais promotores – o clima de impaciência entre as lideranças de "Terceiro Mundo" com as ações imperialistas era notável nessa iniciativa. Sobre isso, ver: PRSHAD, 2022.

[527] GUEVARA, Ernesto Che. *Message to the Tricontinental.* **The Executive Secretariat of the Organization of the Solidarity of the Peoples of Africa, Asia, and Latin America (OSPAAAL).** Havana: Abril, 1967. t. n. Disponível em: https://www.marxists.org/archive/guevara/1967/04/16.htm [Acesso em: 06 de setembro de 2022]. No original: "How close we could look into a bright future should two, three or many Vietnams flourish throughout the world with their share of deaths and their immense tragedies, their everyday heroism and their repeated blows against imperialism, impelled to disperse its forces under the sudden attack and the increasing hatred of all peoples of the world!"

em sua fala só é comparável com o seu tom anti-imperialista – os povos do mundo deveriam, de maneira orquestrada, se sacrificar com o objetivo de derrotar o imperialismo.

Suas ações em África caminhavam nessa direção. Após realizar um *tour* por vários países africanos, incluindo encontros com lideranças de Argélia, Egito, Gana, Guiné-Conacry, Mali e Tanzânia, ele chegava em Dar es Salaam com o objetivo de redirecionar todos os esforços do continente, dispersos em várias iniciativas, em direção a luta no Congo. O apoio que ele encontrou nessa iniciativa foi ínfimo entre os movimentos anticoloniais e representantes dos países africanos independentes, e a ocasião deixa transparecer as contradições existentes entre os países socialistas – a revolução "nacionalista" e a "internacionalista" entraram em choque, e o resultado dos esforços foi fracassado.[528]

A relação entre Che Guevara e a FRELIMO nesse contexto é digna de destaque. Sua passagem por Dar es Salaam foi acompanhada por Pablo Rivalta, embaixador de Cuba na cidade. Ele, assim como as autoridades de Gana, teriam avisado o líder revolucionário de que o movimento anticolonial moçambicano estava sob forte influência dos Estados Unidos, e que seus campos de treinamento estariam "contaminados" por membros do *Peace Corps*.[529] Ele ainda teria recomendado a Guevara manter distância de Mondlane e aproximara-se de Marcelino dos Santos, em quem ele teria uma "confiança máxima".[530]

Apesar dessas recomendações, Mondlane e Guevara se sentaram lado a lado em uma grande reunião que contou com mais de 50 pessoas, representantes de movimentos anticoloniais de uma dezena de países. Enquanto Che buscava formular uma estratégia comum no Congo, ele via suas propostas serem repetidamente rejeitadas pelos africanos, uma vez que as lideranças em questão se viam mobilizadas pelas suas demandas internas

[528] Apesar da retórica internacionalista associada ao socialismo adotada pela FRELIMO (conforme demonstrado nessa pesquisa) e por outros movimentos anticoloniais, na prática a relação entre seus objetivos nacionalistas e as dinâmicas internacionais nem sempre eram pacíficas. Como bem colocado por Ivaska (2018), as lideranças desses movimentos necessitavam sim se enquadrar a determinadas agendas internacionais em busca de apoio, mas elas também precisavam legitimar-se e atender demandas de seus quadros internos, muito mais suscetíveis as pautas nacionais.

[529] A presença de membros do *Peace Corps* na Tanganica remete a presidência de John F. Kennedy nos EUA, quando ele buscou expandir a presença americana no continente africano enviando seus grupos de ajuda humanitária ao continente. Essa iniciativa coincide com a chegada do casal Mondlane à África e com sucessiva instalação do Instituto Moçambique, que passou a se beneficiar a presença dos americanos na região. Sobre isso, ver o Capítulo 3.

[530] CABRITA, 2000.

e nacionais, e viam pouco apelo na abordagem de Guevara.[531] Entre uma série de rejeições as propostas do argentino nesse encontro, suas discordâncias com Eduardo Mondlane se destacam – "De acordo com um funcionário cubano, Colman Ferrer, Che, que não era o mais diplomático dos diplomatas, expressou ceticismo sobre as demandas da Frelimo de uma forma que ofendeu Mondlane. A conversa ficou amarga e eles se separaram"[532].

Posteriormente, as impressões de Che Guevara sobre o episódio, publicado em seu *Congo Diary* (2011), parecem ter sido direcionadas diretamente ao presidente da FRELIMO:

> Particularmente instrutiva foi minha visita a Dar es-Salaam, onde um número considerável de Combatentes da Liberdade havia se estabelecido. A maioria deles vivia confortavelmente em hotéis e fez uma carreira com sua situação, às vezes lucrativa e quase sempre agradável. Este foi o cenário para uma série de entrevistas nas quais eles geralmente pediam treinamento militar em Cuba e assistência financeira.[533]

Posto isso, as relações da FRELIMO com Cuba passaram a ser condicionadas por esse episódio. É bem verdade que ainda em 1965 houve um acordo entre ambas as partes que envolveu o treinamento de moçambicanos na ilha caribenha e o envio de armas, comida e uniformes para a Tanzânia – possivelmente acordados com o próprio Che Guevara. Esse apoio, entretanto, foi muito inferior ao recebido por outros movimentos anticoloniais africanos, e a distância entre ambas as partes é notória. – Em agosto do mesmo ano as autoridades da Tanzânia cooptaram sete instrutores cubanos para os treinamentos militares da FRELIMO sem que Mondlane tivesse sido avisado. Assim que eles chegaram ao país o presidente da Frente recusou sua presença e os enviou para se juntar aos esforços de Che no Congo. Marcelino dos Santos até tentou justificar esse episódio, afirmando que a FRELIMO era bastante restrita nesse assunto, recusando qualquer estrangeiros nas zonas libertadas de Moçambique, e aceitando apenas instrutores chineses na Tanzânia. Isso não foi o bastante para apaziguar os ânimos, e o clima de animosidade foi mantido.[534]

---

[531] GLEIJESES, 2011; IVASKA, 2018.

[532] GLEIJESES, 2011, p. 87, t. n. No original: "According to a Cuban official, Colman Ferrer, Che, who was not the most tactful of diplomats, expressed skepticism about Frelimo's claims in a way that offended Mondlane. The conversation became acrimonious, and they parted at odds".

[533] GUEVARA, 2011, sem página, t. n. No original: "Particularly instructive was my visit to Dar es-Salaam, where a considerable number of Freedom Fighters had taken up residence. Most of them lived comfortably in hotels and had made a career out of their situation, sometimes lucrative and almost always congenial. This was the setting for a series of interviews in which they generally asked for military training in Cuba and financial assistance".

[534] CABRITA, 2000; GLEIJESES, 2011; IVASKA, 2018.

O próprio Fidel Castro revelou, doze anos depois, em uma reunião com Erich Honecker, que "havia diferenças entre nós e a FRELIMO, remetendo aos tempos em que a FRELIMO estava na Tanzânia e Che Guevara falou com Mondlane lá. Naquela época Mondlane não concordou com Che e falou isso publicamente. Depois disso alguns novos artigos contra Mondlane foram publicados em Cuba"[535]. Como resultado disso, a observação de uma autoridade americana é conclusiva: "Além de um número modesto mas desconhecido de moçambicanos treinados, Havana fez pouco mais do que levar meia dúzia de discursos ou artigos da Frelimo no seu boletim Tricontinental"[536]. A isso, o oficial cubano na África, Jorge Risquet, concorda: "A nossa contribuição para a independência de Moçambique não foi muito importante"[537].

Um desfecho mais favorável pode ser observado nas relações da FRELIMO com a Argélia. É bem verdade que a imagem de Mondlane no país também sofria seus revezes. Djoudi, embaixador argelino na Tanzânia, em outubro de 1964, logo após o início da luta armada da FRELIMO, declarava em um comunicado a imprensa que "Mondlane estava acabado como líder da FRELIMO"[538]. Isso somava-se a comentários anteriores do argelino, que alegava que o líder anticolonial moçambicano seria um "fantoche americano, carente de militância, e incapaz de liderar um movimento revolucionário"[539]. Mondlane sofria pressão por parte de autoridades argelinas principalmente pela percepção existente de que ele era resistente a luta armada e pouco engajado na revolução. Enquanto figuras como Marcelino dos Santos possuíam uma imagem muito mais positiva entre lideranças socialistas e de "Terceiro Mundo", Mondlane ainda carregava estigmas por suas relações com os americanos e por seu perfil não-marxista.

Isso não foi o bastante, entretanto, para eclipsar o apoio da Argélia ao movimento moçambicano. Pelo contrário, o país trata-se de um dos mais importantes aliados da FRELIMO nos primeiros anos de sua guerra anticolonial. Enquanto a Tanganica era ainda

---

[535] CASTRO *apud* SHUBIN, 2008, p. 123, t. n. No original: "There used to be differences between us and FRELIMO, going back to the times when FRELIMO was in Tanzania and Che Guevara had spoken to Mondlane there. At that time Mondlane did not agree with Che and said so publicly. Thereafter news articles against Mondlane were published in Cuba".

[536] *apud* GLEIJESES, 2011, p. 227, t. n. No original: "Apart from a modest but unknown number of Mozambican trainees, Havana did little else but carry a half dozen frelimo speeches or articles in its bulletin Tricontinental".

[537] RISQUET, Jorge *apud* GLEIJESES, 2011, p. 227, t. n. No original: "Our contribution to the independence of Mozambique was not very important".

[538] Departamento de Estado. *Telegram,* Embaixada americana em Dar es Salaam. 15 de outubro de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Mondlane finished as FRELIMO leader".

[539] Departamento de Estado. *Telegram,* Embaixada americana em Dar es Salaam. 15 de outubro de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "American stooge, lacking in militancy and incapable leading revolutionary movement".

reticente quanto a presença militar em seu território, foi justamente na "Meca da Revolução"[540] que os moçambicanos encontraram o apoio necessário durante a preparação da luta militar a partir de 1963.[541] Imersa nas teorias de Frantz Fanon, a Argélia promovia a ação violenta como único meio para a liquidação do colonialismo e do imperialismo, sendo influente na formação de indivíduos como Filipe Magaia e Samora Machel.[542] Além disso, as armas argelinas desempenharam um papel importante na luta moçambicana contra o colonialismo, principalmente em seus estágios iniciais.[543]

Em outubro de 1964 essa relação era exaltada nas páginas da *Mozambique Revolution,* onde um texto do periódico argelino *Le Peuple* foi publicado integralmente sob o título "Argélia e a Revolução Moçambicana"[544]. A narrativa construída nesse texto exalta o ato moçambicano de pegar em armas, e condena o regime colonial português por sua constante negação de independência aos povos sob julgo colonial. "O povo argelino já ouviu alegações similares. Hoje ele é independente e reconstrói seu país pela via socialista"[545]. Se colocando como um exemplo, a publicação argelina prometia à FRELIMO que seu povo "estará sempre ao seu lado"[546] e que a Argélia "dará ao povo

[540] A expressão da "Meca da Revolução" foi cunhada orginalmente por Amílcar Cabral em referência a Argélia. O papel simbólico da luta anticolonial argelina, liderado pela *Front de Libération Nationale* (FLN), elevou o país ao lugar de um dos mais relevantes *hubs* do continente africano e do mundo após sua independência. Seu primeiro presidente, Ahmed Ben Bella, promoveu reformas socialistas bastante flexíveis e uma política externa independente, sendo um dos mais influentes líderes "anti-imperialistas" do "Terceiro Mundo". Muitos movimentos anticoloniais passaram a enviar guerrilheiros para serem treinados no país, e a Argélia logo se tornou uma importante apoiadora em armas desses movimentos. Em 1965 Ben Bella sofreu um golpe militar comandado pelo seu ministro da defesa, Houari Boumédiène. Apesar do momento ter representado uma série de mudanças nos rumos domésticos da revolução argelina, o novo presidente manteve a política de "Terceiro Mundo" do país na esfera internacional, apoiando os movimentos anticoloniais. A FRELIMO permaneceu percebendo a Argélia como um país aliado ao longo de todo o período estudado nessa pesquisa. Sobre isso, ver: BYRNE, 2016; MOKHTEFI, 2018; PRASHAD, 2007.

[541] Bjerk (2015) menciona que teria sido o próprio Julius Nyerere a promover o envio dos guerrilheiros moçambicanos ao país – apesar de ele ser reticente quanto ao apoio as lutas anticoloniais no território da Tanganica em um primeiro momento, entre 1962 e 1963 ele começou a promover apoio a essas iniciativas de maneira gradual, e a Argélia se mostrou um parceiro importante nisso. Ainda assim, é importante mencionar também as conexões transnacionais construídas por Marcelino dos Santos e pelos moçambicanos ligados ao grupo da CONCP no Norte da África e entre os países africanos francófonos – eles possivelmente tenham tido também um peso decisivo na opção por enviar guerrilheiros à Argélia.

[542] Filipe Magaia e Samora Machel ocuparam os postos mais altos da hierarquia militar da FRELIMO ao longo do período estudado nessa pesquisa. Ambos receberam seus primeiros treinos na Argélia. Isso é representativo da influência argelina na formação revolucionária da Frente. Isso pode ser percebido também nas biografias de moçambicanos que estiveram na Argélia, tal qual: MATUSSE, 2017; NALYAMBIPANO, 2013; NIHIA, 2015; VIEIRA, 2011.

[543] DE BRITO, 2019; CABRITA, 2000; ISAACKMAN; ISAACKMAN, 1983.

[544] *Algeria and the Mozambican Revolution*. **Mozambique Revolution,** n. 11, outubro de 2022, t. n.

[545] *Algeria and the Mozambican Revolution*. **Mozambique Revolution,** n. 11, outubro de 2022, p. 6, t. n. No original: "The Algerian people heard before.similar statements. Today they are independant and reconstruct their country the socialist way".

[546] *Algeria and the Mozambican Revolution*. **Mozambique Revolution,** n. 11, outubro de 2022, p. 6, t. n. No original: "will always be at their side".

moçambicano tudo que ele precisar para conquista de Independência, Justiça e Dignidade"[547]. Portando, uma aliança era ali declarada. Na sequência, a *Mozambique Revolution* ainda anexa uma declaração do próprio Djoudi – o embaixador que criticava Mondlane e que representava a Argélia perante o "Comitê de Libertação" da OUA (também chamado de "Comitê dos Nove" devido a sua composição). Nesse caso a referência era a publicação *Revolution Africaine,* da França. Ele afirmava à revista que o início da luta armada em Moçambique era motivo de "muita alegria e satisfação a nós"[548]. Comentando o apoio dado à FRELIMO desde a sua criação, exaltava que os "irmãos de Moçambique foram treinados em técnicas de luta revolucionária pelo governo da República Democrática e Popular da Argélia, por um longo tempo"[549]. A partir disso, a conclusão é positiva: "O Comitê dos Nove está convencido que o resultado não pode ser outro a não ser a vitória do povo moçambicano sobre o retrogrado colonialismo português"[550].

Dito isso, ainda que Mondlane pudesse despertar desconfianças em algumas autoridades do país, o apoio e proximidade existente entre os dois regimes era bastante explícito. Mesmo ele, apesar de contar com críticos, foi capaz de desenvolver boas relações na Argélia. O presidente da FRELIMO e Ben Bella compartilhavam o ímpeto de independência e não-alinhamento no cenário internacional, e ascenderam ao poder dentro de uma "Frente Anticolonial" que reunia diversas ideologias entre seus quadros. Assim, Mondlane foi mais bem sucedido em seus esforços no país para conquistar apoio junto dele – e em 1964 visitou a URSS por conselho do presidente argelino, que o advertiu sobre a necessidade de balancear uma viagem recente que havia feito à China. Assim, a Argélia acabou se tornando um dos principais pontos de suporte da FRELIMO no cenário internacional. Além de receber um escritório do movimento moçambicano, prestou uma quantidade relevante de suporte à sua luta armada, e serviu como um ponto de refúgio importante para os membros da Frente no continente africano.[551]

---

[547] *Algeria and the Mozambican Revolution*. **Mozambique Revolution,** n. 11, outubro de 2022, p. 6, t. n. No original: "will give the Mozambican people all they need for their attainment of Independence, Justice and Dignity".
[548] *Algeria and the Mozambican Revolution*. **Mozambique Revolution,** n. 11, outubro de 2022, p. 7, t. n. No original: "great joy and satisfaction to us".
[549] *Algeria and the Mozambican Revolution*. **Mozambique Revolution,** n. 11, outubro de 2022, p. 7, t. n. No original: "Mozambican brothers have been trained in the techniques of the revolutionary struggle by the government of the Democratic and Popular Republic of Algeria, for a long time".
[550] *Algeria and the Mozambican Revolution*. **Mozambique Revolution,** n. 11, outubro de 2022, p. 7, t. n. No original: "The Committee of Nino is convinced that the result cannot be anything else but the victory of the Mozambican people over the retrograde Portuguese colonialism".
[551] DE BRITO, 2019; CABRITA, 2000; ISAACKMAN; ISAACKMAN, 1983; VIEIRA, 2011.

Outro país socialista que se agradava da posição não-alinhada de Mondlane era a Iugoslávia.[552] Seus diplomatas se mostravam impressionados pela postura da FRELIMO no cenário internacional, pela inspiração e respeito demonstrados a sua história, e pela sua organização. O relato de um deles afirmava em 1965 que o movimento e seu presidente "pareciam maduros, seguros de si [..] o que implica ainda que eles estão conectados à sua base [...] suas ações ultimamente contribuem com sua afirmação"[553]. Essa impressão se convertia em apoio. Logo após o início da Luta Armada, em setembro de 1964, a Iugoslávia enviava 2 mil dólares em apoio financeiro à Frente, a mesma quantidade enviada no ano posterior. Nesse período foram concedidas também 4 bolsas de estudos para moçambicanos no país como um gesto de boa vontade.[554]

O apoio de mais repercussão recebido a partir de Belgrado, entretanto, se deu na forma da produção de um filme. *Venceremos*, filmado em agosto de 1967 e dublado em inglês, francês e português, foi o primeiro documentário filmado nas zonas libertadas de Cabo Delgado, e, com 20 minutos de duração, ajudou a popularizar a luta da FRELIMO no final da década de 1960.[555] A *Mozambique Revolution* exaltava em sua edição número 32 que o cineasta "pôde confirmar que nas zonas sob nosso controle, reinam condições de segurança quase completa"[556]. Mondlane, ao visitar a Iugoslávia e participar de uma grande noite de lançamento em janeiro de 1968, frisava que "não é por acaso que a primeira permissão [para rodar o filme] foi dada a um repórter iugoslavo, porque um filme feito por iugoslavos é mais convincente do que se ele fosse feito por um *cameraman* de outra nacionalidade"[557]. Ao longo dessa visita Mondlane ainda recebeu um montante de 10 mil dólares em apoio financeiro, além de ter requisitado um apoio em armas que foi enviado em setembro daquele ano.

[552] Distante diplomaticamente da URSS desde conflitos que ocorreram entre Josip Tito e Josef Stalin em 1948, a Iugoslávia buscou ao longo da Guerra Fria diferenciar-se em sua política externa soviética, sendo um dos principais promotores internacionais do Movimento dos Não-Alinhados. Posto isso, o país viu como estratégicas as alianças com os países do "Terceiro Mundo" como forma de alavancar suas próprias alternativas e tornar-se relevante internacionalmente. Sobre isso, ver: LAZIC, 2019; KUC, 2019; RUBINSTEIN, 2015; BOTT; HANIMÄKI; SCHAFELBUEHL; WYSS (eds.), 2016; DINKEL, 2019; LUTHI, 2016; ALLISON, 2008.

[553] *apud* LAZIC, 2019, p. 174, t. n. No original: "appeared mature, self assured [...] which further implies that the are connected to their base [...] their actions lately would contribute to their further affirmation".

[554] LAZIC, 2019.

[555] LAZIC, 2019; VUCETIC, 2019.

[556] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 32, dezembro/janeiro de 1967/1968, p. 5, t. n. No original: "He was able to confirm that in the zones under our control, conditions of almost complete safety reign."

[557] *apud* LAZIC, 2019, p. 175. t. n. No original: "It is not na accident that the first permission [to shot the movie] was given to a Yugoslav reporter, because a film made by Yugoslavs is more convincing than if that job was done by a camera-man of some other nationality".

Percebe-se então a partir do olhar sobre esses exemplos que os caminhos da FRELIMO através dos países socialistas foram diversos.[558] Ainda que o movimento anticolonial moçambicano adotasse uma retórica de aproximação com esses países de modo geral, as dificuldades em garantir suporte em alguns deles eram evidentes. A imagem de Eduardo Mondlane, particularmente, causava desconfianças em muitos líderes socialistas, e as relações estabelecidas pelos moçambicanos estiveram condicionadas por isso em alguns casos. Em outros casos, entretanto, seu perfil independente e não-alinhado causava boa impressão, garantindo a FRELIMO sucesso em seu objeto de conseguir suportes de diferentes fontes. Além disso, mesmo em lugares onde sua imagem não era a mais positiva, a presença de outros indivíduos, particularmente de Marcelino dos Santos, se mostrou um trunfo importante capaz de forjar alianças. Soma-se isso a presença da FRELIMO em organizações como a CONCP, a OUA e no Comitê de Solidariedade Afro-Asiático, percebe-se os caminhos construídos por ela através das rotas socialistas. Foi trilhando essas rotas que ela se dirigiu a União Soviética para buscar apoio da principal superpotência socialista no contexto da Guerra Fria.

4.2. OS PRIMEIROS PASSOS NA UNIÃO SOVIÉTICA

Em maio de 1964 a FRELIMO noticiava na edição número 6 da revista *Mozambique Revolution* a primeira visita oficial de seu presidente à União Soviética. Acompanhado por Marcelino dos Santos, que já possuía conexões transnacionais mais antigas na superpotência socialista, Eduardo Mondlane participou das celebrações do Dia dos Trabalhadores em Moscou e realizou encontros com autoridades soviéticas em busca de apoio à causa anticolonial. A publicação moçambicana reproduziu a mensagem entregue aos soviéticos na ocasião:

> Por ocasião do 1º de Maio desejamos estender fraternas saudações aos trabalhadores da União Soviética e de todo o mundo da parte dos trabalhadores e do povo de Moçambique. O objetivo importante para nós, o povo de Moçambique, é a libertação do nosso país. Os trabalhadores estão assumindo

[558] Claro que um olhar muito mais detalhado poderia ser apresentado sobre a relação da FRELIMO com cada um dos países mencionados, bem como com outros países socialistas do "Terceiro Mundo". Os exemplos trazidos são representativos para perceber como se davam essas relações, que tipo de desafios e oportunidades elas ofereciam, e como a FRELIMO foi capaz de legitimar-se nesse cenário, mas estão longe de esgotar a temática. O objetivo principal da pesquisa é perceber as conexões da Frente nas superpotências do período, e a reflexão apresentada se dá apenas como plano de fundo para que essas relações possam ser mais bem compreendidas. A ampla gama bibliográfica citada nessa pesquisa dá conta de estudar com mais detalhes algumas das relações com países de África, Ásia e América Latina, e outras ainda precisam ser mais bem exploradas em futuras pesquisas.

> a luta pela independência nas plantações, nas minas, fábricas e portos. Os trabalhadores urbanos e rurais constituem a principal força de nossa revolução. Junto com os intelectuais, funcionários de escritório e estudantes, eles estão travando uma luta pela libertação nacional em condições clandestinas, superando grandes dificuldades, mas com grande fé no futuro.[559]

Ao enfatizar um elemento de classe na luta moçambicana – que seria liderada por trabalhadores urbanos e rurais – a FRELIMO utilizava uma retórica atraente aos seus interlocutores comunistas. Ainda que apontasse um objetivo primordial nacionalista, "a libertação de nosso país", esse discurso colocava em evidência os apelos realizados pelos moçambicanos por uma solidariedade internacionalista de classe em torno dessa causa. Isso fica ainda mais evidente na sequência da mensagem:

> O povo de Moçambique sabe, por experiência própria, que a única forma de abolir o colonialismo português é pegar em armas. É por isso que a A FRENTE DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE (FRELIMO) orienta o povo trabalhador do nosso país a travar uma luta armada pela libertação do nosso país, e a construir um Moçambique livre e próspero. Ao fazer isso o povo do nosso país percebe que o cumprimento desta tarefa faz parte da batalha global pela libertação econômica e social dos povos do mundo. Os trabalhadores de Moçambique estão ansiosos para cooperar com os trabalhadores da União Soviética e de todo o mundo. Os objetivos encarados pelos trabalhadores de todos os países exigir unidade de ação.[560]

A partir desse discurso a FRELIMO relacionava a sua demanda com a grande luta no cenário global "pela libertação econômica e social dos povos", e observava os "trabalhadores da União Soviética e de todo o mundo" como aliados indispensáveis nessa tarefa. Enquanto os inimigos "imperialistas" agiam em cooperação para levar adiante o colonialismo português, conforme foi visto, era justamente no seu principal rival na arena internacional que a FRELIMO fazia apelos por unidade e solidariedade. A evolução da causa moçambicana tornava esse apelo ainda mais significativo: ao afirmar o objetivo de "pegar em armas" contra o colonialismo antes mesmo do início da luta armada – que se

[559] *May Day 1964.* **Mozambique Revolution**, n. 6, maio de 1964, p. 7, t. n. No original: "On the occasion of May Day We wish to extend fraternal greetings to the working people in the Soviet Union and the world over from the workers and people of Mozambique. The important objective for us, the people of Mozambique, is the liberation of our country. The working people are taking up the struggle for independence on the plantations, in mines, factories and ports. Urban and rural workers comprise the main force of our revolution. Together with the intellectuals, office workers and students, they are waging a struggle for national liberation in underground conditions, overcoming great hardsips, but with great faith in the future".

[560] *May Day 1964.* **Mozambique Revolution**, n. 6, maio de 1964, p. 7, t. n. No original: "The people of Mozambique know from their own experience, that the only way of abolishing Portuguese colonialism is taking up arms. This is why our movement THE MOZAMBIQUE LIBERATION FRONT (FRELIMO) directs the working people of our country to wage an armed struggle for the liberation of their country, and to build a free and prospering Mozambique. In doing this the people of our country realise that the fulfilment of this task is a part of the overall battle for the economic and social liberation of the people of the world. The working people of Mozambique are eager to cooperate with the working people of the Soviet Union and the world over. The objectives facing the working people of all countries demand unity of action".

iniciou apenas em setembro daquele ano – a FRELIMO percebia justamente a URSS como o lugar-chave onde buscar apoio antes de iniciar essa luta, onde poderia encontrar um suporte em armas substancial.

O contexto soviético, entretanto, era controverso. Por um lado, nota-se que Nikita Khrushchov ascendeu ao governo em Moscou após a morte de Josef Stalin em 1953, e logo passou a se contrapor ao seu antecessor.[561] A Conferência de Bandung se deu no mesmo período em que novas bases da política externa soviética eram definidas – Khrushchov buscava elevar a presença do país no "Terceiro Mundo" e estabelecer uma nova relação com os socialismos nacionais, e a quantidade de apoio econômico e técnico enviado a países em desenvolvimento nos anos posteriores é demonstrativa disso: o valor dos investimentos dobrou entre 1957 e 1958, e em 1961 chegou ao triplo daquele de 1958. O número de países ajudados passou de cinco em 1957 para doze em 1958, e vinte em 1961.[562]

Essa nova etapa na relação soviética com esses países refletiu-se também nas instituições: o Departamento Internacional do Partido Comunista da União Soviética, composto por indivíduos como Boris Ponomarev, Rostislav Ulianovskii, Petr Manchkha e Petr Evsiukov, passou a ser cada vez mais direcionado para recolher informações, estabelecer contatos, coordenar investimentos e fazer recomendações políticas relacionadas aos países, partidos políticos e movimentos anticoloniais do "Terceiro Mundo"; eles também dirigiam as atividades do Comitê de Solidariedade Afro-Asiática Soviético, criado em 1956 como órgão soviético associado a Organização de Solidariedade dos Povos Afro-Asiáticos, e composto por acadêmicos, políticos e figuras públicas que debatiam as políticas para esses países, além de servir como anfitriões e ponto de contato entre a URSS e os movimentos anticoloniais; a eles somava-se a *Komitet Gosudarstvennoi Bezopasnosti* (KGB), dirigida por Vadim Kirpichenko, responsável pelo serviço secreto soviético, recolhendo informações e implementando em África as decisões tomadas por Moscou; e o *Glavnoe Razvedyvatelnoe Upravlenie* (GRU), dirigido por Petr Ivashutin, responsável pela inteligência soviética, e ocupado nas tarefas de treinar

[561] Em fevereiro de 1956, no 20° Congresso do Partido Comunista da União Soviética, Nikita Khrushchov denunciava o autoritarismo, os crimes humanitários e o personalismo político de Joseph Stalin. A partir dali ele passa a lançar novas bases políticas no estado soviético, em um processo que ficou conhecido como "desestalinização". Sobre isso, ver: PONS, 2014.
[562] FRIEDMAN, 2015.

os guerrilheiros, instruir a sua estratégia militar e revisar os pedidos de armas dos movimentos anticoloniais.[563]

Apesar dos esforços, entretanto, suas tentativa de se aproximar dos países de África, Ásia e América Latina trouxe consigo uma série de desafios. A adoção do conceito leninista de "via não capitalista de desenvolvimento"[564] na URSS esteve associada a uma doutrina de "coexistência pacífica"[565] lançada por Khrushchov. A reputação dessas teorias era negativa entre muitos países de "Terceiro Mundo". O modelo de desenvolvimento apresentado nem sempre foi bem recebido pelas lideranças desses países – as condições do apoio soviético causaram insatisfação e foram vistas com desconfianças, levando inclusive a comparações negativas com o Ocidente.[566] Além disso, as variáveis de socialismos nacionais, particularmente em sua variante de "socialismo africano", eram muitas vezes vistas com desdém pelos teóricos soviéticos, criando tensões entre diferentes "socialismos".[567] Ainda, a ideia de uma "coexistência pacífica" com o ocidente causava estranhamento em um mundo que se via constantemente ameaçado pelo colonialismo e pelo "neocolonialismo"[568], levando

[563] Levar em conta os órgãos soviéticos em questão é fundamentais para uma análise das dinâmicas internas da URSS em seu trato com os países de "Terceiro Mundo" e com movimentos anticoloniais. A tensão entre as diferentes gerações soviéticas, as variadas opiniões concorrentes no interior dessas instituições, e os efeitos disso nas relações estabelecidas com as lideranças de África, Ásia e América Latina são enormes. Enquanto essa pesquisa se propõe a demonstrar os caminhos da FRELIMO entre essas conexões, Telepneva (2021) e Friedman (2015) dão conta de pontuar com mais detalhes quem eram os atores em questão e como essas dinâmicas se davam em termos domésticos.

[564] A "via não capitalista de desenvolvimento" se propunha a ser uma alternativa aos países outrora colonizados que não eram percebidos pelos analistas soviéticos como sociedades que haviam atingido o estágio ideal para adotar o marxismo-leninismo. Essas sociedades deveriam então ser guiadas para evitar a sua inserção no sistema capitalista, enquanto um rápido desenvolvimento era produzido sob liderança soviético para que eles pudessem reunir mais rapidamente as condições necessárias. Essa alternativa incluía o investimento em projetos de industrialização, infraestrutura, e reforma agrária, e visava possibilitar o desenvolvimento da classe trabalhadores e dos trabalhadores rurais, promovendo uma sociedade com maior diferenciação de classes. Sobre isso, ver: FRIEDMAN, 2015; ALLISON, 1988; PONS, 2014.

[565] Simultaneamente a adoção da doutrina de "desestalinização", Nikita Khrushchov também assumia uma via de "coexistência pacífica" com o Ocidente a partir de 1956. A proposta era diminuir as tensões entre as potências socialistas e capitalistas, promovendo disputas no campo social e econômicas, mas não a via militar. Apesar de algumas tensões terem ocorrido nesse período, em especial com relação ao *status* de Berlin em 1961 e na "Crise dos Mísseis" em 1962, no geral o período do governo de Khrushchov representou uma contenção das disputas entre EUA e URSS. Sobre isso, ver: PONS, 2014; FRIEDMAN, 2015.

[566] Foram várias as críticas existentes à política soviética em países do "Terceiro Mundo" nesse período. Particularmente, os casos de Gana, Guiné-Conacry e Mali são mencionados na historiografia como países em que grandes acordos foram forjados e decepcionados devido às condições e exigências soviéticas. Sobre isso, ver: FRIEDMAN, 2015; TELEPNEVA, 2021.

[567] Particularmente, a tendência de várias lideranças do continente africano de negarem a existência da luta de classes em seus territórios causava incômodo nos teóricos soviéticos. O caso mais notório é o de Julius Nyerere, que afirmava taxativamente que o modelo soviético não seria adaptável a realidade africana. Sobre isso, ver: TELEPNEVA, 2021; NYERERE, 1968; NYERERE, 1968b; e também o Capítulo 5.

[568] O conceito de neo-colonialismo, cunhado principalmente por Kwame Nkrumah, percebia formas de domínio colonial que se davam em países do "Terceiro Mundo" após suas independências através de

inclusive a dúvidas sobre o comprometimento "anti-imperialista" soviético. Apesar das autoridades da URSS terem relativizado a adoção dessa doutrina "pacífica" no tocante aos movimentos anticoloniais, percebido suas guerras como justas, os apelos de muitas lideranças dos países de "Terceiro Mundo" pela adoção de um anti-imperialismo cada vez mais militante fazia com que a reputação soviética fosse abalada, apesar de seus esforços por forjar alianças nesses países.[569]

A chegada de Eduardo Mondlane e Marcelino dos Santos a Moscou em 1964 teve esse contexto como plano de fundo. Ao adotar um discurso de classe em sua publicação oficial, a FRELIMO se associava a visão de mundo soviética e buscava atrair a simpatia de seus oficiais: a luta de classes era ainda uma pedra angular na visão de mundo do Kremlin em contraposição com os modelos chines, árabe ou de "socialismo africano". Além disso, a postura da Frente levava em conta também a questão da "coexistência pacífica" adotada pela superpotência:

> A luta pela abolição definitiva da exploração do homem pelo homem, em todo o mundo, pelo bem-estar social, desenvolvimento e cultura são elementos da luta geral, que está intimamente associada à luta pela paz, e é um assunto de interesse vital para todos os trabalhadores. Tudo isso promove sua unidade. Não há contradição entre isso e o povo trabalhador de Moçambique empreendendo a luta armada, porque o colonialismo é um crime, um sistema de coerção, um sistema que traz a morte; é uma agressão armada contra todo o nosso povo. Acabar com o colonialismo português significa extinguir um foco de guerra e criar melhores condições para a paz. Estamos celebrando o DIA DE MAIO em clima de luta contra o colonialismo. Desejamos felicidades ao povo soviético e muitos anos de vida ao seu líder, Nikita KHRUSHCHOV. Em nome do povo moçambicano e da sua vanguarda, a FRELIMO, enviamos os melhores votos ao povo soviético e proclamamos: alcancem ainda mais progressos na construção da sociedade comunista.[570]

condições econômicas e geopolíticas. Esse conceito clamava por um anti-imperialismo militante, que deveria combater toda a ordem imposta pelas potências e levar a uma verdadeira libertação dos povos oprimidos. O conceito, portanto, não combinava em nada com a ideia de uma "coexistência pacífica". Os soviéticos viam essa retórica como uma ameaça não apenas pela negação implícita de sua doutrina em vigor, mas também por temer, em última instância, serem eles próprios enquadrados como um país "imperialista" na radicalização desse conceito. Sobre isso, ver: TELEPNEVA, 2021; FRIEDMAN, 2015; NKRUMAH, 1965.

[569] FRIEDMAN, 2015; PRASHAD, 2007; PRASHAD, 2019.

[570] *May Day 1964.* **Mozambique Revolution**, n. 6, maio de 1964, p. 7, t. n. No original: "The struggle for the ultimate abolition of the exploitation of man by man, all over the world, for social wellbeing, development and culture are elements of the general battle, which is closely associated with the fight for peace, and it is a matter of vital interest to all the working people. All this promotes their unity. There is no contradiction between this and the working people of Mozambique undertaking armed struggle, because colonialism is a crime, a system of coercion, a system which brings death; it is armed aggression against all our people. To do away with Portuguese colonialism means to extinguish a hotbed of war and to create better conditions for peace. We are celebrating MAY DAY in an atmosphere of struggle against colonialism. We wish happiness to Soviet people and many years of live to their leader, Nikita KHRUSHCHOV. On behalf of the people of Mozambique, and their vanguard -FRELIMO- we send best wishes to Soviet people, and we proclaim: achieve still greater progress in building communist society".

Ao apontar a exploração do regime colonial, e sua constante negação aos povos colonizados de acesso a bem-estar social, desenvolvimento e cultura, a FRELIMO enfatizava a existência de uma violência intrínseca ao imperialismo, o que justificava, por sua vez, o ímpeto militarista do movimento. Assim, o uso da violência por parte dos moçambicanos não iria contra o conceito de "coexistência pacífica", mas, pelo contrário, significaria a melhora das "condições para a paz". Ao celebrar Nikita Khrushchov, os progressos da sociedade comunista soviética, e a unidade proletária em todo o mundo, era evidente o esforço da FRELIMO em se associar ao internacionalismo socialista e a visão de mundo soviética como forma de seduzir o suporte do país.

Os bastidores dessa visita não indicam que as coisas tenham ido assim tão bem. Vladmir Shubin (2008) observou a boa impressão causada por Mondlane em Petr Evsiukov já em uma viagem anterior a criação da FRELIMO.[571] Seu perfil acadêmico, moderno e diplomático pode ter sido a chave para impressionar o diplomata.[572] Em 1964 ele já contava também com boas referências de Oscar Kambona, a quem os soviéticos tinham em boa estima, e de lideranças anticoloniais da África do Sul, além de ser apoiado por Marcelino dos Santos, que desfrutava de bastante credibilidade entre os socialistas. Por outro lado, a sua má reputação o precedia. Participando de um congresso em Moscou, os próprios dissidentes moçambicanos, ainda em 1962, já acusavam Mondlane de ser um agente pró-americano e de dirigir a FRELIMO a partir da embaixada dos EUA – e isso tinha um impacto sobre os soviéticos, que tardaram em reconhecer a Frente nesse contexto.[573] Eles não demoraram em buscar informações em outras fontes, e em 1963 escutaram de Mário de Andrade que "Mondlane é um homem honesto, mas não é político, e sim um missionário... Mondlane não atrapalha o trabalho de Dos Santos, e muito pode ser feito".[574] O próprio Marcelino dos Santos se esforçava na ocasião para justificar a liderança de Mondlane, mas admitia algumas de suas fraquezas:

> Todo mundo sabe e nós sabemos que o presidente da FRELIMO Eduardo Mondlane é um americano, mas não há nenhum [outro] homem em

[571] Mondlane visitou a URSS pela primeira vez antes de criar a FRELIMO, quando fazia seu caminho dos EUA até Dar es Salaam. Ele buscava conseguir reconhecimento e suporte em seus planos de unificar os movimentos anticoloniais moçambicanos. Mondlane já mencionava no período seu objetivo de iniciar os preparativos para uma luta armada em Moçambique, mas pontuava a necessidade de fazê-lo de maneira gradual e planejada. Não temos muitas informações sobre essa visita, mas a impressão causada em Petr Evsiukov foi positiva, e ele não ficou surpreso com o sucesso do moçambicano em sua missão. Ainda assim, nenhum tipo de suporte é mencionado nessa fase. Sobre isso, ver: SHUBIN, 2008.
[572] KAISER, 2017.
[573] IVASKA, 2021; TELEPNEVA, 2021.
[574] ANDRADE *apud* SHUBIN, 2008, p. 121, t. n. No original: "Mondlane is an honest man, however he is not a politician, bot a missionary... Mondlane doesn't hamper dos Santo's work, and here a lot can be done".

> Moçambique que possa liderar a luta e ao redor de quem as forças lutando por independência poderiam se unir... Mondlane até agora é o único homem – educado, que tem conexões e influência externa. Finalmente, ele é um moçambicano [negro], e não um branco ou mulato como eu. Ninguém deveria esquecer também que Mondlane é capaz de conseguir dinheiro. É verdade, eles dizem, que ele está conseguindo isso do governo dos EUA, mas esse dinheiro vai para a luta... Nós decidimos desde o início deixar Mondlane ser o líder do movimento, e nós devemos trabalhar por dentro do movimento para guiá-lo. No futuro [se necessário] seria possível substituir Mondlane.[575]

As opiniões soviéticas eram influenciadas pelas variadas opiniões sobre Mondlane. A opção por recebê-lo e reconhecer a FRELIMO como movimento anticolonial moçambicano certamente passou pelos apoiadores que ele possuía, mas as suspeitas foram mantidas. As autoridades se tornaram reticentes com ele, ainda que individualmente ele possa ter causado uma boa impressão em um primeiro momento. O fato de Mondlane ser um "americano", que conseguia dinheiro do "governo dos EUA" e que governava em uma estrutura de coalisão de forças, sendo contraposto por outras lideranças do movimento que tentavam "guiá-lo" na direção socialista levava os diplomatas do país a preferirem seus críticos mais "progressistas" de dentro do movimento. Nesse mesmo período um documento da embaixada soviética em Dar es Salaam determinava que não era conveniente receber Mondlane sozinho em Moscou, mas que seria desejável vê-lo junto com Marcelino dos Santos ou com Uria Simango.[576]

Enquanto Dos Santos possuía uma credibilidade justificada por sua trajetória, o vice-presidente da FRELIMO começava naquele período a conquistar também algum espaço entre os países socialistas, ganhando mais notoriedade que o próprio presidente em alguns deles. Sua esposa, Celina Simango, uma importante liderança feminina da FRELIMO, havia levado pela primeira vez o nome "Simango" a Moscou em junho de 1963, quando participou do Congresso Internacional das Mulheres, conforme noticiado na *Mozambique Revolution* número 1.[577] Em dezembro do mesmo ano o próprio Uria Simango compôs junto com Marcelino dos Santos uma comissão da FRELIMO no

[575] DOS SANTOS *apud* SHUBIN, 2008, p. 122, t. n. No original: "Everybody knows and we know that FRELIMO President Eduardo Mondlane is na American, bot now there is no [other] man in Mozambique, who could lead the struggle and around whom the forces, struggling for independence could unite... Mondlane up to now is the only man – educated, who has connections and influence abroad. After all, he is [black] Mozambican, and not a white or mulatto, as I am. One should not forget also, that Mondlane is able to get money. True, they say, he is getting it from the USA government, but this money goes to the struggle... We decided from the very beginning to led Mondlane be at the head of the movement, and we shall work inside the movement and guide it. Later [if needed] it would be possible to replace Mondlane".
[576] SHUBIN, 2008; TELEPNEVA, 2021.
[577] *A Mozambican Woman at the International Women's Congress at Moscow.* **Mozambique Revolution**, n. 1, dezembro de 1963. Sobre o movimento das mulheres moçambicanas através da rotas internacionais, ver a tese em andamento de Júlia Monticeli Rocha pela PUCRS.

Conselho Mundial da Paz, em Varsóvia. Naquela ocasião os dois moçambicanos tiveram conversas tanto com membros do governo polonês como da *Polish African Friendship Society*. Depois do evento, eles partiram para a Alemanha Oriental, onde também estabeleceram contatos com o governo local, além de diversas organizações vinculadas ao socialismo internacional.[578] Já em maio de 1964, enquanto Dos Santos e Mondlane visitavam Moscou, Uria Simango prestava suas primeiras visitas aos países soviéticos do Azerbaijão e da Mongólia a convite do Comitê de Solidariedade Afro-Asiática Soviético.[579]

Assim sendo, alguns nomes da FRELIMO começavam a ganhar reconhecimento nos meios diplomáticos soviéticos.[580] Marcelino dos Santos já possuía uma imagem consolidada, sendo o principal elo de contato moçambicano com o Kremlin nesse período. Uria Simango, por sua vez, começava também a se tornar reconhecido, forjando alianças e despertando o interesse de países da URSS e do Leste Europeu. Eduardo Mondlane, o líder do movimento, entretanto, era visto com mais reticências. Apesar de causar uma boa impressão e ter sido reconhecido em Moscou, ele tinha uma reputação abalada devido ao seu retrospecto, sendo tratado com cautela pelas autoridades socialistas. Uma vez que as decisões no Departamento Internacional e no Comitê de Solidariedade Afro-Asiática Soviético eram tomadas levando em consideração muito do perfil pessoal das lideranças dos movimentos anticoloniais, essas relações se tornavam decisivas na cooptação de suporte no país.[581]

A pesquisa de Telepneva (2021) é conclusiva em definir a assistência enviada pela URSS a FRELIMO nessa fase como "bastante modesta" – apesar da ajuda humanitária e em bolsas de estudo, ela é taxativa ao afirmar que nenhuma ajuda em dinheiro foi colocada à disposição, e não sabe informar se alguma arma de fato chegou às mãos da

[578] *Brother Uria Simango Visiting East Germany*. **Mozambique Revolution**, n. 3, fevereiro de 1964. As instituições com as quais eles estabeleceram conversas na Alemanha Oriental listadas pela revista foram: *GDR International Labour Organisation, International Youth Movement, Journalists Association, GDR Women Organisation* e *GDR Solidarity Committee.*

[579] *The vice-president of FRELIMO in Baku.* **Mozambique Revolution**, n. 7, junho de 1964.

[580] É importante aqui diferenciar o governo de Moscou dos demais governos de países signatários do Pacto de Varsóvia. Apesar de todos fazerem parte de uma unidade política e seguirem uma certa linha comum nas relações externas, ditada pelo Partido Comunista da União Soviética, os governantes locais desfrutavam de certo grau de autonomia na tomada de decisões, se diferenciando bastante entre si. A presente pesquisa dá conta de mostrar com mais detalhes a relação especificamente entre a FRELIMO e o Kremlin, e apenas menciona algumas de suas passagens por alguns desses outros países como um "plano de fundo" do contexto. Sobre isso, ver: WESTAD; HOLTSMARK; NEUMAN (eds.), 1994; NAIMARK; PONS; QUINN-JUDGE (eds.), 2017; MUEHLENBECK; TELEPNEVA (eds.), 2018; MUEHLENBECK, 2016; KORT, 2015; DALLYWATER; SAUNDERS; FONSECA (eds.), 2019.

[581] TELEPNEVA, 2021.

Frente a partir desses primeiros encontros, em contraste com outros movimentos anticoloniais como o MPLA e o PAIGC que conseguiam formas muito mais substanciais de apoio.[582] A falta de confiança em Mondlane certamente tinha peso nisso. Em Praga, para onde ele e Dos Santos partiram depois de Moscou, qualquer forma de apoio lhes foi negada devido as divisões e conflitos internos da FRELIMO – as autoridades do país também estavam expostas as intrigas envolvendo Mondlane.[583] Na verdade, não consta que a FRELIMO tenha conseguido qualquer tipo de apoio mais consistente nesse período em qualquer dos países da URSS e do Leste Europeu.[584] Apesar dessa fase ter sido importante para a abertura de canais de apoio e consolidação de conexões transnacionais, ela esteve longe de atingir as expectativas moçambicanas por suporte a sua luta.

4.3. *OS RUMOS SOVIÉTICOS*

Poucos meses após Mondlane e Marcelino dos Santos terem visitado Moscou, e logo após o início da Luta Armada em Moçambique, a situação na URSS passou por uma reviravolta. O estilo de governo de Nikita Khrushchov, tanto em sua política doméstica quanto em assuntos internacionais, desagradava aqueles membros mais antigos do Comitê Executivo do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). A sua doutrina de uma "Coexistência Pacífica" com o Ocidente, que deteriorava a imagem soviética perante líderes socialistas do "Terceiro Mundo", a consequente ruptura sino-soviética, a postura adotada diante da "Crise dos Mísseis", e a relação que ele estabelecia com os socialismos nacionais na URSS foram pontos críticos para colocar o governante soviético sob desconfiança de seus pares. Em 14 de outubro de 1964 Leonid Brejnev liderava um golpe de Estado, e assumia o governo no Kremlin.[585]

A chegada de Brejnev ao poder representou uma série de mudanças perante seu antecessor. Enquanto em termos domésticos ele se caracterizou por adotar uma política

[582] As relações dos outros movimentos anticoloniais das colônias portuguesas com a URSS são analisadas por Telepneva (2021). O que cabe destacar aqui é que a FRELIMO contava com consideravelmente menos suporte que alguns outros movimentos integrantes da CONCP ao longo da década de 1960 – o PAIGC, particularmente, foi o mais bem sucedido entre eles.
[583] TELEPNEVA, 2021.
[584] Ao longo da década a FRELIMO estabeleceu relações e conquistou apoios em vários países socialistas vinculados a URSS – em 1969 Eduardo Mondlane afirmou que a Polônia era o único país entre os socialistas que ainda não havia dado nenhum apoio a eles (GASZTOLD, 2018). Em nem todos os casos, entretanto, temos informações de quando esse suporte começou a ser enviado, e é possível que algum tipo de apoio tenha sido forjado no período aqui analisado e não mencionado na pesquisa. O que está claro, entretanto, é que as formas mais substanciais de suporte à FRELIMO só passaram a ser enviados após o início da Luta Armada.
[585] PONS, 2014; TELEPNEVA, 2021; FRIEDMAN, 2015; FITZPATRICK, 2022.

mais conservadora e ortodoxa, em questões internacionais ele assumiu o objetivo de recuperar o *status* soviético como líder inquestionável da revolução mundial, abandonando a doutrina da "Coexistência Pacífica" e adotando um perfil muito mais militante e anti-imperialista.[586] "Por um lado, eles tinham que desconstruir a desconfiança geral dos 'brancos' e a 'percepção falha' de que o mundo era dividido entre o 'norte rico' e o 'sul pobre'. Por outro lado, eles tinham que enfrentar o contínuo assalto das forças 'imperialistas e neocolonialistas' [...]"[587]. Diante desse desafio, Brejnev abandonou o tom reticente de outrora – em março de 1965 o PCUS promoveu um encontro entre partidos comunistas que declarava em suas resoluções "apoio ativo aos movimentos de libertação e defesa dos povos que combatem agressão imperialista"[588].

Essa postura resultou em uma nova estratégia quanto aos países de África, Ásia e América Latina. Ao focar seus esforços no desenvolvimento de um "modelo não capitalista de desenvolvimento", Khrushchov observava o investimento no desenvolvimento econômico e na transição pacífica para o socialismo como uma chave para aumentar a influência soviética pelo mundo. Quando Brejnev assumiu o poder as limitações dessa alternativa já haviam se revelado: por um lado, o enorme investimento que determinados projetos de modernização demandavam se mostrava pouco eficiente em conquistar aliados reais para seu lado, e muito custoso à URSS;[589] por outro lado, essa estratégia focava-se demasiadamente em construir bases de apoio perante os governantes dos países, porém negligenciava a importância de penetração em meio aos seus serviços de inteligência e forças militares – brecha que era aproveitada pelos "imperialistas" para subverter os governos socialistas pelo mundo.[590]

Os golpes sofridos por lideranças como Patrice Lumumba no Congo-Leopoldville (1960) Abd al-Karim Qasim no Iraque (1963), Abbé Fulbert Youlou no Congo-

[586] PONS, 2014; TELEPNEVA, 2021; FRIEDMAN, 2015; FITZPATRICK, 2022.
[587] TELEPNEVA, 2021, p. 103, t. n. No original: "On the one hand, they had to overcome the general distrust of 'whites' and the 'flawed perception' that the world was divided into the 'rich North' and 'poor South.' On the other hand, they had to face the continuous assault of the 'neocolonial and imperialist' forces [...]".
[588] *apud* FRIEDMAN, 2015, p. 126, t. n. No original: "active support of liberation movements and defense of peoples opposing imperialist aggression".
[589] Alguns dos investimentos realizados em países de "Terceiro Mundo" se destacam por ser extremamente custosos para a URSS, e eles não necessariamente representavam a fidelidade do país em questão. Além disso, esses países em vários casos se viam afundados em dívidas decorrentes desses projetos, o que colocava em questão as próprias condições estabelecidas pelos soviéticos. Por fim, a própria URSS tampouco passava por um momento econômico tão favorável ao longo da década de 1960. Posto isso, o país preferiu se envolver em acordos de menor escala no governo de Brejnev, buscando elevar sua imagem a partir de ações estratégicas e menos grandiosas. Sobre isso, ver: FRIEDMAN, 2015; TELEPNEVA, 2021; FITZPATRICK, 2022.
[590] TELEPNEVA, 2021.

Brazzavile (1963) e João Goulart no Brasil (1964); a invasão americana na Baía dos Porcos em Cuba (1961), e o envio de suas primeiras tropas para o Vietnam (1963); a emergência de uma nova crise no Congo-Leopoldville (1964); os novos golpes militares na África e na Ásia, já no início do período de Brejnev, que derrubaram Ben Bella (1965), Sukarno (1965) e Kwame Nkrumah (1966); bem como o desenvolvimento das lutas nas colônias portuguesas; faziam como que a emergência de um comprometimento mais público e militante com os países de "Terceiro Mundo" se mostrasse necessária. Projetos ligados a segurança, inteligência e serviços militares tomaram o lugar dos projetos econômicos de outrora, e se tornaram o principal pilar de apoio soviético nesses países.[591]

Essa nova abordagem atingiu diretamente os movimentos anticoloniais. Em termos práticos, as estruturas montadas no tempo de Khrushchov foram mantidas, e todos os funcionários do Departamento Internacional Soviético, e em particular seu escritório de assuntos africanos, permaneceram em seus postos – agora, entretanto, eles desfrutavam de ainda mais apoio e independência em relação ao Comitê Executivo, conquistando mais autonomia para aprofundar relações e fornecer suporte aos movimentos anticoloniais. Logo um novo campo de treinamentos militar foi construído na Criméia, somando-se a campos e academias militares já existentes em Skhodnia (perto de Moscou), Poti (Geórgia), Simferopol (Ucrânia) e em Moscou – indivíduos de várias partes do mundo passaram a se multiplicar nesses espaços. O apoio militar se tornou a linguagem oficial soviética àqueles que combatiam o colonialismo no "Terceiro Mundo".[592]

O momento não poderia ser mais propício para a FRELIMO. Finalmente engajada em uma Luta Armada contra o regime colonial português a partir de setembro de 1964, as suas necessidades materiais passaram a estar cada vez mais relacionadas com a questão militar.[593] Segundo revelou Mondlane em seu livro *Lutar Por Moçambique,* publicado de maneira póstuma, a FRELIMO contava apenas com 250 homens treinados e equipados em 1964, se engajando em pequenas operações no território moçambicano.[594] Assim, a necessidade de suporte para incrementar seu poderio era mandatória – e a adoção de uma

[591] PRASHAD, 2019; ANDERSON, 2015; WESTAD, 2007.
[592] TELEPNEVA, 2021; HENDRICKSEN, 1983; KATSAKIORIS, 2021.
[593] No dia 25 de setembro de 1964 a FRELIMO fez sua histórica declaração de guerra contra o regime colonial português. A insurreição se iniciou e teve continuidade nas províncias de Cabo Delgado e Niassa, mas logo se expandiu também para as regiões da Zambézia e do Tete. Inspirados pelo modelo chinês, conforme será melhor demonstrado no Capítulo 5 os moçambicanos passaram a constituir "Zonas Libertadas" nas regiões conquistadas, instalando uma espécie de "Estado Paralelo" no norte de Moçambique. Sobre isso, ver: TEMBE (ed.), 2014; HENRICKSEN, 1983; CHAMBINO, 1968; ISAACMAN; ISAACMAN, 1983; FUDANA-CLASSEN, 2012; CABRITA, 2000; MORIER-GENOUD (ed.), 2012.
[594] MONDLANE, 1995.

retórica mais militante e anti-imperialista por parte da URSS certamente caía bem aos olhos da Frente.

Eduardo Mondlane realizou um novo *tour* no Leste Europeu logo em outubro de 1964. Dessa vez acompanhado por Alberto Chipande, a quem ele se referia com orgulho como o autor do primeiro tiro em Moçambique, ele utilizou esse novo contexto para fazer um novo pedido de apoio, agora focado em armas e em treinamentos militares.[595] Seus esforços dessa vez tiveram resultados muito mais satisfatórios, e a URSS passou a ser um dos mais importantes apoiadores da guerra anticolonial da FRELIMO nos anos seguintes em relação a esses gêneros. Em março de 1965, poucos meses depois, Mondlane já pontuava que oitenta por cento dos seus guerrilheiros haviam sido equipados com armas soviéticas.[596] Além disso, Henriksen (1983) fala em "possivelmente centenas de moçambicanos"[597] recebidos na URSS para treinos militares.

Em Moscou, o presidente da FRELIMO foi capaz de negociar o recebimento de armas, munições, suplementos médicos e outros tipos de assistência humanitária. Mas nenhum dinheiro foi disponibilizado até 1969.[598] Em outros países a ajuda financeira foi mais direta: em Praga, Mondlane deu início a um pedido de assistência militar que se concretizou apenas em junho de 1965 – 1.100 metralhadoras, 200 pistolas, 1.000 granadas, uma tonelada de explosivos, e técnicos militares tchecos foram enviados aos moçambicanos, além de $1 milhão de Kčs;[599] já em Sófia ele foi capaz de negociar o envio de assistência militar, o treinamentos para guerrilheiros da FRELIMO na Bulgária (possivelmente), e um total de $170 mil GBN enviados em 1965, quantidade aumentada para $1 milhão e 385 mil BGN em 1966.[600] A Alemanha Oriental também se caracteriza por ter começado a dar algum tipo de apoio à FRELIMO nesse período, quando foi diplomaticamente reconhecida na Tanzânia e passou a aumentar sua presença na região – no final da década, em particular, o país estava imerso em sua rivalidade com a Alemanha Ocidental e, afrontado com as notícias de apoio do rival à Portugal e à África do Sul, aumentou seu suporte, se tornando um doador cada vez mais relevante para a

[595] TELEPNEVA, 2021; SHUBIN, 2008.
[596] TELEPNEVA, 2021.
[597] HENRIKSEN, 1983, p. 188, t. n. No original: "possibly hundreds of Mozambicans".
[598] TELEPNEVA, 2021.
[599] MUEHLENBECK, 2016.
[600] BAEV, 2018.

Frente.[601] Em 1969 Mondlane afirmava que a Polônia seria o único entre os países socialistas que ainda não prestava suporte ao seu movimento.[602]

Uma série de textos publicados na *Mozambique Revolution* ajudam na observação de como essas relações se desenvolveram ao longo do tempo. Em março de 1965, enquanto os moçambicanos já avançavam em sua luta munidos de armas soviéticas, dois jornalistas do jornal *Pravda* visitaram Moçambique, e a ocasião foi descrita em reportagens da revista oficial da FRELIMO em suas edições de número 17 e 18.[603] Ao contrário dos demais jornalistas que haviam visitado o país, destaca o texto, "influenciados pelas políticas imperialistas de seus governos"[604], os russos se diferenciavam por que a "Rússia foi apresentada ao nosso povo como um país amigável, um país que desde o início sempre esteve do nosso lado, um país verdadeiramente interessado no sucesso de nossa revolução"[605]. Assim, um longo trecho do texto publicado por eles é anexado na sequência, onde questões como a exploração colonial e o racismo são descritos, e os avanços da FRELIMO exaltados. A URSS, portanto, aparece aqui sendo reverenciada pela honestidade com que retrata a questão moçambicana e por sua solidariedade e amizade com a sua causa, mostrando-se oposta aos "imperialistas" que ali haviam estado. Em um momento em que as intenções soviéticas eram contestadas no "Terceiro Mundo", a Frente se apressava em demonstrar as diferenças entre os dois lados em questão.

Já em julho de 1965 foi novamente a visita de um moçambicano à territórios soviéticos que ganhou destaque na revista. Dessa vez com apenas uma nota curta, um novo membro da Frente vai até a região – Jorge Rebelo, que ascendia cada vez mais como figura importante nas estruturas do movimento e um de seus mais notórios ideólogos, conhecia o Cazaquistão e o Tajiquistão a convite do Comitê Soviético da Paz. A revista exalta ser essa a primeira viagem de um de seus membros a esses países, e afirma que "ele pôde estudar aspectos importantes da estrutura socialista da União Soviética, especialmente a organização de coletivos agrícolas (*kolkhozes*), fábricas, o sistema

[601] ROBERTS, 2018.
[602] GASZTOLD, 2018.
[603] *Russian Journalists in Mozambique*. **Mozambique Revolution**, n. 17, abril de 1965; *"Mozambique's Bitter Plight"*. **Mozambique Revolution**, n. 18, maio de 1965.
[604] *Russian Journalists in Mozambique*. **Mozambique Revolution**, n. 17, abril de 1965, p. 5, t. n. No original: "influenced by the imperialistic policies of their governments".
[605] *Russian Journalists in Mozambique*. **Mozambique Revolution**, n. 17, abril de 1965, p. 5, t. n. No original: "Russia has been presented by us to our people as a friendly country, a country which since the first has always been on our side, a country truly interested in the success of our revolution.".

jurídico e educacional, etc."[606]. Assim, a questão da influência soviética no projeto do país é finalmente apresentada. Ao pontuar os aprendizados de um de seus membros em ascendência em relação as estruturas locais, a FRELIMO sinalizava seus diálogos com o projeto marxista-leninista em questão.

Isso aparece novamente em uma nova viagem de Eduardo Mondlane a União Soviética entre os dias 4 e 20 de novembro de 1966, convidado pelo Comitê de Solidariedade Afro-Asiática do país. A viagem incluiu dessa vez Pascoal Mocumbi e Casal Ribeiro, líder das guerrilhas da FRELIMO – mostrando novamente a relevância da temática militar nas relações com a URSS. Um comunicado conjunto foi publicado entre os moçambicanos e o Comitê soviético na ocasião, e são seus excertos que são anexados na *Mozambique Revolution* número 27. O texto exalta o "entendimento mútuo e a identidade de opinião em vários assuntos importantes"[607] e a gratidão da FRELIMO pelo "suporte moral e material que a União Soviética presta ao povo moçambicano"[608]. Na sequência, um recorte da declaração chama atenção:

> A delegação da FRELIMO, depois de visitar alguns locais relacionados com a História da Revolução Socialista da União Soviética, e diversas áreas de desenvolvimento econômico e social, manifesta sua admiração pelos sucessos obtidos pela Revolução Soviética, e considera que tanto os elementos históricos quanto as conquistas sociais e econômicas do povo soviético são fatores encorajadores para a luta de libertação em África.[609]

Ao destacar a história da União Soviética e seus sucessos sociais e econômicos, a Frente busca demonstrar inspiração no país, e comprometimento com os valores e caminhos escolhidos por ele. A opinião soviética era moldada em grande medida por lentes ideológicas de seus diplomatas, e, ao menos em termos de retórica, a FRELIMO mostrava fidelidade ao seu legado.[610] Ainda no mesmo comunicado, um esforço conjunto

---

[606] *FRELIMO in the exterior*. **Mozambique Revolution**, n. 20, julho-agosto de 1965, p. 12-13, t. n. No original: "he could study important aspects of the socialist structure cf the Soviet Union, namely the organisation of collective farms (kolkhozes), factories, the juridical and educational systems, etc".
[607] *Join Statement: Soviet Afro-Asian Solidarity Committee – Mozambique Liberation Front.* **Mozambique Revolution**, n. 27, outubro-dezembro de 1966, p. 6, t. n. No original: "mutual understanding and identity of view on many important issues".
[608] *Join Statement: Soviet Afro-Asian Solidarity Committee – Mozambique Liberation Front.* **Mozambique Revolution**, n. 27, outubro-dezembro de 1966, p. 6, t. n. No original: "material and moral support which tho Soviet Union gives to tho Mozambican people".
[609] *Join Statement: Soviet Afro-Asian Solidarity Committee – Mozambique Liberation Front.* **Mozambique Revolution**, n. 27, outubro-dezembro de 1966, p. 6, t. n. No original: "The delegation of FRELIMO, after visiting certain places related to the History of tho Socialist Revolution of tho Soviet Union, and various areas of economic and social development, expressed its admiration for tho successes gained by the Soviet Revolution, and considers that both, the historical elements and the social and economic achievements of tho Soviet people aro encouraging factors for tho liberation struggle in Africa".
[610] TELEPNEVA, 2021.

de demonstrar solidariedade a causas comuns no espectro internacional é realizado. Exaltam-se as lutas em Angola, Guiné-Bissau, África do Sul, Rodésia do Sul, Cuba e Vietnam, enquanto denuncia-se as agressões cometidas pelo bloco da OTAN e por seus principais representantes: EUA, Reino Unido, Alemanha Ocidental e França. Nesse caso, a FRELIMO colaborava com o interesse soviético de conquistar a simpatia das causas internacionais do "Terceiro Mundo", associando a sua luta a uma visão de mundo internacionalista soviética durante um momento no qual a URSS permanecia com uma imagem dúbia nos países de Ásia, África e América Latina.[611] Já no final da declaração, eles ainda concordam que essas causas tinham "suporte total dos países socialistas, movimento internacional dos trabalhadores, e de todas as forças progressistas do mundo"[612], reforçando essa mensagem.

A retórica de internacionalismo e inspiração na União Soviética se repetem um ano depois, quando Eduardo Mondlane voltou a visitar o país durante as comemorações dos 50 anos da Revolução Russa de 1917. Aproveitando a ocasião histórica, a *Mozambique Revolution* número 31 publicou seu texto mais emotivo e celebrativo em relação a superpotência socialista, se associando ainda mais explicitamente ao seu legado e conquistas:

> Em 17 de outubro de 1917 (de acordo com o calendário russo da época - pelo nosso calendário era 7 de novembro) o povo russo, liderado por Vladimir Ilyich Lenin, lançou uma revolução e estabeleceu com sucesso o primeiro governo socialista do mundo. Este foi um ponto de virada crucial na história da humanidade, pois pela primeira vez na história moderna a classe trabalhadora e o campesinato de um grande país puderam se organizar e formar um governo através do qual os principais princípios da teoria social delineada por Karl Marx e Friedrich Engels poderiam ser implementados. [...] Para esses povos que ainda lutam para realizar a revolução em seus próprios países, 1917 não é apenas um exemplo. Pois o sucesso da primeira revolução do proletariado abriu caminho para o sucesso de outras: o pensamento marxista, que como resultado foi desenvolvido e difundido pelo mundo, ajuda o povo a compreender as causas de sua miséria e como eliminá-las; enquanto a

[611] Apesar da virada na política soviética após a ascensão de Brejnev, a URSS demorou para conseguir aumentar sua credibilidade perante os países da África, Ásia e América Latina. O fracasso de seus empreendimentos em países como Gana, Guiné-Conacry e Mali; a insistência em uma política de "Coexistência Pacífica" com o Ocidente; a sua ascendência como uma "superpotência" que lhe rendia comparações negativas com os Estados Unidos; sua ineficácia em evitar os avanços dos "imperialistas"; e a constante difamação realizada pela China em congressos internacionais faziam com que a imagem do país sofresse muitos contratempos no "Terceiro Mundo". Em 1966, na realização da conferência "Tricontinental" em Havana, houve poucas menções aos soviéticos, o que é demonstrativo da distância que havia se criado. Sobre isso, ver: PRASHAD, 2019; PRASHAD, 2007; PONS, 2014.

[612] *Join Statement: Soviet Afro-Asian Solidarity Committee – Mozambique Liberation Front.* **Mozambique Revolution**, n. 27, outubro-dezembro de 1966, p. 7, t. n. No original: "full support of socialist countries, international labour movement, of all progressive forces in tho world".

> existência de vários países socialistas e fortes é uma fonte de apoio às jovens revoluções contra as poderosas alianças imperialistas que as confrontam.[613]

Ao citar a URSS como um "exemplo", "a primeira revolução do proletariado", guiada pelo "pensamento marxista" a FRELIMO se alinha definitivamente aos conceitos de seu socialismo internacional. Enquanto a URSS havia conduzido a primeira revolução socialista bem-sucedida no mundo, coube a ela inspirar o nascimento de "vários países socialistas" pelo globo, e agora era essa grande aliança proletária que de fato dava apoio às "jovens revoluções" que confrontavam o imperialismo e buscavam levar a emancipação para todo o mundo – inclusive para Moçambique. Assumindo os socialistas como "aliados naturais"[614] em sua luta, a FRELIMO replicava uma linguagem já utilizada pela CONCP em 1965, e se colocava evidentemente em favor de um dos lados da "Cortina de Ferro".[615]

Ainda, o editorial não apenas se refere ao passado soviético, como observa um futuro mítico associado ao país. A retórica de modernização e desenvolvimento era parte fundamental da ideologia soviética em meio a um contexto de "múltiplos socialismos", e as referências a isso no texto moçambicano são significativas, e pontuam um "horizonte de expectativas" muito ligado à URSS:

> Agora 50 anos se passaram e muitas coisas foram alcançadas. O Império Russo foi transformado de uma terra de escravidão e sofrimento em uma federação de 15 repúblicas populares autônomas; de uma terra de períodos recorrentes de fome e morte para uma terra de fartura e cultura; de uma terra de ignorância e

---

[613] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 31, outubro-novembro de 1967, p. 2-3, t. n. No original: "On the 17th of October 1917 (according to the Russian calender of the time - by our calender it was November the 7th) the Russian people, led by Vladimir Ilyich Lenin launched a revolution and successfully established the first socialist government in the world. This was a crucial turning point in the history of mankind in that for the first time in modern history the working class and peasantry of a major country had been able to organise themselves and form a government through which the main tenets of the social theory outlined by Karl Marx and Friedrich Engels could be implemented. [...] To these people who are still battling to realise the revolution in their own countries 1917 is not only an example. For the success of the first proletariat revolution has paved the way for the success of others: Marxist thought, which as a result has been developed and spread through the world helps the people to understand the causes of their misery and how to eliminate them; while the existence of a number of countries already socialist and strong is a source of support for the young devolutions against the powerful imperialist alliances which confront them".

[614] A adoção dos países socialistas como "aliados naturais" remete ao período da Guerra Fria abordado nessa pesquisa. Os países de Bandung, aqueles que compunham o Movimento dos Não-Alinhados, ou aqueles que faziam parte da Solidariedade dos Povos da Ásia, África e América Latina, não eram parte integrante do chamado "campo socialista", e não se colocavam na posição de membros da "esfera de influência" soviética. Simultaneamente, muitos desses países se opunham frontalmente aos "países imperialistas" e rejeitavam o modelo capitalista de desenvolvimento. Assim, eles observavam os países socialistas como "aliados naturais" – eles não eram membros do "Terceiro Mundo", e constituíam um "bloco" separado, mas que compartilhava ideologias e inimigos comuns. Essa posição agradava os próprios soviéticos, que tampouco percebiam esses países como desenvolvidos a ponto de adotar o seu modelo socialista, mas que eles esperavam ver distantes do "sistema capitalista" e abertos a aproximações e relações amigáveis consigo. Sobre isso, ver: ALLISON, 2008.

[615] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 22, outubro-novembro de 1965.

> superstição para uma terra de pioneirismo científico, explorando todo o cosmos.[616]

Está claro que no período final de sua primeira fase a FRELIMO reverenciava o apoio os soviéticos sinalizando com ênfase seu alinhamento e inspiração na superpotência nas páginas da *Mozambique Revolution*. Mas essa relação era mais complexa quando observada para além das palavras oficiais. Um documento da embaixada dos EUA em Lisboa repercutia no dia 7 de junho de 1967 um texto do *Journal de Genève* afirmando que "apesar das esperanças americanas de que Eduardo MONDLANE não se desviaria para a esquerda, sua organização terrorista, a FRELIMO, está cada vez mais dependente dos 'países do Leste'. [...] A maioria das armas da FRELIMO vem agora dos 'países comunistas'"[617]. A embaixada em Dar es Salaam concordava. Em 11 de novembro ela enviava um telegrama afirmando de maneira alarmante que "Mondlane faz viagens regulares a Moscou. [...] essa visita mais recente foi ostensivamente para participar das celebrações de cinquenta anos da Revolução de Outubro"[618].

É bem verdade que o presidente da FRELIMO vinha conquistando aliados e simpatias no Leste Europeu. Na Tchecoslováquia, ele foi capaz de conquistar um apoio bastante pessoal já em 1964, apesar das reticências iniciais. Ao se referir ao país como um "gigante militar" ele teria sido bem-sucedido em conquistar alguma fidelidade.[619] Na própria Rússia, Dmitrii Dolidze, do Comitê de Solidariedade Afro-Asiática, afirmou em conversa com um diplomata após a visita de Mondlane em 1966 que ele havia se tornado favorável à URSS, "empurrado para a esquerda pelas forças progressistas"[620], e que apesar de não ser "inteiramente nosso homem"[621], era capaz de manter seu movimento "bastante em ordem"[622]. Assim, ele de fato conseguia forjar algumas alianças na superpotência, mas nem tudo eram tão positivo nessa relação.

---

[616] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 31, outubro-novembro de 1967, p. 2, t. n. No original: "Now 50 years have come and gone and many things have been acheived. The Russian Empire has been changed from a land of slavery and suffering into a federation of 15 autonomous people's republics; from a land of recurrent periods of hunger and death into a land of plenty and culture; from a land of ignorence and superstition into a land of scientific pioneering, exploring the whole cosmos".

[617] Departamento de Estado. *Airgram.* Embaixada americana em Lisboa. 7 de junho de 1967. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Notwithstanding American hopes that Eduardo MONDLANE would not veer to the Left, his terrorist outfit, FRELIMO, is daily becoming more dependent on the 'countries of the East'. [,,,] Most of FRELIMO's arms are now coming from the 'Communist countries'".

[618] Departamento de Estado. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 16 de novembro 1967. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Mondlane make regular trips to Moscow. [...] this most recent visit was ostensibly to attend fiftieth anniversary celebration of October Revolution".

[619] MUEHLENBECK, 2016.

[620] DOLIDZE *apud* TELEPNEVA, 2021, p. 127, t. n. No original: "pushed to the left by the progressive forces".

[621] DOLIDZE *apud* TELEPNEVA, 2021, p. 127, t. n. No original: "entirely our man"".

[622] DOLIDZE *apud* TELEPNEVA, 2021, p. 127, t. n. No original: "quite in order".

Mondlane continuava longe de ser uma unanimidade, e as desconfianças sobre ele ainda remetiam muito ao suporte que ele recebia dos Estados Unidos. Em 1966 ele teve um pedido recusado para participar do 23° Congresso do Partido Comunista da União Soviética em Moscou – Rostislav Ulianovskii, do Departamento Internacional, justificou a decisão em um memorando interno: "Mondlane recebia regularmente doações em dinheiro de organizações dos EUA e estava ligado ao governo em Washington. Além disso, 'faltava confiança' em Mondlane dos dirigentes do MPLA, do PAIGC, do Partido Comunista Sul-Africano e do vice-presidente da FRELIMO, o Reverendo Uria Simango"[623]. Essa decisão ainda foi apoiada por Aleksandr Sakharovskii, diretor da KGB, que instruiu o embaixador soviético em Dar es Salaam a encontrar uma desculpa politicamente correta para recusar o pedido do moçambicano.[624] Já em 1967 Genadii Fomin, do Departamento Africano do Ministério de Relações Exteriores, dizia durante uma missão em Dar es Salaam que Mondlane não parecia ter "clareza política"[625] demonstrando "tendências oportunistas"[626] durante sua mais recente viagem a Moscou, e que, diante disso, a União Soviética deveria continuar dando ajuda em armas à FRELIMO, mas de uma "maneira limitada"[627].

Assim, apesar do apoio e das sinalizações de aliança da FRELIMO quanto a URSS, as impressões causadas por seu presidente continuavam sendo contraditórias. As conexões que ele mantinha com os EUA continuaram causando desconfianças ao longo da década, e não há registros de nenhuma ajuda em dinheiro de Moscou que tenha chegado à Frente sob sua presidência[628]. Além disso, apesar da importância do apoio soviético conquistado pela FRELIMO, ele permaneceu bastante modesto quando comparadas a outros movimentos anticoloniais.[629] O seu presidente certamente contribuía com isso, despertando suspeitas por sua relação com os EUA. Tão importante quanto isso, entretanto, é o olhar de Moscou sobre a Tanzânia: a China se tornava cada vez mais influente no país governado por Julius Nyerere no final da década, e isso condicionava muitas das impressões soviéticas sobre a FRELIMO.

---

[623] TELEPNEVA, 2021, p. 124-125, t. n. No original: "Mondlane received regular cash handouts from U.S. organizations and was connected to the government in Washington. Furthermore, Mondlane 'lacked trust" from the leaders of the MPLA, the PAIGC, the South African Communist Party, and FRELIMO's deputy president the Reverend Uria Simango".
[624] TELEPNEVA, 2021,
[625] FOMIN *apud* TELEPNEVA, 2021, p. 127, t. n. No original: "political clarity".
[626] FOMIN *apud* TELEPNEVA, 2021, p. 127, t. n. No original: "opportunistic tendencies".
[627] FOMIN *apud* TELEPNEVA, 2021, p. 127, t. n. No original: "limited way".
[628] TELEPNEVA, 2021.
[629] TELEPNEVA, 2021.

4.4. O CONFLITO SINO-SOVIÉTICO E AS ENCRUZILHADAS DA FRELIMO

Quando a FRELIMO demonstrou receios quanto aos efeitos do conflito sino-soviético em 1964 seus temores se mostraram justificados. As tensões que se manifestaram publicamente em 1960 entre China e URSS só se aprofundaram ao longo da década, e em muitos casos foram corrosivas aos movimentos anticoloniais.[630] A Frente, particularmente, era muito afetada pelo ambiente político da Tanzânia, um lugar especialmente suscetível a as rivalidades do período.[631] A União Soviética via com muitas reticências o rumo dos acontecimentos naquele país ao longo da década de 1960 – logo em 1962, enquanto a ideia de um "Socialismo Africano" era apenas embrionária na trajetória de Julius Nyerere, ele já fazia questão de distanciar seu projeto daquele que ele cunhava como "Socialismo Europeu":

> O socialismo europeu nasceu da Revolução Agrária e da Revolução Industrial que seguiu ela. [...] Essas duas revoluções plantaram as sementes de um conflito dentro da sociedade, e o socialismo europeu não apenas nasceu desse conflito, como seus apóstolos santificam o conflito em si mesmo como uma filosofia. [...] O socialista europeu não consegue pensar em seu socialismo sem seu pai – o capitalismo! Nascido no socialismo tribal, eu devo dizer que eu acho essa contradição intolerável. Isso dá um status filosófico para o capitalismo que ele não reivindica e nem mesmo merece. [...] O socialismo africano, por outro lado, não tem o "benefício" da Revolução Agrária ou da Revolução Industrial. Ele não começa pela existência de "classes" em conflito na sociedade. Inclusive, eu duvido que a palavra equivalente para "classe" exista em qualquer língua tradicional africana.[632]

---

[630] A ruptura sino-soviética passou a dar seus primeiros sinais públicos em 1960. A questão por trás dessas tensões era a coexistência de dois modelos de socialismo muito distintos entre si em disputa para liderar o socialismo internacional. Enquanto a URSS promovia seu "modelo não capitalista de desenvolvimento" associado a "Coexistência Pacífica" com o ocidente, a China apresentava uma via muito mais associada ao anti-imperialismo, às realidade das sociedades rurais de "Terceiro Mundo", e às demandas étnicas/regionais das populações de África, Ásia e América Latina. Essas diferenças colocaram as retóricas dos dois países em rota de choque – tendência que apenas se aprofundou ao longo da década. Sobre o modelo chinês, ver o Capítulo 5. Sobre a ruptura sino-soviética, ver: FRIEDMAN, 2015; PONS, 2014; WESTAD, 2007; ANDERSON, 2018; JERSILD, 2014; LÜTHI, 2010; WESTAD (ed.), 1998; ZAGORIA, 2015.

[631] George Roberts cunhou a expressão "Cidade Guerra Fria" para referir-se a Dar es Salaam durante o período estudado nessa pesquisa. A partir da instalação do Comitê de Libertação da OUA na cidade, e da criação da República Unida da Tanzânia em abril de 1964, ela passou a atrair cada vez mais os interesses e tensões do período, tornando-se de fato um dos grandes centros da Guerra Fria em escala internacional. A circulação de intelectuais, estudantes, guerrilheiros, diplomatas, políticos e ativistas na região, vindos de todos os cantos da Guerra Fria, faziam com que a Tanzânia concentrasse em si muitas dinâmicas e tensões do período. Sobre isso, ver: BJERK, 2015; ROBERTS, 2016; LAL, 2015; SHIVJI, 2008; SANDERS, 2014; MARKLE, 2017; BURTON, 2019.

[632] NYERERE, Julius. *Ujamaa – The Basis of African Socialism*. In: NYERERE, Julius. **Ujamaa – Essays on Socialism.** Dar es Salaam: Oxford University Press, 1968b, p. 11. No original: "European socialism was born of the Agrarian Revolution and the Industrial Revolution which followed it. [...] These two revolutions planted the seeds of conflict within society, but it apostles sacrificed the conflict itself into a philosophy. [...] The european socialist cannot think of his socialism without its father – capitalism! Brought up in tribal socialism, I must say I find this contradiction quite intolerable. It gives capitalism a philosophical status which capitalism neither claims nor deserves. [...] African socialism, on the other hand, did not have the 'benefit' of the Agrarian Revolution or the Industrial Revolution. It did not start from the existence of

A teoria de Nyerere representava justamente aquilo que a URSS mais temia nas variedades de "Terceiro Mundo" do socialismo, negando o seu legado e a própria aplicação da Luta de Classes à realidade do "Terceiro Mundo".[633] Pior que isso era o seu processo de aproximação com a China iniciado a partir da Revolução de Zanzibar em 12 de janeiro de 1964 e da criação do República Unida da Tanzânia em 26 de abril do mesmo ano.[634] Ao associar o "Socialismo Africano" com o "Socialismo Chinês", Nyerere alarmava os soviéticos. As avaliações realizadas pelos seus diplomatas sobre a região da África Oriental e sobre todos aqueles que lá estavam passaram a levar esse contexto em consideração a partir daí.

O cenário que eles viam não era positivo. Com a crescente influência de Mao Tsé-Tung na Tanzânia, a reputação soviética tornou-se bastante abalada no país. Projetos ligados ao modelo de desenvolvimento da URSS eram lá rechaçados. – O seu revolucionário mais associado com o socialismo soviético, Abdullah Kassim Hanga, perdeu cada vez mais influência na Tanzânia até a sua saída do governo no final da década.[635] A "Primavera de Praga"[636], em agosto de 1968, veio para piorar ainda mais a

conficting 'classes' in society. Indeed I doubt if the equivalent for the word 'classes' exists in any indigenous African language".

633 TELEPNEVA, 2021; FRIEDMAN, 2015.

634 A erupção da Revolução nas ilhas de Zanzibar, no dia 12 de janeiro de 1964, levou de uma vez por todas as intrigas da Guerra Fria para a região da África Oriental. Poucos dias depois de uma coalisão entre nacionalistas, socialistas pró-URSS e socialistas pró-China tomar o poder nas ilhas, os militares de Tanganica, Kenya e Uganda se amotinaram em protesto contra seus baixos salários e a contínua presença de britânicos nos altos postos das forças armadas. A situação só foi controlada com uma intervenção do Reino Unido solicitada por Nyerere. O clima de desconfianças e pressões externas tomou a região a partir dali. Foi como forma de garantir a soberania regional e evitar intervenções por qualquer um dos lados da Guerra Fria que o presidente da Tanganica e o presidente do conselho revolucionário de Zanzibar, Abeid Karume, assinaram o documento de unificação dos países no dia 26 de abril de 1964. O processo deu início a uma gradual aproximação tanzaniana com a China, que atingiu seu ápice no final da década. Enquanto alguns pontos desse processo que transbordaram sobre a FRELIMO serão retomados no Capítulo 5, análises mais detalhadas dele podem ser encontradas em: BJERK, 2015; SANDERS, 2014; SHIVJI, 2008.

635 Abdullah Kassim Hanga teve um papel bastante relevante no processo revolucionário de Zanzibar, sendo o seu líder mais influenciado pela União Soviética, onde realizou período de estudos. Após a criação da República Unida da Tanzânia, Hanga foi incorporado no governo em Dar es Salaam, onde passou a pregar reformas ligadas a industrialização, promoção de indústria pesada, criação de aldeias comunais etc. Essas propostas jamais se popularizaram entre os demais líderes do país, e foram vistas sem ânimo pelos próprios soviéticos, que àquela altura já não estavam mais dispostos a fazer grandes investimentos no desenvolvimento de países africanos. Assim sendo, Hanga começou a se tornar cada vez menos relevante no governo. Em 1967 ele foi acusado de planejar um golpe contra o então governante das ilhas de Zanzibar, Abeid Karume, e enviado para execução em sua capital. Sobre isso, ver: BJERK, 2015; ROBERTS, 2016; LAL, 2015; SHIVJI, 2008; TELEPNEVA, 2021.

636 "Primavera de Praga" é como ficou conhecida o movimento das tropas dos países signatários do Pacto de Varsóvia à Tchecoslováquia em 21 de agosto de 1968. Essa ação se deu como uma reação as reformas levadas a cabo no país por seu líder Alexander Dubček, que buscava promover uma liberalização do regime no país. O governante foi substituído, e as tropas soviéticas continuaram ocupando a região até 1990. As reformas foram revogadas. Sobre isso, ver: PONS, 2014; KOLÁR, 2017; KORT, 2010; MUEHLENBECK, 2016.

situação. A embaixada soviética no país foi vandalizada na ocasião. O próprio Julius Nyerere esteve entre os líderes que se manifestaram condenando a URSS em declaração veemente, somando-se a muitos grupos de seu país que comparavam o imperialismo soviético com o norte-americano, e acusavam a superpotência socialista de trair os valores do marxismo-leninismo. – Estudantes, jornalistas, políticos e intelectuais tiveram entre os grupos que se tornaram cada vez mais hostis à Moscou na República Unida ao longo da década de 1960.[637]

A questão da influência da China na região foi uma preocupação de primeira hora dos soviéticos em seus diálogos com a FRELIMO. O documento produzido pela embaixada dos Estados Unidos em Dar es Salaam em 10 maio de 1964 com as impressões de viagem de Mondlane em seu retornou de Moscou é demonstrativo disso. "Os russos estão consternados com o crescimento da influência do 'CHICOM' [Comunismo Chines] sobre a África Negra"[638], definia o texto, referindo-se às impressões do moçambicano. O documento menciona que a República Unida da Tanzânia havia sido anunciada durante sua estadia na URSS, e que os políticos locais "expressaram a ele aprovação total da URTZ [República Unida da Tanzânia] como um desenvolvimento construtivo, mas não fizeram nenhuma tentativa de esconder o desapontamento com a posto ministerial dado a Babu. Mondlane disse que os russos claramente viam Babu como um instrumento Chinês"[639]. Eles referiam-se nessa citação a Abdulrahman Mohamed Babu, o líder revolucionário de Zanzibar mais influenciado pela via-chinesa, diretamente associado ao governo em Dar es Salaam a partir da criação da Tanzânia.[640]

Segundo as impressões de Mondlane, até a presença dos EUA na Tanzânia era vista como positiva pela URSS nesse contexto como um "elemento estabilizador contra os chineses"[641]. "Sugeriram que a sua vontade de fornecer maior apoio a Frelimo pode depender da capacidade de Mondlane atrair ajuda de 'fontes privadas dos EUA' e evitar

[637] TELEPNEVA, 2021; ROBERTS, 2016; FRIEDMAN, 2015; PONS, 2014.
[638] Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de maio de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Russian increasingly concerned over spread CHICOM influence in Black Africa".
[639] Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de maio de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "they had expressed to him full approval of URTZ as constructive development, but made no attempt conceal disappointment Babu had given Cabinet Post. Mondlane said Russians clearly regard Babu as Chinese instrument".
[640] Abdulrahman Mohamed Babu foi um dos mais influentes líderes do processo revolucionário em Zanzibar, e um dos intelectuais africanos mais identificado com o socialismo chinês. Após a criação da República Unida da Tanzânia, ele passou a compor o governo de Julius Nyerere. Sobre isso, ver o Capítulo 5.
[641] Departamento de Estado. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de maio de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "stabilizing element against Chinese".

compromissos com ou de chineses"[642], denotava o documento. Em meio a "Coexistência Pacífica" entre as superpotências, a China poderia ser um problema maior do que os EUA para Moscou. Nos comentários do embaixador americano, Leonhart, anexos no documento, ele acreditava que a recepção com pompas do presidente da FRELIMO pelo Comitê de Solidariedade Afro-Asiática Soviético se deu como um esforço "para compensar qualquer impacto que a visita a Pequim teve em Mondlane"[643].

Em um primeiro momento, portanto, essa questão pode até ter sido positiva aos moçambicanos. Ao observar os cortejos de Mao Tsé-Tung com um país de importância tão estratégica no contexto da Guerra Fria quanto à Tanzânia os soviéticos se viram afoitos para conquistar aliados na região. A FRELIMO era o único movimento anticolonial de Moçambique reconhecido pela Tanzânia e pelo Comitê de Libertação da OUA, sendo apoiada por Julius Nyerere e Oscar Kambona. A decisão pelo seu reconhecimento por parte da URSS pode ter levado isso em consideração, e sido uma ação com o objetivo de fortalecer os laços soviéticos na Tanzânia. Ao longo dos anos os eles se beneficiaram dos diálogos com os moçambicanos para manter sua inteligência munida de informações sobre a situação local: Eduardo Mondlane, Marcelino dos Santos, Uria Simango e Alberto Chissano estiveram entre os seus contatos recorrentes, somando-se a autoridades da própria Tanzânia e membros de outros movimentos anticoloniais.[644]

Com o passar do tempo, entretanto, a desconfiança existente nesse processo começou a transbordar cada vez mais sobre os membros da Frente. Eles estavam envoltos no ambiente política da Tanzânia, onde a presença de chineses era crescente. A influência maoísta começou a ser flagrante no seio movimento. Ainda que as páginas da *Mozambique Revolution* publicassem discursos reverentes à URSS, conforme foi demonstrado, isso não impedia a publicação da FRELIMO de também imprimir textos em homenagem a Revolução Chinesa – ainda que esses fossem mais tímidos do que às referências aos soviéticos, deixavam transparecer a crescente influência que o movimento sofria das teorias maoístas. As viagens de seus líderes à União Soviética não impediam eles de visitar também Pequim em algumas ocasiões, aproveitando as oportunidades que a sua posição de não-alinhamento proporcionava. Mais alarmante que isso eram seus

[642] Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de maio de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "willingness provide increasing support to Frelimo might be contingent on Mondlane's ability attract aid from 'private U.S. sources' and avoid commitments to or from Chinese".
[643] Departamento de Estado. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de maio de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "Russians doubtless making best effort offset whatever impact Peking visit had on Mondlane".
[644] TELEPNEVA, 2021.

militares, imersos em teorias de guerrilha e treinados por instrutores chineses a partir da chegada desses à Tanzânia em 1965.[645] Todos na FRELIMO estavam sob suspeita meio a isso, e até seus estudantes enviados para a URSS eram cuidadosamente acompanhados pelas autoridades locais em busca de "rastros" chineses.[646] Os oficiais soviéticos estavam atentos, monitorando de perto todo o apoio e influência chinesa à Frente.[647]

As próprias lideranças do movimento tiveram sua credibilidade em jogo diante disso. Uria Simango, particularmente, destaca-se por estar no epicentro das disputas sino-soviéticas pela "alma" da luta moçambicana. Isso por que, com o passar do tempo, ele conquistou um razoável reconhecimento por parte de Moscou – a impressão causada em suas viagens aos países socialistas era positiva, e em 1966 um memorando escrito por Rostislav Ulianovskii indicava que ele havia adquirido reconhecimento como alguém mais confiável que Eduardo Mondlane.[648] Essa avaliação se alterou a partir da grande crise interna que assolou a FRELIMO nos anos subsequentes. Simango se aliou a indivíduos que se opunham ao presidente do movimento, como o Padre Mateus Pinho Gwanjere e Lázaro Nkavandame, e os tons das críticas que eles mobilizaram alarmou os soviéticos – ao criticar a presença de brancos nos quadros da FRELIMO, o estilo de vida "cosmopolita", "moderno" e "europeizado" de muitos de seus líderes, e se associar a grupos mais relacionados com as populações tradicionais e com discursos regionalistas/étnicos, eles se aproximavam perigosamente de uma retórica que remetia a via-chinesa naquele contexto.[649]

O ponto de vista de Simango e de seus aliados encontrava ressonância entre algumas autoridades tanzanianas. O principal aliado que eles conquistaram foi o polêmico

[645] Sobre a influência da China na FRELIMO, ver o Capítulo 5.
[646] As experiências de estudantes africanos na URSS foram muito variadas, e em diferentes casos estiveram submetidas a racismo, violência física, hostilidades e difamações. No contexto das disputas da Guerra Fria, essa pauta racial era muito bem explorada pela China, que pregavam uma solidariedade "racial" entre os países de "Terceiro Mundo", definindo a União Soviética como apenas mais um "branco imperialista" comparável aos seus rivais do ocidente – essa retórica se tornava atraente a muitos estudantes. Os soviéticos, por óbvio, estavam atentos, e observavam esses alunos como forma de interpretar os movimentos anticoloniais aos quais eles estavam associados. Os membros da FRELIMO, no geral, não impressionavam. Sua atitude contrária a direção geral do partido, a sua visão antissoviética de mundo, o sentimento "pró-china" de muitos eram motivo de suspeitas. Mais alarmante que isso era o baixíssimo número de moçambicanos inscritos para receber bolsas no país, muito inferior ao número disponível, e bem abaixo dos números registrados em outros movimentos anticoloniais. Isso era um indicativo da falta de comprometimento de muitos de seus quadros com os valores soviéticos, e gerava uma falta de confiança geral nas estruturas da Frente. Sobre isso, ver: TELEPNEVA, 2021; FRIEDMAN, 2015; KATSAKIORIS, 2021.
[647] TELEPNEVA, 2021; SHUBIN, 2008.
[648] TELEPNEVA, 2021.
[649] A China oferecia um modelo de socialismo nesse contexto que capitalizava muito as questões raciais, étnicas e regionais, assumindo uma retórica anti-metropolitana e anti-brancos em muitos momentos. Sobre isso, ver o Capítulo 5.

Lawi Sijaona, líder da *TANU Youth League*, que protagonizava algumas das manifestações mais significativas daquele momento "maoísta" da Tanzânia. – Além de ser pessoalmente próximo da China, foi ele que promoveu os grandes protestos contra a invasão soviética na Tchecoslováquia em 1968, e nesse mesmo período ele incendiou as tensões existentes dentro da FRELIMO, condenando, entre outras coisas, às conexões transnacionais da URSS que prevaleciam no seio do movimento.[650] Diante disso, a superpotência socialista assumiu um tom reticente quanto à Simango, o percebendo como vinculado aos chineses. Não está claro quando exatamente eles se convenceram disso, mas em julho de 1969 Petr Ivashutin citava Simango como representante de uma "linha racista e pró-China"[651] da FRELIMO.[652]

Eduardo Mondlane tentou capitalizar em torno dessa questão se mostrando um aliado soviético em contraposição a China. Em conversas durante a grande crise que atingiu a FRELIMO a partir de 1966 com Arkadii Glukhov, funcionário da embaixada soviética em Dar es Salaam, ele se queixava do suporte chinês recebido por seus opositores em parceria com políticos da Tanzânia que compartilhavam a sua ideologia "anti-brancos". Já em sua visita a Moscou em 1966 ele manifestava identificação com a via-soviética e criticava as "táticas antissoviéticas" dos chineses.[653] Sendo ele um acadêmico, casado com uma mulher branca, com estilo de vida cosmopolita e visão de mundo bastante europeizada, é provável que de fato visse com maus olhos os rumos da "Grande Revolução Cultural Chinesa" e seus efeitos sobre a Frente.[654] Ainda assim, no seu caso o que levantava dúvidas era o seu histórico perante os Estados Unidos – e isso bastava para que as suspeitas sobre ele continuassem pairando em Moscou, apesar de ele mobilizar uma linguagem pró-URSS no contexto da crise sino-soviética.

Assim sendo, o "fator China" se mostrou decisivo para que os soviéticos mantivessem um tom reticente quanto a FRELIMO ao longo de sua primeira fase. É bem verdade que eles também possuíam seus aliados dentro da Frente – Marcelino dos Santos, um velho amigo de Moscou, manteve-se como o principal representante de uma "via soviética" entre seus líderes.[655] Para além dele, Joaquim Chissano também emergiu como

[650] Sobre isso, ver o Capítulo 5.4.
[651] IVASHUTIN *apud* TELEPNEVA, 2021, p. 134, t. n. No original: "racist and pro-chinese line".
[652] TELEPNEVA, 2021.
[653] TELEPNEVA, 2021.
[654] Sobre o clima anti-intelectual, anti-metropolitano e anti-brancos da via-chinesa na Tanzânia, ver o Capítulo 5.
[655] É bem verdade que no final da década a desconfiança soviética sobre a FRELIMO atingiu todos os seus líderes, incluindo Marcelino dos Santos. Apesar disso, ele era lembrado pelas suas antigas amizades no país. Durante a crise que atingiu o movimento, apesar de ele também despertar críticas, foi apontado como

um aliado relevante ao longo dos anos.[656] Mesmo eles, entretanto, se viram sob suspeita. A crise na FRELIMO, envolta no complexo contexto da Tanzânia e na enorme rivalidade sino-soviética, fazia com que todos levantassem dúvidas. Em outubro de 1969, dando um panorama geral sobre a Frente, Alexandr Predvechnov afirmava que nem Simango, nem Machel, nem Chissano ou Marcelino dos Santos seriam "amigos consistentes da União Soviética"[657]. Em julho de 1969, a impressão que havia ficado em Petr Ivashutin era de que a FRELIMO "era uma organização fraca, baseada nas 'massas campesinas', com pouca experiência de luta armada, e dividida por tensões intra-étnicas. Ele descreveu Simango, Santos e Machel como 'pequenos burgueses' que compartilhavam equivocadamente o conceito maoista 'pseudorrevolucionário' de guerrilha popular"[658].

Posto isso, fica claro que o legado da primeira fase da FRELIMO quanto aos soviéticos era misto. Por um lado, é notável que importantes conexões transnacionais foram construídas durante esse período. Os moçambicanos foram hábeis para navegar pelas rotas do Leste Europeu, conquistando apoios decisivos para a sua luta, e construindo narrativas que lhe legitimavam perante o mundo socialista. Por outro lado, eles se tornaram presas fáceis para as rivalidades do período: Eduardo Mondlane jamais conseguiu conquistar um suporte convicto devido às suas relações com os EUA; Uria Simango perdeu a credibilidade que havia conquistado devido a sua proximidade com a China maoísta; e Marcelino dos Santos, que era o mais associado a Moscou entre eles, se viu também posto sob dúvidas devido ao conflito sino-soviético que corroía a FRELIMO no final da década. O resultado disso foi um apoio reticente da URSS à Frente, que jamais atingiu o mesmo nível e convicção do que aquele prestado a outros movimentos anticoloniais. Ainda assim, ele foi o suficiente para ajudar a garantir o sucesso em armas

um de seus representantes mais interessados em desenvolver relações com a URSS. Sobre isso, ver: TELEPNEVA, 2021.

[656] Joaquim Chissano passou a atuar como um informante relevante da URSS a partir de seu período de estudos em Moscou, em 1965. Ele foi descrito pelos agentes soviéticos Vasilii Mitrokhin e Cristopher Andrew como um "contato confidencial da KGB". Apesar de negar o *status* de espião, o próprio Chissano já confirmou que trocava informações com a inteligência soviética em busca de benefícios para a FRELIMO. Sobre isso, ver: TELEPNEVA, 2021.

[657] PREDVECHNOV *apud* TELEPNEVA, 2021, p. 134, t. n. No original: "consistent friends of the Soviet Union".

[658] TELEPNEVA, 2021, p. 133. No original: "FRELIMO was a weak organization, rooted in the 'peasant masses' with little experience of armed struggle, and riven by inter-ethnic tensions. He described Simango, Santos, and Machel as 'petit-bourgeoisie' who mistakenly shared the 'pseudo-revolutionary' Maoist concept of popular partisan warfare".

dos primeiros anos da luta moçambicana, além de ter construído bases para uma relação que se aprofundo na segunda fase da FRELIMO.[659]

[659] A presente pesquisa se restringe a fazer um estudo sobre a primeira fase da FRELIMO, e não vai adentrar em análises sobre a segunda fase. Cabe ressaltar, entretanto, que o apoio soviético à Frente cresceu muito a partir de 1970 – tornando-se bastante substancial ainda antes da independência moçambicana em 1975. Após a independência essa aliança tornou-se ainda maior. Sobre isso, ver: TELEPNEVA, 2021; SHUBIN, 2008; DE BRITO, 2019; CABRITA, 2000; CAHEN, 1993; CAHEN, 1987; SAUL, 1994; DINERMAN, 2006; OTTAWAY, 1988; MALOA, 2016; HENRIKSEN, 1983.

5. "NOSSO EXEMPLO E FONTE DE INSPIRAÇÃO": A FRELIMO, A *UJAMAA* E OS VENTOS DE PEQUIM

A edição número 31 da *Mozambique Revolution*, datada entre os meses de outubro e novembro de 1967, reverenciava os avanços do socialismo na Tanzânia. "A Revolução tanzaniana está sendo consolidada"[660], anunciava o texto. Se antes ainda restava alguma dúvida de que o país anfitrião da FRELIMO adotaria uma via realmente revolucionária, naquele momento estava claro que ele passava por mudanças drásticas nessa direção em seu projeto nacional:

> O povo está ficando consciente da sua própria dignidade, do valor de sua própria cultura, e da importância do seu desenvolvimento econômico. O povo está aprendendo que o caminho para a verdadeira independência repousa em criar condições que irão permitir a ele viver de seu próprio trabalho sem ter que implorar nada a ninguém. Um vento forte atinge o país inteiro, varrendo todos os líderes burgueses, que mostraram ter suas atividades alienadas, e as vezes contrárias, ao interesse do povo. Uma orientação socialista inspira todas as atividades na Tanzânia.[661]

O plano de fundo dessas mudanças era a famosa "Declaração de Arusha"[662], proclamada por Julius Nyerere em fevereiro daquele ano. A partir desse discurso o presidente da República Unida finalmente elevou seu conceito filosófico de "Socialismo Africano" – *"Ujamaa"*[663] – ao *status* de uma política oficial. As instituições e as práticas

---

[660] *ARUSHA and the Mozambican Struggle*. **Mozambique Revolution**, n. 31, outubro/novembro de 1967, p. 3, t. n. No original: "The Tanzanian revolution is being consolidated".

[661] *ARUSHA and the Mozambican Struggle.* **Mozambique Revolution**, n. 31, outubro/novembro de 1967, p. 3, t. n. No original: "The people are becoming aware of their own dignity, of the value of their own culture, and of the importance of their economic development. The people are learning that the.road to true independence lies in creating conditions which will enable them to live on their own work without having to beg anything from anyone. A strong wind blows through the whole country, sweeping out all the bourgeois leaders, who showed their activities to be alien, and sometimes contrary,to the people's interests. A socialist orientation inspires all activities in Tanzania.".

[662] A "Declaração de Arusha" é como ficou conhecido o mais célebre discurso de Julius Nyerere, realizado no dia 5 de fevereiro de 1967 na cidade de Arusha. O discurso lançou as bases da política socialista que se tornou ordem do dia na Tanzânia ao longo da década seguinte – socialismo e autoconfiança se tornaram os vetores que guiavam todas as políticas no país a partir dali. Enquanto alguns elementos desse discurso serão retomados mais tarde nesse capítulo, como forma de interpretar a FRELIMO, o texto completo pode ser acessado em: NYERERE, Julius. **The Arusha Declaration and TANU'S Policy on Socialism and Self-Reliance.** Dar es Salaam: The Publicity Section, TANU, 1967. Disponível em: http://library.fes.de/fulltext/bibliothek/2-tanzania-s0019634.pdf [Acesso em: 14 de outubro de 2022]. Ver também: NYERERE, 1968b.

[663] Já em 1962 Nyerere havia publicado seu artigo *Ujamaa, the bases of african socialism* onde manifestava sua visão socialista associada às sociedades tradicionais africanas – atitude socialista, foco nas necessidades dos indivíduos, valorização do trabalho, combate às atividades exploratórias, coletivização da terra e unidade africana eram alguns dos valores fundadores dessa ideologia, batizada de *Ujamaa*. Foi só em 1967, entretanto, que ela passou a de fato representar uma política nacional, guiando todas as atitudes do país. Sobre isso, ver: NYERER, 1968; LAL, 2015; CORNELLI, 2012; IBHAWOH; DIBUA, 2003; ROBERTS, 2016; MARKLE, 2017; BJERK, 2017; SHIVJI, 2008.

no país passaram a ser cada vez mais "africanizadas"[664], em um projeto que refutava o capitalismo e a dependência de países estrangeiros, focando no povo local como epicentro do socialismo. As *Ujamaa Villages*[665] surgiram como símbolo máximo desse momento. "Autoconfiança" e "Cooperação" se tornaram as palavras-chave para guiar as ações de toda a nação. A FRELIMO percebia as vantagens dessa retórica em sua publicação oficial:

> Os princípios subjacentes da declaração de Arusha, autoconfiança e cooperação, no nível interno, formam a base para o desenvolvimento nacional no interesse de todo o povo. Eles rejeitam o desenvolvimento por grandes investimentos estrangeiros que podem aumentar a renda nacional, mas não alterarão o padrão de vida da massa campesina. Em vez disso, as melhorias devem ser feitas nas próprias aldeias, pelos esforços do povo que trabalha para o povo. A nível internacional, este método de desenvolvimento fornece as condições para uma política externa verdadeiramente independente. Em particular, permitiu à Tanzânia assumir uma posição de liderança em África na questão da unidade africana contra colonialistas, racistas e exploradores.[666]

A FRELIMO explicitava seu próprio reflexo ao observar o projeto tanzaniano. O foco nas populações campesinas, o estímulo à autoconfiança no povo para que ele pudesse elevar os seus próprios níveis de desenvolvimento, a retórica nacionalista de cooperação e unidade pelo bem-comum, e a política externa independente no cenário da Guerra Fria

---

[664] A "Africanização" foi um assunto amplamente debatido nas sociedades pós-coloniais africanas, trazendo à tona a necessidade de substituir as elites e quadros técnicos de origem estrangeira por indivíduos africanos. Julius Nyerere esteve entre aqueles políticos que promoviam leis inclusivas e universalistas, evitando assumir um caráter racial ou xenofóbico em seu projeto nacional, apesar de alguns ímpetos nesse sentido da população local e de alguns quadros da TANU. Por outro lado, com a Declaração de Arusha em 1967 ele promoveu uma identidade associada aos valores culturais africanos como forma de alavancar a unidade nacional, o que adquiria um verniz exclusivista, particularista e centrado na cultura para muitos dos seus intérpretes. Isso logo converteu-se em perseguições, hostilidades e episódios de violência contra minorias estrangeiras no país por parte de sua população africana mais radicalizada. Sobre isso, ver: AMINZADE, 2013.

[665] As *Ujamaa Villages* foram cooperativas rurais desenvolvidas na Tanzânia. Inspiradas no passado pré-colonial do país, elas buscavam promover uma economia autoconfiante alavancada pelo censo comunal de seus indivíduos. Eram equipadas com escolas, centros de saúde e infraestruturas próprias, proporcionando moradia e terrenos destinados à produção individual das família locais. Eram cercadas por grandes fazendas agrícolas coletivas, onde os cidadãos trabalhavam para garantir a autonomia econômica do país. Se tornaram símbolos do projeto de Julius Nyerere, refletindo sua inspiração no passado tradicional da Tanzânia e nos conceitos de "cooperação" e "autoconfiança". Na década de 1970 esse projeto foi marcado pela *Operation Vijiji*, que passou a deslocar cidadãos de maneira compulsória à essas estruturas. Sobre isso, ver: LAL, 2015.

[666] *ARUSHA and the Mozambican Struggle.* **Mozambique Revolution**, n. 31, outubro/novembro de 1967, p. 3, t. n. No original: "The underlying principles of the Arusha declaration, self reliance and cooperation, on the internal level, form the basis for national development in the interests of all the people. They reject development by large foreign investments which may raise the national income but will not alter the standard of living of the mass of the peasantry. Instead, improvements are to be brought about in the villages themselves, by the efforts of the people working for the people. On the international level this method of development provides the conditions for a truly independent foreign policy. In particular it has enabled Tanzania to take a leading position in Africa on the question of African unity against colonialists, racists and exploiters"

eram pontos em comum entre a práticas da Frente e o discurso de seu anfitrião. O texto moçambicano reconhecia a importância do país para o seu próprio sucesso e demonstrava confiança nos efeitos que sua ideologia teria sobre si:

> De fato, o suporte que os países africanos independentes prestam a luta por independência varia em relação direta com a sua linha política e econômica. Nossa experiência mostrou que aqueles países que nos apoiam mais firmemente são precisamente aqueles que se afastaram decisivamente de soluções neocoloniais, rompendo com as estruturas capitalistas. [...] Imperialismo é, por definição, oposto a independência. É fácil, portanto, compreender o entusiasmo com que o povo moçambicano saúda e suporta a revolução tanzaniana. A cooperação com os líderes da Tanzânia é completa. Eles compreendem completamente os problemas da nossa luta. A maneira dinâmica com que eles lançaram a revolução no seu país está de acordo com a natureza da nossa luta. [...] No nível popular tem havido um suporte ainda maior a nossa luta.[667]

Ao saudar o avanço da pauta socialista, anti-imperialista e anticapitalista na Tanzânia, a Frente observava com otimismo o seu comprometimento em apoiá-la. "A maneira dinâmica com que eles lançam a revolução no seu país está de acordo com a natureza da nossa luta", exaltava o texto. Os processos que se davam na República Unida eram vistos em sintonia com a causa moçambicana, tanto no nível de seus líderes quanto de suas populações. Não surpreende, portanto, que a FRELIMO percebesse que "os efeitos da Revolução Tanzaniana estão indo além das fronteiras do país e se fazendo sentir em outros países, entre outros povos, particularmente no povo lutador de Moçambique"[668]. Imersa na atmosfera política da Tanzânia, a luta moçambicana era determinada pelos acontecimentos do seu país anfitrião.

5.1. OS CAMINHOS DA UJAMAA

A Frente de Libertação de Moçambique era especialmente suscetível aos acontecimentos da Tanzânia. Criada com o apoio de Julius Nyerere e Oscar Kambona,

---

[667] *ARUSHA and the Mozambican Struggle.* **Mozambique Revolution**, n. 31, outubro/novembro de 1967, p. 3-4, t. n. No original: "In fact, the support which the African Independent states give to the struggle for independence varies in direct relation to their political and economic line. Our experience has shown us that those countries which more firmly support us are precisely those which have turned away decisively from neo-colonial solutions, breaking with the capitalist structure. [...] Imperialism is, by definition, opposed to independence. It is easy therefore, to understand the enthusiasm with which the Mozambican people greet and support the Tanzanian revolution. The cooperation of the Tanzanian leaders is complete. They understand fully the problems of our struggle. The dynamic way in which they have launched the revolution in their country is well in accordance with the nature of our struggle. [...] On the popular level, there has been an ever increasing support for our struggle".

[668] *ARUSHA and the Mozambican Struggle.* **Mozambique Revolution**, n. 31, outubro/novembro de 1967, p. 4, t. n. No original: "Thus the effects of the Tanzanian Revolution are reaching beyond the frontiers of the country and are making themseives felt in other countries, among other people, particularly the struggling people of Mozambique".

tendo vários de seus membros com vínculos históricos com os tanzanianos, e sendo percebida por observadores estrangeiros como o movimento anticolonial mais organizado e efetivo entre aqueles com escritórios em Dar es Salaam, a FRELIMO era intimamente relacionada com o seu país anfitrião.[669] O alto fluxo de refugiados e exilados políticos moçambicanos migrantes rumo à Tanzânia, que já era grande anteriormente, só aumentou a partir do início da Guerra Anticolonial em 1964 – segundo as estimativas locais, antes da guerra havia cerca de 7 mil moçambicanos no país; número que teria chegado a 9 mil já nos primeiros meses de guerra; 10 mil em 1965; e 20 mil até a independência em 1975.[670] Sendo a Frente a entidade política do país reconhecida pelas autoridades locais, ela assumiu as vezes de um "proto-Estado"[671] na recepção desses cidadãos ao longo dos anos.

As funções assumidas pela FRELIMO nesse contexto extrapolavam muito a natureza de um movimento anticolonial. Além de fazer pressão política sobre o colonialismo português, buscar legitimidade e apoio internacional, e organizar a luta armada, o seu papel também assumiu um importante verniz humanitário – através do Instituto Moçambique eram oferecidos hospitais, escolas, serviços de saúde, alimentação, roupas, moradia, locais de acolhimento às mulheres, creches, bolsas de estudo no exterior, entre outros.[672] Tão importante quanto isso era o imaginário nacional oferecido pela Frente. Ela se colocava em disputa pelas "almas e corações" daqueles indivíduos, utilizando sua propaganda revolucionária para conquistar apoiadores entre os refugiados e cooptar novos membros para a causa anticolonial. Sobretudo, ela buscava legitimar-se perante essas populações como a verdadeira representante do nacionalismo moçambicano. Ao assumir as tarefas de oferecer os serviços básicos, mobilizar, organizar e supervisionar os moçambicanos, ela validava seu próprio *status* perante as autoridades tanzanianas e adquiria experiência em funções de administração estatal.[673]

O apoio do governo local era essencial no sucesso de suas empreitadas. Ao longo da década a Tanzânia se converteu na principal porta de entrada no continente africano para uma variedade de itens imprescindíveis aos movimentos anticoloniais: armas, munições, materiais militares, materiais hospitalares e demais produtos de ajuda humanitária chegavam diariamente ao porto de Dar es Salaam, e eram cuidadosamente

[669] Sobre as origens da relação da FRELIMO com a Tanzânia, ver os Capítulos 1 e 2.
[670] PANZER, 2013.
[671] PANZER, 2013.
[672] Sobre o Instituto Moçambique e a frente humanitária da FRELIMO, ver o Capítulo 3.2.
[673] PANZER, 2013; TAGUE, 2021.

armazenados por suas autoridades. Tão importante quanto isso era a enorme variedade de indivíduos de todo o mundo que fluía para o país: exilados, refugiados, guerrilheiros, técnicos militares, médicos, professores, intelectuais, diplomatas, políticos e representantes de instituições internacionais e humanitárias eram recebidos todos os dias em seu território. Diante disso, o governo local assumia um importante papel de "guardião" das conexões transnacionais – ao estabelecer mecanismos burocráticos rigorosos para controlar, monitorar e regular a circulação de indivíduos e bens materiais em seu território, o regime da TANU era capaz de garantir ou não o acesso de um movimento anticolonial a determinados produtos, espaços ou pessoas, ocupando um lugar determinante em sua atuação.[674]

Diante disso, a Frente esteve ávida por garantir a manutenção do suporte das lideranças da Tanzânia, e se manteve em sintonia com os rumos políticos do país ao longo dos anos. As páginas da *Mozambique Revolution* se tornaram importantes testemunhas do contexto político em que estavam inseridas, descrevendo as mudanças que aconteciam no país na mesma medida em que demonstravam os seus efeitos sobre a Frente. Havia muito a ser contado: se em 1962 a Tanganica se caracterizava por manter-se alheia às rivalidades do período e por promover uma transição pacífica e moderada à independência, os acontecimentos de 1964 foram fatais às suas pretensões, e a região da África Oriental logo se converteu no epicentro da Guerra Fria no continente africano.[675] – O estopim de tudo foi a Revolução de Zanzibar, cuidadosamente acompanhada pela FRELIMO:

> Nosso movimento assistiu de perto e acompanhou com interesse os eventos em Zanzibar. O *Afro-Shirazi Party* liderou uma luta nobre por independência verdadeira. Nós estamos felizes de dizer que agora ZANZIBAR é uma República Popular, graças a força e decisão do povo. [...] Agora a revolução começou de verdade. Sob a liderança da coalisão dos partidos *Afro-Shirazi* e *UMMA* o povo de Zanzibar se livra do seu governo reacionário e substitui ele com um governo representativo da sua maioria em sofrimento. Revolução econômica e social está em curso! Nós estamos certos que o Governo de Zanzibar não se cansará até a plena realização dessa revolução, e nada pode impedi-lo disso. A FRELIMO expressa seu entusiasmo e simpatia [...].[676]

[674] ROBERTS, 2016; BURTON, 2019; TAGUE, 2021.
[675] Sobre a política da Tanganica até 1964, antes da criação do Estado Unido da Tanzânia, ver o Capítulo 1.1.
[676] *Revolution in Zanzibar*. **Mozambique Revolution**, n. 4, março de 1964, p. 3, t. n. No original: "Our movement has watched closely and followed with interest the events in Zanzibar. The Afro-Shirazi Party led a noble struggle for a true independence. We are happy to say that now ZANZIBAR is a People's Republic, thanks to the strength and decision of the people. [...] Now the revolution has truly started. Under the leadership of the coalition Afro-Shirazi and UMMA parties, the people of Zanzibar have rid themselves of their reactionary government and replaced it with a government representative of the suffering majority. Economic and social revolution is on its way! We are sure that the Zanzibar Government will not tire before

O aceno moçambicano à Revolução de Zanzibar era muito significativo. Quando no dia 12 de janeiro de 1964 uma coalisão entre o *Afro-Shirazi Party*[677] (ASP) e o *Umma Party*[678] (UP) depôs o sultão que governava o país, uma onda de violência tomou as ilhas localizadas na costa da Tanganica.[679] A influência socialista sobre os revolucionários era alarmante, e as potências ocidentais logo passaram a temer o surgimento de uma "Cuba Africana"[680] que colocaria em risco toda a sua estratégia para o continente. Enquanto União Soviética e China se apressaram em reconhecer o novo regime, um ávido por superar o outro em meio as tensões sino-soviéticas, os EUA se mantiveram relutantes, tramando junto ao governo britânico para conter os danos desse processo.[681] Assim, a Guerra Fria atingiu de vez a região. A FRELIMO, por sua vez, se mostrava entusiasmada em ver o sucesso de uma revolução armada às margens do território moçambicano – a conquista de uma "independência verdadeira" e a instalação de uma "República Popular" que trilhava o rumo de uma "revolução econômica e social" era certamente uma inspiração para um movimento que se preparava para pegar em armas contra Portugal nos meses seguintes.

Esse processo trouxe consigo, entretanto, uma série de contratempos à região da África Oriental. Observando a violência que transcorria nas ilhas, Óscar Kambona enviou grande parte da força policial da Tanganica à Zanzibar para conter a escalada das tensões e garantir a lei e a ordem em apoio ao novo regime. Enquanto seus militares atuavam no

---

the full attainment of this revolution, and that nothing can hold them from it. FRELIMO expressed tts enthusiasm and sympathy [...]".

677 O *Afro-Shirazi Party* era um partido Nacionalista Africano com influência Marxista-Leninista de Zanzibar criado em 1957. Ele era composto tanto por indivíduos mais associados ao nacionalismo e ao pan-africanismo, como seu principal líder Abeid Karume, quanto por socialistas mais ortodoxos, como Abdullah Kassim Hanga, que tinha formação na União Soviética e era fiel ao modelo da superpotência. Foi esse agrupamento político que liderou os processos revolucionários no país e chegou ao poder após sua consolidação – Karume assumiu o posto de governante das ilhas, onde permaneceu até seu assassinato em 1972. Sobre isso, ver: SHIVJI, 2008; SANDERS, 2017; LOFCHIE, 2015.

678 O *Umma Party* era um partido político fundado em 1963 por árabes marxistas de diferentes ideologias. Sua principal liderança era Abdulrahman Muhammad Babu, um dos intelectuais africanos associados ao maoísmo chinês naquele período, e um dos grandes responsáveis pela difusão da influência de Mao Tsé-Tung na região da África Oriental. Sobre isso, ver: SHIVJI, 2008; SANDERS, 2017; LOFCHIE, 2015; MARKLE, 2013.

679 Sobre o processo revolucionário em Zanzibar, ver: BURGESS, 2009; LOFCHIE, 2015; SANDERS, 2014; SANDERS, 2017; SHIVJI, 2008; WILSON, 2013.

680 A expressão "Cuba Africana" foi cunhada pela primeira vez por Julius Nyerere, que observava com preocupação a radicalização da situação nas ilhas às margens da Tanganica. Ela foi apropriada pelos políticos e diplomatas de Estados Unidos e Reino Unido, que acompanharam apreensivos a evolução dos acontecimentos na região. Eles chegaram a considerar a possibilidade de invadir Zanzibar, além de terem pressionado fortemente Julius Nyerere e Jomo Kenyatta para que eles evitassem uma escalada socialista no país. Sobre isso, ver: SANDERS, 2014; SHIVJI, 2008; ROBERTS, 2016; BJERK, 2015.

681 SANDERS, 2014; SHIVJI, 2008; ROBERTS, 2016; BJERK, 2015.

país, Nyerere recebeu os líderes revolucionários em visita oficial no dia 19 de janeiro – durante o encontro, a parcela do seu próprio exército que havia permanecido nos quartéis se amotinou. O processo revolucionário em curso em Zanzibar trouxe à tona a questão da "Africanização"[682] em sua vertente mais violenta, e inspirou os jovens militares da Tanganica a protestar contra seus baixos salários, pela condição inferiores que possuíam em relação aos oficiais britânicos, e pelo fracasso que a independência significava para as expectativas das fileiras de soldados africanos (*askaris)* do exército. Eles logo foram seguidos pelos militares de Uganda e Kenya, que também se viam tocados por essas causas, e onde a questão étnica também foi um fator determinante. – Durante uma semana, os acontecimentos que se seguiram colocaram em causa a sobrevivência do regime de Julius Nyerere e a própria soberania da região. Os motins só foram controlados no dia 25 de janeiro com a interferência britânica, a pedido do governante da Tanganica.[683] Dias depois ele convocou uma reunião de emergência da OUA em Dar es Salaam, que aconteceu no dia 12 de fevereiro, onde se mostrou consternado com o rumo que as coisas haviam tomado. O seu discurso foi reproduzido pela *Mozambique Revolution*:

> Para a África, a Tanganica é um "estado fronteira". Em virtude disso, os escritórios do Comitê de Libertação da OUA estão situados em nossa capital. Além disso, nós temos muitos guerrilheiros de MOÇAMBIQUE e do sul da África organizando seus assuntos nesse país. [...] E embora não haja nada a esconder na Tanganica, a situação é obviamente explorável. Eu falei que Portugal já se queixou de que a Grã-Bretanha não usou a presença das suas tropas para lhes dizer o que se passa aqui. Finalmente, há o fato de que os inimigos da Libertação Africana continuarão a zombar da África enquanto qualquer Estado Africano depender de tropas externas para proteger seus cidadãos. Eu não aceitaria nem por um momento que isso nos deixasse com medo de tomar as decisões que são necessárias, nem que devíamos, portanto, dar livre curso à subversão ou à desordem se nossos próprios recursos não estiverem à altura da tarefa de lidar com isso. Mas o efeito do motim em Tanganyika sobre eventos em territórios da parte sul da África é algo que exige outra consideração por parte dos Estados africanos.[684]

[682] As ilhas de Zanziabar eram repletas de tensões raciais antes da revolução. A maioria de seus cidadãos eram africanos, mas as minorias de origem árabe e asiática também representavam parcela considerável da população. Eram os árabes que concentravam o maior número de terras, constituindo uma elite local – eles eram percebidos como o grupo mais associado ao Sultão deposto em 1964. Assim sendo, com o despertar revolucionário liderado por nacionalistas africanos no país iniciaram-se sucessivos episódios de violência e perseguição às minorias árabes de Zanzibar, colocando a questão da "africanização" em sua vertente mais radical na ordem do dia da região. Sobre isso, ver: BURGESS, 2009.

[683] Bjerk (2015) apresenta uma descrição detalhada de todos os acontecimentos em torno desse motim, abordando o seu andamento diário.

[684] NYERERE *apud Editorial*. **Mozambique Revolution**, n. 4, março de 1964, p. 2, t. n. No original: "For Africa, Tanganyika is a 'border state'. By virtue of that fact the headquarters of the Liberation Committee of the OUA is situated in our capital. In addition we have many Freedom Fighters from MOZAMBIQUE and Southern Africa organizing their affairs in this country. [...] And although there is nothing to hide in Tanganyika, the situation is obviously exploitable. I am told that Portugal has already complained that Britain has not used the presence of her troops to tell them what is going on here. Finally, there is the fact that the enemies of African Liberation will continue to mock at Africa while any African State relies on

Julius Nyerere percebia os riscos que os eventos recentes representavam a si mesmo. Ao atingir em cheio a região a partir de Zanzibar, as tensões da Guerra Fria traziam consigo uma série de perigos. A presença de revolucionários notoriamente alinhados aos países socialistas entre os líderes de Zanzibar e a retórica racial radical assumida durante os acontecimentos nas ilhas eram perigosos para ele, que buscava promover um regime moderado, autônomo em relação às superpotências, e afastado do discurso racial extremado. Tão alarmante quanto isso era a atenção ocidental negativa que o processo como um todo atraía, tornando maiores os interesses das três superpotências na África Oriental. Ao perceber-se como dirigente de um "estado fronteira", ele se mostrava ciente do "alvo" que seu país adquiria naquele contexto, e pontuava a garantia de sua segurança, autonomia e independência como assuntos africanos.

Ao comentar esse discurso, a *Mozambique Revolution* mencionava com satisfação a coragem de Nyerere em assumir as responsabilidades que essa situação demandava, exaltando o auto sacrifício que era receber os movimentos anticoloniais em seu território nesse contexto. "O presidente Nyerere deu a todos os africanos duas advertências: primeiro, devemos afastar nossas ambições pessoais e nos entregar completamente, com coragem, à luta pela libertação. Em segundo lugar, que a unidade africana, e somente a unidade africana, pode libertar a África."[685] Ao enfatizar a retórica de "luta pela libertação" e de "unidade africana" presentes no discurso, a FRELIMO mobilizava conceitos úteis para si mesma, na expectativa de que esses processos resultassem em um fortalecimento da soberania e da unidade no continente, que se converteriam em mais apoio a sua causa.

Esses se mostraram realmente elementos-chave na sequência dos acontecimentos. O aumento do interesse estrangeiro na África Oriental ao longo dos meses seguintes à Revolução de Zanzibar manteve o presidente da Tanganica em alerta. Seu principal objetivo era garantir a soberania da região, mantendo as potências estrangeiras distantes de seus postos de poder e fortalecendo o nacionalismo africano de seus líderes. Ele logo

---

outside troops to safeguard its citizens. I would not for one moment accept that this should make us frightened to take decisions which are necessary, nor that we should therefore give free reign to subversion or disorder if our own resources are unequal to the task of dealing with it. But the effect of mutiny in Tanganyika on events in territories of Southern part of Africa is something which calls for other consideration by African States".

[685] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 4, março de 1964, p. 2, t. n. No original: "President Nyerere gave all africans two admonitions: First,we must push away our personal ambitions and give ourselves completely, with courage, to the fight for liberation. Second, that African unity and African unity alone, can liberate Africa".

aproximou-se de Abeid Karume, o líder revolucionário zanzibari do ASP mais alinhado a essa retórica, com quem negociou a unificação entre seus estados, dando origem a República Unida da Tanzânia no dia 26 de abril de 1964.[686] Em viagem a Moscou quando a união foi anunciada, Mondlane e Marcelino dos Santos foram pegos de surpresa.[687] A *Mozambique Revolution* não chegou a comentar o assunto em 1964, talvez devido as incertezas em torno do processo. Um ano depois, entretanto, quando a República Unida completava seu primeiro aniversário, a revista oficial da FRELIMO publicava uma mensagem direcionada a Julius Nyerere:

> O imperialismo tenta por todos os meios dividir o continente africano como um passo preliminar para controlar e dominar as nações da África. Muitos países africanos se deixaram enganar por essas manobras imperialistas. Eles não entendem que, estando divididos, são presas fáceis do imperialismo, porque lhes falta a solidez e a força que só a Unidade pode dar. Neste contexto, todas as manifestações de unidade entre os países africanos têm um significado especial. A União de Tanganica e Zanzibar frustra as expectativas daquelas potências para as quais a Unidade na África constitui um obstáculo mais sério para seus objetivos de exploração e dominação.[688]

Ao celebrar as conquistas da Unidade Africana representada pela criação da República Unida da Tanzânia, a FRELIMO destacava a sua capacidade de reforçar a soberania dos países africanos e a sua resistência aos esforços imperialistas de dominar o continente. Considerando os objetivos da Frente de manter uma política externa independente e anti-imperialista no cenário internacional, certamente essa sinalização era positiva. Os esforços de Nyerere não eram suficientes, entretanto, para manter o seu país livre das tensões daquele contexto por muito tempo. Uma série de acontecimentos nos meses seguintes ao anúncio fizeram as rivalidades do período atingir com força a Tanzânia, implodindo de uma vez por todas a boa imagem que ele havia conquistado no ocidente. Isso porque ao criar a República Unida ele havia evitado a presença de potências socialistas em Zanzibar trazendo para o governo em Dar es Salaam os seus revolucionários mais influentes. Ao acomodar esses indivíduos em seu gabinete, ele

---

[686] Sobre o processo que culminou na criação da República Unida da Tanzânia, ver: SANDERS, 2014; SHIVJI, 2008; BJERK, 2015.

[687] Sobre a viagem de Mondlane e Marcelino dos Santos à Moscou e as repercussões da unificação entre Tanganica e Zanzibar entre os soviéticos, ver o Capítulo 4.

[688] *Union Day Message*. **Mozambique Revolution**, n. 17, abril de 1965, p. 9, t. n. No original: "Imperialism attempts by all means to divide the African continent as a preliminary step to controlling and dominating the nations of Africa. Many African countries let themselves be deceived by these imperialistic manoeuvres. They do not understand that, being divided, they are easy prey for Imperialism, because they lack solidity and the force that only Unity can give. In this context, all manifestations of Unity among the African countries have a particular significance. The Union of Tanganyika and Zanzibar frustrates the expectations of those powers for whom Unity in Africa constitutes a most serious obstacle to their aims of exploitation and domination".

trilhava caminhos perigosos aos olhos de observadores estrangeiros – e as intrigas e os boatos da Guerra Fria criados a partir disso foram explosivos para a política externa da República Unida.[689]

Se até 1964 os principais parceiros econômicos da Tanganica eram Estados Unidos, Alemanha Ocidental e Reino Unido, até 1966 a relação com as três potências capitalistas havia sido corroída.[690] A crise com a Alemanha Ocidental se deu como efeito imediato do processo de unificação da Tanzânia – logo depois da revolução, Zanzibar reconheceu e foi reconhecido diplomaticamente pela Alemanha Oriental. A criação da República Unida trouxe consigo então um dilema, pois a "Doutrina Hallstein"[691] impossibilitava que qualquer país estabelecesse relações com as duas repúblicas alemãs. Ainda que Nyerere tenha tentado remediar a situação em um primeiro momento, rebaixando o *status* da representação da Alemanha Oriental para evitar o conflito com a Alemanha Ocidental, ele não tolerou as ameaças dos últimos de cortar seus investimentos na Tanzânia caso os representantes da Alemanha Oriental não fossem expulsos, tomando de antemão a decisão de romper as relações econômicas com o país ocidental.[692] A FRELIMO enviou uma mensagem em apoio a decisão que foi anexada na *Mozambique Revolution* de fevereiro de 1965*:*

> A FRELIMO em nome de todos os moçambicanos saúda vossa excelência pela ousada posição em recusar a humilhação e o bullying ditados pelo imperialismo da Alemanha Ocidental. Sua política de adesão ao não-alinhamento e a independência na defesa e integridade da Tanzânia recebe completamente nosso inabalável suporte. Nós garantimos a sua excelência nossa completa solidariedade.[693]

O início de sua Luta Armada em setembro de 1964 significou uma escalada na retórica revolucionária da FRELIMO e a fragilização das conexões ocidentais de Mondlane, e observar as tensões que envolviam seu país anfitrião com as potências capitalistas potencializavam isso ainda mais. As suas reivindicações nessa altura já não consideravam a possibilidade de demover os países ocidentais de suas posições políticas,

---

[689] SANDERS, 2014; SHIVJI, 2008; ROBERTS, 2016; BJERK, 2015.
[690] CROUCH, 1987; BJERK, 2015.
[691] A "Doutrina Hallstein" foi um princípio da política externa da Alemanha Ocidental entre 1955 e 1970 que estabelecia que o país era o único representante da Alemanha internacionalmente, e que, portanto, não manteria relações com qualquer um que reconhecesse a Alemanha Oriental. Sobre isso, ver: ROBERTS, 2018; HANHIMAKI, 2010; GRAY, 2003.
[692] SANDERS, 2014; SHIVJI, 2008; ROBERTS, 2016; BJERK, 2015; ROBERTS, 2018.
[693] *Sem título.* **Mozambique Revolution**, n. 15, fevereiro de 1965, p. 9, t. n. No original: "FRELIMO on behalf all mozambicans hails your excellency's bold stand refusing humiliation dictation bullyng by West Germany imperialism. Your adherence policy non-alignment and defense independence and integrity of Tanzania receives completely our unflinching support. We assure your excellency complete solidarity".

mas, pelo contrário, buscavam abalar suas imagens e conquistar a opinião pública internacional contra os governos desses países.[694] Assim, o movimento anticolonial não tardou em incendiar as tensões do período e denunciar as mazelas produzidas pela Alemanha Ociental e por todos os demais países "imperialistas", se colocando ao lado de Julius Nyerere e reforçando a importância de uma política anti-imperialista no continente africano. Essa retórica se repetiu nas páginas da *Mozambique Revolution* ao comentar as tensões da Tanzânia com os EUA entre 1965 e 1966;[695] bem como ao noticiar a decisão de Nyerere de romper as relações diplomáticas com o Reino Unido em 1966.[696]

Assim sendo, está claro que a FRELIMO se utilizou da grande crise diplomática que atingiu a relação da Tanzânia com as potências ocidentais no sentido de validar sua própria retórica anti-imperialista e inflamar os agentes em questão a favor de suas pautas. Em meados de 1965, no calor dessa crise diplomática, a *Mozambique Revolution* número 20 publicava uma entrevista com Eduardo Mondlane na qual ele foi questionado sobre os rumos da política externa moçambicana depois da conquista da independência – sua inspiração nos caminhos trilhados pela Tanzânia era declarada:

> A respeito disso, eu acho que é fácil. Nós vamos seguir principalmente a mesma linha que, digamos, a Tanzânia está seguindo. Nós seremos um Estado Africano independente, não-alinhado no mesmo sentido que a Tanzânia é, e faremos amizade com qualquer país com o qual tenhamos um interesse em comum e uma política em comum. Nós tentaremos trabalhar o mais rápido possível pela unidade da África. Uma unidade natural, regional é viável, e nós nos uniremos com outros Estados Africanos da mesma forma que a Tanganica se uniu com Zanzibar.[697]

---

[694] Sobre a retórica anti-imperialista da FRELIMO, ver o Capítulo 3.4.

[695] As tensões que abateram as relações de Estados Unidos e Tanzânia foram ditadas por intrigas e dinâmicas típicas da Guerra Fria. A questão começou com a interceptação em novembro de 1964 de uma carta supostamente de um oficial americano à um mercenário, oferecendo a ele suporte financeiro para promover um golpe contra o governo do país. Óscar Kambona, no posto de presidência durante uma viagem de Nyerere, decidiu imprimir no jornal local *The Nationalist* a carta completa e expor as conspirações para o público. O episódio deu início a uma grande crise diplomática, na qual os EUA alegavam que a carta teria sido forjada. Ainda que Nyerere tenha aceitado as desculpas americanas em dezembro daquele ano, o episódio abriu espaço para desconfianças que só se intensificaram em fevereiro de 1965, quando um oficial da inteligência de Zanzibar interceptou uma chamada telefônica entre os diplomatas americanos Frank Carlucci e Robert Gordon, onde eles supostamente tramavam um golpe contra Abeid Karume no governo das ilhas. Os dois oficiais americanos foram imediatamente expulsos do país, e as suspeitas de Nyerere contra a superpotência americana se tornaram cada vez maiores a partir daí. Sobre isso, ver: SANDERS, 2014; SHIVJI, 2008; ROBERTS, 2016; BJERK, 2015; GLEIJESES, 2011.

[696] No caso do Reino Unido as tensões estiveram relacionadas com a declaração unilateral de independência pela Rodésia do Sul em novembro de 1965, apresentada na nota de rodapé 476. Apesar do governo britânico ter condenado esse ato internacionalmente, várias lideranças africanas ficaram insatisfeitas por esperar atitudes mais enérgicas do país. A inatividade e complacência britânica em relação a esse episódio enraiveceu Julius Nyerere, que se juntou a outros nove governantes africanos no ato de romper ligações com sua antiga metrópole. Sobre isso, ver: WATTS, 2012; PALLOTTI, 2009; SANDERS, 2014; SHIVJI, 2008; ROBERTS, 2016; BJERK, 2015.

[697] *Interview with the President of FRELIMO*. **Mozambique Revolution**, n. 20, julho/agosto de 1965, p. 3-4, t. n. No original: "In this respect, I think it is easy. We will follow mainly the same lines as, say, Tanzania

Ao enfatizar a política externa independente, pan-africanista e não-alinhada da Tanzânia, Eduardo Mondlane se associava aos acontecimentos recentes no país. Ainda que Nyerere se mostrasse um moderado na arena internacional e buscasse independência e boas relações com as superpotências, assim como o próprio Mondlane, em meados de 1965 a escalada anti-imperialista já era evidente tanto na FRELIMO quanto na República Unida, atingindo as relações de ambos com as potências capitalistas. – Ao associar-se à política externa do país, ele declarava ao mesmo tempo insubmissão às potências estrangeiras e reverência a sua forma de Unidade Africana.

Para além da política externa, a FRELIMO também se conectou com os rumos domésticos da Tanzânia. A chegada dos revolucionários zanzibaris ao governo em Dar es Salaam representou o início gradual de reformas no país em direção a uma via-socialista de partido-único.[698] A publicação oficial do movimento anticolonial moçambicano esteve atenta a isso, exaltando de maneira esperançosa os seus avanços. Em dezembro de 1964, enquanto denunciava as investidas imperialistas contra o governo local, a *Mozambique Revolution* destacava que elas se davam em resposta aos avanços progressistas do país – "O Plano de Desenvolvimento que agora está em vigor e do qual todos os cidadãos participam plenamente é o único caminho para alcançar o objetivo há muito desejado, que levou as massas a lutar resolutamente contra o colonialismo neste país"[699].

Meses depois, em março de 1965, a revista noticiava a realização do congresso anual da *Nation Union of Tanganyika Workers*[700] (NUTA), associada ao regime da

is following. We will be an independent African state, non-aligned in the sense that Tanzania is, and we will make friends with any country with which we feel we have a common interest and a common policy. We will try to work as fast as possible for the unity of Africa. A natural, regional unity is feasible, and we will unite with other African states in the same way Tanganyika united with Zanzibar".

[698] Se só em 1967 Nyrere lançou oficialmente o socialismo no país através da "Declaração de Arusha", já em 1964 ele começava a promover as primeiras reformas no estado nessa direção. Após o motim que assombrou o país, ele criou o *National Youth Service*, um exército em substituição aos *Tanganyika Rifles* de outrora que tinha como característica a sua politização e inspiração no maoismo chinês. Além disso, o governante acelerou o processo de estabelecimento de um sistema de partido-único no país, inseriu quadros da TANU em setores estratégicos da sociedade, e trouxe instituições religiosas, sindicais, movimentos estudantis e feministas cada vez mais para uma aliança com o partido político no poder. Sobre isso, ver; BJERK, 2015; BJERK, 2017; SHIVJI, 2008.

[699] *Sem título.* **Mozambique Revolution**, n. 13, dezembro de 1964, p. 6, t. n. No original: "The Development Plan which is now in operation and in which every citizen fully participates,is the only road to achieve the long desired goal which led the masses to fight resolutely against colonialism in this country".

[700] A questão sindical e o engajamento trabalhista são elementos associados a TANU desde antes da independência da Tanganica. Entretanto, foi só a partir do motim militar que assolou o país, e do avanço de Nyerere rumo ao socialismo que se seguiu a ele, que as organizações sindicais foram de fatos cooptadas pelo partido. Isso se deu através da *Nation Union of Tanganyika Workers* (NUTA) – criada para unificar todas essas organizações em uma instituição guiada e controlada pela TANU, e utilizada como um braço de seu projeto nacional. Sobre isso, ver: BJERK, 2015; ROBERTS, 2016.

TANU. O texto mencionava a importância dos sindicatos para o progresso dos países, aprovando as práticas políticas do partido no governo da Tanzânia. "É através de um esforço comum e consciente de todos os trabalhadores que as condições para a construção de uma estrutura econômica e social pode ser criada"[701], frisava. "Essa estrutura já foi criada na Tanzânia devido ao trabalho da NUTA, estimulado o nível de consciência política nos trabalhadores, dando a eles consciência de sua dignidade, estimulando o interesse deles pelo seu trabalho, fazendo eles sentirem que estão trabalhando para o desenvolvimento de seu país"[702]. Assim, a FRELIMO se colocava alinhada ao projeto de desenvolvimento nacional do seu país anfitrião, demonstrando admiração pelas estruturas que estavam sendo criadas. Elas seriam "um passo importante para a vitória do socialismo em África"[703], concluía o texto. Já no início de 1966, quando Nyerere foi eleito presidente da República Unida e teve seu poder confirmado e reforçado para continuar levando adiante as mudanças em andamento, Eduardo Mondlane lhe enviou uma mensagem de felicitação, pontuando que isso só poderia significar que "o povo da Tanzânia deseja realizar as suas aspirações por progresso e bem-estar"[704].

Assim sendo, quando em fevereiro de 1967 a "Declaração de Arusha" redefiniu os rumos da política nacional e implantou a *Ujamaa* como uma política de Estado, ela não pegou a FRELIMO de surpresa. Os moçambicanos haviam acompanhado de perto a evolução da retórica revolucionária no país, e se viram tocados por suas novas diretrizes. "Ela vai determinar a independência econômica da Tanzânia e de todos os outros países que seguirem ela"[705], se referia a *Mozambique Revolution* em relação a declaração. Ao adotar uma retórica de "Socialismo Africano" a República Unida reforçava ainda mais a retórica anti-imperialista, anticolonialista e favorável a Unidade Africana que haviam guiado o seu apoio aos movimentos anticoloniais:

> A Tanzânia nunca teve problemas em relação ao papel que deveria desempenhar na libertação da África, pois, apesar de suas dificuldades

[701] *Annual Congress of...* **Mozambique Revolution**, n. 16, março de 1965, p. 12, t. n. No original: "It is through a common and conscious effort of all workers that the conditons for the construction of an economic and social structure can be created".
[702] *Annual Congress of...* **Mozambique Revolution**, n. 16, março de 1965, p. 12, t. n. No original: "That structure has already been created in Tanzania due to the work of NUTA, raising the level of political consciousness in the workers, giving them awareness of their dignity, stimulating their interest in their work by making them feel that they are working for the development of their country".
[703] *Annual Congress of the National Union of Tanganyika Workers.* **Mozambique Revolution**, n. 16, março de 1965, p. 12, t. n. No original: "an important step for the victory of socialism in Africa".
[704] *His excellency Julius...* **Mozambique Revolution**, n. 23, dezembro/fevereiro de 1965-1966, p. 16, t. n. No original: "The people tanzania wish to realise their aspirations for progress and well-being".
[705] *African Day Statement.* **Mozambique Revolution**, n. 28, maio de 1967, p. 13, t. n. No original: "it will determine the economic independence of Tanzania and of all other countries which will follow her".

> materiais, sempre soube interpretar suas políticas de uma maneira que favoreceu e apoiou a luta. Esta atitude revolucionária atingiu um ponto alto na Declaração de Arusha, que apoiamos de todo o coração, pois veio em um momento crucial de nossa luta. Este ano o governo da Tanzânia anunciou que estava pronto para lutar lado a lado com seus irmãos moçambicanos se foram considerados necessários, mas que o governo da Tanzânia acredita que o papel que até agora desempenha é suficiente e que o próprio povo moçambicano é capaz de cuidar do inimigo.[706]

A retórica socialista na Tanzânia estava atrelada ao apoio que se prestava aos movimentos anticoloniais, e à convivência com um regime tão disruptivo, voluntarioso e original quanto o tanzaniano se fazia sentir no interior da FRELIMO. Claro que questões pragmáticas criavam eventualmente conflitos.[707] Mas a aliança forjada entre ambas as partes era forte – o próprio Mondlane reconhecia isso ao declarar inspiração no regime de seu país anfitrião em contraposição às superpotências do período. Anders Johnson, um dos primeiros jornalistas autorizados pela Frente a visitar as zonas libertadas na companhia de Eduardo Mondlane em 1968, publicou um texto sobre o evento no jornal sueco *Sunday News* do dia 1 de setembro daquele ano, anexado na *Mozambique Revolution* número 35. Consta na matéria um trecho de uma entrevista com o presidente da FRELIMO – "Muito provavelmente nós construiremos um estado socialista"[708], ele declarava. "Mas não será um estado como a União Soviética ou a China. A Tanzânia é

[706] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 30, agosto/setembro de 1967, p. 5, t. n. No original: "Tanzania has never had any problems as to the role she should play in the liberation of Africa, for, inspite of her material difficulties, she has always known how to interpret her policies in a manner that has favoured and supported the struggle. This revolutionary attitude reached a high point in the Arusha Declaration, which we wholeheartedly support, as it came at a crucial time in our struggle. This year the Tanzanian government announced that she was ready to fight side by side with her Mozambican brothers if it were felt necessary, but that the government of Tanzania believes that the role that she is so far playing is sufficient and that the Mozambican people themselves are capable of taking care of the enemy".

[707] Ao longo dos anos, o Comitê Central da FRELIMO foi hábil em garantir a manutenção do apoio de Julius Nyerere e se manter em sintonia com seu país anfitrião. Sua existência na Tanzânia, entretanto, trazia questões pragmáticas que muitas vezes se convertiam em problemas. Por exemplo, em 1964, no calor dos acontecimentos revolucionários em Zanzibar, o porto de Dar es Salaam passou a embargar a entrada de armas, o que atrasou os preparativos para a guerra em Moçambique e causou problemas internos no movimento anticolonial, que era pressionado para iniciar suas atividades de guerrilha o quanto antes. A questão do controle sobre a entrada de armas no país foi na verdade um problema permanente nas preocupações moçambicanas – Mondlane queixava-se das autoridades locais aos oficiais soviéticos, reclamando que nem todas as entregas enviadas chegavam às mãos de seus guerrilheiros. O controle sobre as pessoas que tinham acesso aos campos de refugiados e de treinamentos militares também causou tensões entre a FRELIMO e às autoridades locais – ao refutar a ação de europeus no país depois da Declaração de Arusha, o governo da Tanzânia entrava em atrito com a Frente, que possuía diversos agentes estrangeiros atuando junto às suas populações. Assim sendo, ainda que a relação estabelecidas entre ambas as partes fosse de aliança, ela acarretava uma série de desafios que nem sempre eram fáceis de serem superados. Sobre isso, ver: TELEPNEVA, 2021; SHUBIN, 2008; TAGUE, 2021; COSTA, 2019; ROBERTS, 2017.

[708] *In Mozambique with FRELIMO.* **Mozambique Revolution**, n. 35, junho/setembro de 1968, p. 9, t. n. No original: "In all probability, we will build a socialistic state".

nosso exemplo e fonte de inspiração"[709]. Em um mundo tomado pelas rivalidades da Guerra Fria, era ao "Socialismo Africano" que o moçambicano buscava se vincular. O que está oculto nessa citação, entretanto, é que ao buscar inspiração na República Unida ele sinalizava também uma forte influência maoísta em seu movimento anticolonial.

5.2. A FRELIMO VAI À CHINA

Imersa no contexto da Tanzânia, a FRELIMO viu de perto a chegada da China ao continente africano. É bem verdade que a República Popular havia sinalizado suas primeiras aproximações com a África já no período imediatamente pós-Bandung. Todavia, condicionada pela influência soviética, e posteriormente pela crise econômica gerada pelo "Grande Salto Adiante"[710], seus movimentos até o início da década de 1960 foram tímidos. A partir de 1963, entretanto, um novo cenário se desenhou: recém-saída da grande crise econômica e imersa em sua rivalidade com os soviéticos, a China estava ávida por conquistar novos parceiros e sair do isolamento internacional em que se encontrava – os países outrora colonizados ou que lutavam por suas independências se mostravam um terreno fértil para a conquista desses objetivos.[711]

Foi com essa perspectiva que o primeiro-ministro chinês Zhou Enlai e o ministro das relações exteriores Chen Yi realizaram um grandioso *tour* pela África entre os dias 13 de dezembro de 1963 e 5 de fevereiro de 1964, passando por Egito, Marrocos, Tunísia, Gana, Mali, Guiné-Conacry, Sudão, Etiópia e Somália. Sua meta era divulgar a imagem da China como uma alternativa não-hegemônica no contexto da Guerra Fria, que se contrapunha ao "imperialismo" tanto dos Estados Unidos quanto da União Soviética, sendo muito mais identificada e adaptável as realidades dos países de "Terceiro Mundo"

---

[709] *In Mozambique with FRELIMO.* **Mozambique Revolution**, n. 35, junho/setembro de 1968, p. 9, t. n. No original: "but it will not be a state like Soviet or China. Tanzania is our example and source of inspiration".

[710] O "Grande Salto Adiante" foi uma campanha social e econômica promovida pelo Partido Comunista Chinês entre 1958 e 1962 que tinha por objetivo alavancar o desenvolvimento socialista do país, saltando etapas em direção ao comunismo. Suas políticas incluíam a criação compulsória de cooperativas rurais, a planificação rígida da economia, a industrialização agrícola, e a pressão social e política por incremento da produção e pelo engajamento individual no trabalho. Seu resultado foi um grande fracasso, levando milhões de pessoas a morte por desnutrição, e a economia chinesa ao colapso. Esse processo também foi responsável por criar desconfianças sobre o governo de Mao Tsé-Tung, que reagiu centralizando cada vez mais o poder em torno de si e promovendo grandes expurgos – o que desaguou na Grande Revolução Cultural no final da década. Sobre isso, ver: DIKOTTER, 2017; GRASSO; CORRIN; KORT, 1997; MITTER, 2004; POMAR, 2003.

[711] Sobre os aspectos mais gerais da política externa chinesa e sua aproximação com os países de África, Ásia e América Latina, ver: LOVELL, 2019; FRIEDMAN, 2015; CHAU, 2014; TAYLOR, 2006; BRAZINSKY, 2017.

do que os regimes "brancos" das superpotências.[712] Durante a viagem, em sua passagem por Gana, Zhou enunciou os oito princípios para ajuda externa chinesa no dia 15 de janeiro de 1964, enfatizando a "ajuda baseada em reciprocidade e igualdade, respeito pela soberania, crédito sem juros, provisões de equipamentos de alta qualidade, formação de quadros técnicos locais, e qualidade de vida para os especialistas chineses que não excedesse a dos seus pares locais"[713]. A partir desses pilares, a China deu início a uma nova fase em sua relação com os países africanos, se tornando definitivamente uma alternativa atraente aos seus olhos.[714]

As decisões internacionais chinesas nesse período eram centradas no Ministério de Relações Exteriores. Suas funções incluíam a atuação política perante lideranças estrangeiras, atores políticos internacionais e diplomatas. Eles coletavam e analisavam informações, apresentavam propostas de cooperação com os países amigos, negociavam com suas lideranças, e ofereciam bolsas de estudos na China, enviando também seus estudantes para o exterior – firmando assim conexões transnacionais sólidas. Seus recursos e estruturas eram mais limitados do que os de suas contrapartes nos EUA e na URSS, mas isso não impedia que eles conseguissem oferecer alternativas atraentes a muitos países. Essas estruturas eram lideradas por Chen Yi, que era subordinado à Zhou Enlai, e em última instância ao próprio Mao Tsé-Tung. O Comitê da Paz e o Instituto de Relações Exteriores eram as duas estruturas sob essa cadeia de comando responsáveis por receber atores não-estatais estrangeiros, e por aconselhar, armar e treinar membros dos movimentos anticoloniais na China.[715]

Foi nesse contexto que a Frente de Libertação de Moçambique estreitou seus laços com a superpotência governada por Mao Tsé-Tung. As primeiras viagens de seus representantes ao país se deram ao longo de 1963, ainda antes do *tour* de Zhou Enlai e Chen Yi pelo continente africano. – Entre os dias 27 de novembro e 7 de dezembro daquele ano, às vésperas do embarque dos oficiais chineses à África, foi a vez de Eduardo Mondlane desembarcar em Pequim para sua viagem de estreia entre as superpotências

[712] Alguns elementos desse modelo alternativo apresentado pela China, intrinsecamente relacionados à FRELIMO, serão mais bem desenvolvidos na sequência desse capítulo. Para uma visão geral sobre o assunto, ver: LOVELL, 2019; FRIEDMAN, 2015; CHAU, 2014; TAYLOR, 2006; COOK, 2014; JIAN, 2001; LUTHI, 2010; ANDERSON, 2018.
[713] FRIEDMAN, 2019, p. 117-118, t. n. No original: "aid based on mutuality and equality, respect for sovereignty, interest-free credits, provision of top-quality equipment, training of local technical cadres, and living standards for Chinese experts not to exceed their local counterparts".
[714] LOVELL, 2019; FRIEDMAN, 2015; CHAU, 2014; TAYLOR, 2006; COOK, 2014; JIAN, 2001; LUTHI, 2010.
[715] FRIEDMAN, 2019.

socialistas como presidente da FRELIMO.[716] Ele se encontrou lá com Marcelino dos Santos, que havia chegado alguns dias antes. Essa viagem foi noticiada pela *Mozambique Revolution* em janeiro de 1964:

> Ambos os irmãos Dos Santos e Mondlane foram convidados à China pelo *Peking Institute of Foreign Affairs.* O irmão Mondlane visitou um número de instituições educacionais, econômicas e sociais em Pequim e em seu entorno. Ele notou que o povo chinês avançou em passos largos para melhorar sua sociedade, especialmente nos campos educacional e econômico. Ele ficou positivamente impressionado pela sua determinação em "puxar a si mesmos pelos cadarços"[717]. Ele ficou interessado no seu uso do potencial humano especialmente na indústria e na agricultura. Ele deixou a China convencido de que a luta histórica do povo chinês tem relevância para a luta atual dos povos da África.[718]

Ao destacar os avanços da sociedade chinesa observados por Mondlane, e, particularmente, o engajamento individual do povo em promover esses avanços, a FRELIMO apontava a China como um exemplo a ser seguido pelos moçambicanos em luta contra o colonialismo. Uma conversa de Marcelino dos Santos com o próprio Mao Tsé-Tung é reportada no texto, onde o fator "anti-imperialista" e "anticolonialista" da superpotência ganha destaque, bem como a própria busca por suporte no país:

> O irmão Marcelino DOS SANTOS, secretário de relações exteriores, visitou a China para iniciar conversações sobre os problemas de nossa e expressar nossa gratidão com o povo da China por sua solidariedade conosco contra o imperialismo e o colonialismo. O irmão DOS SANTOS teve uma conversa cordial com o líder Mao Tsé-TUNG. Ele sublinhou ao povo chinês a situação em nosso país, nossas dificuldades e as necessidades na luta revolucionária.[719]

É curioso perceber que Marcelino dos Santos foi a única liderança da FRELIMO a ter se encontrado com o líder da Revolução Chinesa na ocasião. Àquela altura a fama

---

[716] JESUS, 2016.

[717] A expressão em inglês "pull themselves by their bootstreps" (em tradução livre, "puxar a si mesmos pelos cadarços") significa que alguém – o povo chinês, no caso – está assumindo a tarefa de "saltar etapas", ou de alcançar metas grandiosas.

[718] *Mozambican Leaders Visting China*. **Mozambique Revolution**, n. 2, janeiro de 1964, p. 9, t. n. No original: "Both brothers Dos Santos and Mondlane had been invited to China by the Peking Institute of Foreign Affairs. Brother Mondlane visited a number of educational, economic and social institutions in and around Peking. He noted that the Chinese people had taken great strides to improve their society,especially in educational and economic fields. He was positively impressed by their determination to pull themselves by their bootstraps. He was interested in their use of manpower especially in industry and agriculture. He left China convinced that the historical struggle of the Chinese peoples has relevance to present struggle of the peoples of Africa".

[719] *Mozambican Leaders Visting China.* **Mozambique Revolution**, n. 2, janeiro de 1964, p. 9, t. n. No original: "Brother Marcelino DOS SANTOS, Secretary for External Affairs visited China to initiate conversations concerning the problems of our struggle and to express our gratitude towards the people of China for their solidarity with us against imperialism and colonialism. Brother DOS SANTOS had a cordial talk with Chairman Mao Tse TUNG. He outlined to the Chinese people the situation in our country, our difficulties and our needs in the revolutionary struggle".

de Mondlane como agente do imperialismo norte-americano possivelmente já havia chegado à Pequim, o que pode ter tido um peso importante, considerando que o "anti-imperialismo" era um dos pilares da política maoísta; além disso, Marcelino dos Santos era conhecido no país desde tempos mais remotos, e percebido como alguém mais alinhado com a sua ideologia;[720] ademais, ele também era representante da CONCP, que agregava movimentos anticoloniais como o PAIGC e o MPLA, os quais já haviam iniciado suas guerras anticoloniais e estabelecido relações com os chineses. Posto isso, Dos Santos se credenciava como uma liderança mais legítima aos olhos das autoridades da China, e teve uma recepção com mais louros quando observada a partir dos padrões locais – ter um encontro com Mao era muito significativo, e demonstra que ele era respeitado por lá.[721]

Eduardo Mondlane, por outro lado, teve uma recepção de "nível 2" pelas autoridades do país, encontrando-se com representantes do segundo escalão do governo. Encontrou-se, por exemplo, com os vice-presidentes Dong Bi Wu e Soong Ching-ling, com diretor assistente do Departamento Africano do Ministério das Relações Exteriores Xie Feng, com o secretário-geral assistente do Comitê Chinês de Solidariedade Afro-Asiática Yang Chi, e com Hu Yu Chi e Wu Xiao Da, vice-presidente e vice-secretário-geral do Instituto de Relações Exteriores, respectivamente. Ele não encontrou, entretanto, com as lideranças máximas de nenhuma dessas instituições, nem com Mao, Zhou Enlai ou Chen Yi, recebendo uma recepção de nível inferior em comparação com outras lideranças anticoloniais que visitavam o país – o que pode ser indicativo da resistência a ele pelas autoridades locais devido às suas conexões transnacionais.[722]

Essa diferença de tratamento, todavia, não impediu o presidente da FRELIMO de desfrutar da viagem. Segundo Janet Mondlane, em entrevista a Jesus (2016), aqueles dias causaram uma impressão profundamente positiva em seu marido. O engajamento popular nas transformações que se davam na China teria sido um fator a lhe causar admiração, bem como a combinação entre modernidade e cultura milenar. Ele visitou museus, fábricas, centros educativos e – especialmente – academias militares. Além de promover o nome da Frente Anticolonial entre os chinesas, ele também utilizava aquela viagem para

[720] Sobre os primeiros passos de Marcelino dos Santos na China e no mundo socialista, ver o Capítulo 1.
[721] JESUS, 2016.
[722] JESUS, 2016.

reforçar a procura por suporte no país para uma Luta Armada que naqueles tempos já se mostrava inevitável.[723]

De fato, uma oferta de apoio militar foi apresentada pelos chineses na ocasião. Essa proposta, entretanto, não agradou a Eduardo Mondlane em um primeiro momento. Em visita a Embaixada dos Estados Unidos em Dar es Salaam ele afirmou que ela acompanhava "certas demandas incompatíveis com a independência de um movimento nacionalista"[724]. Ainda que a natureza dessas demandas não esteja declarada no documento, fontes escutadas por Cabrita (2000) afirmam que os chineses exigiam à FRELIMO cortar os laços com União Soviética e Estados Unidos, o que vai ao encontro da retórica "anti-imperialista" e "anti hegemônica" do país naquele período. Isso feria, entretanto, o princípio de independência da Frente, conforme Mondlane explicitou. Formada a partir de uma coalisão muito diversa de forças, a FRELIMO via como um trunfo sua disposição de conseguir apoio nos diferentes lados da Guerra Fria, e tinha isso como um princípio inegociável da sua luta anticolonial.

A China estava ávida, por sua vez, para influenciar os movimentos anticoloniais e a revolução no continente africano, e não desistiria tão facilmente de uma aproximação com a FRELIMO. Quando ocorreu a Revolução de Zanzibar em janeiro de 1964 o país percebeu o evento como uma oportunidade para criar raízes mais profundas em uma região vista como estratégica, e a Frente era uma peça importante para isso. A partir dali as pressões sobre Mondlane pelos chineses para aceitar suas ofertas de apoio se intensificaram, somando-se a facções internas do próprio movimento que também o pressionavam no mesmo sentido.[725]

Em alguma medida essas pressões tiveram efeito. Ainda naquele ano a China passou a prestar um suporte substantivo à FRELIMO. Filipe Samuel Magaia, o principal comandante militar da Frente, chefiou um grupo de 11 guerrilheiros para receber treinos no país em 1964. Estima-se que pelo menos 50 outros membros do movimento se dirigiram à República Popular para treinos militares até 1966, e o modelo de guerrilha maoísta se tornou uma inspiração para a luta moçambicana.[726] Além disso, também em 1964 a Frente iniciou sua Guerra Anticolonial munida de armas chinesas, contando com

[723] JESUS, 2016.
[724] Departamento de Estado. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 25 de janeiro de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita, t. n. No original: "certain demands incompatible with independence of nationalist movement".
[725] Departamento de Estado. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 25 de janeiro de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita.
[726] TAYLOR, 2006; DE BRITO, 2019; CHAMBINO, 1968; HENRIKSEN, 1983.

o apoio do país desde os primórdios do conflito.[727] A partir daí a China se desenvolveu como uma aliada de primeira ordem da Frente, tornando-se a superpotência mais influente entre seus quadros.[728] Em meio a isso, Mondlane e a FRELIMO não renunciaram a seu princípio básico – eles garantiram o apoio chinês sem jamais dispensar o apoio de qualquer um dos lados da Guerra Fria: a organização alcançou a rara façanha de equilibrar as rivalidades do período e conseguir o suporte do país sem abrir mão de suas relações com a União Soviética e com os Estados Unidos, se tornando notória como o único movimento anticolonial africano a conseguir tal feito.[729]

Isso se deu às custas, todavia, de uma exposição bastante discreta de sua amizade com os chineses. A imagem do país causava desconforto em várias lideranças políticas naquele período devido à sua retórica "anti hegemônica" radical. Com medo de se ver vinculada a isso no cenário internacional e perder oportunidades de apoio, a FRELIMO foi cautelosa em explicitar as suas relações com a China. Uma das exigências da Frente nesse sentido foi que todo o suporte enviado pelos chineses se desse através do Comitê de Libertação da OUA, de modo a evitar uma percepção externa de excessiva influência do país sobre si – o que dificulta muito a quantificação desse apoio.[730] As menções à China na *Mozambique Revolution* foram também bastante tímidas.[731]

É verdade que a revista também anunciou as visitas de alguns membros da FRELIMO ao país. Ainda em 1964, em junho, uma notícia pontuava a visita de Selina Simango a quatro províncias da República Popular.[732] Esposa de Uria Simango e liderança do movimento das mulheres na Frente, ela era uma pessoa relevante na construção de conexões transnacionais, forjando laços importantes em várias partes do mundo.[733] Na viagem em questão, "ela pôde apreciar como o povo da China construiu seu país depois da Libertação Nacional"[734], segundo o texto. "Ela falou que aprendeu

[727] TAYLOR, 2006.
[728] TAYLOR, 2006; DE BRITO, 2019; HENRIKSEN, 1983.
[729] TAYLOR, 2006.
[730] TAYLOR, 2006; TELEPNEVA, 2021,
[731] Sobre a relação da FRELIMO com a URSS e às menções aos soviéticos na *Mozambique Revolution*, ver o Capítulo 4.
[732] *Sister Selina Simango in China*. **Mozambique Revolution**, n. 7, junho de 1964.
[733] As conexões transnacionais construídas pelas mulheres da FRELIMO foram diversas. Ao realizar viagens, participar de congressos e se conectar com mulheres de outros países, elas contribuíram enormemente com o sucesso da estratégia internacional da Frente. Selina Simango foi uma de suas protagonistas ao longo da década de 1960. A tese de doutorado em andamento de Julia Monticeli Rocha na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul aborda essa temática com a profundidade que ela merece. Sobre a relevância da questão de gênero no contexto da Guerra Fria, ver: MUEHLENBECK (ed.), 2017.
[734] *Sister Selina Simango in China*. **Mozambique Revolution**, n. 7, junho de 1964, p. 6, t. n. No original: "was able to appreciate how the people of China have bult up their country after National Liberation".

muitas coisas sobre o papel das mulheres na revolução"[735]. Ainda que não tenhamos informações adicionais sobre essa ocasião, ela elucida o estreitamento das conexões da FRELIMO no país ao longo daquele ano.

No ano seguinte foi a vez do vice-presidente do movimento anticolonial repetir o trajeto de sua esposa. Uria Simango presidiu uma comissão em viagem a Pequim em abril de 1965, e destaca-se por ter sido recebido por Chou Enlai, o homem número dois do regime chinês. A revista moçambicana noticiou esse encontro de maneira discreta, destacando um banquete realizado aos visitantes moçambicanos pelo vice-presidente do Instituto de Relações Exteriores da República Popular, e seu encontro com o influente Chou, com quem teria tido "uma amigável e cordial conversa"[736]. Apesar do impacto que um encontro como esse poderia potencialmente adquirir naquele contexto, o texto mais contundente da publicação oficial da FRELIMO sobre a China se deu apenas um mês depois, e em nada teve a ver com esse evento. – Assinada por Eduardo Mondlane, uma carta enviada ao governo da República Popular que parabenizava os feitos do país ao desenvolver sua própria bomba nuclear era anexada na *Mozambique Revolution* número 18, em maio de 1965:

> Na ocasião da explosão da segunda bomba atômica pela República Popular da China, a FRELIMO parabeniza o povo e o governo chinês por esse novo e importante sucesso no campo das armas nucleares. Armas nucleares representam um imenso perigo para a humanidade, especialmente quando elas estão nas mãos de governos irresponsáveis que, movidos por suas ambições imperialistas, que não vão hesitar para usá-las contra países mais fracos, subjugando-os, com um desdém absoluto por vidas humanas e pela própria existência de todas as pessoas. Há países imperialistas que possuem bombas atômicas poderosas. Isso significa uma constante ameaça de agressão sobre todos os povos que se opõem ao imperialismo. [...] Nesse contexto, a posse de armas nucleares pelos países anti-imperialistas e amantes da paz possui uma importância fundamental. Porque essa é a única via possível pela qual os países imperialistas podem ser forçados a conter o lançamento de uma guerra genocida para conquistar o mundo. Por essa razão, o sucesso do povo chinês representa, para além de seu óbvio valor científico, também uma vitória para todos os povos amantes da paz e por aqueles sob dominação imperialista.[737]

[735] *Sister Selina Simango in China*. **Mozambique Revolution**, n. 7, junho de 1964, p. 6, t. n. No original: "She said she had learned many things about the role of women in the revolution".
[736] *FRELIMO delegation in China*. **Mozambique Revolution**, n. 17, abril de 1965, p. 5, t. n. No original: "a friendly, cordial conversation".
[737] *Message of congratulations...* **Mozambique Revolution**, n. 18, maio de 1965, p. 10-11, t. n. No original: "On the occasion of the explosion of the second atomic bomb by the People's Republic of China, FRELIMO congratulates the Chinese people and government for this new and important success in the field of nuclear weapons. Nuclear weapons constitute an immense danger to humanity, especially when they are in the hands of irresponsible governments which, moved by their imperialistic ambitions, will not hesitate to use them against weaker countries, subjugating them, with an absolute disdain for human lives and for the very existence of whole peoples. There are imperialist countries possessing powerful atomic weapons. This means that a constant threat of aggression weighs over all the people who oppose imperialism. [...] In this context, the possession of nuclear weapons by the anti-imperialistic and peace-loving countries has a

Ao exaltar o desenvolvimento de uma bomba nuclear pelos chineses, a publicação oficial da FRELIMO colocava em destaque o *status* anti-imperialista da República Popular, percebendo o país como um potência nuclear diferente dos demais países que também possuíam esse tipo de armamento. Ainda que o alvo desse tipo de declaração fosse os Estados Unidos – que foi inclusive citado diretamente na carta, em trecho que não está incluído – é notável que o presidente da Frente assuma uma retórica anti hegemônica nesse contexto. A China aparece como um país capaz de conter o ímpeto daqueles que poderiam iniciar uma guerra mundial, e que desenvolve sua própria arma nuclear como ferramenta para proteger os "países mais fracos". Tentando promover a si mesma como uma potência alternativa muito mais próxima dos países de Ásia, África e América Latina do que seus pares dos EUA e da URSS, certamente as autoridades chinesas viam com bons olhos uma declaração como essa vinda de um movimento anticolonial.

Para além dessas declarações, entretanto, a *Mozambique Revolution* não dedicou um grande espaço para detalhar as relações da FRELIMO com a China. Em um período em que a proximidade entre as duas partes se tornava cada vez mais notória aos olhos estrangeiros, a publicação oficial do movimento anticolonial moçambicano mantinha uma retórica contida para se referir a República Popular. Isso pode ser uma das chaves para compreender alguma relutância que a própria China demonstrava com relação à FRELIMO – a superpotência prestava apoio a diversos pequenos movimentos anticoloniais em países africanos, que não recebiam a mesma dose de suporte da comunidade internacional que seus pares mais notórios, e que, portanto, eram mais suscetíveis a um alinhamento explícito com sua ideologia. A partir de 1965 a COREMO estava entre eles, o que causou indignação entre as lideranças da FRELIMO, que esperavam ser reconhecidas como as únicas autoridades legítimas de Moçambique e os únicos a receber suporte internacional.[738]

Isso não significa que as relações estabelecidas entre as duas partes tenham sido muito comprometidas – a China percebia a FRELIMO como um aliado importante, alocado na cidade sede do Comitê de Libertação da OUA, possuidora de relações estreitas

fundamental importance. Because this is the only possible way by which imperialistic countries can be forced to refrain from launching a genocidal war for the conquest of the world. For this reason, the success of the Chinese people represents, in addition to its obvious scientific value, also a victory for all freedom-loving peoples and for those who are under imperialistic domination".

[738] TAYLOR, 2006; TELEPNEVA, 2021; ROBERTS, 2017. Sobre a COREMO, ver o Capítulo 2.4.

com o governo local, e sendo a principal força anticolonial a atuar em Moçambique e uma das mais notórias em África. Ao mesmo tempo, os moçambicanos sabiam do potencial que o apoio chinês representava em relação às demais potências do período, oferecendo um suporte muito mais comprometido com as pautas anti-imperialistas e com a estratégia militar de guerrilha. Assim sendo, as relações construídas foram fortificadas ao longo do tempo, para além das divergências existentes. Apesar de manter uma imagem de independência no cenário internacional, a Frente permitiu que a influência chinesa se tornasse cada vez maior em seu interior.[739] Ela tentava atenuar em sua retórica oficial uma tendência que era cada mais evidente para aqueles que observavam o ambiente político da Tanzânia e as entranhas da própria Frente de Libertação de Moçambique.

5.3. A CHINA VAI À FRELIMO

Quando Zhou Enlai e Chen Yi partiram para seu *tour* pela África em 1963 eles planejavam visitar também Kenya, Tanganica e Zanzibar. Esses planos foram frustrados pela revolução desencadeada nas ilhas antes de sua chegada, sucedida por motins militares em toda a região.[740] Apesar dos acontecimentos terem interrompido o planejamento dos oficiais chineses, é bem possível que os processos em curso tenham sido bem-vistos por eles. Isso porque entre os revolucionários zanzibaris encontrava-se um dos africanos mais próximos da via-chinesa conhecidos naqueles tempos: Abdulrahman Mohamed Babu.[741] Líder do *Umma Party* (UP), Babu era um intelectual maoísta já reconhecido internacionalmente naquele período, e sua participação no processo revolucionário agradava aos chineses, que buscavam firmar seus laços no

[739] TAYLOR, 2006; TELEPNEVA, 2021; DE BRITO, 2019; HENRIKSEN, 1983.
[740] FRIEDMAN, 2015.
[741] Abdulrahman Mohamed Babu era um proeminente político da região, marxista, e com forte retórica anti-imperialista. Tendo adquirido maturidade política a partir de seus contatos com o *Labour Party* em Londres e com movimentos panafricanistas e anti-imperialistas no Reino Unido, ele retornou para Zanzibar em 1957 para assumir a liderança do *Zanzbibar National Party* (ZNP), o maior partido local naquela época. Nos anos seguintes Babu adquiriu um reconhecimento internacional ímpar a partir do seu posto, se tornando nada menos do que o primeiro líder político da África Oriental a fazer uma visita oficial à China em 1959. Tendo sido recebido por figuras como os próprios Mao Tsé-Tung e Chou Enlai, ele se viu impressionado pelo anti-imperialismo, autodisciplina, perseverança e resiliência que observou nas lideranças do país, e passou a ser cada vez mais influenciado pelo seu modelo de governança. Foi na esteira desse processo que ele abandonou o ZNP, que possuía forte caráter islâmico, para fundar o *Umma Party* (UP), com retórica marxista mais acentuada. Apesar do novo partido não ter adquirido um caráter tão popular quando seu antecessor, ele se tornou representativo para uma parcela jovem e urbana da população do país com sede de revolução, se tornando um elemento importante da revolução que foi deflagrada nas ilhas no dia 12 de janeiro de 1964. Sobre isso, ver: BURGESS, 2010; WILSON, 2013; SHIVJI, 2008; SANDERS, 2017; LOFCHIE, 2015; ALTOFRER-ONG, 2014.

continente, na mesma medida que despertava temores imediatos tanto nos Estados Unidos quanto na União Soviética.[742]

Nyerere, que naquele momento evitava a excessiva gerência estrangeira nos assuntos da região e tentava conter as tensões da Guerra Fria por lá, também ficou aflito com a presença de Babu entre os revolucionários. Ao abrir diálogos com eles, o governante da Tanganica buscou privilegiar o *Afro-Shirazi Party* (ASP) de Abeid Karume, que possuía um caráter mais nacionalista e pan-africanista, e não tão associado ao marxismo. Um de seus objetivos era conter a influência de Babu, e foi através desse ímpeto que ele levou a cabo a unificação de seu país com Zanzibar: assim ele poderia garantir o governo de Karume nas ilhas, e evitar uma tomada do poder pelo UP, assegurando a soberania da região e contendo as intrigas da Guerra Fria. Essa alternativa, entretanto, tinha uma contrapartida – a partir dali ele aceitou que Babu se tornasse ministro das relações exteriores e do comércio da República Unida da Tanzânia.[743] Se, por um lado, ele evitava ascensão ao poder das ilhas de um revolucionário tão identificado com uma potência estrangeira ao conduzir esse processo, por outro, Nyerere passou a conviver, ele próprio, com um influente intelectual maoísta em seu governo. A partir daí a presença da China na região passou por uma escalada.

A crise diplomática entre a Tanzânia e as potências ocidentais na esteira da declaração de unificação contribuiu enormemente com isso. Além de perder importantes fontes de financiamento para seu projeto nacional, Nyerere viu a ação "imperialista" como uma ameaça de sua soberania interna, ficando cada vez mais suspeito quanto a possibilidade de sofrer um golpe planejado por esses países. Ele buscava promover um governo independente no cenário internacional, pan-africanista, anti-imperialista, e inspirado em sua própria realidade local, de um modo que em muitas maneiras se chocava com os interesses deles.[744] Procurar novos aliados nesse contexto para garantir a viabilidade de seu projeto e a própria independência da República Unida se tornou uma meta indispensável para o governante da Tanzânia. As conexões de seu novo ministro das relações exteriores e do comércio se mostraram alternativas atraentes em meio a isso.[745]

---

[742] BJERK, 2015; ROBERTS, 2016; SANDERS, 2014; SHIVJI, 2008.
[743] BJERK, 2015; ROBERTS, 2016; SANDERS, 2014; SHIVJI, 2008.
[744] As intrigas e rumores eram elementos-chave na compreensão da atmosfera política de Dar es Salaam ao longo do período aqui estudado. Boatos sobre possíveis conspirações e golpes de Estado eminentes circulavam na cidade diariamente, levantando a suspeita sobre os agentes internacionais e diplomatas lá presentes. Em meio a esse contexto, Julius Nyerere passou a se tornar cada vez mais reticente quanto a atividade estrangeira, agindo no sentido de reforçar sua própria soberania para diminuir a dependência externa e garantir a autonomia e independência da Tanzânia. Sobre isso, ver: ROBERTS, 2016.
[745] BJERK, 2015; ROBERTS, 2016; SANDERS, 2014; SHIVJI, 2008.

Ao contrário de Estados Unidos e União Soviética, a China não impunha um modelo econômico aos países de Ásia, África e América Latina que apoiava, sendo muito mais compatível com as ideias de Nyerere. Nascida de uma grande "Frente" em luta contra o domínio estrangeiro em seu território, a Revolução Chinesa tinha o elemento nacionalista como uma de suas bases. A partir disso, seus governantes observavam o "anti-imperialismo" de um país como um fator muito mais relevantes do que a "pureza" de seu socialismo na hora de decidir quem seriam os seus amigos no cenário internacional. A "autoconfiança" – que pode ser resumida a partir do slogan chinês "elevar a si mesmo com suas próprias forças"[746] – era incentivada em seus parceiros como uma forma de estimular a adoção de políticas criativas inspiradas em suas próprias realidades locais e independentes do apoio estrangeiro. A questão racial e da "africanização" das instituições no continente africano ganhavam espaço na via chinesa como elementos capazes de transformar a "alma" de uma de uma nação, em contraponto à presença dos "brancos" de países "imperialistas". Focada nas populações rurais em contraposição ao viés cosmopolita tanto dos EUA quanto da URSS, a retórica chinesa se mostrava muito mais adaptável às realidades dos países de "Terceiro Mundo". O socialismo era elevado não como um modelo econômico, mas como uma "atitude de espírito" capaz de mobilizar as populações locais em busca de um desenvolvimento nacional autônomo e anti-imperialista.[747]

Assim sendo, já em junho de 1964 Nyerere enviou uma comitiva em visita à Pequim composta por Babu e Rashidi Kawawa para dar início a diálogos que só se solidificaram ao longo da década seguinte.[748] O desejo chinês de estreitar seus laços com eles pode ser percebido uma vez que se note a doação de $45.5 milhões de dólares enviados já naquele ano para a Tanzânia, quase a metade de todo o dinheiro investido pelo país no continente. Ainda naquele ano também se iniciaram os primeiros treinos com técnicos militares chineses do *Zanzibar Island's People's Liberation Army* (ZIPLA) e do *Tanzania People's Defence Force* (TPDF), exércitos populares criados em substituição aos exércitos regulares locais, que assumiram um caráter muito mais politizados que seus antecessores e se tornaram marcos das mudanças do país nos anos subsequentes.[749] Esses foram os primeiros passos de uma aproximação que culminou na primeira visita de Julius

[746] FRIEDMAN, 2015, p. 84, t. n. No original: "raising oneself on one's own forces".
[747] Sobre o modelo de desenvolvimento chinês e seu envolvimento com os países de "Terceiro Mundo", ver: FRIEDMAN, 2015; TAYLOR, 2006; CHAU, 2014; COOK (ed.), 2014; LOVELL, 2019.
[748] CHAU, 2014.
[749] LAL, 2014.

Nyerere à China em 1965, quando ele já demonstrava que via seus anfitriões como o modelo capaz de desafiar os "imperialistas" e oferecer alternativas de desenvolvimento para um país agrário e dependente como a Tanzânia – "Nós temos experiências passadas similares, encaramos os mesmos objetivos em nossas lutas, e, portanto, podemos compreender e confiar mais facilmente uns nos outros"[750], ele declarava na ocasião.

A partir daí os laços construídos se tornaram cada vez mais estreitos. Nyerere e Zhou Enlai assinaram ainda em 1965 um tratado de amizade de dez anos que consolidou o *status* da Tanzânia como principal parceiro comercial da China no continente africano ao longo de toda a década seguinte. Para além do apoio financeiro, o período viu fluir para a República Unida um grande número de professores, médicos, instrutores militares, profissionais técnicos, produções culturais, equipamento tecnológico e outras formas de suporte chinês.[751] Além disso, uma das maiores e mais importantes ferrovias do continente africano foi construída na época com dinheiro, equipamentos e profissionais vindos diretamente da China.[752] A ajuda material esteve acompanhada de uma maior circulação da propaganda maoísta na região – as ideias de Mao Tsé-Tung se tornaram populares entre livrarias, escolas, universidades e rádios tanzanianos, atingindo em cheio o imaginário do país.[753]

Diante desse cenário, os movimentos anticoloniais na Tanzânia – e a FRELIMO em particular – passaram a ser diretamente tocados pelos ventos de Pequim que chegavam à África Oriental. Muitos dos militares do ZIPLA e do TPDF treinados pelos chineses foram alocados na fronteira sul da Tanzânia, às margens de Moçambique, onde a tensão com Portugal era grande devido ao apoio prestado à Frente e onde o trânsito de guerrilheiros e refugiados era alto. Ademais, muitos deles tornaram-se instrutores nos campos de treinamento militar espalhados pelo país, participando diretamente da

[750] NYERERE *ibid* LAL, 2014, p. 102, t. n. No original: "we have similar past experience, face common fighting tasks, and so can most easily understand and trust each other".
[751] CHAU, 2014; LOVELL, 2019; TAYLOR, 2006; LAL, 2014; BJERK, 2015; ROBERTS, 2016; SHIVJI, 2008; ALTORFER-ONG, 2014.
[752] A TAMZAM é uma estrada de ferro que liga a região central da Zâmbia ao porto de Dar es Salaam. Ela foi construída a partir de 1969 com o objetivo de proporcionar uma via alternativa de transporte de bens para a Zâmbia, de modo que o país pudesse evitar os trajetos que passassem por África do Sul, Rodésia do Sul e Moçambique. Essa construção transcendeu sua utilidade material, se tornando um dos empreendimentos mais simbólicos do continente africano no contexto da Guerra Fria. Após Nyerere e Kenneth Kaunda terem procurado as potências ocidentais em busca de apoio para a sua construção, e terem seus pedidos recusados, eles acabaram se voltando para a China. O acordo foi assinado em 1966, coincidindo com o crescimento da presença chinesa na região - o envio de funcionários e materiais chineses para a TAMZAM se confunde com os demais tipos de suporte que eram enviados à Tanzânia diariamente naquele período. Sobre isso, ver: MONSON, 2009.
[753] CHAU, 2014; LOVELL, 2019; TAYLOR, 2006; LAL, 2014; BJERK, 2015; ROBERTS, 2016; SHIVJI, 2008; ALTORFER-ONG, 2014.

formação de guerrilheiros. Mais que isso, a partir de 1965 a própria China passou a enviar instrutores para esses campos – eles estiveram em contato direto com os agentes anticoloniais através das portas abertas pelos seus anfitriões, difundindo técnicas militares e táticas de guerrilha maoístas. Os instrutores somavam-se às armas, munições, equipamentos técnicos e militares, e outras formas de ajuda chinesa que chegavam regularmente ao país com mais fluidez do que os bens vindos de outros lugares devido as relações privilegiadas entre Mao Tsé-Tung e Julius Nyerere. Até o final da década essa via-aberta entre os países fez com que a China se tornasse o maior doador de armas e treinos militares aos movimentos anticoloniais alocados na Tanzânia. Soma-se isso a toda a atmosfera política local, percebe-se o potencial da influência chinesa entre aqueles combatiam o colonialismo naquele contexto.[754]

A Frente de Libertação de Moçambique estava especialmente suscetível a esse clima. Atuando como governantes de um "proto-Estado" na Tanzânia, seus líderes não apenas se inspiravam nos acontecimentos políticos do país, como conseguiram garantir a manutenção do apoio de Julius Nyerere e dos principais líderes locais ao longo da década. Um indicativo disso é a quantidade de recursos chineses que passou a ser repassada à Frente através da gerência das autoridades tanzanianas – apesar de não termos acesso aos seus números, sabemos que foi o suficiente para garantir que a China se tornasse a superpotência mais presente no interior do movimento anticolonial moçambicano ao longo dos anos.[755] Uma grande quantidade de seus membros também passou a ser influenciado pelo contexto político da região, se conectando com o imaginário maoísta – o que era percebido pelas autoridades estrangeiras, apesar dos esforços das lideranças moçambicanas em manter as aparências de independência internacional.[756]

Essa influência pode ser notada através dos vários elementos discursivos daquele contexto que foram absorvidos pela Frente. Um olhar sobre os exemplares da *Mozambique Revolution* é demonstrativo disso. Em julho de 1964 a revista publicava um discurso do secretário de finanças da FRELIMO, Lourenço Mutaca, já iniciado com a afirmativa de que "Moçambique é primeiramente um país agrícola"[757]. Partindo do elemento "rural" para pensar a economia do país, ele destacava a ausência de indústrias em seu território e a enorme variedade de riquezas naturais sub exploradas pelos

[754] TAYLOR, 2006; LAL, 2014; CHAU, 2014.
[755] TAYLOR, 2006; DE BRITO, 2019; HENRIKSEN, 1983; TELEPNEVA, 2021.
[756] TELEPNEVA, 2021.
[757] *Some facts about...* **Mozambique Revolution**, n. 8, julho de 1964, p. 6, t. n. No original: "Mozambique is primarily an agricultural country".

colonizadores, se aproximando muito de algumas concepções também presentes nas ideias políticas da China e da Tanzânia:

> Todos esses recursos nacionais criam oportunidades grandes e vastas para nós construirmos uma Economia Nacional independente baseada em autoconfiança que irá nos colocar em posição de conduzir uma política externa independente e implementar nossos planos de desenvolvimento econômico. O sucesso dos povos de África, Ásia e América Latina nas suas lutas contra o imperialismo irá nos colocar em uma boa posição para levar adiante o desenvolvimento de nosso país com o objetivo de estabelecer uma Economia Nacional Independente, e isso criará condições para cooperação econômica entre Moçambique e outros países afro-asiáticos e da América Latina.[758]

Ao pontuar a característica nacional e independente da economia que planejava para Moçambique, o texto trazia consigo um argumento nacionalista, que privilegiava o potencial econômico e a capacidade de um país de se desenvolver de maneira independente e baseado em suas próprias riquezas. Adotando o conceito de "autoconfiança" como propulsor dessa economia, a FRELIMO se apropriava de um elemento essencial tanto nos discursos tanzanianos quanto nos chineses. Já ao pontuar uma aliança entre países da África, Ásia e América Latina como o ponto de chegada de suas metas econômicas, o texto assinalava à um "Terceiro Mundo" que excluía tanto as potências ocidentais quanto a URSS, de modo que se aproximava das escolhas internacionais feitas pela Tanzânia, ao mesmo tempo que ia ao encontro das pretensões chinesas no complexo jogo da Guerra Fria.

Já ao declarar o início da Guerra Anticolonial em 1964, a *Mozambique Revolution* dizia que "a guerra popular de Moçambique contra Portugal, USA, Inglaterra, França e Alemanha Ocidental é destinada a ser longa e amarga antes de obtermos nossa vitória final."[759] Ao pontuar a realização de uma "guerra popular" "anti-imperialista" e destinada a ser "longa e amarga", era justamente às teorias de guerrilha maoístas que a Frente se vinculava.[760] Ao escolher um tom anti-imperialista cada vez mais fervoroso em seus

---

[758] *Some facts about...* **Mozambique Revolution**, n. 8, julho de 1964, p. 8, t. n. No original: "All these natural resources create great and vast opportunities for us to build an independent National Economy based on self -reliance which will place us in a position to conduct an independent foreign policy and implement our economic development plans. The success of the peoples of Africa, Asia, Latin America in their struggle against imperialism will put us in a good position to carry out the development of our country with the aim of establishing an Independent National Economy and this will create conditions for economic co-operation between Mozambique end other Afro-Asian and Latin American countries".

[759] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 6, maio de 1964, p. 2, t. n. No original: "The Mozambican people's war against Portugal, USA, England, France and West Germany is fated to be long and bitter before we obtain our final victory".

[760] A "Guerra Popular Revolucionária" teorizada por Mao Tsé-Tung é uma estratégia que compreende a revolução como uma luta de longo-prazo na qual o suporte e o engajamento de populações locais é fundamental. A teoria maoísta de guerrilha propõe a lógica de uma "Guerra Total", que conta com o envolvimento de todas as estruturas e indivíduos da sociedade em sua tarefa revolucionária, indo muito

discursos e definir-se como uma Frente nacionalista que unificava seus membros em torno do objetivo comum de combater um invasor estrangeiro, por si só, a FRELIMO já assumia um discurso que se aproximava bastante da Revolução Chinesa.[761] Isso se tornava ainda mais representativo com o avanço da guerra, como pode ser visto nesse texto publicado em 1966:

> O sucesso da luta depende de 2 fatores: a organização política do povo e a organização militar do povo. É necessário criar em cada país um partido com um programa claro e popular, capaz de armar o povo com uma ideologia revolucionária. É necessário também colocar armas na mão do povo, para criar organizações militares populares [...] compostas basicamente de um exército regular e uma milícia popular. Esses dois fatores precisam coexistir. Uma ideologia sem armas para defendê-la será facilmente neutralizada por qualquer grupo armado.[762]

Se a Luta Armada era um elemento formativo da teoria maoísta, aqui ela assumia um lugar central na Frente enquanto elemento político que ia muito além da questão militar. A revolução só poderia ser bem-sucedida caso ela fosse armada, e caso o exército fosse composto pelo povo. Em um período em que a Tanzânia já havia estabelecido o ZIPLA e o TPDF, o movimento anticolonial moçambicano se via inspirado pela característica popular e politizada que presenciava nessas instituições formadas sob tutela chinesa. Tão importante quanto isso era a mobilização popular que ela clamava na sequência do texto:

> É necessário encorajar o povo a participar na vida política do país; assim, é necessário rejeitar a concepção na qual a Revolução (socialismo) é construído por um núcleo ativo de líderes que pensa, cria e dá tudo, e que é seguido por uma massa passiva, que se limita a receber e executar. Essa concepção é o resultado de uma consciência política frágil, e expressa a falta de confiança na capacidade revolucionária e de luta do povo.[763]

além do front de batalha. Seu objetivo é criar um Estado alternativo em relação ao poder imperialista instituído, oferecendo um imaginário nacional compartilhado e um censo de unidade aos seus cidadãos. Sobre isso, ver: CHIMBINO, 1968; TSÉ-TUNG, 1972.

[761] Sobre o anti-imperialismo da FRELIMO e a *Mozambique Revolution*, ver o Capítulo 3.4.

[762] *The African Lesson.* **Mozambique Revolution**, n. 24, março/abril/maio de 1966, p. 3, t. n. No original: "the success of the struggle depends basically on 2 factors; the political organisation of the people and the military organisation of the people. It is necessary to create in each country a party with a clear and popular programme, able to arm the people with a revolutionary ideology. It is necessary also to put weapons in the hands of the people, to create a people's military organisation. [...] comprising basically a regular army and a people's militia. These two factors must co-exist. An ideology without weapons to defend it, will be easily neutralised by any armed group".

[763] *The African Lesson.* **Mozambique Revolution**, n. 24, março/abril/maio de 1966, p. 3, t. n. No original: "it is necessary to encourage the people to participate in the political life of the country; further, it is necessary to reject a concept in which the Revolution (socialism) is built by an active nucleus of leaders who think, create and give everything, and who are followed by a passive mass, who limit themselves to receiving and executing,, This concept is the result of a weak political conscience, and expresses lack of confidence in the fighting and revolutionary capacity of the people".

Esse discurso é muito relevante ao observar-se a inspiração da FRELIMO no contexto de seu país anfitrião. Rejeitando a possibilidade de aplicar o socialismo a partir de um modelo determinado – ou seguindo uma liderança pensante capaz de guiar os caminhos desse socialismo – a Frente compreende a revolução como uma atitude do povo, que só pode ser construído a partir de sua participação ativa. Ainda que de maneira implícita, há aqui uma opção por uma via socialista muito mais flexível e criativa, que se aproxima dos caminhos trilhados pela Tanzânia e que muito bebia das ideias chinesas que lá circulavam. Outro texto publicado na mesma edição da revista reforça essa narrativa:

> É isso então, levando em conta a situação geral bem como a situação particular de cada região, que a mobilização política deve alcançar. Chamando todo o povo para participar na revolução nós vamos atingir o que é mais importante. No nível da luta armada:
> a – Que o povo preste suporte às guerrilhas, hospedando-as, munindo-as com comida e informações sobre o inimigo;
> b – Que o povo por si mesmo esteja pronto para pegar em armas a qualquer momento, se unindo às milícias populares;
> c – Que o povo das áreas libertadas aumente a produção – assim a FRELIMO pode abastecer a si mesma em tudo e já a partir de agora atingir sua autonomia econômica.
> TODO O MILITANTE DEVE FAZER PROPAGANDA REVOLUCIONÁRIA ENTRE O POVO!
> TODO O MOÇAMBICANO DEVE SE TORNAR UM MILITANTE À SERVIÇO DA REVOLUÇÃO![764]

A centralidade da guerrilha no projeto do movimento anticolonial aparece aqui como algo intrinsecamente ligado ao povo moçambicano. Mais do que uma tática de combate ao colonialismo, a luta armada é apresentada como um elemento formativo do nacionalismo no país – ela deveria mobilizar as suas populações, ser apoiada pelo povo, levada à cabo por milícias populares, e ancorada em zonas libertadas produtivas. Criando uma economia autoconfiante, a guerrilha levava a um engajamento individual de toda a nação na construção de um novo país. A influência maoísta sobre essa perspectiva é notória. Nascida de uma guerra de guerrilha, a Revolução Chinesa estabeleceu as bases da estratégia que era apresentada pela FRELIMO nesse texto. – O engajamento popular

---

[764] *Political Mobilisation.* **Mozambique Revolution**, n. 24, março/abril/maio de 1966, p. 10, t. n. No original: "It is thus that, taking into account the general situation as well as the particular situation of each region, the political mobilisation must be accomplished. By calling the whole people to participate in the revolution, we wiil achieve what is most important, on the level of the armed struggles:

a- That the people support the guerrillas, lodging them, supplying them with food and information about the enemy;
b- That the people themselves be ready to take up arms at any time, joining the people's militias;
c- That the people of the liberated areas increase the production – so that FRELIMO can supply herself in everything and from now on to achieve its economic autonomy.

EVERY MILITANT MUST MAKE REVOLUTIONARY PROPAGANDA AMONG THE PEOPLE!
EVERY MOZAMBICAN MUST BECOME A MILITANT IN THE SERVICE OF THE REVOLUTION".

nas zonas libertadas e a participação do povo na luta armada erguiam alicerces para um futuro país independente, sendo elementos essenciais da construção nacional.

O envio de Filipe Samuel Magaia para treinos militares na China em 1964 é muito significativo nessa perspectiva – sendo ele o principal chefe militar da guerrilha moçambicana, assumiu o papel de difundir seus aprendizados entre os militantes da Frente a partir do início da luta armada. Ainda mais importante que isso é a chegada de instrutores chineses aos campos de treinamento militar na Tanzânia a partir de 1965, fornecendo toda a base teórica da luta armada aos militantes da FRELIMO. Ainda que um número maior de seus guerrilheiros tenha ido à URSS do que à China, os chineses conseguiam acessar um número muito maior de moçambicanos que seus pares soviéticos a partir de sua presença na região. Entre as figuras acessadas por eles estava Samora Moisés Machel, que assumiu o comando militar após a morte de Magaia em 1966 – influente na formação de quadros para a guerra, ele foi muito marcado pelos instrutores chineses e absorveu vários elementos da teoria maoísta em sua concepção revolucionária.[765]

Portanto, ao longo de 1966, conforme a Declaração de Arusha se aproximava e a guerra anticolonial avançava em Moçambique, a FRELIMO era cada vez mais influenciada pelo contexto político em que estava inserida. Absorvendo diversos conceitos maoístas, a Frente levava a cabo uma luta armada que assumia cada vez mais centralidade em suas estruturas. O problema é que essas mesmas estruturas eram corroídas por conflitos internos que eram também muito condicionados pelo contexto local. Quando a "Grande Revolução Cultural Chinesa" chegou à Tanzânia no final da década ela trouxe consigo agitações que se manifestaram com intensidade não só no governo de Julius Nyerere como no próprio interior da Frente de Libertação de Moçambique.

5.4. OS VENTOS DA "GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL" SOBRE A FRELIMO

Em meados de 1966 começava o período conhecido como "Grande Revolução Cultural Chinesa". Seus primeiros passos foram dados por Mao Tsé-Tung ao lançar uma ofensiva contra elementos "burgueses" do Partido Comunista Chinês, dando início à purgas internas. Essa iniciativa logo se converteu em um movimento sociopolítico

[765] TEMBE (ed.), 2014; TAYLOR, 2006; DE BRITO, 2019; CHAMBINO, 1968; HENRIKSEN, 1983.

nacional que pregava a destruição da sociedade tradicional e dos resquícios do imperialismo e do capitalismo no país. Esse momento é marcado pela politização e militarização da sociedade chinesa, que se manifestou de maneiras violentas em diversos setores com ataques a "inimigos internos" e elementos "indesejados". Escolas, universidades, espaços culturais, locais públicos, grandes cidades e áreas rurais se tornaram alvos da grande ebulição social que se deu nesse contexto. O período se caracteriza pelo crescimento do personalismo político, elevando a imagem de Mao enquanto liderança carismática. Oficialmente encerrada só em 1976 após a morte de seu líder, a "Grande Revolução Cultural" teve seu momento mais severo entre 1966 e 1969, e representou a radicalização da retórica revolucionária na China.[766]

As relações externas chinesas foram diretamente atingidas por esse momento. Entre os alvos dos chineses revoltosos estavam os diplomatas do país, que eram acusados de viver vidas luxuosas em descompasso com os valores da Revolução Chinesa. Eles foram chamados em massa de volta a Pequim para um período de formação e reorientação em 1967. Enquanto isso as relações com países estrangeiros foram cessadas, afastando a China de muitos de seus aliados pelo mundo. Os próprios guerrilheiros em treinamento deixaram de visitar o país no final da década de 1960, bem como as autoridades estrangeiras.[767] A Tanzânia, por sua vez, é uma rara exceção à essa tendência. Enquanto a reputação chinesa se tornava negativa perante muitas lideranças africanas, os seus laços com a República Unida eram diariamente fortalecidos. – Julius Nyerere foi um dos únicos líderes estrangeiros a visitar o país no período, sendo positivamente impactado pelo contexto da República Popular.[768]

O próprio projeto político tanzaniano passou a sofrer cada vez mais influência de Pequim nesse período. O anúncio da Declaração de Arusha em fevereiro de 1967 foi cercado de simbolismo maoísta – em dezembro de 1966 Julius Nyerere partiu em um *tour* de seis semanas pelo interior de seu país, visitando tanto centros urbanos quanto áreas rurais remotas, até finalmente chegar em Arusha para realizar sua famosa declaração. O processo logo passou a ser aclamado como a "Longa Marcha"[769] do presidente pela

[766] DIKOTTER, 2017; KRAUS, 2012; GRASSO; CORRIN; KORT, 1997; LOVELL, 2019.
[767] LOVELL, 2019; FRIEDMAN, 2015; TAYLOR, 2006; TELEPNEVA, 2021.
[768] TAYLOR, 2006; LOVELL, 2019; TELEPNEVA, 2021; CHAU, 2014; ROBERTS, 2016.
[769] "Longa Marcha" é como ficou conhecida a expedição dos membros do Partido Comunista Chinês durante sua fuga da perseguição pelo Partido Nacionalista Chinês entre 1934 e 1935. Liderados por Mao Tsé-Tung, aproximadamente 100 mil pessoas percorreram um percurso de mais de 12 mil km, em condições adversas, saindo de Jiangxi, no sul do país, até Shaanxi, no norte. A partir de então eles reorganizaram o partido e mobilizaram suas forças para a luta. O evento adquiriu um caráter simbólico no processo revolucionário chinês dos anos posteriores. Sobre isso, ver: SHUYUN, 2008.

imprensa local, adaptando para a sua realidade um elemento fundador da Revolução Chinesa. Além disso, o anúncio em questão foi seguido pelo lançamento de um livro – *Ujamaa, essays on socialism* (1968b) – que reunia discursos selecionados de Nyerere, pontuado como um guia para o futuro do país. Esse livro logo ganhou a fama de ser uma versão tanzaniana do "Livro Vermelho"[770]. Se as "Guardas Vermelhas"[771] assumiam um lugar de protagonismo nos eventos da China, as milícias da *TANU Youth League*[772] ganhavam a fama de agir como "Guardas Verdes" na perseguição a "inimigos internos" na Tanzânia. Na terra das *Ujamaa Villages*, da "autoconfiança" e do "Socialismo Africano", a reputação dos intelectuais, das grandes cidades, dos estrangeiros e dos estrangeirismos, dos brancos, e de tudo aquilo que pudesse ser interpretado como uma manifestação do "imperialismo" passou a se degenerar rapidamente.[773] As semelhanças com o caso chinês eram muitas: da coletivização nas áreas rurais à perseguição das elites urbanas, da exaltação de uma liderança personalista à realização de purgas internas, das agitações nas escolas aos protestos em universidades, em diversos aspectos a Tanzânia produzia sua própria "Revolução Cultura" ao reflexo do exemplo chinês no final da década de 1960.[774]

---

[770] "*Quotations from Chairman Mao Tse-Tung"* (em tradução livre: "Citações do Presidente Mao Tsé-Tung"), popularmente conhecido como "Livro Vermelho", é um livro publicado na China pela primeira vez em 1964 que agrupa discursos selecionados de Mao Tsé-Tung. A partir de sua publicação ele tornou-se uma espécie de guia filosófico da Revolução Chinesa, sendo largamente distribuído entre sua população. Durante a "Grande Revolução Cultural" ele se converteu em uma espécie de documento extraoficial obrigatório no país. Em 1966 o "Livro Vermelho" passou a ser largamente exportado pelos diplomatas chineses, inspirando movimentos revolucionários através do mundo. Sobre isso, ver: COOK (ed.), 2014; TSÉ-TUNG, 1972.

[771] A "Guarda Vermelha" foi um movimento paramilitar chinês composto sobretudo por estudantes e jovens durante a "Grande Revolução Cultural". Mobilizada pelo próprio Mao Tsé-Tung, essa força viajava a China em visita a escolas, universidades, aldeias e cidades, com o objetivo de promover o pensamento maoísta e combater os elementos "antirrevolucionários" e "velhos" da sociedade. Seus métodos eram violentos, incluindo a humilhação pública, a destituição de bens e a realização de julgamentos populares de professores, estudantes, intelectuais e opositores do regime, entre outros. Sobre isso, ver: DIKOTTER, 2017b; KRAUS, 2012; GRASSO; CORRIN; KORT, 1997.

[772] A *TANU Youth League* foi um braço juvenil da TANU criando ainda durante o período colonial que passou a assumir um lugar cada vez mais central no Estado depois da independência. Suas funções incluíam a atuação como uma milícia para a garantia da disciplina e da ordem no território nacional, a perseguição de opositores do regime, a realização de treinamentos paramilitares e a seleção dos novos recrutas do TPDF, entre outros. Um exemplo de sua atuação é a "Operação *Vijana*", uma campanha contra vestimentas "indecentes" anunciada em outubro de 1968, durante a qual a *TANU Youth League* realizou prisões e perseguiu civis que se vestiam de uma maneira que "ofendia os princípios da Arusha Declaration". O movimento era liderado por Lawi Nangwanda Sijaona, que possuía *status* ministerial e se destacava como um dos membros do governo mais inspirados pelo exemplo chinês. Sobre isso, ver: BRENNAN, 2006; IVASKA, 2015; IVASKA, 2011.

[773] CHAU, 2014; LOVELL, 2019; TAYLOR, 2006; LAL, 2014; BJERK, 2015; ROBERTS, 2016; SHIVJI, 2008; ALTORFER-ONG, 2014; BRENNAN, 2006; IVASKA, 2015; IVASKA, 2011.

[774] CHAU, 2014; LOVELL, 2019; TAYLOR, 2006; LAL, 2014; BJERK, 2015; ROBERTS, 2016; SHIVJI, 2008; ALTORFER-ONG, 2014.

Imensa na realidade de seu país anfitrião, a FRELIMO também enfrentou a sua própria "Revolução Cultural" nesse período. Constituída por diferentes correntes internas em disputa desde sua criação, ela convivia com dissidências e dissenções.[775] A partir de 1966, entretanto, o encontro dessas tensões com o contexto político da Tanzânia levou a uma grande explosão. Diversos pesquisadores e relatos do período se dedicaram a analisar os eventos que assombram a história da Frente no período constituído entre 1966 e 1969, que encerra de maneira trágica a sua primeira fase com a morte de seu presidente. Esses estudos apresentam contribuições fundamentais na compreensão dos eventos ao observar os múltiplos ângulos que constituem as disputas internas da FRELIMO – questões sociais, étnicas, regionais, raciais, geracionais, ideológicas, educativas, de gênero, de interesse individual, entre outras, ajudam a explicar os turbulentos acontecimentos em questão.[776] Esse mosaico de explicações se complementa ao justificar a ebulição do movimento anticolonial que quase levou a sua completa extinção, e oferece um subsídio importante em seu entendimento.

Em resumo, alguns elementos-chave constituem essa crise. A morte de Filipe Samuel Magaia em outubro de 1966 pode ser considerada um estopim dos conflitos. Uria Simango queria garantir a posse de Raul Casal Ribeiro para seu posto como seu sucessor natural. Isolado no Comitê Central, ele foi derrotado, e Samora Moisés Machel se tornou comandante máximo das forças militares da Frente, o que levou a uma crescente insatisfação do vice-presidente da FRELIMO; Isso somou-se a chegada de Padre Mateus Pinho Gwenjere à Tanzânia em 1967, que logo se tornou um crítico da direção do movimento e passou incendiar os estudantes do Instituto Moçambique contra seus professores e dirigentes – situação que levou a episódios de violência e abalou as estruturas da organização como um todo; Ainda, as políticas da Frente nas zonas libertadas no norte de Moçambique e sua relação com as lideranças locais levou ao crescimento de insatisfação também entre os macondes liderados por Lázaro Nkavandame, que se rebelaram contra a autoridade de Eduardo Mondlane no Comitê Central. Esses embates levaram a divisão da FRELIMO em dois grandes grupos no final da década de 1960: os chamados "sulistas"[777], representados por uma aliança político-

[775] Sobre as questões internas da FRELIMO, ver o Capítulo 2.4.
[776] CABRITA, 2020; CAHEN, 2010; COSTA, 2019; DERLUGUIAN, 2012; MARCUM, 2018; PANZER, 2013; PANZER, 2009; PEARCE, 2021; ROBERTS, 2017; OPELLO, 1975; JESUS, 2016; CHRISTIE, 1996; LANGA, 2011; LAWEKI, 2019; MARTINS, 2001; NCOMO, 2003; PACHINUAPA, 2009; VIEIRE, 2011.
[777] Aqueles moçambicanos que se convencionou chamar como "sulistas" tratava-se de uma aliança político-militar centrada em Eduardo Mondlane, constituída pela maioria das lideranças em postos-chave do

militar entre Marcelino dos Santos, Eduardo Mondlane e Samora Machel, mas que reunia a maioria das lideranças constituídas da Frente; e os "nortenhos"[778], representados pela aliança entre Uria Simango, Lázaro Nkavandame e Mateus Gwenjere, que promoviam uma insurreição de seus seguidores contra o Comitê Central.

Essa descrição certamente possui limitações. As múltiplas facetas dos conflitos em questão exigiriam um estudo mais aprofundado sobre os grupos, eventos e agentes apresentados até aqui para que se possa de fato compreendê-los.[779] Nosso objetivo, entretanto, transcende o entendimento das causas internas e divergências entre esses moçambicanos, e foca-se, sobretudo, em observar como ambos os grupos, independente de seus motivos pessoais e tensões locais, se apropriaram de linguagens políticas da Guerra Fria na suas buscas por legitimidade.

Iniciando a partir do olhar oficial da FRELIMO, ditada pelos "sulistas" nas suas posições mais altas de comando, a II Sessão do Comitê Central se mostra um marco para essa análise. Ela se deu logo na sequência da morte de Magaia, em outubro de 1966, em

movimento e por suas chefias militares, representadas por Samora Machel. A questão regional é apenas um parâmetro generalizante para definir esse agrupamento diverso, que contava com indivíduos como Marcelino dos Santos e Sérgio Vieira, que não eram provenientes da região sul. O que os unia, portanto, eram laços que transcendiam a questão geográfica. Eles eram no geral indivíduos cosmopolitas, que desfrutavam de um *status* de "assimilados" em Moçambique ou que eram provenientes de famílias mistas, acessando melhores condições de educação, cultura e ascensão social ao longo de suas trajetórias em relação ao restante da população do país. Vários deles se caracterizam por ter passado por períodos de estudos no exterior, onde constituíram conexões transnacionais, entre outros, com indivíduos brancos, alguns dos quais cooptados para a FRELIMO. Eram abertos às relações com estrangeiros e viam com bons olhos a colaboração de europeus nos movimentos anticoloniais. Os membros desse grupo possuíam influências, visões de mundo e acesso a conexões transnacionais muito diversos entre si. Uniam-se por refutar em grupo a retórica racial, o "tribalismo" e o "regionalismo" enquanto posicionamento oficial, privilegiando uma abordagem universalista e modernizante para o futuro do país mais associada ao seu próprio "perfil".

[778] O grupo que por convenção chamaremos de "nortenhos" reunia tanto lideranças moçambicanas associadas a região central do país, como Uria Simango e Mateus Pinho Gwengere, quanto àquelas associadas ao norte, como Lázaro Nkavandame. Era, portanto, também um grupo bastante diverso entre si, sendo associado a diferentes influências e variadas visões de mundo. Esse grupo heterogêneo se aliou em oposição às práticas "sulistas" da FRELIMO no final da década de 1960. Eram figuras mais vinculadas as populações tradicionais do interior do país, aos militantes de "base" da Frente na Tanzânia, e a identidades regionais específicas, sendo desvinculados do perfil "universalista" e "acadêmico" de suas contrapartes. – Eles observavam com desconfiança a "ocidentalização" de muitos de seus líderes e a presença de brancos e estrangeiros no seio do movimento anticolonial, se vendo muitas vezes em um lugar de desprestígio em relação a eles. Através de motivações muito distintas, eles passaram a atuar juntos em oposição à liderança do Comitê Central a partir de 1966.

[779] É importante perceber que a Frente de Libertação de Moçambique era constituída por diferentes correntes internas em tensão desde sua criação, convivendo com dissidências e dissenções, conforme apresentado no Capítulo 2.4. Os dois grupos aqui apresentados, portanto, eram bastante heterogêneos e possuidores de contradições internas, frutos das divergências antigas no seio da FRELIMO. As suas características aqui definidas, assim sendo, possuem limitações. Ao apresentar dois grandes agrupamentos envolvidos em um conflito nós conseguimos estudar com mais facilidade seus embates. Com isso, entretanto, deixamos de estudar as motivações pragmáticas individuais dos múltiplos agentes envolvidos nesse momento, diversas entre si. Isso são questões mais bem exploradas pela historiografia supracitada.

um período em que as lideranças da Frente já se encontravam em atrito. As medidas adotadas nessa reunião denotam o avanço da direção central do movimento no objetivo de expandir seus próprios tentáculos. As reformas na Tanzânia em direção ao partido-único se consolidavam cada vez mais nesse período, e os seus "inimigos internos" eram perseguidos em uma sociedade cada vez mais militarizada. Enquanto isso, a "Revolução Cultural Chinesa" elevava a imagem de seu líder revolucionário histórico, perseguindo elementos "indesejados" no país. Em meio a esse contexto, a FRELIMO usou essa reunião para marchar rumo a sua transformação em um partido de vanguarda revolucionária concentrado em torno de suas atividades político-militares.[780]

Isso pode ser percebido em uma citação da *Mozambique Revolution* que se refere a essa reunião: "que o Instituto Moçambique seja um centro educacional capaz de produzir militantes com as condições intelectuais adequadas, para que assim eles possam ser diretamente e imediatamente envolvidos no trabalho da revolução"[781]. Ou seja, uma instituição nascida para fins humanitários e educativos, desvinculada da direção da FRELIMO, passava agora a ser instrumentalizada na direção de seus objetivos militares – a partir dali a ordem era para que todos os estudantes fossem treinados para a Luta Armada em seus períodos de férias, e àqueles que reprovassem duas vezes seriam encaminhados definitivamente para as forças de guerrilha.[782] O mesmo pode se dizer do movimento das mulheres, que até então atuava com autonomia na Frente, mas que a partir dali passou a ser submetido a direção do partido – um "destacamento feminino" foi criado entre seus quadros nesse processo.[783] Mais que isso: com a criação de um Departamento Político e de sessões de comércio, indústria e agricultura nas estruturas do Comitê Central, a sua II Sessão expandia enormemente seu próprio poder em todas as direções, concentrando nas mãos das lideranças político-militares um número de atividades cada vez maior.[784]

As decisões tomadas quanto às zonas libertadas pela FRELIMO nas províncias de Cabo Delgado e Niassa são especialmente relevantes nesse sentido. O editorial da *Mozambique Revolution* número 27 traz detalhes sobre isso:

[780] CABRITA, 2020; COSTA, 2019; MARCUM, 2018; PEARCE, 2021.
[781] *Editorial*. **Mozambique Revolution**, n. 27, outubro/novembro/dezembro de 1966, p. 2, t. n. No original: "the Mozambique Institute to bo an educational centre able to produce militants with adequate intellectual qualifications, so that thoy may bo immediately and directly involved in tho work of tho Revolution".
[782] CABRITA, 2020; COSTA, 2019.
[783] COSTA, 2019; tese em andamento de Júlia Monticeli Rocha.
[784] CABRITA, 2020; COSTA, 2019; MARCUM, 2018.

> O governo português já não controla a economia nessas regiões, e seu poder está confinado somente à cidades e alguns postos militares. Essas províncias constituem regiões semi-libertadas onde a FRELIMO está estabelecendo a poder político e administrativo moçambicano, reorganizando a economia, criando novas escolas, hospitais, etc. A FRELIMO está então criando uma nova vida, na qual o povo assume por si mesmo a responsabilidade por sua dignidade. Nas outras províncias, a mobilização e organização política do povo continua e está sendo consolidada. [...] No campo da economia, o C. C. (Comitê Central) enviou uma Ordem do Dia para todos os militantes da FRELIMO: desenvolvam a produção, com o objetivo de garantir a autonomia econômica da FRELIMO – o que é uma condição básica para o progresso da luta.[785]

As zonas libertadas eram um elemento constituinte da teoria de guerrilhas formulada por Mao Tsé-Tung – ao visar a criação de "um poder político e administrativo moçambicano" em território colonial, era justamente a essa teoria que a Frente se filiava. Após um primeiro momento de avanços na luta armada, o que se estabelecia agora era que o movimento anticolonial iria estender suas atividades enquanto proto-Estado para essas zonas militarizadas. O objetivo de alavancar a economia nessas regiões a partir da "autoconfiança", dando ao povo a "responsabilidade por sua dignidade" e garantindo a "autonomia econômica da FRELIMO" conferia uma nova importância ao movimento perante as populações locais. O terreno para as cooperativas rurais em Moçambique começava a ser preparado, e as concepções econômicas e sociais da sua direção político-militar passavam a abarcar um número crescente de indivíduos.[786]

Ao direcionar todos os setores do movimento para a sua direção central, as suas lideranças constituídas saíam fortalecida em oposição aos seus críticos internos, que perdiam poder ao longo desse processo. Isso é ainda mais notório quando se percebe que a II Sessão do Comitê Central também definia os "inimigos internos" do movimento:

> O Comitê Central prestou particular atenção ao problema do tribalismo. O C. C. veementemente condena as tendências tribalistas demostradas por alguns camaradas nas suas funções, solenemente reafirma que as suas atitudes são o contrário dos interesses do povo moçambicano e atrapalha o progresso da luta popular para libertação nacional; afirma que a luta contra o tribalismo e o regionalismo em nosso meio é tão importante quanto a luta contra o

[785] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 27, outubro/novembro/dezembro de 1966, p. 1-2, t. n. No original: "Tho Portuguese government no longer controls tho economy in those regions, and its power is confined only to the cities and some military posts. Those provinces constitute somi-liberatod regions where FRELIMO is establishing a Mozambican political and administrative power, reorganizing tho economy, creating new schools, hospitals, etc. FRELIMO is thus creating a new life, in which tho people assume for themselves the rosponsability for their destiny. In tho other provinces, mobilisation and political organisation of the people continues and is being consolidated. [...] In tho economic field, tho C.C. sent an Order of tho Day to all FRELIMO militants: develop production, in order to assure tho economic autonomy of FRELIMO - which is a basic condition to tho progress of tho struggle".

[786] CABRITA, 2020; COSTA, 2019; MARCUM, 2018; PEARCE, 2021; PANZER, 2013; PANZER, 2009; OPELLO, 1975; CAHEN, 2010.

> colonialismo em si, e é fundamental para salvaguardar nossa unidade nacional e liberdade.[787]

Ao lançar uma ofensiva contra as suas próprias tendências "tribalistas" e "regionalistas", tarefa que assumia um caráter "tão importante quanto a luta contra o colonialismo em si", as lideranças "sulistas" da FRELIMO adotavam uma retórica que a partir dali justificaria purgas internas e perseguição aos seus inimigos "nortenhos", mais associados a demandas étnicas e regionais no interior da Frente. Tal como na "Revolução Cultural Chinesa" e na *Ujamaa*, tornava-se prática a partir de agora a purga pública dos "inimigos internos" da FRELIMO. Todos aqueles que resistissem ao modelo proposto de modernidade seriam taxados de elementos "indesejados". Um texto publicado em maio de 1967 na *Mozambique Revolution* deixa isso claro:

> A FRELIMO é a expressão da vontade do povo moçambicano ser livre, e ao mesmo tempo a FRELIMO é o instrumento dessa vontade. Na FRELIMO estão unidos moçambicanos de todas as tribos, de todas as partes de Moçambique. Todos nós moçambicanos – Macuas, Macondes, Nianjas, Changanes, Ajaos, etc. – queremos ser livres. Para ser livre nós temos que lutar unidos. Para lutar unidos nós temos que estar na FRELIMO: porque a FRELIMO é o movimento que está organizando a luta de todo o povo moçambicano contra o colonialismo português, para a conquista completa da Independência Nacional de Moçambique.[788]

Ao assumir o posto de representante único dos moçambicanos, o comando político-militar da FRELIMO permitia que todas as suas forças divergentes fossem enquadradas. Esse processo ganha novo fôlego ao longo das reformas levadas adiante por Samora Moisés Machel enquanto comandante das forças militares da Frente a partir de 1967 – sua ascensão representou, primeiramente, a realização de diversas purgas internas entre os militares, incluindo a expulsão e a execução de quadros associados aos "nortenhos" que não se submetiam às estruturas cada vez mais hierarquizadas sob suas ordens. Além disso, influenciado pelas teorias de guerrilha maoísta, ele estruturou o

[787] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 27, outubro/novembro/dezembro de 1966, p. 2, t. n. No original: "Tho Central Committee paid particular attention to tho problem of tribalism. Tho C.C. vehemently condemned tho tribalistic tendoncios shown by some comrades in their functions, solemnely reaffirmed that their attitude is contrary to the interests of tho Mozambican people and hinders tho progress of tho people's struggle for national liberation; it stressed that tho struggle against tribalism and regionalism in our midst is equally as important as tho struggle against colonialism itself, and is fundamental to saveguard our national unity and freedom".

[788] *We Must Fight...* **Mozambique Revolution**, n. 28, maio de 1967, p. 10, t. n. No original: "FRELIMO is the expression of tho will of tho Mozanbican people to bo free, and at the same time FRELIMO is the instrument of that will. In FRELIMO are united Mozanbicans of all tribes, of all parts of Mozanbiquo. All of us Mozanbicans - Macuas, Macondcs, Nianjas, Changanac, Ajaos, etc. - we want to be free. To be free we have to fight united. To fight united we have to bo in FRELIMO: because FRELIMO is the Movenent which is organising the struggle of the whole Mozanbican people against Portuguese colonialism, for the conquest of tho conplete National Independence of Mozambique".

movimento de um modo que a preparação militar, os estudos políticos e as atividades de produção passassem a se confundir cada vez mais, reforçando o caráter formativo da Luta Armada no nacionalismo moçambicano.[789]

Assim sendo, os "sulistas" se apropriavam das teorias de guerrilha de Mao Tsé-Tung e das reformas promovidas por Nyerere na Tanzânia para consolidar seu próprio poder na FRELIMO no final da década de 1960 e extirpar seus rivais do movimento. Isso não significava, entretanto, uma abdicação de demais influências e conexões transnacionais – pelo contrário, esse grupo era constituído tanto pelos militantes do movimento mais associados aos Estados Unidos e às potências ocidentais (como Mondlane), quanto aqueles mais ligados aos soviéticos e ao leste europeu (como Dos Santos), para além daqueles influenciados pelos chineses (como Machel). Ancorados nessas conexões e ideias diversas, eles se apropriavam de elementos da teoria maoísta ao concentrar cada vez mais a FRELIMO em torno de seus comandos político-militares, dando centralidade à Luta Armada, às zonas libertadas e à autoconfiança que guiaria suas atividades.

Muitos elementos presentes na "Grande Revolução Cultural Chinesa", entretanto, eram ameaçadores para essas lideranças. Eles possuíam, no geral, um perfil universalista, cosmopolita, acadêmico, pró-brancos e europeus, que dialogava com teorias da China sem renunciar de influências transnacionais mais diversificadas. O próprio Mondlane era um símbolo máximo desse perfil: acadêmico, casado com uma branca norte-americana, desfrutando de relações estreitas com os cooperantes internacionais da FRELIMO e mantendo ativos os seus canais de apoio nos EUA e na União Soviética. Isso entrava em choque com várias manifestações sociais daquele contexto. Foi justamente a elas que os "nortenhos" se vincularam em suas empreitadas "anti hegemônicas".

Esse grupo de opositores, curiosamente, não parece ter sido especialmente suscetível à retórica socialista ou de guerrilha em sua aproximação aos chineses. Pelo contrário, indivíduos como Nkavandame se caracterizavam por fazer parte de uma nascente burguesia local em Cabo Delgado, ligada à exploração da atividade agrícola, que se opunha ao processo de coletivização em curso.[790] Sua aproximação com as linguagens da "Grande Revolução Cultural" tinha mais a ver, portanto, com sua característica "cultural" – tal qual na *Ujamaa*, eles passam a associar a revolução a seu caráter africano. Os brancos nas salas de aula do Instituto Moçambique e entre os quadros

[789] CABRITA, 2020; COSTA, 2019; TAYLOR, 2006; DE BRITO, 2019.
[790] CABRITA, 2020; CAHEN, 2010; DERLUGUIAN, 2012; MARCUM, 2018.

do movimento anticolonial, os mulatos em posições de liderança nas suas estruturas, o estilo de vida elitizado e "ocidentalizado" dos dirigentes do Comitê Central, seu perfil cosmopolita, suas conexões transnacionais "imperialistas", e a suposta opressão étnica e regional levada a cabo por eles passaram a ser apontados como símbolos do colonialismo e do imperialismo. Segundo os "nortenhos", a "revolução anti-imperialista" precisaria se impor sobre as estruturas da FRELIMO como forma de tornar a sua luta realmente ligada às populações africanas.[791] Para eles, a "Frente Social" precisaria substituir a "Frente Política" criada em 1962 para que uma revolução verdadeira fosse instaurada.[792]

Os descontentes foram hábeis em encontrar seus próprios caminhos nesse contexto para promover uma ofensiva "anti hegemônica" nas estruturas da Frente. Conforme demonstram os estudos do período, Uria Simango, Lázaro Nkavandame e Mateus Gwenjere, enquanto os membros mais relevantes dos "nortenhos", conseguiram estabelecer conexões transnacionais relevantes no contexto tanzaniano, conquistando aliados importantes. Simango, após construir suas próprias conexões transnacionais enquanto vice-presidente da FRELIMO, havia se tornado a liderança do movimento mais associada à Pequim no final da década de 1960. Nessa época ele era um frequentador conhecido do *Canton Restaurant*, um ponto de encontro popular entre ativistas anticoloniais e políticos em Dar es Salaam, que era particularmente associado às atividades chinesas na região.[793] Os observadores externos o percebiam como o representante de alto-escalão da Frente mais próximo aos chineses, tendo mobilizado suas conexões contra Eduardo Mondlane.[794] Enquanto isso, Nkavandame e Gwenjere ganham destaque por ter se aproximado de quadros da TANU adeptos de algumas das práticas mais radicais da "Grande Revolução Cultural" e tê-los inflamado contra os "sulistas".[795]

O mais notório de seus aliados foi Lawi Nangwanda Sijaona, o popular líder da *TANU Youth League* que desfrutava de um *status* ministerial no governo de Nyerere até 1968, atuando próximo a Rashidi Kawawa. Ele havia viajado para a China pela primeira vez ainda em 1962, antes que os laços entre os países tivessem se estreitado, e acompanhou o presidente em outra viagem em 1968, em meio a "Grande Revolução Cultural". Sijaona passou a se vincular a algumas das práticas mais radicais da República

[791] CABRITA, 2020; CAHEN, 2010; COSTA, 2019; DERLUGUIAN, 2012; MARCUM, 2018; PANZER, 2013; PANZER, 2009; PEARCE, 2021; ROBERTS, 2017; OPELLO, 1975; JESUS, 2016.
[792] Sobre as diferenças da "Frente Política" para a "Frente Social", ver nota de rodapé 48.
[793] ROBERTS, 2017; JESUS, 2016.
[794] ROBERTS, 2017; TELEPNEVA, 2021; JESUS, 2016.
[795] ROBERTS, 2017; TELEPNEVA, 2021; COSTA, 2019; JESUS, 2016.

Popular ao longo dos anos, adotando uma retórica anti-brancos, anti-estrangeiros, anti-intelectual, anti hegemônica e anti-imperialista ferrenha, voltando-se inclusive contra outras lideranças da própria TANU e autoridades instituídas no país.[796] As lideranças da FRELIMO se tornaram alvos fáceis ao representante máximo da *TANU Youth League* nesse contexto. Maconde assim como Lázaro Nkavandame, ele não tardou em associar-se aos "nortenhos" do movimento anticolonial moçambicano e apoiar suas empreitadas insurgentes.[797]

Essas empreitadas ganharam notoriedade especialmente a partir de junho de 1967, quando Gwenjere chega à Dar es Salaam. Seu perfil cristão seduziu Eduardo Mondlane em um primeiro momento, que o convenceu a se juntar aos escritórios do movimento na capital da Tanzânia ao invés participar da Luta Armada. Acreditando que a união entre católicos e protestantes seria um trunfo na política internacional, o presidente da Frente encaminhou uma representação à Assembleia Geral da ONU composta pelo padre e por Uria Simango em novembro daquele ano.[798] A *Mozambique Revolution* reproduziu em partes o discurso emitido por ele na ocasião, e apesar de ter omitido muitos trechos, não esconde sua característica principal: "os portugueses, curiosamente, gabam-se de poder chamar a sua nação de multirracial, mas o seu multirracialismo é apenas inventado para se defenderem dos ataques dos seus adversários"[799]. É chamativo o seu ímpeto de observar a situação por um aspecto racial, em dissonância com a linha oficial do movimento. O mesmo pode ser dito das falas de Simango na ocasião, demonstrando uma primeira aproximação entre os dois nesse sentido – o vice-presidente da FRELIMO começava em Nova York a conquistar a aliança de Gwenjere contra os "sulistas".[800]

Quando eles voltaram para o continente africano as agitações começaram. Gwenjere tornou-se professor do Instituto Moçambique, onde a maioria dos estudantes eram Macondes insatisfeitos com as novas regras que lhes obrigava a servir militarmente à Luta Armada. Eles somavam-se aos macondes associados à Lázaro Nkavandame, também em rota de choque com a direção do movimento àquela altura pelos seus avanços sobre as zonas libertadas. Esses grupos se uniram naquele período em torno da narrativa que afirmava que as recentes decisões tomadas pelo Comitê Central da FRELIMO tinham

[796] BRENNAN, 2006; IVASKA, 2011; ROBERTS, 2016.
[797] ROBERTS, 2017; TELEPNEVA, 2021; COSTA, 2019; JESUS, 2016.
[798] CABRITA, 2020; MARCUM, 2018; LAWEKI, 2019; NCOMO, 2003.
[799] *A Mozambican Priest.* **Mozambique Revolution**, n. 31, out/nov de 1968, p. 9, t. n. No original: "The Portuguese, curiously enough, boast that they can call their nation multi-racial, but their multi-racialism is only contrived in order to defend themselves against attacks from their adverssaries".
[800] MARCUM, 2018.

por objetivo privilegiar os "sulistas", submetendo cada vez mais as populações do país vinculadas aos "nortenhos". Todo o imaginário daquele contexto era mobilizado nessa narrativa, que incluía duros ataques às lideranças constituídas. Começava ali um plano para subverter essa lógica que incluía a substituição de Mondlane por Simango na presidência do movimento.[801]

As salas de aula se tornaram um lugar de convulsão. Inflamados por Gwenjere, já em dezembro de 1967 os estudantes do Instituto Moçambique interromperam aulas em protestos contra a presença de professores brancos e estrangeiros na sua formação, bem como contra a obrigatoriedade de frequentar os treinamentos militares da FRELIMO. Esses protestos logo se intensificaram, tornando-se violentos e se voltando contra a direção do movimento. Eles contavam com a influência ativa de Sijaona, que espalhava mensagens contra Mondlane nas mídias locais e entre seus apoiadores, além de fornecer um exemplo de insurreição estudantil através da *TANU Youth League*.[802] É possível que os próprios chineses, que viam Mondlane com desconfiança desde 1963, tenham conspirado junto a ele nessa época por meios ocultos.[803] O ápice do alcance dessas ações se deu no dia 9 de maio de 1968 – o clima de "Grande Revolução Cultural" havia levado a protestos em várias partes do mundo nesse mesmo período – quando os estudantes moçambicanos atacaram os escritórios da FRELIMO e a sede do Instituto Moçambique munidos de armas brancas exigindo a substituição dos quadros dirigentes da Frente. Eles mobilizavam toda a retórica do período em ataques que levaram a morte Mateus Sansão Mutemba, um representante dos "sulistas", bem como a hostilidades aos professores brancos e a vários representantes "imperialistas" da facção no poder do movimento anticolonial.

Ainda que o episódio tenha levado a prisão de alguns dos "nortenhos" envolvidos, ele foi bem-sucedido em abalar as estruturas da Frente e pôr em causa suas lideranças. O Instituto Moçambique fechou na ocasião a sua simbólica escola secundária, que havia dado origem ao projeto, encerrando uma das atividades da FRELIMO mais associadas às suas conexões ocidentais. Ainda mais notório que isso foi e expulsão dos brancos associados ao movimento da Tanzânia. As autoridades locais, desconfiadas dos estrangeiros enquanto promovia a "autoconfiança" em seu país, percebiam o caos causado

[801] CABRITA, 2020; CAHEN, 2010; COSTA, 2019; DERLUGUIAN, 2012; MARCUM, 2018; PANZER, 2009; PEARCE, 2021; ROBERTS, 2017; JESUS, 2016.
[802] CABRITA, 2020; COSTA, 2019; MARCUM, 2018; PANZER, 2009; ROBERTS, 2017.
[803] JESUS, 2016.

pela presença desses indivíduos, e cederam às pressões dos "nortenhos" de excluí-los do país: enquanto os cooperantes internacionais, como Polly Gaster, foram encaminhados de volta aos seus países de origem;[804] os membros brancos e mulatos da Frente, como Sérgio Vieira e Jacinto Veloso, foram mandados às representações do movimento em países como Argélia, Marrocos e Egito – eles só foram autorizados a retornar à República Unida depois de 1970, quando a "Revolução Cultural" já havia se acalmado na Frente Anticolonial.[805]

Em meio à essas tensões, os "nortenhos" reivindicaram a realização de um novo congresso da FRELIMO. A imagem do Comitê Central estava bastante abalada com os acontecimentos recentes, o que fazia essas lideranças acreditarem que poderiam vencer uma eleição contra Mondlane contando com seus apoiadores na Tanzânia. Os "sulistas" concordaram em realizar esse novo congresso, porém exigiram que ele fosse realizado em uma das zonas libertadas em Moçambique. Além do simbolismo envolvido nesse acontecimento, eles sabiam que assim poderiam controlar melhor quem seriam seus participantes, de modo a garantir seu próprio controle sobre os fatos. Eles saíram vencedores nessa disputa – entre nos dias 20 e 25 de julho a província de Niassa recebia o Segundo Congresso da FRELIMO. A ausência de Lázaro Nkavandame nesse evento é fato demonstrativo de que as intenções "sulistas" foram bem-sucedidas, e eles puderam consolidar seu poder durante o encontro.[806]

Eram então definitivamente rompidas as divisões entre militares e políticos nas estruturas da Frente, reforçando ainda mais o poder do seu Departamento de Defesa. Aceitava-se que a luta armada era o grande meio de libertação de Moçambique, e que ela seria "longa e difícil"[807] – tal qual indicava a teoria de guerrilha maoísta. A "Guerra Popular Revolucionária" se tornava cada vez mais central, e tarefas como a mobilização do povo, o fortalecimento das milícias populares, e o crescimento da produção "autoconfiante" nas zonas libertadas passavam a ser políticas com caráter ainda mais oficial.[808] Ao mesmo tempo, todavia, a centralidade do Departamento Político era destacada em suas resoluções, anexadas na *Mozambique Revolution:*

---

[804] COSTA, 2019; *Entrevista com Polly Gaster* [concedida à Pedro Oliveira Barbosa e Marçal de Menezes Paredes]. 1 de julho de 2022. Arquivo pessoal de Pedro Oliveira Barbosa.
[805] COSTA, 2019; MARTINS, 2001; VIEIRE, 2011.
[806] CABRITA, 2020; COSTA, 2019; DERLUGUIAN, 2012; MARCUM, 2018; PEARCE, 2021; ROBERTS, 2017; OPELLO, 1975.
[807] *Editorial.* **Mozambique Revolution**, n. 35, jun/jul/set de 1968, p. 7, t. n. No original: "hard and long".
[808] CABRITA, 2020; CAHEN, 2010; COSTA, 2019; DERLUGUIAN, 2012; MARCUM, 2018; PEARCE, 2021; ROBERTS, 2017; OPELLO, 1975; JESUS, 2016.

> O Departamento Político foi criado em outubro, 1966. Sua criação foi o resultado do rápido crescimento da nossa luta de libertação, que requer um elemento mais científico no nosso trabalho. Todavia, até agora os objetivos, funções e estrutura desse Departamento ainda não haviam sido claramente definidos. Isso foi feito no último encontro do Comitê Central. Foi definido que o foco do Departamento Político era estudar os problemas da luta pela libertação nacional, nos seus aspectos teóricos e ideológicos. O Deparamento Político deve realizar estudos em tópicos importantes relativos à Moçambique: social, econômico, político, etc., e sugerir mudanças na política da FRELIMO e nas suas estruturas, de acordo com o desenvolvimento da luta.[809]

Ao pontuar a função do Departamento Político, a Frente deixava transparecer suas influências na União Soviética. O enfoque no "elemento mais científico" da luta moçambicana e o papel atribuído a seus líderes de imprimir "aspectos teóricos e ideológicos" nas suas estruturas são muito significativos. A liderança constituída do Comitê Central ganhava um *status* de "guia intelectual" responsável pela pauta socialista do movimento, cada vez mais associada ao centralismo-democrático declarado em seu 1° Congresso.[810] Nesse sentido, a FRELIMO se tornava principalmente um partido revolucionário de vanguarda do "Terceiro Mundo" inspirado em teorias maoístas, mas que não se desvinculava de estruturas e concepções ligadas a um "socialismo internacional" mais flexível e palatável para suas conexões transnacionais soviéticas. Eram acomodadas ali, portanto, as diferentes influências e trajetórias dos "nortenhos" em aliança. Enquanto a Luta Armada assumia um lugar de centralidade em todas as atividades da Frente, era a partir de uma fusão entre os elementos políticos e militares que o movimento se consolidava no Segundo Congresso. Nesse mesmo sentido, a *Mozambique Revolution* também mencionava os acontecimentos recentes em Dar es Salaam:

> O aspecto mais importante do Congresso, do nosso ponto de vista, foi a unidade demonstrada e a maneira como isso foi procedido. Sobre unidade: cerca de 2 meses antes do Congresso, certos eventos em Dar es Salaam levaram a especulação sobre a existência de um racha na FRELIMO. E de fato, o ataque aos escritórios da FRELIMO por um grupo de moçambicanos dizendo que eles queriam "novos líderes" pode sugerir a existência de grupos rivais. Foi explicado na época que essas pessoas eram imigrantes moçambicanos que tem vivido na Tanzânia por muitos anos, desempregados, provavelmente

[809] *Resolutions of the Central Committee*. **Mozambique Revolution**, n. 35, jun/jul/set de 1968, p. 5, t. n. No original: "The Political Department was created in October, 1966. Its creation was the result of the rapid growth of our liberation struggle, which required a more scientific element in our work. However, until now the aims, functions and structure of this Department had not yet been clearly defined. This was done at the last meeting of the Central Committee. It was stated that the aim of the Political Department was to study the problems of the struggle for national liberation, in their theoretical and ideological aspects. The Political Department shall make studies on important topics concerning Mozambique: social, economic, political, etc., and suggest changes in the policy of FRELIMO and in its structures, according to the development of the struggle".

[810] Sobre o 1° Congresso da FRELIMO e seus aspectos discursivos, ver o Capítulo 2.

> organizados pelo inimigo; e que eles não têm absolutamente nenhuma conexão com a revolução. Mas essa explicação não parece suficiente: dúvidas sobre nossa unidade ainda persistiam. O Congresso eliminou essas dúvidas. Delegados de cada província de Moçambique, representando todo o povo moçambicano, expressaram sua concordância com a política seguida durante os 6 anos desde o último Congresso, e reafirmaram sua confiança na liderança da FRELIMO.[811]

A falta de legitimidade atribuída aos "inimigos internos" da FRELIMO trata-se de mais uma escalada nas purgas internas do movimento. Aqueles que não se submetiam à liderança do Comitê Central, na qual as confianças foram reafirmadas, eram elementos que não tinham "absolutamente nenhuma conexão com a revolução". Mais que isso, eles eram "imigrantes [...] que tem vivido na Tanzânia por muitos anos", de modo que sua própria relação com Moçambique é contestada. Assim sendo, o Comitê Central da FRELIMO, constituído em torno da sua liderança político-militar, se tornava o representante único da nação moçambicana e da própria revolução em curso no país.

Claro que os "nortenhos" não aceitaram de bom grado essa situação, e continuaram atuando junto a autoridades locais no sentido de conseguir suporte em sua rebelião – mas eles começaram a ter cada vez mais problemas a partir daí. Enquanto Sijaona foi um aliado importante, Julius Nyerere se mostrou um fiel apoiador de Eduardo Mondlane e das lideranças "sulistas" da FRELIMO ao longo do tempo.[812] Ele próprio era reticente quanto à retórica racial e anti estrangeiros extremada que presenciava em seu país naqueles dias, tendo ficado particularmente furioso com o vandalismo à embaixada da União Soviética promovida pela *TANU Youth League* na esteira da "Primavera de Praga".[813] Ele tirou o posto ministerial de Sijaona depois disso, atendendo aos anseios e pedidos de Mondlane, e enfraquecendo o mais importante canal de apoio dos "nortenhos" na Tanzânia.[814]

---

[811] *Editorial*. **Mozambique Revolution**, n. 35, jun/jul/set de 1968, p. 1, t. n. No original: "The most important aspect of the Congress, in our view, was the unity it demonstrated and the manner in which it proceeded. Concerning unity: about 2 months before the Congress, certain events in Dar Es Salaam led to speculation on the existence of a split in FRELIMO. And in fact, the attack against the FRELIMO office by a group of Mozambicans maintaining that they wanted "new leaders" might suggest the existence of rival groups. It was explained at the time that these people were Mozambican immigrants, who have been living in Tanzania for many years, unemployed, probably organised by the enemy; and that they had absolutely no connection with the revolution. But this explanation did not seem sufficient: doubts on our unity were still lingering. The Congress eliminated such doubts. Delegates from every province of Mozambique, representing the whole Mozambican people, expressed their accord with the policy followed during the 6 years since the last Congress, and reaffirmed their confidence in the FRELIMO leadership".
[812] CABRITA, 2020; COSTA, 2019; MARCUM, 2018; ROBERTS, 2017; JESUS, 2016.
[813] Sobre a reputação soviética na Tanzânia e os ataques à embaixada, ver o Capítulo 4.4.
[814] ROBERTS, 2017.

Em agosto de 1968 ele tentou acalmar os ânimos entre os moçambicanos promovendo uma reunião entre Mondlane e Nkavandame. O maconde se recusou na ocasião a comprometer-se com a paz e tentou atrair Nyerere em favor de suas empreitadas dissidentes – ao que o presidente tanzaniano se negou.[815] No mesmo mês os "nortenhos" organizaram um novo encontro da Frente em Mtwara como resposta ao 2° Congresso, onde esperavam contar com o apoio das autoridades da TANU para subverter o poder na FRELIMO – expectativas que foram mais uma vez frustradas, uma vez que mesmo com a presença de Sijaona no evento o poder dos "sulistas" foi reconhecido e apoiado pelas lideranças locais.[816]

A partir daí a crise chegou a um ponto que obrigou o governo da Tanzânia a tomar a decisão em setembro de 1968 de bloquear o acesso às suas fronteiras sul por dois meses como forma de evitar uma escalada na violência interna dos moçambicanos.[817] Na sequência, em dezembro, Gwenjere foi preso com alguns de seus seguidores por suspeitas do assassinato de Paulo Kankhombe, um "sulista" enviado à Cabo Delgado para implementar reformas promovidas pelo Comitê Central. O padre ficou detido entre 28 de dezembro a 6 de janeiro.[818] Nessa mesma época Nkavandame foi suspenso pelo Comitê Central da FRELIMO de seu posto de secretário da província de Cabo Delgado.[819] Assim, os esforços "nortenhos" eram sucessivamente fracassados entre o final de 1968 e o início de 1969. Esse contexto, todavia, levou a Frente de Libertação de Moçambique a uma fase ainda mais dura de assassinatos, conspirações e purgas que perdurou até 1970 – e envolveu a expulsão da Tanzânia de Lázaro Nkavandame, Mateus Gwenjere e Uria Simango, consolidando os "sulistas" no poder do movimento anticolonial com o apoio das autoridades locais.[820]

O processo em questão, entretanto, se mostrou danoso também para os seus vencedores. Apesar de garantirem a manutenção do poder, eles estavam imersos em uma "Grande Revolução Cultural" interna violenta que levou a perseguições e conspirações em ambos os lados, colocando em risco a própria existência da Frente. A expressão mais relevante dessa violência se deu no dia 3 de fevereiro de 1969, quando Eduardo Mondlane recebeu uma correspondência no escritório onde gostava de trabalhar na casa de Betty

[815] ROBERTS, 2017.
[816] MARCUM, 2018; CABRITA, 2000.
[817] CABRITA, 2000.
[818] ROBERTS, 2017.
[819] CABRITA, 2000.
[820] CABRITA, 2000; COSTA, 2019; MARCUM, 2018. DERLUGUIAN, 2012; PEARCE, 2021.

King – um símbolo infeliz de suas conexões transnacionais.[821] A bomba que estourou em suas mãos nos momentos seguintes lhe tirou a vida e simbolizou o fim da primeira fase da FRELIMO: ele deixava para trás uma organização em meio às ebulições de seu contexto, mas que era consistente o bastante para receber apoio das três superpotências da Guerra Fria, do país anfitrião do Comitê de Libertação da OUA, de países de "Terceiro Mundo", de socialistas, de países ocidentais, entre outros. As bases dessas conexões transnacionais foram importantes para os "sulistas" que o sucederam no poder pudessem conter os efeitos da "Grande Revolução Cultural" no movimento e garantir o reconhecimento internacional da FRELIMO, que se tornou notório na década de 1970. A transição de poder após sua morte e o sucesso das conexões transnacionais a partir daí, entretanto, são assunto para uma próxima pesquisa.

[821] JESUS, 2016; COSTA, 2019; ROBERTS, 2017; MANGHEZI, 1999.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Frente de Libertação de Moçambique se movimentou de maneira ímpar pelo contexto da Guerra Fria. Se a década de 1970 é marcada pelo seu reconhecimento internacional como verdadeira representante dos moçambicanos – o que se manifesta em sua ascensão à partido-único do país após a independência em 1975, foi na década de 1960 que ela estabeleceu conexões que foram imprescindíveis para seu sucesso ao redor do mundo. Essa foi a história contada nessa pesquisa.

Antes mesmo da criação da FRELIMO em 1962 alguns moçambicanos inflamados contra o regime colonial português buscavam conexões transnacionais no contexto da Guerra Fria, e a partir delas se projetar para o mundo. É isso que foi demonstrado no Capítulo 1 dessa pesquisa. Na Tanganica, onde concentravam-se a maioria dos imigrantes moçambicanos, a retórica política era moderada, pró-ocidental, e anti-racialista, buscando promover uma "Unidade Africana" em etapas e favorável descolonização negociada, associada à PAFMECA. Foi dialogando com esse cenário que surgiu a MANU, um dos movimentos anticoloniais moçambicanos estabelecido naqueles dias.

Enquanto isso, em Gana, o projeto político caminhava em uma direção oposta. O simbólico país governado por Kwame Nkrumah passava por uma radicalização em sua retórica política naqueles anos, convertendo seu *Bureau of African Affairs* em um poderoso centro de difusão de ideias pró-socialistas, contrárias ao multirracialismo, defendendo uma "Unidade Africana" imediatista, e apoiando a via-armada na luta anticolonial. Essa perspectiva entrava em choque com aquela da Tanganica, e uma grande rivalidade surgiu entre os dois países. Enquanto a MANU era associada a Dar es Salaam, um segundo movimento anticolonial moçambicano, a UDENAMO, não tardou em associar-se à Accra, absorvendo muitas das ideias políticas daquele contexto.

Além desses movimentos anticoloniais que surgiam naqueles tempos, outros indivíduos moçambicanos também firmavam laços com conexões transnacionais da Guerra Fria. É o caso de Marcelino dos Santos, que já durante a década de 1950 havia se projetado como o moçambicano mais proeminente do grupo que se concentrava na Casa dos Estudantes do Império, em Portugal. A partir de lá ele se conectou com um ambiente intelectual associado ao "Espírito de Bandung", aos países socialistas e a esquerda europeia, tornando-se reconhecido nesses meios e criando laços em lugares como União Soviética e China. Foi ele o principal líder de Moçambique a promover a criação da

CONCP em 1961, congregando a luta anticolonial nas colônias portuguesas às conexões de Casablanca, por onde passavam os líderes africanos mais associados ao contexto revolucionário do "Terceiro Mundo".

Enquanto isso, o moçambicano com mais alta projeção internacional naquele período era Eduardo Mondlane. Acolhido desde a juventude por agentes transnacionais missionários, ele se utilizou dessas conexões para conseguir uma bolsa de estudos nos Estados Unidos na década de 1950, onde se associou ao contexto político da superpotência. Lá, além dos missionários, ele criou diálogos com o movimento afro-americano, com o meio acadêmico, e com políticos de alto escalão do país. A partir daí ascendeu a um cargo na ONU, que lhe proporcionou acesso a ainda mais conexões transnacionais. Contando com isso, em 1961 passou a se preparar para retornar ao continente africano, onde planejava liderar o processo de criação de um movimento anticolonial moçambicano contando com o apoio de suas conexões.

Foi a partir do encontro desses diferentes trajetórias e conexões transnacionais que foi criada a Frente de Libertação de Moçambique em 1962. Essa é a história narrada no Capítulo 2. A aliança entre Marcelino dos Santos e Adelino Gwambe, presidente da UDENAMO, forjada durante o encontro da CONCP, levou a uma fusão entre as conexões de Casablanca com aquelas de Accra, alavancando a UDENAMO como o movimento anticolonial moçambicano de maior representatividade internacional entre 1961 e 1962. O problema é que os caminhos do anticolonialismo em Moçambique naquele período passavam necessariamente pela Tanganica, uma região geograficamente indispensável à luta, que ganhava importância no período e onde se concentrava a maior parte dos imigrantes moçambicanos. As ideias políticas de suas lideranças, entretanto, entravam em choque com aquelas representadas pela união entre Dos Santos e Gwambe, de modo que o país mantinha seu suporte não à UDENAMO, apesar da sua representatividade externa, mas à MANU, que se alinhava de maneira muito mais evidente ao seu projeto regional.

Esse embate atingiu em cheio as conversas entre os moçambicanos em busca de uma "Unidade" na luta a partir de 1961. Enquanto a MANU passava por dificuldades para conseguir se legitimar perante os próprios moçambicanos e internacionalmente, perdendo cada vez mais representatividade, o Comitê Executivo da UDENAMO adotava uma retórica política associada à Gana, inviabilizando qualquer possível apoio vindo da Tanganica. A situação se tornava ainda mais complexa uma vez que essas ideias assumidas pelo Comitê Central do movimento mais bem-sucedido, associadas ao *Bureau*

of African Affaris, começavam a causar polêmica também perante os seus próprios quadros de base, muitos dos quais mais identificados com o contexto que encontravam na África Oriental. Assim, o anticolonialismo moçambicano se encontrava dividido durante a primeira metade de 1962.

Em maio de 1962, todavia, os diálogos avançaram. Contando com suporte das conexões vinculadas a Gana, Adelino Gwambe foi capaz de conduzir um processo de absorção da MANU pela UDENAMO, coagindo seus antigos rivais a declarar uma unificação dos movimentos em Accra. Quando essas lideranças retornaram a Dar es Salaam, entretanto, se depararam com uma nova realidade. Eduardo Mondlane já havia chegado à cidade, e liderava negociações paralelas de "Unidade", contando com o suporte das autoridades locais e de vários dos imigrantes moçambicanos que lá se encontravam. Ele foi capaz de redirecionar as conexões transnacionais do anticolonialismo moçambicano, atenuando as tendências mais radicais das conexões de Casablanca, excluindo as relações mais diretamente associadas ao *Bureau of African Affairs*, e promovendo uma Frente política mais amigável ao governo da Tanganica, aos países ocidentais, e a uma posição de não-alinhamento no cenário internacional. Nascia assim a Frente de Libertação de Moçambique.

A "Unidade" alcançada durante esse processo, entretanto, era frágil. Ao criar um movimento anticolonial em forma de "Frente", a FRELIMO agregava em seu interior conexões transnacionais divergentes e moçambicanos associados a trajetórias, ideologias e perspectivas muito variadas. Ainda que isso representasse um trunfo em questões internacionais, era muito desafiador em termos domésticos. O resultado foi o nascimento de uma "Unidade" em retalhos, que convivia com uma enormidade de conflitos internos e dissidências incômodas.

Convivendo com esses problemas internos, a Frente viajou o mundo em busca de legitimidade e apoio internacional a partir de 1962. Após liderar a sua criação, Eduardo Mondlane se dirigiu aos Estados Unidos, a superpotência onde apostou suas primeiras fichas de que conseguiria apoio contra o colonialismo português. Isso é contado no Capítulo 3. No contexto do governo Kennedy em que um grupo de "Africanistas" possuía espaço na administração, Mondlane foi capaz de entrar em diálogo com alguns dos indivíduos mais influentes de Washington, e através disso conquistar uma dose substancial de suporte ao projeto humanitário que possuía com sua esposa, Janet Mondlane.

O Instituto Moçambique, do qual Janet era a diretora, foi criado realizando uma gama de atividades humanitárias junto aos imigrantes moçambicanos na Tanganica, e dissociado das atividades militares da FRELIMO. O financiamento da Fundação Ford, conseguido junto ao governo dos EUA, viabilizou sua criação. Partindo disso, ele se converteu em um expoente na atração de apoio internacional, possuindo apelo especialmente em relação aos países da América do Norte, e da Europa Ocidental e Nórdica. Construído com o suporte americano, entretanto, ele logo perdeu as fontes de apoio que possuía junto ao Departamento de Estado.

Isso porque enquanto a via humanitária da abordagem de Mondlane encontrava apelo nos EUA, seus esforços para conseguir suporte político contra o colonialismo português não foram tão bem-sucedidos. O governo Kennedy passava por uma transição em sua postura quanto a Portugal na época da criação da FRELIMO, e abandonava cada vez mais sua ala "Africanista", dando prioridade a outros assuntos na questão internacional. Com isso, se manteve ao longo do tempo como um aliado de Portugal, e jamais deu suporte efetivo aos esforços anticoloniais da Frente. Com a morte de Kennedy em novembro de 1963, isso se tornou ainda mais evidente, potencializando a reputação negativa dos EUA no "Terceiro Mundo". Mondlane até conseguiu garantir um fluxo de apoio por vias ocultas no país através de suas conexões, mas isso estava longe de ser o suficiente para garantir o sucesso de um movimento anticolonial.

Assim sendo, as relações já estavam deterioradas quando Mondlane retornou ao continente africano em 1963, se deparando com o contexto de criação da Organização da Unidade Africana e de seu Comitê de Libertação, que congregava e oferecia um imaginário comum aos movimentos anticoloniais. A retórica anti-imperialista foi muito reforçada no continente a partir disso, observando as lutas pelo mundo como compartilhadas e em combate contra um grande sistema liderado pelos Estados Unidos e pelos países da OTAN. Isso se dava em um momento decisivo da FRELIMO, que estabelecia bases mais firmes depois de turbulências iniciais, e se viu conectada ao contexto no qual estava envolta. Assim, a Frente utilizou sua revista, a *Mozambique Revolution*, para atacar cada vez mais os seus inimigos "imperialistas" e prestar solidariedade a todos aqueles que também estavam em combate contra eles, assumindo uma retórica que via os EUA como inimigos mortais na arena internacional.

Adotando a retórica anti-imperialista, a FRELIMO naturalmente se voltou então aos países socialistas. Seus caminhos entre eles são contatos no Capítulo 4. O contexto do socialismo internacional na década de 1960 era fraturado, colocando lado a lado

projetos divergentes e com propósitos muito distintos. Ainda que a Frente tenha buscado se associar a eles de maneira geral, ela precisou fazer escolhas. Enquanto em países como Gane e Cuba algumas de suas posições polêmicas causaram problemas, levando a FRELIMO a ter um suporte muito limitado, em outras opções como Argélia e Iugoslávia sua posição de não-alinhamento foi bem recebida, lhe permitindo transitar por esses países e conseguir o apoio necessário para ter legitimidade nos meios socialistas.

Contando com isso, em 1964 a Frente se dirigiu à União Soviética. A viagem de Eduardo Mondlane e Marcelino dos Santos à superpotência deu início a uma aproximação decisiva na história da FRELIMO. Entre Moscou e os demais países do Pacto de Varsóvia, encontrar reconhecimento poderia ser chave para uma vitória ou derrota no terreno militar. Essa não era, todavia, uma tarefa fácil. Enquanto Dos Santos já possuía uma boa reputação entre os meios soviéticos e Uria Simango começava a também se tornar reconhecido, Mondlane era visto com reticências por suas relações com os EUA, o que se refletia diretamente em uma relutância de Moscou perante a Frente ao longo da década de 1960.

Isso não impediu, entretanto, que uma considerável dose de apoio fosse prestada. Em outubro de 1964 as mudanças no contexto político da União Soviética foram ao encontro do momento da FRELIMO, que recém iniciava sua luta anticolonial. Mobilizando uma retórica inspirada no internacionalismo proletário, a Frente foi capaz atrair ao longo dos anos um suporte em armas decisivo vindo diretamente de Moscou, além de financiamentos de lugares como Tchecoslováquia, Alemanha Oriental e Bulgária.

O conflito sino-soviético, todavia, chegou para pôr em causa as fidelidades e alianças no mundo socialista. A crescente influência chinesa sobre a Tanzânia fazia com que a URSS olhasse com desconfianças aos movimentos anticoloniais acolhidos pelo país. A FRELIMO era diretamente atingida por esse clima, uma vez que estava imersa no contexto da Tanzânia e era também tocada pelos ventos de Pequim que atingiam a região. Isso fez com que os soviéticos se tornassem extremamente relutantes quanto ao movimento anticolonial moçambicano no final da década de 1960.

As desconfianças não eram injustificadas. Ao longo daquela década a presença chinesa na Tanzânia era de fato cada vez maior, conforme mostrado no Capítulo 5. A Tanganica, onde a FRELIMO foi criada em 1962, logo foi fortemente atingida pelo contexto da Guerra Fria, mudando completamente as suas posições políticas. Isso está relacionado com a Revolução de Zanzibar em 1964, que atraiu grande atenção

internacional e mexeu com os interesses das três superpotências na região. O resultado do complexo jogo internacional que se deu a partir daí foi a criação da República Unida da Tanzânia, unificando a Tanganica e Zanzibar. Com isso, o novo Estado passou por uma transição política em direção ao socialismo, declarando em 1967 um Socialismo Africano – *Ujamaa* – que dialogava muito com a via-chinesa, refutando o modelo marxista-leninista soviético e a influência ocidental.

Imersa nesse contexto, a FRELIMO também se aproximou dos chineses naqueles anos. Ainda em 1963 Eduardo Mondlane e Marcelino dos Santos se deslocaram ao país governado por Mao Tsé-Tung. A recepção de Dos Santos por Mao é notória, especialmente quando se percebe que Mondlane teve uma recepção por funcionários do segundo escalão do governo. Isso tem relação com o "anti-imperialismo" inflamado dos chineses, que certamente não viam com bons olhos as conexões transnacionais de Mondlane. Apesar disso, os interesses de ambas as partes eram convergentes, de modo que a Frente não tardou em enviar guerrilheiros e aceitar o suporte em armas de Pequim. Ainda assim, a retórica discreta da *Mozambique Revolution* em relação ao país demonstra a relutância da FRELIMO em assumir publicamente a crescente influência chinesa em seu seio.

A explicação para essa influência se encontra na Tanzânia. Conforme o projeto socialista evoluía no país, a presença chinesa em seu território tornou-se cada vez maior. Promovendo um socialismo com base rural, anti-imperialista, militante e dissociado dos soviéticos, a superpotência asiática oferecia uma modelo muito mais adequado às ideias de Julius Nyerere do que as demais alternativas do período. Diante disso, os países desenvolveram uma importante parceria que passava não só pela ajuda econômica e militar, como pela crescente chegada de pessoas e ideias chinesas à África Oriental. Esses ventos atingiam diretamente os movimentos anticoloniais instalados na região. Com o passar dos anos, isso fez com que a FRELIMO se visse cada vez mais inspirada pelas teorias de guerrilha maoístas.

A chegada da "Grande Revolução Cultural" na China no final da década, posto isso, trouxe consigo muitos desafios. Várias ideias associadas a esse momento eram explosivas na perspectiva dos conflitos internos da FRELIMO. O período é marcado pelo surgimento de duas correntes rivais no interior do movimento anticolonial moçambicano. Os "nortenhos" tratava-se de um grupo anti-hegemônico que assume cada vez mais a retórica do anti-imperialismo militante, anti-brancos e anti-intelectuais, ligada a um militarismo estudantil, aos moldes da "Grande Revolução Cultural". Enquanto isso, os

"sulistas" tratava-se do grupo que dirigia a Frente na época, e apesar de também sofrer influências maoístas, promovia um modelo muito mais heterogêneo e abrangente, refutando os efeitos mais extremados dos acontecimentos de Pequim. Isso levou a um embate aberto a partir de 1966, que colocou a própria existência da FRELIMO em risco. Apesar da "Grande Revolução Cultural" ter sido contida nas estruturas internas do movimento ao longo do tempo, ela causou efeitos corrosivos, entre os quais inclui-se a trágica morte de Eduardo Mondlane em 3 de fevereiro de 1969.

Isso não impediu que os frutos das conexões transnacionais plantadas até ali fossem colhidos. Quando Samora Moisés Machel, o novo presidente da FRELIMO, partiu das margens do Rio Rovuma em direção a Maputo no dia 24 de maio de 1975, para sua simbólica marcha "do Rovuma, a Maputo"[822], ele se despediu de um portal. A partir de seus escritórios na Tanzânia, a Frente de Libertação de Moçambique havia conquistado o reconhecimento do mundo. Na sua 2° Fase a Frente presenciou o sucesso de suas conexões transnacionais se converterem em uma independência que lhe premiou como representante única do nacionalismo moçambicano. Foi em sua 1° Fase, todavia, que as bases dessas conexões foram estabelecidas. A FRELIMO se movimentou como ninguém pela Guerra Fria ao longo dos anos 1960, conquistando apoiadores em todos os lados dessa complexa dinâmica internacional, e se tornando notável como único movimento anticolonial a ser apoiada pelas três superpotências do período. Esse caminho se deu, conforme demonstrado, de maneira tortuosa: obrigada a se moldar aos desafios do contexto, a Frente viu seus conflitos e dinâmicas internas serem corroídos pelas suas escolhas internacionais.

Posto isso, ao realizar essa pesquisa, nos deparamos com uma série de desafios e limitações. Ao escolher a abordagem da História Global, a partir da qual rastreamos os movimentos da FRELIMO entre as conexões transnacionais da Guerra Fria, a perspectiva adotada foi extremamente abrangente e desafiadora. Os perigos dessa empreitada são bastante evidentes. O objetivo de observar a Frente se deslocando entre uma variedade tão grande de alternativas recai necessariamente no risco de se realizar generalizações e

[822] A Marcha "Do Rovuma a Maputo" de Samora Machel foi um trajeto percorrido pelo novo presidente moçambicano entre os dias 24 de maio e 25 de junho de 1975, que culminou na independência do país na capital Maputo. Ao atravessar a integridade do território nacional, desde seu extremo norte, partindo da Tanzânia, até o extremo sul, onde se localiza a capital, uma série de simbologias sobre a Unidade Nacional e o projeto político da FRELIMO foram evocados, de modo a consolidar o poder do presidente no país recém independente. Sobre isso, ver: DARCH; HEDGES, 2018.

apagamentos históricos imperdoáveis para um trabalho acadêmico sério. Como forma de evitar esses erros, foi necessário fazer escolhas.

Uma enorme diversidade de conexões transnacionais acessadas pela FRELIMO ao longo da década de 1960 foram ignoradas nessa pesquisa, enquanto outras foram citadas de maneira muito superficial. Ainda no início da década, antes da criação da Frente, outros moçambicanos para além dos aqui mencionados buscavam apoio a partir de conexões da Guerra Fria, como a UNAMI, o MANC, e alguns indivíduos ligados a UDENAMO que eram dissociados de seu Comitê Central. A partir de junho de 1962, com a "Unidade" estabelecida em Dar es Salaam, a FRELIMO passou a se projetar ao mundo, se fazendo presente em lugares tão diversos quanto Israel, Índia, Coréia do Norte, Itália e Tunísia.[823] Não apenas isso, ela foi capaz de fazer barulho em organizações internacionais, como na ONU e na Tricontinental, além de se ver apoiada por comitês de solidariedade espalhados pelo mundo inteiro.[824] Ainda, estabeleceu uma aliança imprescindível com os demais movimentos anticoloniais que atuavam naquele contexto, como com o MPLA, o PAIGC, o ZAPU, a FNL, e o ANC.[825]

Essas relações foram em grande medida negligenciadas pela presente pesquisa. Partindo da premissa de que a FRELIMO foi única em sua capacidade de se deslocar entre as superpotências daquele período, elegemos as conexões transnacionais desses países poderosos como privilegiadas no presente estudo, levando em conta a sua enorme representatividade em relação ao mundo. Aprofundando o olhar sobre as conexões transnacionais da Frente nos Estados Unidos, na União Soviética e na China, foi possível perceber como ela se posicionava em relação ao contexto internacional como um todo, além de apresentar uma série de outras conexões que se relacionam de maneira transversal a essas – os caminhos da Frente até às superpotências era tortuoso, e envolvia uma série de outros países, para além das potências em si. Enquanto as conexões que nos ajudavam a observar esse processo foram estudadas nessa pesquisa, outras tantas que não dizem respeito diretamente a isso acabaram sendo, por opção, ignoradas ou abordadas superficialmente.

[823] Sobre essas outras conexões, ver, por exemplo: TORNIMBENI, 2018; JESUS, 2016; CABRITA, 2000.
[824] Sobre isso, ver, por exemplo: PARROT, 2016; SANTOS, 2017; PRASHAD, 2007.
[825] Sobre isso, ver, por exemplo: ARAÚJO (org.), 2017; BUSSOTI; JACQUINET (eds.), 2021; MENESES; MARTINS (orgs.), 2013; SANTOS; ANDRÉ; TORNIMBENI; VASILE (eds.), 2007; ALEXANDER; MCGREGOR; TENDI (eds.), 2017; DALLYWATTER; SAUNDERS; FOSECA (eds.), 2019; SAUNDERS (ed.), 2009.

Nesse sentido, a presente pesquisa não teve por objetivo esgotar o estudo sobre as conexões transnacionais da FRELIMO, mas sim observar a sua capacidade de se deslocar entre as conexões da Guerra Fria e projetar-se internacionalmente. Ao escolher essa perspectiva mais abrangente, abrimos espaço para que diversas das conexões abordadas aqui sejam mais aprofundadas em novas pesquisas, e que novas conexões sejam acrescentadas a elas – o nosso olhar foi sobre o geral, o que abre espaço para que estudos específicos tragam novos detalhes sobre vários dos assuntos aqui trabalhados. Na verdade, mesmo as conexões mais aprofundadas nesse trabalho poderiam ser estudadas individualmente, se debruçando sobre pontos e acontecimentos aos quais não tivemos a oportunidade de abordar devido as restrições da perspectiva escolhida.

Pontuadas as limitações do trabalho, passemos para seus méritos. Ainda que a perspectiva escolhida acabe por naturalmente gerar lacunas, ela ofereceu uma oportunidade única de compreender como o sistema da Guerra Fria impactou a luta anticolonial em Moçambique, percebendo sobretudo como a FRELIMO conseguiu se apropriar daquele contexto, e ser dona do próprio destino em meio a um cenário internacional complexo e recheado de rivalidades. Contrariando uma leitura clássica sobre o período, que observa as superpotências como guias dos processos que se davam no "Terceiro Mundo", demonstramos sobretudo como um movimento anticolonial era capaz de mobilizar linguagens e estratégias de modo a conseguir apoio em todos os lados em conflito, agindo conforme seus próprios interesses e necessidades, e negando a gerência estrangeira sobre si.

A Frente de Libertação de Moçambique foi muito hábil ao projetar-se internacionalmente. A sua constituição enquanto "Frente" lhe permitiu reunir agentes com perfis diversos e acesso a conexões transnacionais divergentes, agregando pessoas com condições de navegar com fluidez entre as alternativas daquele contexto. Assim sendo, ela foi capaz de conseguir apoios variados e de diferentes gêneros. Particularmente, ela mostrou-se hábil ao se deslocar entre as superpotências, mobilizando diferentes apelos e demandas em relação a cada uma delas, de modo a conquistar o apoio das três. Basicamente, ao contar uma História Global da FRELIMO e rastrear seus movimentos entre as conexões transnacionais, pôde-se contar uma nova história da Guerra Fria, demonstrando as escolhas e desafios apresentados por aquele cenário, e os seus efeitos sobre um movimento anticolonial que transitou como poucos por ele.

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

ABURISH, Said. **Nasser: The Last Arab.** Nova York: Thomas Dunne Books, 2004.

ADAM, Yussuf. **Cooperativização Agrícola e Modificação das Relações de Produção no Período Colonial em Moçambique.** Maputo: Tese de Licenciatura, Universidade Eduardo Mondlane, 1986.

ADEDEJI, Adebayo. *Estratégias comparadas de descolonização econômica.* In: MAZRUI, Ali (ed). **História Geral da África, VIII – África desde 1935.** Brasília: UNESCO, 2010.

ADI, H. **West Africans in Britain, 1900-1960: Nationalism, Pan-Africanism and Communism.** Londres: Lawrence & Wishart, 1998.

AHLMAN, Jeffrey. *Road to Ghana: Nkrumah, Southern Africa and the Eclipse of a Decolonizing Africa.* **Kronos**, v. 37, n. 1, 2011.

_____. *The Algerian Question in Nkrumah's Ghana, 1988-1960: Debating "Violence" and "Nonviolence" in African Decolonization.* **Africa Today**, v. 57, n. 2, 2010.

ALEXANDER, Jocelyn; MCGREGOR, JoAnn; TENDI. Blessing-Miles. *The transnational histories of Southern African Liberation Movements: An introduction.* **Journal of Southern African Studies**, v. 43, n. 1, 2017.

ALISSON, Roy. **The Soviet Union and the strategy of non-alignment in the Third World.** Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

ALTORFER-ONG, Alicia. **Old Comrades and New Brothers: A Historical Re-Examination of the Sino-Zanzibari and Sino-Tanzanian Bilateral Relationships in the 1960s.** Thesis submitted at London School of Economics and Political Science, 2014.

AMINZADE, Ronald. **Race, Nation, and Citizenship in Post-Colonial Africa: The case of Tanzania.** Nova York: Cambridge University Press, 2013.

ANDERSON, Perry. **A política externa norte-americana e seus teóricos.** São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. **Duas Revoluções: Rússia e China.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

ARAÚJO, Caio Simões (org.). **A Luta Continua, 40 Anos Depois: História Entrelaçadas da África Austral.** Maputo/Porto: Alcance Editores.

ARMITAGE, David. *A virada internacional na História Intelectual.* **Intelligere, Revista de História Intelectual.** São Paulo: v. 1, n. 1, 2015.

ASANTE, S. K. B; CHANAIWA, David. *O Pan-Africanismo e a Integração Regional*. In: MAZRUI, Ali (ed). **História Geral da África, VIII – África desde 1935.** Brasília: UNESCO, 2010.

BAEV, Jordan. *Bulgarian Military and Humanitarian Aid to Third World Countries: 1955-75.* In: MUEHLENBECK, Philip; TELEPNEVA, Natalia (eds.). **Warsaw Pact Intervention in the Third World.** Londres/Nova York: I.B. Tauris, 2018.

BASTO, Maria-Benedita. **A Guerra das Escritas: Literatura, nação e teoria pós-colonial em Moçambique.** Lisboa: Edições Vendaval, 2006.

_____. *Writing a Nation or Writing a Culture? Frelimo and Nationalism During the Mozambican Liberation War.* In: MORIER-GENOUD, Eric (ed.). **Sure Road? Nationalism in Angola, Guinea-Bissau and Mozambique.** Londres/Boston: Brill, 2012.

BAQUETE, Calisto. **Gênese da oposição à Frente de Libertação de Moçambique FRELIMO (1960-1994): Caso do COREMO.** (Em andamento).

BELL, Peter. *The Ford Foundation as a Transnational Actor.* **International Organization,** v. 25, n. 3, 1971.

BIRMINGHAM, David. **The Decolonization of Africa.** Londres: Taylor & Francis e-library, 2009.

BITTENCOURT, Marcelo. *Fissuras na luta de libertação angolana.* **MÉTIS: história e cultura,** v. 10, n. 19, 2011.

BJERK, Paul. **Building a peaceful nation – Julius Nyerere and the establishment of sovereignty in Tanzania, 1960-1964.** Nova York: University of Rochester Press, 2015

_____. **Julius Nyerere.** Ohio: Ohio University Press, 2017

BOITTIN, J. A. **Colonial metropolis: The urban grounds of anti-imperialism and feminism in interwar Paris.** Lincoln: University of Nebraska Press, 2010.

BONACCI, Giulia; DELMAS, Adrien; ARGYRIADIS, Kali (eds.). **Cuba and Africa, 1959-1994.** Joanesburgo: Wits University Press, 2020.

BONATE, Liazzat. **Traditions and Transitions – Islam and Chiefship in Northern Mozambique ca. 1850-1974.** Dissertation submitted for Department of Historical Studies, University of Cape Town, 2002.

BOSGRA, Sietse. **Irmãos do Ocidente: Solidariedade na Holanda com Moçambique (1962-2005)**. Amsterdã: Arquivo Histórico de Moçambique, 2005.

BOTT, Sandra; HANHIMAKI, Jussi; SCHAUFELBUEHL, Janick; WYSS, Marco (eds.). **Neutrality and Neutralism in the Global Cold War: Between or within the blocs?** Londres/Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2016.

BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica.* In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BRAZINSKY, Gregg. **Winning the Third World: Sino-American Rivalry during the Cold War.** Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2017.

BRENNAN, James. *Adelino Gwambe, UDENAMO, and the politics of transnational patronage in early post-colonial Tanzania.* **[**Em vias de publicação].

_____. *Youth, the TANU Youth League and Managed Vigilantism in Dar es Salaam.* **The Journal of the International African Institute,** v. 76, n. 2, 2006.

BURGESS, Thomas. **Race, Revolution, and the Struggle for Human Rights in Zanzibar.** Athens: Ohio University Press, 2009.

BURKE, Peter. *A invenção da biografia e o individualismo moderno.* **Estudos históricos,** v. 10, n. 19, 1999.

BURTON, Eric. *Hubs of Decolonization. African Liberation Movements and and "Eastern" Connections in Cairo, Accra, and Dar es Salaam.* In: DALLYWATER, Lena; SAUNDERS, Chris; FONSECA, Helder Adegar (eds.). **Southern African Liberation Movements and the Global Cold War 'East'.** Berlin/Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2019.

BUSSOTTI, Luca; JACQUINET, Marc (orgs.). *A outra história: por uma narração alternativa da luta de libertação nos PALOPS.* **Tempo e Argumento,** v. 13, n. 34, 2021.

BINEY, Ama. **The Political and Social Thought of Kwame Nkrumah.** Nova York: Palgrave Macmillan, 2011.

BYRNE, Jeffrey James. **Mecca of Revolution: Algeria, Decolonization & the third world order.** Nova York: Oxford University Press, 2016.

CABRITA, João. **Mozambique – The Tortuous Road to Democracy.** Nova York: Palgrave Macmillan, 2000,

CAHEN, Michel. *Moçambique: o "fim da história"... única. Trajetórias dos anticolonialismos em Moçambique.* **African Studia,** n. 15, 2010.

_____. *The Mueda Case and Maconde Political Ethnicity: some notes on a work in progress*. **African Studia**, n. 2, 1999.

_____. *Check on Socialism in Mozambique: What Check? What Socialism?* **Review of African Political Economy,** n. 57, 1993.

_____. **Mozambique: La Révolution Implosée.** Paris: Éditions L'Harmattan, 1987.

CASTELLANO, Igor. **Congo, A Guerra Mundial Africana: Conflitos Armados, Construção do Estado e Alternativas para a Paz.** Porto Alegre: Editora Leitura XXI, 2012.

CASTELO, Cláudia; JERÓNIMO, Miguel Bandeira (orgs). **Casa dos Estudantes do Império: Dinâmicas coloniais, conexões transnacionais.** Lisboa: Edições 70, 2017.

CERVENKA, Zdenek. **The Unfinished Quest for Unity: Africa and the OUA.** Londres: Julian Friedmann Publishers Ltd., 1977.

CHAMBINO, Fernando Martins. **Subversão em Cabo Delgado: Contribuições para seu estudo.** Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1968.

CHAU, Donavan. **Exploiting Africa: The Influence of Maoist China in Algeria, Ghana, and Tanzania.** Annapolis, Naval Institute Press, 2014.

CHAVES, Wanderson. **A Questão Negra: A Fundação Ford e a Guerra Fria (1950-1970).** Curitiba: Appris, 2019.

CHENG, Yinghong; MANNING, Patrick. *Revolution in Education: China and Cuba in Global Context, 1957-76.* **Journal of World History,** v. 14, n. 3, 2003.

CHICHAVA, Sérgio. Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique. Discussion Paper, Madrid: IESE, n. 1, 2008.

CHRISTIE, Iain. **Samora, uma biografia.** Maputo: Ndjira, 1996.

COLLINS, Sheila. **Ubuntu: George Houser and the Struggle for Peace and Freedom on two continents.** Athens: Ohio University Press, 2002.

CORNELLY, Evaristi Magoti. **A Critical Analysis of Nyerere's Ujamaa: An Investigation of its Fundations and Values.** Thesis submitted to The University of Birmingham, 2012.

COSTA, Catarina. **Moçambique: o sonho de uma Nação.** Lisboa: Lua Elétrica, 2019.

CONNELLY, Matthew. **A Diplomatic Revolution: Algeria's Fight for Independence and the Origins of the Post-Cold War Era.** Nova York: Oxford University Press, 2002.

CONRAD, Sebastian. **What is Global History?** Princeton: Princeton University Press, 2016.

COOK, Alexander. **Mao's Little Red Book: A Global History.** Nova York: Cambridge University Press, 2014.

COOPER, Frederick. **Africa since 1940: the pasto of the present.** New York: Cambridge University Press, 2002.

CROUCH, Susan. **Western Responses to Tanzanian Socialism, 1967-83.** Newcastle: Avebury, 1987.

SAUNDERS, Chris; FONSECA, Helder Adegar; DALLYWATER, Lena (eds.) **Southern African Liberation Movements and the Global Cold War "East": Transnational Activism 1960-1990.** Berlin/Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2019.

DARCH, Colin; HEDGES, David. **Samora Machel: retórica política e independência em Moçambique.** Salvador: EDUFBA, 2018.

DARCH, Colin. *As Publicações da FRELIMO: um estudo preliminar.* **Estudos Moçambicanos, n. 2, 1981.**

DAS NEVES, Joel Maurício. **Economy, Society and Labour Migration in Central Mozambique, 1930-1965: A study case of Manica province.** SOAS PhD Thesis, 1998.

DAWISHA, Adeed. **Arab Nationalism in the Twentieth Century.** Princeton: Princeton University Press, 2016.

DE BRITO, Luis. **A FRELIMO, o Marxismo, e a construção do Estado Nacional.** Maputo: IESE, 2019.

DE JESUS, José Manuel Duarte. **Eduardo Mondlane – Hope Destroyed.** North Charleston: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2016.

DERLUGUIAN, Georgi. *The Social Origins of Good and Bad Governance: Re-Interpreting the 1968 schism in FRELIMO.* In: MORIER-GENOUD, Eric (ed.). **Sure Road? Nationalisms in Angola, Guinea-Bissau and Mozambique.** Londres/Boston: Brill, 2012.

DIKOTTER, Frank. **A Grande Fome de Mao: A história da catástrofe mais devastadora da China, 1958-62.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

_____. **The Cultural Revolution: A people's History, 1962-1976.** Nova York/Londres/Oxford/Nova Déli/Sidney: Bloomsbury Press, 2017b.

DINERMAN, Alice. **Revolution, Counter-Revolution and Revisionism in Postcolonial Africa.** Londres/Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2006.

DINKEL, Jurgen. **The Non-Aligned Movement: Genesis, Organization and Politics (1927-1992).** Berlin/Boston: Brill, 2019.

EL-AYOUTY, Yassin; ZARTMAN, William. **The OUA After Twenty Years.** Nova York: Praeger Publishers, 1984.

EL-FADL, REEM ABOU. *Building Egypt's Afro-Asian Hub: Infraestructure of Solidarity and the 1957 Cairo Conference.* **Journal of World History,** v. 39, n. 1-2.

ENGEL, Ulf. *Foreworld*. In: DALLYWATER, Lena; SAUNDERS, Chris; FONSECA, Helder Adegar (eds.). **Southern African Liberation Movements and the Global Cold War 'East'.** Berlin/Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2019.

ENGERMAN, David. *Ideology and the origins of the Cold War, 1917-1962*. In: LEEFLER, Melvyn; WESTAD, Odd Arne (eds). **The Cambridge History of the Cold War – Volume 1, Origins.** Cambridge: University Press, 2010.

EVANS, Martin. **Algeria: France's Undeclared War.** Oxford: Oxford University Press, 2012.

FARIS, Robert. **Liberating Mission in Mozambique – Faith and Revolution in the Life of Eduardo Mondlane.** Eugene: Pickwick Publications, 2014.

FITZPATRICK, Sheila. **Breve História da União Soviética: Queda, Ascenção e Cinzas de um Império.** Lisboa: Editorial Presença, 2022.

FOLTZ, William; WIDNER, Jennifer. *The OUA and Southern African Liberation*. In: EL-AYOUTY, Yassin; ZARTMAN, William. **The OUA After Twenty Years.** Nova York: Praeger Publishers, 1984.

FRIEDMAN, Jeremy. **Shadow Cold War: The Sino-Soviet Competition for the Third World.** North Carolina: The University of North Carolina Press, 2015.

FUNADA-CLASSEN, Sayaka. **The Origins of War in Mozambique: a history of Unity and Division.** South Africa: African Minds, 2013.

GADDIS, John. *Grand strategies in the Cold War.* In: LEEFLER; WESTAD (eds). **Cambridge History of the Cold War – Volume 2, Crises and Détente.** Cambridge: University Press, 2010.

GASZTOLD, Przemyslaw. *Lost Illusion: The Limits of Communist Poland's Involvement in Cold War Africa.* In: MUEHLENBECK, Philip; TELEPNEVA, Natalia (eds.). **Warsaw Pact Intervention in the Third World.** Londres/Nova York: I.B. Tauris, 2018.

GERGES, Fawaz. **Making the Arab World: Nasser, QUTB, and the Clash that shaped the Middle East.** Princeton/Oxford: Princeton University Press, 2018.

GLEIJESES, Piero. **Conflict Missions: Havana, Washington, and Africa, 1959-1976.** North Carolina: The University of North Carolina Press, 2011.

GOEBEL, M. **Anti-imperial Metropolis: Interwar Paris and the Seeds of Thir World Nationalism.** Nova York: Cambridge University Press, 2016.

GOSCHA, Cristopher. **The Penguin History of Modern Vietnam.** Londres: Penguin Books, 2016.

GOTT, Richard. **Cuba: A New History.** New Haven/Londres: Yale University Press, 2004.

GRASSO, June; JAY, Corrn; KORT, Michael. **Modernization and Revolution in China.** Nova York: East Gate Book, 1997.

GRAY, William Grenn. **Gremany's Cold War: The Global Campaign to Isolate East Germany, 1949-1969.** Cape Hill/Londres: The University of North Carolina Press, 2003.

GRILLI, Matteo. *Nkrumah's Ghana and the Armed Struggle in Southern Africa (1961-1966).* **South African Historical Journal,** 2018, v. 70, n. 1.

_____. **African Liberation and Unity in Nkrumah's Ghana: A Study of the Role of "Pal-African Institutions" in the making of Ghana's Foreign Policy.** Thesis submitted to University of Pavia, 2015.

GRILLI, Matteo; GERITS, Frank (eds.). **Visions of African Unity: New Perspectivos on the History of Pan-Africanism and African Unification Projects.** Suiça: Pallgrave Macmillan, 2020.

HANHIMAKI, Jussi. *Détente in Europe, 1952-1975.* In: LEEFLER, Melvyn; WESTAD, Odd Arne (eds). **The Cambridge History of the Cold War – Volume 2, Crises and Détente.** Cambridge: University Press, 2010b.

HENRIKSEN, Thomas. **Revolution and Counterrevolution: Mozambique's War of Independence, 1964-1974.** Londres: Greenwood Press, 1983.

IBHAWOH, Bonny; DIBUA, J. I. *Desconstructing Ujamaa: The Legacy of Julius Nyerere in the Quest for Social and Economic Development in Africa*. **African Association of Political Science,** v. 8, n. 1, 2003.

ISAACMAN, Allen; ISAACMAN, Barbara. **Mozambique: from Colonialism to Revolution, 1900-1982.** Aldershot: Westview Press, 1983.

IVASKA, Andrew. *Leveraging Alternatives: Early FRELIMO, the Soviet Union, and the infrastructure of African Political Exile.* **Comparative Studies of South Asia, Africa and the Middle East**, v. 41, n. 1, 2021.

_____. **Cultured States: Youth, Gender, and Modern Style in 1960s Dar es Salaam.** Durham/Londres: Duke University Press, 2011.

_____. *Movement Youth in a Global Sixties Hub: The Everyday Lives of Transnational Activists in Postcolonial Dar es Salaam.* In: JOBS, Richard; POMFRET, David (eds.). **Transnational Histories of Youth in the Tweentieth Century.** Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

JASMIN, Marcelo Gantus; JÚNIOR, João Feres. **História dos Conceitos: debates e perspectivas.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

JERSILD, Austin. **The Sino-Soviet Alliance.** Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2014.

JIANG, Chen. **Mao's China & The Cold War.** Chapel Hill/Londres: The University of North Carolina Press, 2001.

KAISER, Daniel. *'Makers of Bonds and Ties': Transnational Socialisation and National Liberation in Mozambique.* **Journal of Southern African Studies**, 2017, v. 43, n. 1.

KATSAKIORIS, Constantin. *Students from Portuguese Africa in the Soviet Union, 1960-74: Anti-colonialism, Education, and the Socialist Alliance.* **Journal of Contemporary History,** v. 56(1), 2020.

KINNI, Kini-Yen. **Political Philosophy and Socio-Economic Anthropology for African Liberation and Governance: Vol. 2.** Bamenda: Langaa Research & Publishing CIG, 2015.

KOLÀR, Pavel. *Post-Stalinist Reformism and the Prague Spring.* In: NAIMARK; PONS; QUINN-JUDGE (eds.). **The Cambridge History of Communism: Volume 2 – The Socialist Campo and World Power (1941-1960s).** Cabridge: Cambridge University Press, 2017.

KOODJO, Edem; CHANAIWA, David. *O Pan-Africanismo e a Integração Regional.* In: MAZRUI, Ali (ed). **História Geral da África, VIII – África desde 1935.** Brasília: UNESCO, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuições à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

KORT, Michael. **The Soviet Colossus: History and Aftermath.** Londres/Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2010.

KRAUS, Richard. **The Cultural Revolution: A Very Short Introduction.** Oxford: Oxford University Press, 2012.

KRAUZS, Tamás. **Reconstruindo Lênin: uma biografia intelectual.** São Paulo: Boitempo, 2017.

KUC, Nadzad. *Southern African Students in Southeast Europe: Education and Experiences in 1960s Yugoslavia.* In: SAUNDERS, Chris; FONSECA, Helder Adegar;

DALLYWATER, Lena (eds.) **Southern African Liberation Movements and the Global Cold War "East": Transnational Activism 1960-1990.** Berlin/Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2019.

LAL, Priya. **African Socialism in Postcolonial Tanzania: Beteween the Village and the World.** Nova York: Cabridge University Press, 2015.

LAWEKI, Lawe. **Mateus Pinho Gwenjere: Um Padre Revolucionário.** Lisboa: Reach Publishers, 2019.

LAZIC, Milorad. *Comrades in Arms: Yugoslav Military Aid to Liberation Movements of Angola.* In: SAUNDERS, Chris; FONSECA, Helder Adegar; DALLYWATER, Lena (eds.) **Southern African Liberation Movements and the Global Cold War "East": Transnational Activism 1960-1990.** Berlin/Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2019.

LEE, Cristopher. *Introduction – Between a Moment and na Era: the Origins and Afterlives of Bandung.* In: LEE, Cristopher (ed). **Making a World after Empire: The Bandung Moment and its political afterlives.** Ohio: Ohio University Press, 2010.

LEEFLER, Melvyn; WESTAD, Odd Arne (eds). **The Cambridge History of the Cold War – Volume 1, Origins.** Cambridge: University Press, 2010;

_____. **The Cambridge History of the Cold War – Volume 2, Crises and Détente.** Cambridge: University Press, 2010b;

_____. **The Cambridge History of the Cold War – Volume 3, Endings**. Cambridge: University Press, 2010c.

LEEFER, Melvyn. *The emergence of an American grand strategy, 1945-1952.* In: LEEFLER, Melvyn; WESTAD, Odd Arne (eds). **The Cambridge History of the Cold War – Volume 1, Origins.** Cambridge: University Press, 2010.

LEGUM, Colin. **Pan-Africanism – A short political guide.** Nova York: Frederick A. Praeger, 1965.

LÊNIN, Vladmir. **O Imperialismo etapa superior do capitalismo.** Campinas: Navegando Publicações, 2011.

_____. **O Estado e a Revolução.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. **Democracia e Lutas de Classes.** São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. **O que fazer? - Questões candentes de nosso movimento.** São Paulo: Boitempo, 2020.

LEVI, Giovanni. *Usos da biografia.* In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1996

LIESEGANG, Gerhard; TEMBE, Joel das Neves. **Subsídios para a História da UDENAMO e FRELIMO: Da fundação e dos planos de fusão da UDENAMO e MANU à revolda da base da UDENAMO em Jnho de 1962 e o ressurgimento deste partido em 1963: Um plano e primeiros resultados da recolha de fontes para permitir uma leitura sociológica.** Comunicação realizada na Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane em Novembro de 2001, e revisada em 2005. Disponível em: https://www.academia.edu/9800597/Da_Udenamo_a_Frelimo (acesso em 3 de agosto de 2021).

LIPPOLD, Walter. **Frantz Fanon e a Revolução Argelina.** São Paulo: Tuxped Serviços Editoriais, 2021.

LOFCHIE, Michael. **Zanzibar: Background to Revolution.** Princeton: Princeton University Press, 2015.

LOPES, Rui; BARROS, Victor. *Amílcar Cabral and the Liberation of Guinea-Bissau and Cape Verde: International, Transnacional, and Global Dimensions.* **The International History Review,** 2019.

LOVELL, Julia. **Maoism: A Global History.** Londres: The Bodley Head, 2019.

LUCÁKS, Gyorgy. **Lênin, um estudo sobre a unidade de seu pensamento.** São Paulo: Boitempo, 2012.

LUTHI, Lorenz. **The Sino-Soviet Split: Cold War in the Communist World.** Princeton: Princeton University Press, 2010.

_____. *The Non-Aligned Movement and the Cold War, 1961-1973.* **Journal of Cold War Studies,** v. 18, n. 4, 2016.

MACAGNO, Lorenzo. *Fragmentos de uma Imaginação Nacional*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 6, n. 70, 2009.

MAHONEY, Richard. **JFL: Ordeal in Africa.** Nova York/Oxford: Oxford University Press, 1983.

MALOA, Joaquim. *O lugar do marxismo em Moçambique, 1975-1994.* **Revista Espaço Acadêmico,** n. 122, 2011.

MANGHEZI, Nadja. **O meu coração está nas mãos de um negro – Uma história da vida de Janet Mondlane.** Maputo: Centro de Estudos Africanos e Livraria Universitária, 1999.

MANGHEZI, Nadja. **The Maputo Connection: ANC Lifa int World of Frelimo.** Joanesburgo: Jacana Media, 2009.

MARKLE, Seth. **A Motorcycle on Hell Run – Tanzania, Black Power, and the Uncertain Future of Pan-Africanism, 1964-1974.** Michigan: Michigan State University Press, 2017.

MARCUM, John. **Conceiving Mozambique.** Santa Cruz: Palgrave Macmillan, 2018.

MARTIN, Guy. **African Political Thought.** Nova York: Palgrave Macmillan, 2012.

MATERA, M. **Black London: The Imperial Metropolis and Decolonization in the Twentieth Century.** Oakland: University of California Press, 2015.

MATEUS, Dalila Cabrita; MATEUS, Álvaro. **Nacionalistas de Moçambique.** 2010. Alfagride: Texto Editores, 2010.

MATUSSE, Renato. **Major General Tomé Eduardo: De comandante da guerrilha a dirigente de Estado.** Maputo: Nachingwea Editores, 2017.

_____. **Frente de Tete: No contexto da Luta de Libertação Nacional e da África Austral.** Maputo: Nachingwea Editores, 2016.

MAXWELL, Kenneth. **O Império Derrotado: revolução e democracia em Portugal.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MAZOWER, Mark. **No enchanted place: the end of empire and the ideological origins of the United Nations.** New Jersey: Princeton University Press, 2009.

MENEZES, Filipe Ribeiro de. **Salazar: biografia definitiva.** Londres: LEYA, 2010.

MENESES, Maria Paula; MARTINS, Bruno Sena (orgs.). **As Guerras de Libertação e os Sonhos Coloniais: Alianças secretas, mapas imaginados.** Coimbra: Edições Almedina, 2013.

MERIWETHER, James. **Proudly We Can Be Africans: Black Maericans and Africa, 1935-1961.** Chapel Hill/Londres: The University of North Caroline Press, 2002.

MIDDELL, Matthias; NAUMANN, Katja. *Global History and the Spatial Turn: From the impact of area studies to the study of critical junctures of globalization*. **Journal of Global History**, n. 5, 2010.

MITTER, Rana. **A Bitter Revolution: China's Struggle with the Modern World.** Nova York: Oxford University Press, 2004.

MOKHETEFI, Elaine. **Algiers, Third World Capital: Freedom Fighters, Revolutionaries, Black Panthers.** Londres: Verso, 2018.

MONSON, Jamie. **Africa's Freedom Railway: How a Chinese Development Project Changed Lives and Livelihoods in Tanzania.** Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 2009.

MORIER-GENOUD, Eric (ed). **Sure Road? Nationalism in Angola, Guinea-Bissau and Mozambique.** Leiden: Koninklijke Brill, 2012.

MORIER-GENOUD, Eric. **Catholicism and the Making of Politics in Central Mozambique.** Rochester: University of Rochester Press, 2019, p. 102.

MORIER-GENOUD, Eric; CAHEN, Michel; ROSÁRIO, Domingos (eds). **The War Within: New perspectives on the Civil War in Mozambique, 1976-1992.** Rochester: Boydell & Brewer Inc., 2018.

MUEHLENBECK, Phlip. **Betting on the Africans: John F. Kennedy's courting of African Nationalist Leaders.** Oxford: Oxford University Press, 2012.

_____. **Czechoslovakia in Africa, 1945-1968.** Nova York: Palgrave Macmillan, 2016.

MUEHLENBECK, Philip (ed.). **Gender, Sexuality, and the Cold War.** Nashville: Vanderbilt University Press, 2017.

MUEHLENBECK, Philip; TELEPNEVA, Natalia (eds.). **Warsaw Pact Intervention in the Third World: Aid and Influence in the Cold War.** Londres/Nova York: I.B. Tauris, 2018.

NAIMARK; PONS; QUINN-JUDGE (eds.). **The Cambridge History of Communism: Volume 2 – The Socialist Campo and World Power (1941-1960s).** Cabridge: Cambridge University Press, 2017.

NALYAMBIPANO, Teodoro. **A Minha Contribuição para a Independência e Edificação do Estado Moçambicano.** Maputo: Gabinete de Estudos da Presidência da República, 2013.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. *Goa: uma identidade diferente da indiana justificaria a questão colonial?* **Via Atlântica,** n. 19, 2011.

NCOMO, Barnabé. **Uria Simango – Um homem, uma causa.** Maputo: Edições Novafrica, 2013.

NEWITT, Malyn. **Portugal na História da Europa e do Mundo.** Lisboa: Texto Editora, 2012.

_____. **A History of Mozambique**. Bloomington: Indiana University Press, 1995.

NGUYEN, Lien-Hang. **Hanoi's War: An International History of the War for Peace in Vietnam.** Chapel Hill, The University of North Carolina Press, 2012.

NORA, Pierre (orgs.). **História: novos objetos.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

ONSLOW, Sue (ed.). **Cold War in Southern Africa: White power, black liberation.** Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2009.

OTTAWAY, Marina. *From Symbolic Socialism to Symbolic Reform.* **The Journal of Modern African Studies,** v. 26, n. 2, 1988.

OPELLO, Walter. *Pluralism and Elite Conflict in an Independence Movement: FRELIMO in the 1960s*. **Journal of Southern African Studies,** v. 2, n. 1, 1975.

PALMER, Inderjeet. *The "Big 3" Foundations and American Global Power.* **American Journal of Economics and Sociology,** 74(4), 2015.

PALLOTTI, Arrigo. *Post-colonial National-building and Southern African Liberation: Tanzania and the Break of Diplomatic Relations with the United Kingdom, 1965-1968.* **African Historical Review,** 41(2), 2009.

PANZER, Michael. *Building a Revolucionary Constituency: Mozambican refugees and the development of the FRELIMO proto-state, 1964-1968.* **Social Dynamics,** 39:1, 2013.

_____. *The Pedagogy of Revolution: Youth, Generational Conflict, and Education in the Development of Mozambican Nationalism and the Satate, 1962-1970.* **Journal of Southern African Studies,** v. 35, n. 4, 2009.

PAREDES, Marçal. *A Construção da Identidade Nacional moçambicana no pósIndependência: sua complexidade e algumas problemas de pesquisa.* **Anos 90 (UFRGS. Impresso),** Porto Alegre: v.21, 2014.

PARROT, Raymond Josepth. **The New Left, Portuguese African Decolonization, and the End of the Cold War Consensus.** Austin: Dissertation submitted at The University of Texas, 2016.

PEARCE, Justin. *Simango, Gwenjere and the Politics of the Past in Mozambique.* **Journal of Southern African Studies,** 47:3, 2021.

PECHATNOV, Vladmir. *The Soviet Union and the World, 1944-1953.* In: LEEFLER, Melvyn; WESTAD, Odd Arne (eds). **The Cambridge History of the Cold War – Volume 1, Origins.** Cambridge: University Press, 2010.

PIMENTA, Fernando Tavares. *O Estado Novo português e a reforma do Estado colonial em Angola: o comportamento político das elites brancas (1961-1962).* **História** (São Paulo) v.33, n.2, 2014.

POCOCK, John. **Linguagens do ideário político.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

POMAR, Wladimir. **A Revolução Chinesa.** São Paulo, Editora UNESP, 2003.

PONS, Silvio. **A Revolução Global: A história do comunismo internacional, 1917-1991.** Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2014.

PRASHAD, Vijay. **The Darker Nations – A peoples history of the Third World.** New York: The New Press, 2007.

_____. **As Balas de Washington: Uma história da CIA, Golpes e Assassinatos.** São Paulo: Expressão Popular, 2020.

_____. **Estrela Vermelha sobre o Terceiro Mundo.** São Paulo: Expressão Popular, 2019.

RANDALL, Margaret. **Exporting Revolution: Cuba's Global Solidarity.** Durham/Londres: Duke University Press, 2017.

RANGER, Terence. **Peasant consciousness and guerilla war in Zimbabwe: A comparative study**. Berkeley: Univesity of California Press, 1985.

RAY, Ellen; SCHAA, W.; METER, K. Van; WOLF, L. (eds.). **Dirty Work 2: The CIA in Africa.** Reino Unido, Zed Press, 1980.

ROBARGE, David. *CIA's Covert Operations in the Congo, 1960-1968: Insights from Newly Declassified Documents*. **Studies in intelligence,** v. 58, n. 3.

ROBERTS, George. *The Assassination of Eduardo Mondlane: FRELIMO, Tanzania, and the politics of exile in Dar es Salaam.* **Cold War History,** 17:1, 2017.

_____. **Politics, decolonisation, and the Cold War in Dar es Salaam.** Thesis submitted to University of Warwick, 2016.

_____. *Press, Propaganda and the German Democratic Republic's Search for Recognition in Tanzania, 1964-72.* In: MUEHLENBECK, Philip; TELEPNEVA, Natalia (eds.). **Warsaw Pact Intervention in the Third World.** Londres/Nova York: I.B. Tauris, 2018.

ROCHA, Júlia Monticeli. **Guerra, substantivo feminino: o movimento internacional das mulheres da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) (1962 - 1973)** [Em andamento].

RODRIGUES, Luís Nuno. *Os Estados Unidos e a Questão Colonial Portuguesa na ONU (1961-1963)*. In: FRANCO, Manuela (coord.), **Portugal, Os Estados Unidos e a África Austral.** Lisboa: Instituto Português de Relações Internacionais, 2006.

RONGUANE, Silvério. **Toda a verdade sobre Mondlane: 90 anos depois de seu nascimento.** Dondza Editora, 2010.

RUBINSTEIN, Alvin. **Yugoslavia and the Nonaligned World.** Princeton: Princeton University Press, 2016.

SAAD, Radwa. *Reconciling Pan-Arabism and Pan-Africanism: The North African Leadership Dilemma.* **Leadership and Developing Societies,** v. 3, n. 1, 2019.

SANCHES, M. R. *(Black) Cosmopolitanism, Transnational Consciousness and Dreams of Liberation*. In: NASH, M. (ed.). **Red Africa: Affective communities and the Cold War.** Londres: Black Dog Publishing, 2016.

SANDERS, Ethan. *Conceiving the Tanganyika-Zanzibar Union in the Midst of the Cold War: Internal and International Factors.* **African Review,** v. 41, n. 1, 2014.
_____. *A Small Stage for Global Conflicts: Decolonization, the Cold War, and Revolution in Zanzibar.* **Canadian Journal of History,** v. 52, n. 3, 2017.

SANSONE, Livio. *Eduardo Mondlane and the Social Sciencnes.* **Vibrant**, v. 10, n. 2, 2014.
_____ *A construção da biografia de um antirracista: ciências sociais, autenticidade, internacionalismo e luta de memória na rica e complexa vida de Eduardo Mondlane.* **Outros tempos,** v. 15, n. 25, 2018.

SANTOS, Aurora Almada. **A Organização das Nações Unidas e a Questão Colonial Portuguesa: 1960-1974.** Lisboa: Instituto de Defesa Nacional, 2017.

SANTOS, Aurora Almada e; ANDRÉ, Bernardo Capanga; TORNIMBENI, Corrado; VASILE, Jalanda. *Introduction.* **Afriche e Orienti**, n. 3, 2017.

SAUL, John. *O Estado da FRELIMO: Da Revolução à Recolonização*. **Boletim Semestral do Arquivo Histórico de Moçambique,** 15:3-4, 1994.

SAUNDERS, Chris; FONSECA, Helder Adegar; DALLYWATER, Lena. *Southern African Liberation Movements and the Global Cold War "East": Transnational Activism 1960-1990.* In: SAUNDERS, Chris; FONSECA, Helder Adegar; DALLYWATER, Lena

(eds.) **Southern African Liberation Movements and the Global Cold War "East": Transnational Activism 1960-1990.** Berlin/Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2019.

SAUNDERS, Chris; FONSECA, Helder Adegar; DALLYWATER, Lena (eds.) **Southern African Liberation Movements and the Global Cold War "East": Transnational Activism 1960-1990.** Berlin/Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2019.

SAUNDERS, Chris (ed.). **Documenting Liberation Struggles in Southern Africa.** Uppsala: Nordic African Institute, 2010.

SCHLESINGER, Arthur. **Robert Kennedy and his times.** Boston/Nova York: Mariner Books, 2002.

SCHNEIDMAN, Witney. **Engaging Africa: Washington and the Fall of Portugal's Colonial Empire.** Oxford: University Press of America, 2004.

SELLSTROM, Tor. **Sweden and National Liberation in Southern Africa – Vol. 1: Formation of a Popular Opinion (1950-1970).** Uppsala: Nordiska Afrikainstitutet, 1999.

_____. **Sweden and National Liberation in Southern Africa – Vol. 2: Solidarity and Assistance (1970-1994).** Uppsala: Nordiska Afrikainstitutet, 2002.

SHIVJI, Issa. **Pan-Africanism or Pragmatism: Lessons of the Tanganyika-Zanzibar Union.** Dar es Salaam: African Books Colletive, 2008.

SHUBIN, Vladimir. **The Hot "Cold War": The URSS in Southern Africa.** Londres: Pluto Press, 2008.

SHUYUN, Sun. **A Longa Marcha: a história do mito fundador da China comunista.** Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2007.

SOUSA, Julião Soares. *MPLA: Da Fundação ao Reconhecimento por parte da OUA*. **Latitudes,** n. 28, 2006.

SPEICH, Daniel. *The Kenyan Style of "African Socialism": Developmental Knlowledge Claims and the Explanatory Limits of the Cold War.* **Diplomatic History**, v. 33, n. 3, 2009.

STEPHENS, Carla. **The people mobilized: The Mozambican Liberation Movement and American Activism (1960-1975).** Filadélfia: Dissertation submitted at The Temple University Graduate Board, 2011.

TAGUE, Joanna. *Refugee settlement as dialogue: conversations and contestations between the Tanzania state, Mozambican liberation leaders and humanitarian officials (1964-1971).* **Canadian Journal of African Studies**, 55:3, 2021.

TARRADELLAS, Anton. *Pan-African Networks, Cold War Politics, and Postcolonial Opportunities: The African Scholarship Program of American Universities, 1961-75.* **The Journal of African History**, 63(1), 2022.

TAYLOR, Ian. **China and Africa: Engagement and Compromise.** Londres/Nova York: Routledge Taylor & Francis Group, 2006.

TELEPNEVA, Natalia. **Our Sacred Duty: The Soviet Union, the Liberation Movements in the Portuguese Colonies, and the Cold War, 1961-1975.** PhD Thesis submitted to the Department of International History of the London School of Economic, London, 2014.

_____. *Mediators of Liberation: Eastern-Bloc Officials, Mozambican Diplomacy and the Origins of Soviet Support for Frelimo, 1958–1965*, **Journal of Southern African Studies**, v. 43, n. 1, 2017.

_____. **Cold War Liberation: The Soviet Union and the Collapse of the Portuguese Empire in Africa, 1961-1975.** Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2021.

TEMBE, Joel das Neves (coord). **A história da Luta de Libertação Nacional – Vol. 1.** Maputo: Ministério dos Combatentes/Direção Nacional de História, 2014.

TEMBE, Joel das Neves. *Uhuru na Kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archieve.* In: **Kronos**, n 39, 2013.

_____ *A formação da FRELIMO e a preparação da Luta Armada*. In: TEMBE, Joel das Neves (coord). **A história da Luta de Libertação Nacional – Vol. 1.** Maputo: Ministério dos Combatentes/Direção Nacional de História, 2014.

THIAM, Iba Der; MULIRA, James. *A África e os Países Socialistas.* In: MAZRUI, Ali (ed). História Geral da África, VIII – África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010.

THOMPSON. Willard. **Ghana's Foreign Policy, 1957-1966.** Princeton: Princeton University Press, 2015.

TORNIMBENI, Corrado. *Nationalism and Internationalism in the Liberation Struggle in Mozambique: The Role of the FRELIMO's Solidarity Network in Italy.* **South African Historical Journal,** 70:1, 2018.

VARSORI, Antonio. *Reflections on the Origins of the Cold War.* In: WESTAD, Odd Arne (ed). **Reviewing the Cold War: Approaches, Interpretations, Theory.** New York: Routledge, 2013.

VUCETIC, Radina. *We Shall Win: Yugoslav Film Cooperation with FRELIMO*. **Revista Crítica de Ciências Sociais,** 118, 2019.

WATTS, Carl Peter. **Rhodesia's Unilateral Declaration of Independence: An International History.** Nova York: Palgrave Macmillan, 2012.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Early Years of the OUA: The Search for Organization Preeminence.* **Internation Organization**, v. 20, n. 4, 1966.

WEINER, Tim. **Legado de Cinzas: Uma História da CIA.** Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2008.

WESTAD, Odd Arne. **The Global Cold War.** New York: Cambridge University Press, 2007;

_____ **The Cold War – A World History.** New York: Basic Books, 2017;
_____ *Introduction: Reviewing the Cold War.* In: WESTAD, Odd Arne (ed). **Reviewing the Cold War: Approaches, Interpretations, Theory**. New York: Routledge, 2013.

WESTAD, Odd Arne (ed). **Reviewing the Cold War: Approaches, Interpretations, Theory.** New York: Routledge, 2013;
_____. **Brothers in Arms: The Rise and Fall of the Sino-Soviet Alliance, 1945-1963.** Stanford: Stanford University Press, 1998.

WESTAD, Odd Arne; HOLTSMARK, Sven; NEUMANN, Iver (eds.). **The Soviet Union in Eastern Europe, 1945-89.** Hampshare/Londres: The Macmillan Press, 1994.

WHITE, Luise; LARMER, Miles. *Introduction: Mobile Soldiers and the Um-National Liberation of Southern Africa*. **Journal of Southern African Studies**, v. 40, n. 6, 2014.

WILLIAMS, Christian. *Education in Exile: International Scholarships, Cold War Politics, and Conflits among SWAPO members in Tanzania, 1961-1968.* **Journal of Southern African Studies**, 2017.

WILSON, Amrit. **The Threat of Liberation: Imperialism and Revolution in Zanzibar.** Londres: PlutoPress, 2013.

WINGO, Ajume. *Philosophical Perspectives on the History of African Socialism.* Oxford: Oxford University Press, 2019.

ZAGORIA, Donald. **Sino-Soviet Conflict, 1956-1961.** Princeton: Princeton University Press, 2015.

Autobiografias, Entrevistas e Depoimentos

CHISSANO, Joaquim. *Da Génese à Autenticidade da FRELIMO*. In: SILIYA, Carlos Jorge; ZIMBA, Benigna; THEMBA, Páscoa (coord). **Simpósio 50 anos da FRELIMO:**

1962-2012, Fontes para a nossa história. Maputo: Centro de Pesquisa da História da Luta de Libertação Nacional, 2012.

_____ **Vidas, Lugares e Tempos.** Maputo: Texto Editores, 2010.

_____ Entrevista [concedida a] Gabriel Júnior. **Moçambique em Concerto.** TV Sucesso, 2021.

CHIPENDA, Alberto. Entrevista [concedida a] Joaquim Furtado. **Documentário "A Guerra"**, RTP, 2012.

DOS SANTOS, Marcelino. *A importância da Unidade.* In: SILIYA, Carlos Jorge; ZIMBA, Benigna; THEMBA, Páscoa (coord). **Simpósio 50 anos da FRELIMO: 1962-2012, Fontes para a nossa história**. Maputo: Centro de Pesquisa da História da Luta de Libertação Nacional, 2012.

GUNDANA, Feliciano. Entrevista [Concedida a] Olívia Massango. 2012. In: FRELIMO. **50 anos de História, 20 Depoimentos que marcaram uma época.** Maputo: Textos Editores, 2012.

HOUSER, George. **No One Can Stop the Rain: Glimpses of Africa's Liberation Struggle.** Nova York: The Pilgrim Press, 1989.

KALIETE, Zeca. Entrevista [concedida a] Joaquim Furtado. **Documentário "A Guerra"**, RTP, 2012.

LANGA, Aurélio. **Memórias de um combatente da causa, o passado que levou o verso da minha vida.** Maputo: JV Editores, 2011.

MAHLUZA, Fanuel. Entrevista. [concedida a] Emilio Manhique. **TVM**, Maputo, sem data.

MARTINS, Helder. **Casa dos Estudantes do Império: subsídios para a história do período mais decisivo da CEI (1953-1961).** Maputo: Texto Editores Moçambique, 2017.

_____ **Por que SAKRANI? - Memórias dum médico duma guerrilha esquecida.** Maputo: Editora Terceiro Milênio, 2011.

_____ Entrevista [concedida a] Joaquim Furtado. **Documentário "A Guerra"**, RTP, 2012.

MARUPA, Miguel. Entrevista [concedida a] Joaquim Furtado. **Documentário "A Guerra"**, RTP, 2012.

MOCUMBI, Pascoal. Entrevista [Concedida a] Olívia Massango. 2012. In: FRELIMO. **50 anos de História, 20 Depoimentos que marcaram uma época.** Maputo: Textos Editores, 2012.

NDELANA, Lopes Tembe. **Da UDENAMO à FRELIMO e à diplomacia Moçambicana.** Maputo: Marimbique, 2012.

NIHIA, Eduardo Silva. **Combatente pela liberdade.** Maputo: Imprensa Universitária, 2016.

NUNES, Inácio. *A Minha experiência na criação do UNAMI.* In: SILIYA, Carlos Jorge; ZIMBA, Benigna; THEMBA, Páscoa (coord). **Simpósio 50 anos da FRELIMO: 1962-2012, Fontes para a nossa história**. Maputo: Centro de Pesquisa da História da Luta de Libertação Nacional, 2012.

PACHINUAPA, Raimundo; MANGUEDYE, Marina. **A vida do casal Pachinuapa.** Maputo: JV Editores, 2009.

TEMBE, Lopes. *O meu testemunho sobre a fundação da FRELIMO e o 1° Congresso*. In: SILIYA, Carlos Jorge; ZIMBA, Benigna; THEMBA, Páscoa (coord). **Simpósio 50 anos da FRELIMO: 1962-2012, Fontes para a nossa história**. Maputo: Centro de Pesquisa da História da Luta de Libertação Nacional, 2012.

VIEIRA, Sérgio. **Participei, por isso testemunho.** Maputo: Editorial Ndjira, 2011.

_____ Entrevista [concedida a] Joaquim Furtado. **Documentário "A Guerra"**, RTP, 2012.

ZENGAZENGA, António Disse. **Memórias de um Rebelde – Uma vida pela Independência e Democracia em Moçambique.** Maputo: Edição de Autor, 2013.

Discursos Editados

BEN BELLA, Ahmed. 1963. In: **SPEECHES & STATEMENTS MADE AT THE FIRST ORGANIZATION OF AFRICAN UNITY (O.A.U) SUMMIT.** African Union.

CONCP. *General Declaration*. In: CHILCOTE, Ronald. **Emerging Nationalism in Portuguese Africa – Documents.** Stanford: Hoover Institution Press, 1972.

DE ANDRADE, Mario. *Opening Speach*. In: CHILCOTE, Ronald. **Emerging Nationalism in Portuguese Africa – Documents.** Stanford: Hoover Institution Press, 1972.

Documents 1-6, 1961. Anexo e traduzido para o inglês em: TEMBE, Joel das Neves. *Uhuru na Kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archieve.* In: **Kronos**, n 39, 2013, p. 257-279.

FREITAS, João da Costa. **Movimentos subversivos contra Moçambique.** Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, 1964-1965.

GUEVARA, Ernesto Che. **Congo Diary: episodes of the Revolutionary War in the Congo.** North Melbourne: Ocean Press, 2011.

_____ . *Message to the Tricontinental.* **The Executive Secretariat of the Organization of the Solidarity of the Peoples of Africa, Asia, and Latin America (OSPAAAL).** Havana: Abril, 1967. t. n. Disponível em: https://www.marxists.org/archive/guevara/1967/04/16.htm [Acesso em: 06 de setembro de 2022].

KENNEDY, John. **Education for African Freedom.** 21 de setembro de 1961. Disponível em: https://www.presidency.ucsb.edu/documents/statement-senator-

kennedy-education-for-african-freedom-washington-dc (Acesso em 04 de dezembro de 2022).

MACMILLAN, Harold. *The Wind of Change.* In: **African Yearkbook of Retoric**, 2, 3, 2011.

MONDLANE, Eduardo. **Lutar por Moçambique.** Maputo: Coleção Nosso Chão, 1995.

NASSER, Gamel Abdel. **A Revolução no Mundo Árabe.** São Paulo: Editora Arte Limitada, 1063.

NKRUMAH, Kwame. **Ghana: the autobiography of Kwambe Nkrumah.** Endinburg: Thomas Nelson and Sons LTD, 1957

_____ **Revolucionary Path**. London: PANAF, 1973.

_____ **Consciencism: Philosophy and Ideology for De-Colonization.** Nova York: First Modern Reader Paperback Edition, 1970.

_____ **I Speak of Freedom.** London: Willian Heinemann, 1961.

_____ "**Ghana is Free Forever"' Kwame Nkruma's speech at independence.** Accra: 6 de Março de 1957. Disponível em: https://www.bbc.co.uk/worldservice/focusonafrica/news/story/2007/02/070129_ghana50_independence_speech.shtml Acesso em: 13 de Agosto de 2021.

_____ **Neo-Colonialism: The Last Stage of Imperialism.** Nova York: International Publishers, 1965.

NYERERE, Julius. **Freedom and Unity – A Selection from Writings and Speeches, 1952-65.** Dar es Salaam: Oxford University Press, 1966.

_____ **Freedom and Socialism – A Selection from Writhings and Speeches, 1965-67.** Dar es Salaam: Oxford University Press, 1968.

_____ **Ujamaa – Essays on Socialism.** Dar es Salaam: Oxford University Press, 1968b.

_____ *Ujamaa – The Basis of African Socialism*. In: NYERERE, Julius. **Freedom and Unity – A Selection from Writings and Speeches, 1952-65**. Dar es Salaam: Oxford University Press, 1966.

_____ *Independence Adress to the United Nations*. In: NYERERE, Julius. **Freedom and Unity – A Selection from Writings and Speeches, 1952-65.** Dar es Salaam: Oxford University Press, 1966.

_____ *1963.* In: **SPEECHES & STATEMENTS MADE AT THE FIRST ORGANIZATION OF AFRICAN UNITY (O.A.U) SUMMIT.** African Union.

_____ **The Arusha Declaration and TANU'S Policy on Socialism and Self-Reliance.** Dar es Salaam: The Publicity Section, TANU, 1967. Disponível em: http://library.fes.de/fulltext/bibliothek/2-tanzania-s0019634.pdf [Acesso em: 14 de outubro de 2022].

OAU Charter. 1963. Disponível em: https://au.int/sites/default/files/treaties/7759-file-oau_charter_1963.pdf [Acesso em: 19 de julho de 2022].

Resolutions Adopted by the Frist Conference of Independent African Heads of State and Government Held in Addis Ababa, Ethiopia, from 22 to 25 may 1963. 1963. Disponível em: https://au.int/sites/default/files/decisions/32247-1963_cias_plen_2-3_cias_res_1-2_e.pdf [Acesso em 19 de julho de 2022].

SELASSIE, Haile. 1963. In: **SPEECHES & STATEMENTS MADE AT THE FIRST ORGANIZATION OF AFRICAN UNITY (O.A.U) SUMMIT.** African Union.

TSÉ-TUNG, Mao. **O Livro Vermelho.** São Paulo: Global, 1972.

Documentos em Arquivos

Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04608.052.060.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.021.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.031.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.051.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04608.051.161.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04607.051.002.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04606.046.042.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04608.052.183.

Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04608.052.184.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.005.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.035.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.045.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.016.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.026.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 07059.021.008.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.038.008.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.018.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.028.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04606.047.048;
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.038.068.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.029.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04604.023.039.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 07197.161.049.
Fundação Mário Soares. Documentos Amílcar Cabral. Pasta 04608.052.059.

Acceptance of Swedish Government Gift..., 15 de maio de 1965. USC Special Collection, UC1STO561729.

America the country responsable for the colonial wars in Africa. USC Library Special Collection. UC1595786 – UC1595774.

Background Information and Progress, **Mozambique Institute,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanzânia, 10 de março de 1965. USC Library Special Collection, UC1STO561695.

Budget for fiscal year 1964, **Mozambique Institute,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanganyika. USC Library Special Collection, UC1STO561873.

Moçambique e o Governo Fascista de Salazar. USC Library Special Collection. UC1598469.

MONDLANE, Janet. *The Mozambique Institute (Instituto Moçambicano),* **Instituto Moçambique**, P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanganyika. USC Library Special Collection, UC1STO561569.

Mozambique Institute, 1967, **Mozambique Institute**, panfleto. USC Library Special Collection, UC1STO561751.

Presentation of Swidish Government Gift... 15 de maio de 1965. USC Special Collection UC1STO561924.

Program and Planes, 1963-1964, **Instituto Moçambique,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanganyika. USC Library Special Collections, UC1STO561603.

Report, **Mozambique Institute,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanzânia, 1 de setembro de 1965. USC Library Special Collections. UC1STO561695.

The Crisis Among Mozambican Student Refugees in Dar es Salaam, **Mozambique Institute,** P. O. Box 20773, Dar es Salaam, Tanganyika. USC Library Special Collection. UC1STO561557.

União Democrática de Moçambique (UDENAMO) Constitution and Programme. USC Library Special Collection, UC1STO561690.

Executive Board MINUTES. *American Committee on Africa*. 11 de Março de 1963. Disponível em: https://africanactivist.msu.edu/document_metadata.php?objectid=210-808-4981 [Acesso em 26 de maio de 2022].

CALL COMMITTEE, *American Negro Leadership Conference on Africa.* Carta à John Kennedy. 17 de dezembro de 1962, t. n. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKWHCSF/0360/JFKWHCSF-0360-009 [Acesso em 26 de maio de 2022].

Resolutions. **American Negro Leadership Conference on Africa.** Arden House Campus of Columbia University. 23-25 de novembro de 2013, Nova York. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKWHCSF/0360/JFKWHCSF-0360-009 [Acesso em 26 de maio de 2022].

Telephone Recordings: Dictation Belt 18B.3. Administering the State Department; Staff Changes at Justice and FCC: Eduardo Mondlane. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKPOF/TPH/JFKPOF-TPH-18B-3/JFKPOF-TPH-18B-3 [Acesso em 24 de maio de 2022].

WHITE, Lee. Carta à John Kennedy. 17 de dezembro de 1962. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-viewer/archives/JFKWHCSF/0360/JFKWHCSF-0360-009 [Acesso em 26 de maio de 2022].

WILLIAMS, Mennen. Entrevista à William Moss. 28 de janeiro de 1970. Disponível em: https://www.jfklibrary.org/asset-

viewer/archives/JFKOH/Williams%2C%20G.%20Mennen/JFKOH-GMW-02/JFKOH-GMW-02 [Acesso em 03 de junho de 2022].

MONDLANE, Eduardo. **Present Conditions in Mozambique.** 1961. Arquivo *Mozambique History Net.*

Arquivos pessoais

Documentos, Comitê Central, Departamento de Informação e Propaganda, Dar-es-Salaam, Tanganica, 1963, P. O. Box 15274. Arquivo pessoal de Marçal de Menezes Paredes.

Entrevista com Polly Gaster [concedida à Pedro Oliveira Barbosa e Marçal de Menezes Paredes]. 1 de julho de 2022. Arquivo pessoal de Pedro Oliveira Barbosa.
Mozambique Revolution. Coleção Completa. Arquivo pessoal de Pedro Oliveira Barbosa.

Notas da Entrevista com Pascoal Mocumbi, Arquivo pessoal de Eric Morier-Genoud.

Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Memorandum of Conversation.* 5 de junho de 1961. Arquivo pessoal de João Cabrita.
Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Embaixada americana em Dar es Salaam.* 19 de junho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita.
Declaration. 25 de junho de 1962. Arquivo Pessoal de João Cabrita.
Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Airgram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de julho de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita.
Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 14 de agosto de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita.
Departamento de Estado dos Estados Unidos. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 16 de agosto de 1962. Arquivo pessoal de João Cabrita.
KENNEDY, Robert. Carta à Mennen Williams. 25 de fevereiro de 1963. Arquivo Pessoal de João Cabrita.

African Nationalist Leaders to Participate in AMSAC Conference. In: **AMSAC Newsletter – Extra Conference Issue**, 15 de março de 1963, v. 5, n. 7, t. n. Arquivo pessoal de João Cabrita.

FREDERICKS, Wayne. Carta à James Symington. 29 de março de 1963. Arquivo Pessoal de João Cabrita.

SYMINGTON, James. Carta à Robert Kennedy. 11 de abril de 1963. Arquivo Pessoal de João Cabrita.

WILLIAMS, Mennen. Carta à Robert Kennedy. 16 de Abril de 1963. Arquivo Pessoal de João Cabrita.

Departamento de Estado. *Airgram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 22 de dezembro de 1963. Arquivo pessoal de João Cabrita.

Departamento de Estado. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 25 de janeiro de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita.

Departamento de Estado. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 10 de maio de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita.

Departamento de Estado. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 8 de junho de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita.

Departamento de Estado. *Telegram,* Embaixada americana em Dar es Salaam. 15 de outubro de 1964. Arquivo pessoal de João Cabrita.

Departamento de Estado. *Memordandum for mr. McGeorge Bundy*. Casa Branca. 8 de outubro de 1965. Arquivo Pessoal de João Cabrita.

Departamento de Estado. *Airgram.* Embaixada americana em Lisboa. 7 de junho de 1967. Arquivo pessoal de João Cabrita.

Departamento de Estado. *Telegram.* Embaixada americana em Dar es Salaam. 16 de novembro 1967. Arquivo pessoal de João Cabrita.

KHAMBA, Jaime. Carta à João Cabrita. 1992. Arquivo pessoal de João Cabrita.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3513
E-mail: propesq@pucrs.br
Site: www.pucrs.br